

ESTRATÉGIA

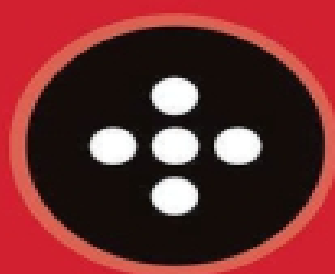
Maquiavel • Musashi • Sun Tzu

BOX ESPECIAL – CONTÉM 3 LIVROS

O PRÍNCIPE



O LIVRO DOS
CINCO ANÉIS



A ARTE DA GUERRA



ENTENDENDO
O MUNDO COM
OS MAIORES
ESTRATEGISTAS



Sumário

A arte da guerra

Apresentação
Contexto histórico
Sun Tzu
I – Estabelecendo planos
II – Em combate
III – Ataque por estratégia
IV – Disposições táticas
V – Energia
VI – Pontos fortes e fracos
VII – Manobras
VIII – Variações nas táticas
IX – O exército em marcha
X – Terreno
XI – As nove situações
XII – O ataque com fogo
XIII – O uso de espiões

O livro dos cinco anéis

Prefácio
Introdução
Agradecimentos
1. Terra
2. Água
3. Fogo
4. Vento
5. Vácuo
Sobre o tradutor
Cronologia

O príncipe

Dedicatória
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI

ESTRATÉGIA

SUN TZU
A ARTE DA GUERRA



APRESENTAÇÃO

O verdadeiro objetivo da guerra é a paz.

O mais antigo tratado militar da história da humanidade, intitulado *A arte da guerra*, foi produzido por Sun Tzu por volta do ano 500 a.C.

Infelizmente, pouco se sabe sobre o general Sun Tzu, porém, um acontecimento mencionado nos registros históricos por volta de 100 a.C nos ajuda a conhecer mais sobre ele.

O fato ocorreu quando Sun Tzu foi indicado por um ministro do rei Hu Lu, que lhe disse: “Li atentamente seus 13 capítulos. Posso submeter sua teoria de dirigir soldados a uma pequena prova?”. Após a resposta afirmativa por parte de Sun Tzu, o rei perguntou: “A prova pode ser feita em mulheres?”.

A resposta tornou a ser afirmativa, e o teste foi realizado com as damas da corte, entre elas as preferidas do soberano.

Sun Tzu escolheu duas delas, as prediletas do rei, para atuar como comandantes, e as instruiu seriamente. Cada uma delas dirigiria como um verdadeiro oficial as suas respectivas companhias.

As mulheres, no total de 300, trajando capacetes e armaduras, com espadas e escudos, foram orientadas por Sun Tzu.

Em seguida, foram separadas em dois grupos, ficando cada um sob o comando de uma concubina, e, logo após um breve treinamento, foi marcada a apresentação perante o rei.

Mas, a despeito do treinamento dispensado pelo atento general, na hora da ação, quando receberam a ordem “Direita, volver”, todas caíram na risada e nada fizeram.

Sun Tzu falou com sabedoria: “Se as ordens do comando não foram suficientemente claras, se não foram totalmente compreendidas, então a culpa é do general”. Por conseguinte, repetiu a orientação e ordenou: “Esquerda, volver” igual à vez anterior.

Ao receberem as ordens, as mulheres voltaram a cair na gargalhada. Desta vez, Sun Tzu realmente enfureceu-se e disse: “Se as instruções não são claras e se não se acredita nas ordens, a culpa é do general”. Quando instruídas novamente e as ordens explicadas, e se ainda assim as tropas desobedecem, a culpa é dos oficiais. De acordo com as normas de disciplina militar, qual é o procedimento?”. O Mestre de Leis disse: “Decapitação!”.

Assim, as concubinas foram decapitadas, ainda que contra a vontade do rei, mas o general invocou a autonomia incontestada das suas ordens como comandante nomeado.

Sun Tzu, então, emite novamente as ordens, sendo que desta vez foi prontamente obedecido. Dirigindo-se ao rei, disse: “O exército está bem organizado. Gostaria que Vossa Majestade o observasse. Como quer que o deseje empregar, mesmo que o mande para o fogo ou para a água, não apresentará dificuldades. Pode ser utilizado para ordenar tudo o que há sob o céu”.

O rei, inconsolável pela perda das suas concubinas, não quis mais admitir Sun Tzu, que, ao se retirar, não deixou de dizer: “O rei ama palavras vazias. Não é capaz de juntar o gesto às palavras”.

Não há nada que o tempo não cure. O luto pelas concubinas passou, mas, como a situação do seu reino piorava, o rei admitiu que os seus inimigos estavam prestes a aniquilá-lo.

Ao ver-se perdido, convocou Sun Tzu, acreditando que seria oportuno admiti-lo como conselheiro militar. O seu exército, dali por diante, reorganizado e treinado pelo seu novo general, lhe conferiu poderes pelas suas grandes conquistas territoriais.

Os ensinamentos contidos nesses 13 capítulos aplicam-se a todo e qualquer conflito, alcançando cada indivíduo com seu opositor; o amante com sua amada; uma empresa com outra, concorrente ou aliada.

A obra foi leitura obrigatória da hierarquia político-militar soviética e, conforme a lenda, a chave do sucesso de Napoleão Bonaparte. Uma das mais lidas no mundo dos negócios agora está em suas mãos.

Boa leitura.

CONTEXTO HISTÓRICO

O general que perde a batalha faz apenas poucos cálculos de antemão. Assim, muitos cálculos levam à vitória e poucos cálculos, à derrota.

Para entender a importância do maior tratado militar escrito por Sun Tzu, *A arte da guerra*, deve-se compreender que até 500 a.C. a guerra era considerada, de uma maneira geral, um ritual. Existiam códigos preestabelecidos para guerrear. O clima era levado em consideração, logo, não se combatia no inverno em razão do frio intenso ou no verão em razão das altas temperaturas. Em combate, não era correto abater homens velhos ou aplicar qualquer golpe a quem já estivesse ferido. Um governante de boa índole não massacrava cidades nem levava a guerra para além da estação própria.

Os filósofos e reis faziam distinção entre guerras corretas e guerras incorretas. Era moralmente correto atacar uma nação selvagem e desconhecida, civilizar bárbaros e aqueles que poderiam levar o Estado à ruína. Na sociedade feudal predominante, os comandantes eram da aristocracia hereditária militar. Dessa maneira, os exércitos do Centro de Chin', a partir de 573 a.C., teriam permanecido por um século sob o comando de poucas famílias.

Os exércitos da China eram particulares e organizados como o modelo militar feudal europeu. O tamanho e o gênero de contingentes como o número de cavalos, carroças, bois e peões determinavam a importância dos feudos que variavam entre poucas vintenas e milhares de famílias. A preocupação com o modo de vida de um aldeão, assim como dos servos e analfabetos, era de pouca importância para o soberano, para o qual em uma batalha o que mais interessava eram os carros, as quadrigas com cocheiros, os lanceiros e os arqueiros da nobreza.

O papel dos peões era apenas proteger os carros, sendo considerados dispensáveis. – Apenas alguns deles utilizavam escudos, e as armas que possuíam eram basicamente adagas, espadas curtas, lanças e lâminas cortantes presas a varas de madeira. O uso de arco era destinado apenas aos nobres.

Na antiga China, as batalhas eram consideradas primitivas e a metodologia empregada era muito simples. Praticavam-se algumas ações limitadas que se restringiam a uma ordem dada pelo comandante, baseada em presságios de um adivinho que, no local do combate, se posicionava com o exército durante vários dias. Quando o momento escolhido chegava, os opositores partiam de maneira desordenada sobre o inimigo. O desfecho da vitória era decidido da seguinte maneira: ou o atacante era repellido e suas tropas partiam em retirada, ou conseguia romper as barreiras do inimigo, matando aqueles que ainda tinham resistência.

Por volta de 500 a.C., os conceitos e métodos de guerra começavam a mudar. O período de grandes e ferozes batalhas exigia uma preparação dos exércitos em que as operações militares já estavam perfeitamente orientadas por oficiais profissionais.

Quando Sun Tzu surgiu, a estrutura feudal vigente passava por um período de mudanças. Uma nova estrutura de sociedade se firmava e a evolução era visível em todos os campos, particularmente no militar. Os grandes Estados passavam a se organizar de maneira permanente. Suas tropas eram disciplinadas e bem preparadas. À sua frente, estavam as tropas de choque, escolhidas por sua habilidade, disciplina e valentia. Com a organização militar, as operações de guerra tornaram-se permanentes e passaram a representar ameaças aos inimigos em potencial.

A arte de estratégias e de táticas militares surgiu neste período. Os Estados organizados tinham especialistas em todas as áreas, entre eles, engenheiros civis voltados para a construção de minas e túneis. Havia

peritos na travessia de rios e de inundações. A evolução dos equipamentos bélicos colaborou para um novo método de guerra na China.

Armas de cortes de alta qualidade e o surgimento de bestas (equipamento que disparava pesados virotes) tornaram obsoleto o uso de carros de combate existentes.

Com o novo modo de organização e preparação militar do século IV, a guerra na China atingia a maioria e a supremacia, tornando-se uma nação relevante e desafiadora por muitas centenas de anos.

O general chinês Sun Tzu, que provavelmente viveu entre 544 e 496 a.C. , baseado em sua experiência militar e no conhecimento do contexto político-econômico, presenciando e analisando a evolução das técnicas de guerra, desenvolveu o livro *A arte da guerra*, obra que traduz a excelência conquistada na prática com base nos resultados positivos por Sun Tzu, forjando um dos maiores e mais aclamados tratados de guerra de todos os tempos.

Em seu manual de guerra, ele afirma que não deve ser o objetivo de ações militares o aniquilamento do exército inimigo, a ruína de suas cidades e a destruição de territórios.

SUN TZU



*Ora, o general é o baluarte do Estado.
Se o baluarte for completo em todos os pontos, o Estado será
forte; se o baluarte for deficiente, o Estado será fraco.*

Ao longo de quase 2.500 anos, os trabalhos literários do período denominado “Clássico” foram profundamente analisados por historiadores chineses. O general chinês Sun Tzu e sua obra *A arte da guerra*, em virtude da sua reconhecida importância como o principal tratado militar conhecido pela humanidade, fizeram parte desta profunda análise.

Sobre o general Sun Tzu, muito pouco se sabe. Ele próprio era um mistério pela ausência de dados sobre sua vida.

Não existe uma biografia sobre Sun Tzu que narre, em ordem cronológica, seus feitos. O que existe são narrativas de fatos ocorridos, evidenciando passagens que demonstram traços de sua personalidade e suas ações, como o bem conhecido relato de Shih Chi, Sun Tzu Wuch'i Lieh Chuan.

Acredita-se que Sun Tzu seja natural de Ch'i, hoje Shantung, e que serviu na corte de Hu lu, rei de Wu, sendo seu súdito. Calcula-se que tenha vivido entre 544 e 496 a.C.

Suas origens e sua história juvenil são desconhecidas, e seu nome desapareceu por completo dos registros históricos depois que Wu conquistou Ying, a capital de Ch'u.

Sun Tzu extraiu a essência de aproximadamente 800 anos de experiência na prática da guerra, sistematizou observações e enunciou as lições que aprendeu, de tal modo que a elite governante pudesse aplicar seus princípios e permanecer vitoriosa.

Os escritos de Sun Tzu refletem o pensamento chinês daquela época.

Contudo, supõe-se que o mestre Sun Tzu não seja o único autor da obra *A arte da guerra*, e sim que seus discípulos e seguidores tenham grande influência na composição dos textos, considerando-a constante.

HISTÓRIAS MILENARES QUE ILUSTRAM ALGUNS DOS ENSINAMENTOS DE SUN TZU

“Em 341 a.C., o Estado Ch’i, em guerra com o Wei, enviou T’ien Ch’i e Sun Pin contra o general P’ang Chuan, que era inimigo mortal do último. Sun Pin disse: ‘O Estado Ch’i tem uma reputação de covarde e, por esse motivo, nosso adversário nos despreza. Vamos virar esta circunstância a nosso favor.’ Consequentemente, quando o exército atravessou a fronteira do território de Wei, ordenou que fossem acesas 100 mil fogueiras na primeira noite, 50 mil na segunda e apenas 20 mil na outra. P’ang Chuan os atacou vigorosamente, pensando: ‘Eu sabia que os soldados de Ch’i eram covardes; seu número já caiu para menos da metade’. Na sua retirada, Sun Pin chegou a um estreito desfiladeiro que, segundo seus cálculos, seria atingido pelos perseguidores depois do escurecer. Lá chegando, tirou a casca de uma árvore e escreveu a seguinte frase: ‘Sob esta árvore, P’ang Chuan morrerá’. Então, quando a noite começou a cair, colocou um poderoso corpo de arqueiros emboscados nos arredores, com ordem de atirar diretamente se vissem uma luz. Mais tarde, P’ang Chuan chegou ao local e, vendo a árvore, acendeu uma luz para ler o que estava escrito.

Seu corpo foi imediatamente crivado por uma sequência de flechas e todo o seu exército foi preso na confusão.”

“Tu Mu conta uma história relacionada com Wu Ch’i, a época em que lutava contra o Estado de Ch’in, aproximadamente no ano de 200 a.C. Antes que a batalha começasse, um dos seus soldados, homem de audácia inigualável, atacou repentinamente sem ordem, voltando com duas cabeças inimigas. Então Wu Ch’i mandou imediatamente executar o

homem, ao que um oficial ousou protestar, dizendo: ‘Este homem era um bom soldado e não merecia ser decapitado’.

Wu Ch’i respondeu: ‘Acredito realmente em que era um bom soldado, porém mandei decapitá-lo porque agiu sem ordens’.

Yao Hsiang, quando enfrentado em 357 d.C. por Huang Mei, Teng Ch’iang e outros, encerrou-se em suas muralhas e se recusou a lutar. Teng Ch’iang disse: ‘Nosso adversário tem um temperamento colérico e é facilmente provocável; vamos fazer repetidas incursões e derrubar suas fortificações, fazendo-o ficar zangado e sair. Assim que conseguirmos levar seu exército ao combate, ele estará condenado a ser nossa presa’. Logo em seguida, esse plano foi posto em prática. Yao Hsaing saiu para guerrear, então foi atraído até San-yuan pela pretensa fuga do inimigo e finalmente atacado e morto.

I

ESTABELECENDO PLANOS

*O general que ouvir com atenção aos meus conselhos e atuar
de acordo com eles vencerá: faça que este seja mantido em
comando!*

1. Sun Tzu disse: A arte da guerra é de vital importância para o Estado.
2. É uma questão de vida ou morte, uma estrada tanto para a segurança quanto para a ruína. Portanto, é um tema de estudos que não pode, de forma alguma, ser negligenciado.
3. A arte da guerra é, portanto, governada por cinco fatores constantes a serem levados em consideração nas decisões, quando se busca determinar as condições a serem obtidas no campo de batalha.
4. Os fatores são: (1) A Lei Moral;
(2) Céu;
(3) Terra;
(4) O Comandante;
(5) Método e disciplina.
- 5,6. A Lei Moral faz com que a população esteja em completo acordo com seu soberano, seguindo-o, a despeito de suas próprias vidas, sem medo do perigo.
7. Céu, significa dia e noite, frio e calor, tempo e estações do ano.
8. Terra, compreende distâncias, grandes e pequenas; perigo e segurança; áreas abertas e passagens estreitas; as chances de vida e morte.

9. O Comandante significa as virtudes da sabedoria, sinceridade, benevolência, coragem e rigor.

10. Por método e disciplina deve ser entendida a ordenação de um exército em suas subdivisões adequadas, a graduação de postos entre os oficiais, a manutenção das estradas pelas quais os suprimentos chegam ao exército e o controle dos gastos militares.

11. Esses cinco princípios devem ser familiares a todos os generais: aqueles que os conhecerem serão vitoriosos; aqueles que não os conhecerem falharão.

12. Portanto, buscando determinar as condições militares, faz com que tuas decisões sejam tomadas com base em comparações, desta forma:

13. (1) Qual dos dois soberanos está imbuído da Lei Moral?

(2) Qual dos dois generais tem mais habilidade?

(3) Com quem se encontram as vantagens derivadas de Céu e Terra?

(4) Em qual lado a disciplina é mais rigorosamente aplicada?

(5) Qual exército é mais forte?

(6) Em qual dos lados os oficiais e soldados são mais bem treinados?

(7) Em qual dos exércitos há maior constância tanto em recompensas quanto em punições?

14. Por meio dessas sete considerações posso prever a vitória ou a derrota.

15. O general que ouvir com atenção aos meus conselhos e atuar de acordo com eles vencerá: faz que este seja mantido em comando!

O general que não ouvir com atenção aos meus conselhos e não atuar de acordo com eles, sofrerá a derrota: faz que este seja destituído!

16. Enquanto te guia pelos benefícios de meus conselhos, avalia também circunstâncias favoráveis acima e além das regras ordinárias.

17. Sendo favoráveis as circunstâncias, os planos devem ser alterados.

18. Todas as guerras são baseadas no logro.

19. Portanto, quando capazes de atacar, devemos parecer incapazes; ao usarmos nossas forças, devemos parecer inativos; quando estivermos próximos, devemos fazer com que nossos inimigos acreditem que estamos bem distantes; quando estivermos distantes, devemos fazê-los crer que estamos próximos.

20. Joga iscas para tentar o inimigo. Finge desordem e esmaga-o.

21. Caso ele esteja seguro em todas as posições, estejas preparado para ele.
Se ele tiver forças superiores, evade-te.

22. Caso teu oponente tenha temperamento colérico, busca irritá-lo.
Finge ser fraco para que ele torne-se arrogante.

23. Se ele estiver em repouso, não lhe dê descanso.
Se suas forças estiverem unidas, separa-as.

24. Ataca-o onde ele está despreparado, aparece onde não és esperado.

25. Esses recursos militares que levam à vitória não devem ser divulgados de antemão.

26. Nessas circunstâncias, o general que vence a batalha faz muitos cálculos em seu templo antes que a batalha seja travada.

O general que perde a batalha faz apenas poucos cálculos de antemão.
Assim, muitos cálculos levam à vitória e poucos cálculos, à derrota:

Muito pior sem cálculo algum! É pela atenção a essas regras que eu posso prever quem possivelmente vencerá ou perderá.

II

EM COMBATE

Na guerra, portanto, faze com que teu grande objetivo seja a vitória e não longas campanhas.

1. Sun Tzu disse: Nas operações de guerra, onde há, no campo de batalha, mil bigas rápidas, tantas quantas bigas pesadas e cem mil soldados em armaduras, com provisões suficientes para mantê-los por mil LI,¹ as despesas na base e no front, incluindo entretenimento de convidados, pequenos itens como cola e tinta e somas gastas em bigas e armaduras, atingirão o total de mil onças de prata por dia.

Esse é o custo de levantar um exército de 100.000 homens.

2. Ao engajar-se na batalha, se a vitória tardar em vir, os armamentos de teus soldados perderão o fio e seu ardor esmorecerá. Se sitiarem uma cidade, vão exaurir suas próprias forças.

3. Novamente, se a campanha for prolongada, os recursos do Estado não serão proporcionais ao esforço.

4. Assim, quando suas armas estiverem desgastadas, seu ardor esmorecido, suas forças exauridas e sua riqueza consumida, outros líderes despontarão para tirar vantagem de tua dificuldade. Então, nenhum homem, por mais sábio que seja, será capaz de impedir as consequências que se sucederão.

5. Portanto, ainda que tenhamos ouvido sobre estúpida celeridade na guerra, a inteligência nunca esteve associada com longa demora.

6. Não há exemplos de países que tenham se beneficiado de guerras prolongadas.

7. Somente aqueles que estão completamente familiarizados com os males da guerra podem compreender inteiramente a maneira rentável de levá-la avante.

8. O soldado habilidoso não se engaja em um segundo confronto nem seus carros de suprimento são carregados mais de duas vezes.

9. Trazte contigo o material necessário à guerra, mas pilha o inimigo, assim o exército terá alimento suficiente para suas necessidades.

10. A pobreza do Tesouro do Estado faz com que o exército seja mantido por contribuições distantes, e contribuições à distância para manutenção de um exército fazem com que a população empobreça.

11. Por outro lado, a proximidade de um exército faz com que os preços aumentem, e altos preços drenam as economias da população.

12. Quando suas economias são exauridas, os camponeses sofrem pesada extorsão.

13,14. Com essa perda de economias e exaurimento das forças, os lares da população serão espoliados e três décimos de seus rendimentos serão consumidos, enquanto as despesas do governo com bigas quebradas, cavalos feridos, armaduras e capacetes, arcos e flechas, lanças e escudos, manteletes, animais de carga e carros pesados somarão quatro décimos de seu rendimento total.

15. Consequentemente, um general inteligente faz a pilhagem dos inimigos. Um carregamento de provisões do inimigo é equivalente a vinte de suas próprias provisões e, do mesmo modo, um único picul² de seus mantimentos é equivalente a vinte dos nossos, armazenados.

16. Para matar o inimigo, nossos homens devem ser despertados para a ira; para que haja vantagem sobre o inimigo, eles devem ser recompensados.

17. Portanto, em combates com bigas, quando dez ou mais delas forem capturadas, o primeiro a trazê-las deve ser recompensado.

Nossas próprias bandeiras devem substituir aquelas dos inimigos e as bigas misturadas e utilizadas em conjunto com as nossas.

Os soldados capturados devem ser gentilmente tratados e aprisionados.

18. Isso é chamado de usar o inimigo conquistado para ampliar sua própria força.

19. Na guerra, portanto, faze com que teu grande objetivo seja a vitória e não longas campanhas.

20. Assim, será sabido que o líder dos exércitos é o árbitro do destino do povo, o homem do qual dependerá se a nação estará em paz ou em perigo.

¹ LI é uma antiga medida chinesa para distâncias, atualmente padronizada em 500 metros. (N.T.)

² O **picul** é uma antiga medida de peso usada no sudeste asiático, especialmente na China, e equivale a aproximadamente 60 kg. (N.T.)

III

ATAQUE POR ESTRATAGEMA

Por consequência, está dito: Se conheceres o inimigo e a ti mesmo, não temas o resultado de cem batalhas.

Se conheceres a ti mesmo, mas não o inimigo, para cada vitória, também sofrerás uma derrota.

Se não conheceres a ti mesmo nem o inimigo, sucumbirás a todas as batalhas.

1. Sun Tzu disse: Na prática da arte da guerra, o melhor é tomar o país inimigo por inteiro e intacto; esmagá-lo e destruí-lo não é tão bom. Da mesma forma, também é melhor capturar um exército inteiro do que destruí-lo, capturar um regimento, um destacamento ou uma companhia inteira do que destruí-los.
2. Consequentemente, lutar e conquistar em todas as tuas batalhas não é a excelência suprema; a excelência suprema consiste em quebrares a resistência do inimigo sem lutar.
3. Assim, a mais alta forma de liderança estratégica é impedir os planos inimigos; a segunda melhor coisa é evitar a junção das forças inimigas; a seguinte, na ordem, é atacar o exército inimigo no campo de batalha; e a pior política de todas é sitiar cidades muradas.
4. A regra é não sitiar cidades muradas se for possível evitar. A preparação de manteletes, abrigos móveis e vários outros implementos de guerra consumirá três meses inteiros; o empilhamento de terra contra o muro tomará mais três meses.
5. O general incapaz de controlar sua ansiedade lançará seus homens ao ataque como uma correição de formigas, resultando no massacre de um terço de seus homens, enquanto que a cidade continuará intacta. Estes são os desastrosos efeitos de um sítio.

6. Portanto, o líder habilidoso subjuga as tropas inimigas sem qualquer luta; ele captura suas cidades sem sitiá-las; ele derruba seus reinos sem longas operações no campo de batalha.

7. Com suas forças intactas, ele disputará o domínio do Império e, assim, sem nem perder um homem sequer, seu triunfo será completo. Esse é o método de ataque por estratégia.

8. São regras da guerra: se nossas forças forem dez vezes maior que a do inimigo, cerca-o; se forem cinco vezes maior, ataca-o; se duas vezes maior, divide nosso exército em dois.

9. Se forem do mesmo tamanho, podemos oferecer o combate; se nosso número for ligeiramente inferior, podemos evitar o inimigo; se for muito menor, em todos os sentidos, podemos nos evadir dele.

10. Por consequência, embora uma luta obstinada possa ser feita por uma força pequena, ao final ela será capturada pela força maior.

11. Ora, o general é o baluarte do Estado.

Se o baluarte é completo em todos os pontos, o Estado será forte; se o baluarte for deficiente, o Estado será fraco.

12. Há três maneiras nas quais um soberano pode trazer a desgraça para seu exército:

13. (1) Ordenando que seu exército avance ou recue, ignorando o fato que ele não pode obedecer.

Isso é chamado de constranger o exército.

14. (2) Tentando governar um exército do mesmo modo ao qual administra um reino, ignorando as condições em que se opera um exército. Isso causa inquietação nas mentes dos soldados.

15. (3) Utilizando os oficiais de seu exército indiscriminadamente, ignorando o princípio militar da adaptação às circunstâncias.

Isso estremece a confiança dos soldados.

16. Quando o exército torna-se inquieto e desconfiado, certamente problemas surgirão por meio de outros príncipes feudais.

Isto simplesmente traz anarquia ao exército e arruína a vitória.

17. Assim, devemos saber que existem cinco pontos essenciais à vitória:

(1) Será vencedor aquele que souber quando lutar e quando não lutar.

(2) Será vencedor aquele que souber como manipular forças, tanto superiores quanto inferiores.

(3) Será vencedor aquele cujo exército estiver imbuído do mesmo espírito de ânimo em todas as suas patentes.

(4) Será vencedor aquele que, estando preparado, aguarda para pegar o inimigo despreparado.

(5) Será vencedor aquele que tiver capacidade militar e não sofrer a interferência de seu soberano.

18. Por consequência, está dito: Se conheceres o inimigo e a ti mesmo, não temas o resultado de cem batalhas. Se conheceres a ti mesmo, mas não o inimigo, para cada vitória, também sofrerás uma derrota. Se não conheceres a ti mesmo nem o inimigo, sucumbirás a todas as batalhas.

IV

DISPOSIÇÕES TÁTICAS

*Permanecer na defensiva indica insuficiência de força; na
ofensiva, uma grande abundância de força.*

1. Sun Tzu disse: Os bons guerreiros de antigamente primeiro colocam-se além da possibilidade de derrota, só então aguardam pela oportunidade de derrotar o inimigo.
2. Assegurarmo-nos de não sermos derrotados está em nossas mãos, mas a oportunidade de derrotar o inimigo nos é dada por ele mesmo.
3. Portanto, o bom guerreiro é capaz de evitar sua própria derrota, mas não pode assegurar-se de derrotar o inimigo.
4. Por consequência, está dito: É possível saber como conquistar o inimigo sem, no entanto, ser capaz de fazê-lo.
5. A segurança contra derrotas implica táticas defensivas; a habilidade de derrotar o inimigo significa tomar a ofensiva.
6. Permanecer na defensiva indica insuficiência de força; na ofensiva, uma grande abundância de força.
7. O general habilidoso em defesa esconde-se nos mais secretos recônditos da Terra; aquele que é habilidoso em atacar desponta avançando do mais alto dos céus.

Assim, por um lado temos a habilidade de nos proteger, por outro, a vitória é completa.

8. Ver a vitória somente quando está à vista da multidão não é o ápice da excelência.

9. Também não é o ápice da excelência se lutares e conquistares e todo o Império disser “Muito bem!”.

10. Erguer um fio de cabelo outonal não é sinal de grande força; ver o Sol e a Lua não é sinal de visão aguçada; ouvir o ribombar do trovão não é sinal de ouvido atento.

11. O que os antigos chamam de guerreiro habilidoso é aquele que não apenas vence, mas se distingue por vencer com facilidade.

12. Por isso, suas vitórias não lhe trazem reputação de sabedoria nem crédito por bravura.

13. Ele vence suas batalhas não cometendo erros.

Não cometer erros é o que determina a certeza da vitória, pois isso significa conquistar um inimigo que já está derrotado.

14. Por isso, o combatente habilidoso coloca-se em uma posição que torna a derrota impossível e não perde o momento para derrotar o inimigo.

15. Assim é que, na guerra, o estrategista vitorioso somente procura a batalha quando a vitória já foi obtida, visto que ele está destinado a derrotar nos primeiros combates e mais tarde buscar a vitória.

16. O líder consumado cultiva a lei moral e devota-se ao método e disciplina, assim, está em seu poder controlar o sucesso.

17. Com respeito aos métodos militares, temos, primeiro, a Medida; segundo, a Estimativa de quantidade; terceiro, os Cálculos; quarto, o Equilíbrio de chances; e, quinto, a Vitória.

18. A Medida deve sua existência à Terra;
a Estimativa de quantidade à Medida;
o Cálculo à Estimativa de quantidade;
o Equilíbrio de chances ao Cálculo;
e a Vitória ao Equilíbrio de chances.

19. Um exército vitorioso, em contraste com um derrotado, é como um peso de uma libra colocado em uma balança contra um simples grão.

20. A investida de uma força conquistadora é como a explosão de águas represadas sobre um abismo de mil fathoms³ de profundidade.

3 O **fathom** é uma unidade de medida de comprimento usada por marinheiros para definir profundidade e corresponde a aproximadamente 183 cm. (N.T.)

V

ENERGIA

*Oferecendo iscas, mantém-se o inimigo em marcha; então,
com uma equipe de homens selecionados, aguarda-se o
inimigo.*

1. Sun Tzu disse: O controle de uma grande força usa o mesmo princípio do controle de alguns homens: é meramente uma questão de dividir seus números.
2. Combater com um grande exército sob teu comando não é, de forma alguma, diferente de combater com um pequeno: é meramente uma questão de estabelecer sinais e sinalizações.
3. A garantia que toda a tropa pode resistir à violência do ataque inimigo e manter-se inabalada é efetuada por meio de manobras diretas e indiretas.
4. Que o impacto de seu exército seja como uma mó golpeada contra um ovo – isso é efetuado pela ciência dos pontos fracos e fortes.
5. Em todos os combates, o método direto pode ser utilizado para engajar-se na batalha, mas o método indireto será necessário para assegurar a vitória.
6. Táticas indiretas, eficientemente aplicadas, são inesgotáveis, como Céu e Terra, intermináveis como o fluxo dos rios e córregos; como o Sol e a Lua, elas se vão, apenas para retornar novamente; como as quatro estações elas passam, para voltar mais uma vez.
7. Não há mais do que cinco notas musicais, mesmo assim, a combinação dessas cinco faz surgir mais melodias do que jamais poderá ser ouvido.

8. Não há mais do que cinco cores primárias (azul, amarelo, vermelho, branco e preto), mesmo assim, em combinação, elas podem produzir mais tons do que jamais poderá ser visto.

9. Não á mais do que cinco sabores principais (azedo, picante, salgado, doce e amargo), mesmo assim, sua combinação faz surgir mais sabores do que jamais poderão ser provados.

10. Em uma batalha, não há mais do que dois métodos de ataque, o direto e o indireto; mesmo assim, esses dois em combinação produzem uma série interminável de manobras.

11. O direto e o indireto conduzem , por sua vez, um ao outro.
É como mover-se em um círculo: nunca se encontra o fim.
Quem poderá esgotar as possibilidades de suas combinações?

12. A investida das tropas é como o avanço de uma torrente que rola, até mesmo pedras, ao longo de seu curso.

13. A qualidade da decisão é como o arrebatamento bem sincronizado de um falcão, que lhe permite abater e destruir suas vítimas.

14. Portanto, o bom guerreiro será terrível em suas investidas e rápido em suas decisões.

15. A energia pode ser comparada ao envergar de uma besta; a decisão, ao pressionar de um gatilho.

16. Na confusão e tumulto de uma batalha, pode haver uma aparente desordem e, ainda assim, não haver qualquer desordem verdadeira;

Na confusão e no caos, a formação pode parecer sem começo ou fim, mas ainda assim, ela será o seguro contra a derrota.

17. Desordem simulada pressupõe perfeita disciplina; medo simulado pressupõe coragem; fraqueza simulada pressupõe força.

18. Ocultar a ordem sob o manto da desordem é simplesmente uma questão de subdivisão; dissimular a coragem sob uma aparência de timidez pressupõe uma reserva de energia latente.

O mascaramento da força com a fraqueza deve ser executado por disposições táticas.

19. Assim, quem é hábil em conservar o inimigo em movimento mantém a ilusão, de acordo com a qual, o inimigo agirá. Para tanto, sacrifica-se alguma coisa da qual o inimigo pode apoderar-se.

20. Oferecendo iscas, mantém-se o inimigo em marcha; então, com uma equipe de homens selecionados, aguarda-se o inimigo.

21. O combatente inteligente busca pelo efeito da energia combinada e não demanda muito de indivíduos.

Daí, sua habilidade em selecionar os homens certos e utilizar a energia combinada.

22. Quando se utiliza energia combinada, seus guerreiros agem como se fossem troncos ou pedras roliças, pois é da natureza dos troncos e pedras manter-se imóvel em solo plano e mover-se quando em solo inclinado; se não forem roliços acabarão por parar, mas se forem arredondados, continuarão a avançar.

23. Assim, a energia desenvolvida por bons guerreiros é como o *momentum* de pedras rolando montanha abaixo por milhares de pés de altura. Muito, em termos de energia.

VI

PONTOS FORTES E FRACOS

Não repete as táticas que te fizeram vencer, deixa que teus métodos sejam regulados pela infinita variedade de circunstâncias.

1. Sun Tzu disse: Aquele que primeiro chegar ao campo de batalha e esperar pela chegada do inimigo estará mais preparado para a luta.

Aquele que for o segundo no campo de batalha e tiver que se apressar ao combate chegará exausto.

2. Portanto, o combatente inteligente impõe sua vontade sobre o inimigo, mas não permite que a vontade do inimigo seja imposta sobre ele.

3. Conservando a vantagem para si, é possível fazer com que o inimigo se aproxime conforme sua conveniência ou, infligindo danos, fazer com que se torne impossível ao inimigo aproximar-se.

4. Se o inimigo está em repouso, é possível acossá-lo; se estiver bem suprido de alimentos, levar a fome até ele; se adequadamente acampado, forçá-lo a mover-se.

5. Aparece em pontos nos quais o inimigo tenha de se apressar para defender; marcha rapidamente para locais em que não é esperado.

6. Um exército pode marchar grandes distâncias sem dificuldades, deslocando-se por localidades em que o inimigo não está presente.

7. Pode-se estar seguro do sucesso do ataque apenas se locais não defendidos forem atacados. Pode-se garantir a segurança de sua defesa apenas se forem mantidas posições que não podem ser atacadas.

8. Assim, é hábil o general que ataca aquilo que o oponente não sabe que deve defender e hábil aquele que defende aquilo que o oponente não sabe que deve atacar.

9. Da divina arte da sutileza e do sigilo!

Por meio dela, aprendemos a ser invisíveis, por meio, dela, inaudíveis e, assim, podemos ter o destino do inimigo em nossas mãos.

10. Podes avançar e ser absolutamente irresistível se atuares sobre os pontos fracos do inimigo; podes bater em retirada e evitar a perseguição se teus movimentos forem mais rápidos do que os do inimigo.

11. Se desejarmos lutar, o inimigo pode ser forçado ao combate mesmo que esteja abrigado atrás de muros de proteção e de um poço profundo. Tudo o que temos de fazer é atacar outro local que ele seja obrigado a desproteger.

12. Se não desejamos lutar, podemos impedir que o inimigo nos force, mesmo que a linha de nosso acampamento seja um mero traço no chão.

Tudo o que temos a fazer é colocar algo diferente e inesperado em seu caminho.

13. Ao descobrir a disposição do inimigo e permanecer invisíveis, podemos manter nossas forças concentradas, mas devemos dividir o inimigo.

14. Podemos formar um corpo único e coeso, enquanto o inimigo deve ser dividido em frações. Assim, haverá fendas separando o todo, o que significa que deveremos ser muitos para os poucos inimigos.

15. E, se formos capazes de atacar uma força inferior com uma superior, nosso oponente estará em terríveis dificuldades.

16. O ponto que pretendemos combater não deve ser sabido, pois o inimigo terá de preparar-se contra um possível ataque em vários pontos diferentes; por consequência, suas forças serão distribuídas em muitas direções e os números que deveremos confrontar em dado ponto será proporcionalmente menor.

17. Se o inimigo tem de reforçar sua frente de batalha, sua retaguarda será enfraquecida; se reforçar a retaguarda, sua frente será enfraquecida; se reforçar sua esquerda, sua direita será enfraquecida; se reforçar sua direita, a esquerda será enfraquecida. Se enviar reforços para todos os flancos, ficará enfraquecido em todos os pontos.

18. A inferioridade numérica advém do fato de ter que se preparar contra possíveis ataques; superioridade numérica de forçar nosso adversário a fazer esse preparo contra nós.

19. Sabendo o local e o dia da batalha que virá, podemos nos concentrar a grande distância para combater.

20. Porém, se nem o dia nem o local são conhecidos, então o fronte esquerdo estará impotente para socorrer o direito, o direito, igualmente impotente para socorrer o esquerdo, a frente incapaz de socorrer a retaguarda ou a retaguarda de apoiar a frente. Pior ainda se os flancos mais distantes do exército estiverem separados por uma centena de LI e, mesmo os mais próximos, separados por vários LI!

21. Embora, de acordo com minhas estimativas, os soldados de Yueh⁴ excedam os nossos em número, isso não lhes deverá trazer uma vantagem para a vitória. Portanto, eu digo que a vitória pode ser obtida.

22. Embora o inimigo seja em número maior, podemos evitar que ele lute, esquematizando de modo a descobrir seus planos e as possibilidades

de seu sucesso.

23. Despertá-lo e aprender os princípios de sua atividade e inatividade. Forçá-lo a revelar-se, de forma a descobrir seus pontos vulneráveis.

24. Cuidadosamente comparar o exército opositor com o teu próprio, para poder saber onde a força é abundante e onde é deficiente.

25. Ao fazer disposições táticas, o melhor passo que se pode dar é ocultá-las; oculta tuas disposições e estarás a salvo da bisbilhotice do mais astuto dos espiões e das maquinações do mais sagaz dos cérebros.

26. Como a vitória pode ser produzida com base nas próprias táticas do inimigo. Isso é o que o povo não consegue compreender.

27. Todos podem ver as táticas por meio das quais eu conquisto, mas o que ninguém pode ver é a estratégia utilizada, que evolui para a vitória.

28. Não repete as táticas que te fizeram vencer, deixa que teus métodos sejam regulados pela infinita variedade de circunstâncias.

29. Táticas militares são como águas que fluem, pois a água em seu curso natural precipita-se dos locais altos para baixo.

30. Do mesmo modo na guerra, o caminho é evitar o que é forte e atacar o que é fraco.

31. A água molda seu curso de acordo com a natureza do solo sobre o qual ela flui; o soldado realiza sua vitória de acordo com o inimigo que está enfrentando.

32. Portanto, tanto quanto a água que não possui forma constante, na guerra não existem condições constantes.

33. Aquele que consegue modificar suas táticas em relação a seu oponente e assim obter a vitória pode ser chamado de capitão nascido dos céus.

34. Os cinco elementos (água, fogo, madeira, metal e terra) não são igualmente predominantes; as quatro estações permitem sua alternância. Há dias longos e curtos; a Lua tem suas fases de minguante e crescente.

4 **Yueh** era um Estado nascente no território chinês, por volta de 506 a.c. e foi um dos Estados contra o qual o general Sun Tzu lutou, defendendo o Estado de Wu. (N.T.)

VII

MANOBRAS

*Faze com que teus planos sejam obscuros e impenetráveis
como a noite e, quando te moveres, cai como um relâmpago.*

1. Sun Tzu disse: Na guerra, o general recebe suas ordens do soberano.
2. Tendo formado seu exército e concentrado suas forças, ele deve mesclar e harmonizar seus diferentes elementos antes de armar seu acampamento.
3. Após isto, vêm as manobras táticas, sendo impossível haver algo mais difícil.

As dificuldades das manobras táticas consistem em transformar o tortuoso em direto e o infortúnio em benefício.

4. Assim, para tomar uma rota longa e sinuosa, após atrair o inimigo para fora do caminho e, embora tendo começado depois dele, sê inventivo para alcançar o objetivo antes dele, mostra conhecimento do artifício de CONTORNAR.

5. Manobras com um exército é vantajoso; com uma multidão indisciplinada, muito perigoso.

6. Se colocares um exército completamente equipado em marcha, para obter alguma vantagem, as chances são de que ele chegará muito tarde. Por outro lado, destacar uma coluna móvel com esse propósito envolve o sacrifício de suas bagagens e víveres.

7. Assim, se ordenares teus homens a enrolar suas cobertas e obrigá-los à marcha forçada sem parar por dia e noite, cobrindo o dobro da distância usual em apenas uma etapa, deslocando-se uma centena de LI para

conseguir uma vantagem, os líderes de todas as tuas três divisões cairão nas mãos do inimigo.

8. Os homens mais fortes estarão à frente, os mais cansados ficarão para trás e, com esse plano, somente um décimo de teu exército chegará ao seu destino.

9. Se marchares cinquenta LI para sobrepujar o inimigo, perderás o líder de tua primeira divisão e apenas metade de tua força atingirá o objetivo.

10. Se marchares trinta LI com o mesmo objetivo, dois terços de teu exército chegará.

11. Podemos, então, concluir que um exército sem seu comboio de suprimentos está derrotado; sem provisões está derrotado; sem bases de suprimento está derrotado.

12. Não podemos entrar em alianças até que estejamos familiarizados com os planos de nossos vizinhos.

13. Não estamos preparados para liderar um exército em marcha se não estivermos familiarizados com o traçado da região; suas montanhas e florestas, suas armadilhas e precipícios, seus charcos e pântanos.

14. Podemos não ser capazes de transformar vantagens naturais em benefícios se não fizermos uso de guias locais.

15. Na guerra, pratica a dissimulação e terás sucesso.

16. A decisão de concentrar ou dividir tuas tropas deve ser tomada de acordo com as circunstâncias.

17. Faze com que tua rapidez seja como a do vento e tua compacidade como a da floresta.

18. Em tuas incursões e pilhagens, sê como o fogo, na imobilidade, como uma montanha.

19. Faze com que teus planos sejam obscuros e impenetráveis como a noite e, quando te moveres, cai como um relâmpago.

20. Quando saqueares o campo, deixa que a pilhagem seja dividida entre teus homens; quando capturares um novo território, divida-o em lotes em benefício dos soldados.

21. Pondera e delibera antes de fazer movimentos.

22. Conquistará aquele que aprender o artifício de contornar. Essa é a arte de manobrar.

23. O Livro da Gestão de Exércitos diz: No campo de batalha, a palavra falada não leva a mensagem muito longe; assim, instituas gongos e tambores; nem podem objetos ordinários serem vistos com a clareza necessária; assim, institua estandartes e bandeiras.

24. Gongos e tambores, estandartes e bandeiras são meios pelos quais os ouvidos e olhos da tropa podem ser concentrados em um ponto em particular.

25. A tropa, assim, formando um corpo único e coeso torna impossível mesmo ao bravo avançar sozinho ou ao covarde recuar sozinho. Essa é a arte de manobrar grandes massas de homens.

26. Em combates noturnos, portanto, faça muito uso de sinais de fogo e tambores e, em combates diurnos, de bandeiras e estandartes, como forma de influenciar os ouvidos e olhos de teu exército.

27. Todo um exército pode ter seu ânimo roubado; um comandante em chefe pode ter roubada sua presença de espírito.

28. O ânimo de um soldado é forte pela manhã; à tarde começa a esmorecer; e à noite sua mente está voltada somente para o retorno ao acampamento.

29. Um general hábil, portanto, evita um exército quando seu ânimo é forte, mas ataca quando ele está desvanecido e inclinado a voltar. Essa é a arte de estudar os estados de espírito.

30. Disciplinado e calmo, para esperar pela aparência de desordem e confusão entre o inimigo. Essa é a arte de manter o autocontrole.

31. Estar próximo ao objetivo enquanto o inimigo ainda está distante dele; aguardar com paciência enquanto o inimigo está labutando e lutando, estar bem alimentado enquanto o inimigo está faminto. Essa é a arte de poupar esforços.

32. Abster-se de interceptar um inimigo cujos estandartes estejam em perfeita ordem; abster-se de atacar um exército em tranquila e confiante disposição. Essa é a arte de estudar as circunstâncias.

33. É um ensinamento militar não subir para avançar contra o inimigo nem opor-se quando ele avança em descida.

34. Não persegue um inimigo que simula fuga; não ataca soldados cujo temperamento é forte.

35. Não engole a isca oferecida pelo inimigo. Não interfere com um exército que está voltando para casa.

36. Quando cercar um exército, deixa uma escapatória. Não pressiona demais um inimigo desesperado.

37. Esta é a arte da guerra.

VIII

VARIAÇÕES NAS TÁTICAS

*O general que compreende inteiramente as vantagens que
acompanham as variações de tática sabe como manobrar sua
tropa.*

1. Sun Tzu disse: Na guerra, o general recebe suas ordens do soberano, agrupa seu exército e concentra suas forças.

2. Em localidades hostis, não acampa. Em localidades em que os interesses coincidem, une-te aos teus aliados.

Não te retarda em posições perigosas e isoladas.

Em situações de cerco, recorre ao estratagema. Em posição de desespero, deves combater.

3. Há estradas que não devem ser percorridas, exércitos que não devem ser atacados, cidades que não devem ser sitiadas, posições que não devem ser contestadas e ordens de soberanos que não devem ser obedecidas.

4. O general que compreende inteiramente as vantagens que acompanham as variações de tática sabe como manobrar sua tropa.

5. O general que não compreender isso pode estar bem familiarizado com a configuração do terreno e, mesmo assim, não será capaz de transformar seu conhecimento em benefícios práticos.

6. Portanto, o estudante da arte da guerra que não é versado na arte de variar seus planos de combate, mesmo estando familiarizado com as Cinco Vantagens, falhará em fazer o melhor uso de seus homens.

7. Assim, nos planos de um líder sábio, as considerações de vantagens e de desvantagens serão combinadas.

8. Se nossas expectativas de vantagem forem combinadas desse modo, poderemos ter sucesso na parte essencial de nossos esquemas.

9. Se, por outro lado, no meio das dificuldades, estamos sempre prontos a apreender uma vantagem, podemos nos desenredar do infortúnio.

10. Abrandar os comandantes hostis, infligindo perdas a eles, causando-lhes dificuldades e mantendo-os constantemente engajados em combate; oferece-lhes falsos atrativos e faze-os atacar pontos específicos.

11. A arte da guerra nos ensina a não confiar na possibilidade de que o inimigo não venha, mas na nossa própria prontidão para recebê-lo; não na possibilidade de que ele não ataque, mas no fato de que fazemos nossa posição inexpugnável.

12. Existem cinco erros perigosos que podem afetar um general:

- (1) Imprudência, que leva à destruição;
- (2) covardia, que leva à captura;
- (3) um temperamento irritadiço, que pode ser estimulado por insultos;
- (4) fragilidade de honra, que é suscetível à vergonha;
- (5) excesso de solicitude com seus homens, que o expõe a preocupações e problemas.

13. Esses são os cinco pecados que afligem um general, desastrosos para a condução da guerra.

14. Quando um exército é destruído e seu líder, assassinado, a causa será, seguramente, encontrada entre esses cinco perigosos erros. Faça com que sejam sujeitos à reflexão.

IX

O EXÉRCITO EM MARCHA

*Aquele que não exercita a previsão, mas faz pouco de seus
oponentes seguramente será capturado por eles.*

1. Sun Tzu disse: Chegamos agora à questão de como acampar o exército e observar os sinais do inimigo.

Passa rapidamente sobre as montanhas e mantenha-te nas proximidades dos vales.

2. Acampa em locais altos, de frente para o Sol. Não suba em locais muito altos para lutar. Principalmente em guerra nas montanhas.

3. Após cruzar um rio, afasta-te bastante dele.

4. Quando uma força invasora, em sua marcha, cruza um rio, não avances para encontrá-la no meio da corrente.

É melhor que deixes metade do exército atravessar e então executes teu ataque.

5. Se estiveres ansioso para o ataque, não vás ao encontro do invasor próximo de um rio a ser cruzado por ele.

6. Ancora tua embarcação em um ponto mais alto do que o do inimigo e de frente para o Sol. Não desloca-te contra a corrente para encontrar o inimigo, principalmente em guerras de rios.

7. Ao cruzar manguezais, tua única preocupação deve ser a de sair dele o mais rapidamente possível.

8. Se forçado a combater em um manguezal, debes manter água e vegetação próxima de ti e teres um arvoredor em tua retaguarda, principalmente para operações em manguezais.

9. Em terreno seco e nivelado, assume uma posição facilmente acessível, com elevações em teu flanco direito e em tua retaguarda, de modo que o perigo venha sempre de tua frente e a segurança esteja atrás, principalmente quando em campanha sobre planícies.

10. Esses são os quatro ramos úteis do conhecimento militar, que permitem ao Imperador Amarelo⁵ subjugar vários soberanos.

11. Todos os exércitos preferem planaltos a planícies e locais ensolarados a locais muito escuros.

12. Se fores cuidadoso com teus homens e acampares em solo firme, o exército estará livre de doenças de todos os tipos e isso se traduz em vitória.

13. Quando for o caso de uma colina ou uma ladeira, ocupa o lado ensolarado, com o declive na tua retaguarda direita.

Assim, de uma só vez, atuarás em benefício de teus homens e utilizarás as vantagens naturais do terreno.

14. Quando, em consequência de fortes chuvas na cabeceira, um rio que desejás cruzar estiver espalhado e salpicado de espuma, debes aguardar até que ele retroceda.

15. Territórios em que há escarpas íngremes, com corredeiras ao fundo, profundas depressões naturais, locais confinados, matagal espesso, lamaçais e gretas devem ser abandonados o mais rapidamente possível e não debes aproximar-te deles.

16. Enquanto nos mantemos afastados de tais locais, devemos fazer com que o inimigo se aproxime deles; confrontá-los frontalmente e deixar esses territórios em sua retaguarda.

17. Se na vizinhança de teu acampamento houver terrenos acidentados, lagos cercados por bambus, bacias cheias de juncos ou bosques com espessa vegetação rasteira, eles devem ser cuidadosamente removidos e vasculhados, pois são estes os lugares em que homens fazem emboscadas e espiões traiçoeiros estarão possivelmente à espreita.

18. Quando o inimigo estiver muito próximo e se mantiver quieto, ele estará confiante na força natural de sua posição.

19. Quando se mantém afastado e tenta provocar uma batalha, ele estará ansioso para que o outro lado avance.

20. Caso seu local de acampamento seja de fácil acesso, ele estará oferecendo uma isca.

21. O movimento entre as árvores de uma floresta mostra que o inimigo está avançando. O surgimento de marcas de trilhas no meio do matagal significa que o inimigo quer nos deixar desconfiados.

22. O surgimento de pássaros em voo é sinal de uma emboscada. Animais assustados indicam que um ataque repentino está chegando.

23. Quando há poeira elevando-se em uma coluna alta, é sinal de bigas avançando; quando a poeira está baixa, mas espalhada sobre uma grande área, denota a aproximação da infantaria. Quando ela se divide em diferentes direções, mostra que grupos foram enviados para coletar lenha.

Algumas poucas nuvens de poeira movendo-se para frente e para trás indicam que o exército está acampando.

24. Sussurros e o aumento de preparativos são sinais de que o inimigo está prestes a avançar. Balbúrdia e avanço, como se fossem atacar, são sinais de que vão recuar.

25. Quando as bigas leves surgem primeiro e assumem posição nos flancos, é sinal de que o inimigo está formando para a batalha.

26. Propostas de paz desacompanhadas de um pacto juramentado indicam uma conspiração.

27. Quando há muita correria e os soldados tomam suas posições, significa que o momento crítico chegou.

28. Quando alguns são vistos avançando e alguns recuando, é um engodo.

29. Quando os soldados, em pé, se apoiam em suas lanças, estão fracos de fome.

30. Se aqueles que são enviados para buscar água começam por beber primeiro, o exército está sofrendo de sede.

31. Se o inimigo vê uma vantagem a ser aproveitada e não faz esforços para assegurá-la, é porque os soldados estão exaustos.

32. Se os pássaros se agrupam em um ponto qualquer, ele não está ocupado.

Algazarra noturna denota nervosismo.

33. Se há confusão no acampamento, a autoridade do general é débil. Se os estandartes e bandeiras estão se deslocando desordenadamente, um motim está em andamento. Se os oficiais são coléricos, significa que os homens estão desgastados.

34. Quando um exército alimenta seus cavalos com grãos, mata seu gado para servir de alimento e, quando os homens não penduram suas panelas ao lado do fogo, demonstrando que não retornarão às suas tendas, saberás que eles estão determinados a lutar até a morte.

35. A visão de homens sussurrando entre si em pequenos grupos ou falando em tom deprimido aponta para a deslealdade entre os postos e as fileiras.

36. Recompensas muito frequentes indicam que o inimigo está esgotando seus recursos; muitas punições denotam a condição de graves conflitos.

37. Começar com muita violência, mas, a seguir, amedrontar-se com a quantidade de inimigos demonstra a suprema falta de inteligência.

38. Quando emissários são enviados com palavras de elogio em suas bocas, é sinal que o inimigo deseja uma trégua.

39. Se as tropas inimigas marcham furiosamente e permanecem frente a frente com as nossas por um longo tempo sem engajar o combate ou retirar-se, a situação é tal que demanda grande vigilância e ponderação.

40. Se nossas tropas não forem maiores que aquelas do inimigo, isso é amplamente suficiente, significando que não poderá ser feito um ataque direto. O que podemos fazer é simplesmente concentrar todas as forças disponíveis, manter estreita vigilância sobre o inimigo e obter reforços.

41. Aquele que não exercita a previsão, mas faz pouco de seus oponentes seguramente será capturado por eles.

42. Se os soldados forem punidos antes de estar cada vez mais vinculados a ti, eles não demonstrarão obediência e, se não forem obedientes, serão praticamente inúteis.

Se, após os soldados tornarem-se vinculados a ti, não forem aplicadas punições, eles ainda serão inúteis.

43. Portanto, soldados devem ser tratados, em primeira instância, com humanidade, mas mantidos sob controle por meio de ferrenha disciplina. Essa é a estrada certa para a vitória.

44. Se, ao treinar soldados, as ordens forem habitualmente feitas cumprir, o exército será bem disciplinado; caso contrário, sua disciplina será ruim.

45. Se um general demonstra confiança em seus homens, mas insiste sempre que suas ordens sejam cumpridas, o ganho será mútuo.

5 O **Imperador Amarelo** (Huang Di) é apresentado pela mitologia chinesa como um lendário soberano, herói cultural e creditado como civilizador da Terra, mestre de muitas habilidades e inventor de vários itens agrícolas e militares. Sun Tzu faz referência a ele como articulador militar. (N.T.)

X

TERRENO

Se sabemos que o inimigo está descoberto ao ataque, mas não sabemos que nossos homens não estão em condições de atacar, teremos percorrido apenas metade do caminho até a vitória.

1. Sun Tzu disse: Devemos distinguir seis tipos de terreno a considerar:

- (1) campo aberto;
- (2) campo acidentado;
- (3) campo a contemporizar;
- (4) passagens estreitas;
- (5) elevações íngremes;
- (6) posições a grande distância do inimigo.

2. Solo que pode ser facilmente cruzado por ambos os lados é chamado de campo aberto.

3. Com respeito a terrenos dessa natureza, ocupa-o antes do inimigo em elevações e locais ensolarados e proteja cuidadosamente sua linha de suprimentos. Dessa forma, serás capaz de lutar em vantagem.

4. Terrenos que podem ser abandonados, mas são difíceis de ser retomados são chamados de campo acidentado.

5. De uma posição como essa, se o inimigo estiver despreparado, podes atacar e derrotá-lo, mas, se o inimigo estiver preparado para tua chegada e tu falhares em derrotá-lo, a retirada pode ser impossível, então o desastre ocorrerá.

6. Quando a posição é tal que nenhum dos lados terá vantagem em fazer o primeiro movimento, é chamado de campo a contemporizar.

7. Em uma posição como essa, mesmo que o inimigo venha a te oferecer uma isca atrativa, é recomendável não avançar, mas recuar, por tua vez, iludindo o inimigo; então, quando parte de seu exército tiver surgido, deves executar teu ataque com vantagem.

8. Em relação às passagens estreitas, se puderes ocupá-las primeiro, guarneça-as fortemente e aguarda a chegada do inimigo.

9. Se o exército inimigo te impedir de ocupar uma passagem, não o persigas caso a passagem esteja totalmente guarnecida, somente se estiver fracamente guarnecida.

10. No caso de elevações íngremes, se chegares antes de teu adversário, debes ocupar os pontos elevados e ensolarados e, de lá, esperar pela chegada de teu inimigo.

11. Se o inimigo as ocupou antes de ti, não o siga, mas recua e tenta seduzi-lo a sair.

12. Se te localizares a grande distância do inimigo e a força dos dois exércitos for igual, não será fácil provocar uma batalha e o combate será desfavorável a ti.

13. Estes seis são princípios ligados com a Terra.

O general que tiver atingido um posto importante deve estudá-los cuidadosamente.

14. Assim, um exército está exposto a seis calamidades não oriundas de causas naturais, mas de falhas das quais o general é responsável. São elas:

- (1) fuga;
- (2) insubordinação;
- (3) colapso;
- (4) ruína;
- (5) desorganização;
- (6) derrota.

15. Sendo outras condições iguais, se uma força for atirada contra a outra dez vezes maior, o resultado será a fuga da primeira.

16. Quando os soldados ordinários são muito fortes e seus oficiais muito fracos, o resultado será insubordinação.

Quando os oficiais são muito fortes e os soldados ordinários muito fracos, o resultado será o colapso.

17. Quando os oficiais de alta patente são coléricos e insubordinados e, ao confrontar o inimigo, dão à batalha seu próprio sentimento de ressentimento, antes que o comandante em chefe possa dizer se está ou não em posição de lutar, o resultado será a ruína.

18. Quando o general é fraco e sem autoridade; quando não há responsabilidades definidas para oficiais e soldados e quando suas ordens não são claras e distintas; quando não há responsabilidades definidas para oficiais e soldados e as fileiras são formadas de maneira desleixada, o resultado é a completa desorganização.

19. Quando um general, incapaz de estimar a força do inimigo, permite que uma força inferior engaje uma maior, ou arremessa um destacamento fraco contra um poderoso e negligencia a colocação de soldados selecionados nas fileiras dianteiras, o resultado tem de ser a derrota.

20. Essas são as seis maneiras de cortejar a derrota, que devem ser cuidadosamente conhecidas pelo general que atingiu um posto importante.

21. A formação natural do campo é a melhor aliada do soldado, mas o poder de estimar o adversário, de controlar as forças da vitória e de maneira perspicaz calcular as dificuldades, perigos e distâncias constitui o teste para um grande general.

22. Aquele que conhecer essas coisas e, em combate, colocar seu conhecimento em prática vencerá suas batalhas.

Aquele que não as conhecer será, seguramente, derrotado.

23. Se o combate, com certeza, resultar em vitória, então debes lutá-lo, mesmo que o soberano o proíba.

Se o combate não resultar em vitória, então não debes lutá-lo, mesmo que o soberano assim ordene.

24. O general que avança sem cobiçar a fama e retrocede sem temer a desonra, cujo pensamento é apenas proteger sua terra e prestar bom serviço a seu soberano, é a joia do reino.

25. Considera teus soldados como teus filhos e eles te seguirão até o mais profundo dos vales; cuida deles como teus próprios amados filhos e eles estarão a teu lado, até mesmo para a morte.

26. Se, no entanto, fores indulgente, mas incapaz de fazeres sentida a tua autoridade; bondoso, mas incapaz de fazeres cumprir teus comandos e, ademais, incapaz de reprimires a desordem, então, teus soldados devem ser comparados crianças mimadas; eles são inúteis para quaisquer propósitos práticos.

27. Se sabemos que nossos homens estão em condições de atacar, mas não sabemos que o inimigo não está descoberto ao ataque, teremos percorrido apenas metade do caminho até a vitória.

28. Se sabemos que o inimigo está descoberto ao ataque, mas não sabemos que nossos homens não estão em condições de atacar, teremos percorrido apenas metade do caminho até a vitória.

29. Se sabemos que nosso inimigo está descoberto ao ataque e também sabemos que nossos homens estão em condições de atacar, mas não sabemos que a natureza do terreno torna o combate impraticável, ainda teremos percorrido apenas metade do caminho até a vitória.

30. Portanto, o soldado experiente, uma vez em marcha, jamais é confundido; uma vez no campo de batalha, nunca estará lá para a derrota.

31. Por consequência, está dito: Se conheces o inimigo e conheces a ti mesmo, tua vitória não será posta em dúvida; se conheces Céu e Terra, poderás fazer tua vitória completa.

XI

AS NOVE SITUAÇÕES

Rapidez é a essência da guerra: aproveita-te do despreparo de teu inimigo, desloca-te por rotas inesperadas e ataca pontos desguarnecidos.

1. Sun Tzu disse: A arte da guerra reconhece nove variações de campos de batalha:

- (1) campo de dispersão;
- (2) campo fácil;
- (3) campo decisivo;
- (4) campo aberto;
- (5) campo de intersecção;
- (6) campo desfavorável;
- (7) campo difícil;
- (8) campos cercados;
- (9) campos de morte.

2. Quando um líder está lutando em seu próprio território, o campo é de dispersão.

3. Quando ele penetra em território hostil, mas não profundamente, o campo é fácil.

4. Campo em que sua possessão implica grande vantagem para ambos os lados é campo decisivo.

5. Campo em que ambos os lados têm liberdade de movimentação é campo aberto.

6. Campos que formam o acesso de três Estados contíguos, de modo que aquele a ocupá-lo primeiro tenha a maior parte do Império sob seu

comando, são de intersecção.

7. Quando um exército tiver penetrado o coração de um território hostil, deixando cidades fortificadas em sua retaguarda, estará em campo desfavorável.

8. Montanhas, florestas, declives escarpados, charcos e pântanos, enfim, territórios difíceis de serem cruzados. Isto é um campo difícil.

9. Campo que é alcançado por meio de gargantas estreitas e do qual a retirada só pode ser feita por caminhos tortuosos, em que um pequeno grupo de inimigos é suficiente para esmagar um grande corpo de nossos homens, é denominado campo cercado.

10. Campos nos quais somente podemos ser salvos da destruição lutando continuamente são os campos de morte.

11. Em campos de dispersão, portanto, não luta. Em campo fácil, não para. Em campo decisivo, não ataca.

12. Em campo aberto, não tenta bloquear o caminho do inimigo. Em campo de intersecção, una-te aos aliados.

13. Em campo desfavorável, acumula pilhagem. Em campo difícil, mantém marcha uniforme.

14. Em campos cercados, recorre aos estratagemas. Em campos de morte, luta.

15. Os que eram chamados de líderes habilidosos de antigamente sabiam como cindir o fronte e a retaguarda do inimigo para evitar a cooperação entre suas divisões grandes e pequenas; para impedir as boas tropas de resgatar as más e os oficiais de reagrupar seus homens.

16. Quando os homens do inimigo estavam unidos, os líderes de antigamente conseguiam mantê-los em desordem.

17. Para obter vantagem, avançavam, enquanto deveriam permanecer imóveis.

18. Se questionado sobre como enfrentar uma grande tropa do inimigo em formação organizada e a ponto de marchar para o ataque, eu diria: “Comeces por apoderar-te de algo que teu oponente tenha como caro, assim, ele estará maleável à tua vontade”.

19. Rapidez é a essência da guerra: aproveita-te do despreparo de teu inimigo, desloca-te por rotas inesperadas e ataca pontos desguarnecidos.

20. São os seguintes, os princípios a serem observados por uma força invasora: Quanto mais profundamente penetrares no território, maior será a solidariedade de tuas tropas, e assim os defensores não prevalecerão contra ti.

21. Faze saques em território fértil para suprir de alimentos o teu exército.

22. Cuidadosamente estuda o bem-estar de teus homens e não os sobrecarrega. Concentra tuas energias e reserva tuas forças. Mantém teu exército continuamente em movimento e imagina planos insondáveis.

23. Lança teus homens em posições das quais não há escapatória e eles preferirão a morte à fuga.

Se encararem a morte, nada há que não consigam; sejam oficiais ou soldados, aplicarão o máximo de suas forças.

24. Soldados, quando sob pressão desesperada, perdem seu senso de medo. Se não houver refúgio, permanecerão firmes; se estiverem em território

hostil, tornar-se-ão um obstinado front; se não houver ajuda, lutarão duramente.

25. Portanto, sem esperar que sejam mandados, os soldados estarão constantemente em alerta; sem esperar que sejam solicitados, farão tuas vontades; sem restrições, serão leais; sem que recebam ordens, serão confiáveis.

26. Proibidos de crer em presságios e superstições para evitar dúvidas, até que lhes venha a morte, nenhuma calamidade terá de ser temida.

27. Se a nossos soldados não forem dadas riquezas, não é porque têm aversão a elas: se suas vidas não forem longas, não é porque não estão propensos à longevidade.

28. Quando partirem para a batalha, teus soldados poderão chorar tanto, que os que estiverem sentados molharão seus uniformes e os que estiverem deitados deixarão lágrimas escorrer por suas faces, mas, quando forem acuados, mostrarão a coragem de um Chu⁶ ou um Kuei.⁷

29. O tático habilidoso pode ser comparado à shuai-jan, uma serpente encontrada nas montanhas ChUng. Ataque-a na cabeça e serás atacado pela cauda; ataque-a pela cauda e serás atacado por sua cabeça; ataque-a pelo meio e serás atacado pela cabeça e pela cauda.

30. Perguntado se um exército pode ser treinado para imitar a shuai-jan, eu responderia que sim. Pois os homens de Wu e os homens de Youeh são inimigos, mesmo assim, se estiverem cruzando um rio no mesmo barco e forem pegos por uma tempestade, uns virão em assistência dos outros, do mesmo modo que a mão esquerda ajuda a direita.

31. Assim, não é suficiente depositar toda a confiança em cavalos atados nem em rodas de bigas enterradas no chão.

32. O princípio pelo qual administrar um exército é estabelecer um padrão de bravura que todos devem alcançar.

33. Como obter o melhor tanto dos fortes quanto dos fracos é uma questão que envolve o uso adequado do terreno.

34. Assim, o general habilidoso conduz seu exército como se estivesse liderando um único homem, quer queira, quer não, pela mão.

35. É trabalho do general ser silencioso e assim assegurar o sigilo; direito e justo e assim manter a ordem.

36. Ele deve ser capaz de iludir seus oficiais e soldados por meio de relatórios e apresentações falsas e, assim, mantê-los em total ignorância.

37. Pela alteração de seus preparativos e revisão de seus planos, ele mantém o inimigo sem o conhecimento definitivo.

Pela mudança de acampamentos e uso de rotas sinuosas, evita que o inimigo antecipe seus propósitos.

38. No momento crítico, o líder de um exército age como alguém que subiu em um ponto muito alto e depois descartou a escada atrás de si. Ele introduz seus homens profundamente em território hostil antes de mostrar sua mão.

39. Queima sua embarcação e destrói suas panelas; como um pastor guiando seu rebanho de ovelhas, ele leva seus homens pelos caminhos e ninguém sabe para onde ele está indo.

40. Reunir suas tropas e levá-las ao perigo; este pode ser descrito como o trabalho de um general.

41. As diferentes medidas adequadas às nove variedades de campos; a conveniência de táticas agressivas ou defensivas e as leis fundamentais da natureza humana. Essas são as coisas que devem, certamente, ser estudadas.

42. Ao invadir território hostil, o princípio do general deve ser o de que penetrar profundamente traz a coesão, mas penetração rasa significa dispersão.

43. Quando deixas teu próprio território para trás e levas teu exército através de território vizinho, te encontras em campo crítico. Quando há meios de comunicação em todos os quatro lados, o campo é de intersecção.

44. Quando penetras profundamente em um território, é campo desfavorável. Quando a penetração é rasa, é campo fácil.

45. Quando tens o reduto do inimigo à tua retaguarda e passagens estreitas à frente, é campo cercado. Quando não há locais de refúgio de qualquer tipo, é campo de morte.

46. Portanto, em campo de dispersão, eu deveria inspirar meus homens à unidade de propósitos. Em campo fácil, eu deveria notar que há vínculo muito próximo entre todas as partes de meu exército.

47. Em campo decisivo, eu deveria acelerar minha retaguarda.

48. Em campo aberto, eu deveria manter a vigilância de minhas defesas. Em campo de intersecção, eu deveria consolidar minhas alianças.

49. Em campo desfavorável, eu deveria tentar assegurar um fluxo contínuo de suprimentos. Em campo difícil, eu deveria continuar a avançar pela estrada.

50. Em campo cercado, eu bloquearia quaisquer formas de retirada. Em campo de morte, eu proclamaria aos meus soldados a improbabilidade de salvar suas vidas.

51. Por isso, deve ser do caráter do soldado oferecer resistência obstinada quando cercado, lutar furiosamente quando não puder evitar e obedecer prontamente quando estiver em perigo.

52. Não podemos selar uma aliança com um príncipe vizinho até conhecermos seus planos. Não estamos prontos para liderar um exército em marcha se não estivermos familiarizados com a superfície do território, suas montanhas e florestas, suas armadilhas e precipícios, seus charcos e pântanos.

Poderemos ser incapazes de transformar as vantagens naturais em benefícios se não fizermos uso de guias locais.

53. Ignorar qualquer um dos seguintes quatro ou cinco princípios não beneficia um príncipe belicoso.

54. Quando um príncipe belicoso ataca um Estado poderoso, seu generalato apresenta-se para evitar a concentração de forças inimigas, intimidar seus oponentes e evitar que aliados se unam contra ele.

55. Assim, ele não se empenha em aliar-se a todos e tudo, nem alimenta a força de outros Estados. Ele executa seus projetos secretos, deixando seus antagonistas aterrorizados. Dessa maneira, ele é capaz de capturar cidades e derrubar seus reinados.

56. Conceda recompensas descontroladamente, emita ordens sem reconhecer os planos preparados precedentemente e serás capaz de controlar um exército inteiro como se tivesses de controlar apenas um único homem.

57. Confronta teu soldado com a própria realidade; nunca deixa-os saber de teus planos. Quando a perspectiva é favorável, traz-a aos olhos deles; mas nada lhes diga quando a situação for sombria.

58. Coloca teu exército em perigo mortal e ele sobreviverá; mergulha-o em terríveis dificuldades e ele sairá delas em segurança.

59. Pois é precisamente quando a força envereda por caminhos perigosos que é capaz de desfechar um golpe para a vitória.

60. Sucesso em combate é obtido por nosso cuidadoso ajustamento contra os propósitos do inimigo.

61. Permanecendo persistentemente no flanco do inimigo, em longo prazo, podemos ter sucesso em matar o comandante em chefe.

62. Isso é chamado de habilidade em realizar um objetivo por absoluta astúcia.

63. No dia em que assumires o comando, bloqueia as passagens nas fronteiras, destrói os cálculos oficiais e impede a passagem de todos os emissários.

64. Sê firme na câmara do conselho, para que possas controlar a situação.

65. Caso o inimigo deixe uma porta aberta, deve lançar-te a ela.

66. Evita teu oponente apoderando-te daquilo que lhe é caro e sutilmente manipula seu tempo de chegada ao campo de batalha.

67. Segue as regras definidas até lutares a batalha decisiva.

68. Primeiro, então, exhibe o recato de uma donzela, até que o inimigo lhe dê uma abertura; a seguir, imita a rapidez de uma lebre e será muito tarde

para que o inimigo se oponha a ti.

6 Chu, como era conhecido Chuan Chu, nativo do Estado de Wu e possível contemporâneo de Sun Tzu que, em 515 AC, foi contratado por Kung-tzu Kuang, para assassinar seu soberano Wang Liao com um punhal que ele havia escondido na barriga de um peixe servido em um banquete real. Chu, corajosamente, teve sucesso no atentado, mas foi imediatamente retalhado pelos guarda-costas do rei. (N.T.)

7 Kuei, cujo nome completo era Ts'AO Kuei, em 681 AC, realizou a façanha que fez seu nome famoso, quando atacou sozinho o duque Huan Kung, que estava prestes a assinar a conquista de grande parte do Estado de Lu, obrigando-o, com uma adaga no pescoço, a renunciar à posse. (N.T.)

XII

O ATAQUE COM FOGO

Infeliz é o destino daquele que tenta vencer suas batalhas e ter sucesso em seus ataques, sem cultivar o espírito da iniciativa, pois o resultado é a perda de tempo e a estagnação generalizada.

1. Sun Tzu disse: Há cinco maneiras de atacar com fogo:

A primeira é queimar os soldados em seus acampamentos; a segunda, queimar os armazéns de alimentos; a terceira, queimar os comboios de carga; a quarta, queimar os arsenais e depósitos de munição; a quinta, atacar lançando fogo sobre o inimigo.

2. Para proceder com um ataque, devemos ter os meios disponíveis, e o material para acender o fogo deve sempre estar preparado.

3. Existe um período correto para atacar com fogo e dias especiais para iniciar uma conflagração.

4. O período correto é quando o clima está bastante seco; os dias especiais são aqueles nos quais a Lua está na constelação de Ji, Bi, Yi ou Shì,⁸ pois estes são os dias do vento ascendente.

5. Ao atacar com fogo, deve-se estar preparado para as cinco possíveis situações:

6. (1) Quando um incêndio irrompe dentro do acampamento inimigo, responde imediatamente com um ataque externo.

7. (2) Se o incêndio se alastrar, mas os soldados inimigos permanecerem calmos, aguarda e não ataca.

8. (3) Quando a força das chamas tiver alcançado seu máximo, se for viável, ataca, caso contrário, permanece onde estás.
9. (4) Se for possível fazer um assalto com fogo de fora para dentro, não espera até que ele se alastre de dentro para fora, mas execute seu ataque em um momento favorável.
10. (5) Quando iniciares o fogo, está a barlavento. Não ataca a sotavento.
11. O vento que nasce durante o dia perdura por mais tempo, mas a brisa noturna logo cede.
12. Em todos os exércitos, as cinco possíveis situações vinculadas ao fogo devem ser conhecidas, o movimento das estrelas calculado e uma vigília mantida para os dias propícios.
13. Portanto, aqueles que utilizam o fogo como auxiliar nos ataques demonstram inteligência; aqueles que usam água como auxiliar nos ataques ganham um acréscimo de força.
14. Por meio da água, um inimigo pode ser interceptado, mas não destituído de todos os seus pertences.
15. Infeliz é o destino daquele que tenta vencer suas batalhas e ter sucesso em seus ataques, sem cultivar o espírito da iniciativa, pois o resultado é a perda de tempo e a estagnação generalizada.
16. Por consequência, está dito: O soberano iluminado estabelece seus planos com muita antecipação e o bom general desenvolve seus recursos.
17. Não te move se não vêes vantagem; não usa tuas tropas caso não haja algo do qual tirar proveito; não luta se a posição não for crítica.

18. Nenhum soberano deve pôr suas tropas em campo meramente para satisfazer seu gênio; nenhum general deve combater simplesmente por ressentimento.

19. Se, em teu benefício, avança, caso contrário, permanece onde estás.

20. Raiva pode, com o tempo, se transformar em alegria; aborrecimento pode ser seguido de satisfação.

21. Mas, um reino que foi destruído uma vez nunca mais poderá tornar a ser o que era, nem pode um morto ser trazido de volta à vida.

22. Assim, o soberano iluminado é prudente e o bom general cuidadoso. Esse é o caminho para manter um território em paz e um exército intacto.

⁸ Astronomia ancestral: Wang Xi-ming (da dinastia Tang) dividiu o céu em 31 regiões e nomeou cada uma delas. **Ji**, **Bi**, **Yi** e **Shi** são quatro constelações dessas regiões e são chamadas em português, respectivamente, de Cesto de Despalhar, Muro, Asas e Acampamento. (N.T.)

XIII

O USO DE ESPIÕES

*É por meio das informações trazidas pelo espião convertido
que somos capazes de descobrir e contratar espiões locais e
internos.*

1. Sun Tzu disse: Agrupar uma tropa de cem mil homens e marchar por grandes distâncias implica pesadas perdas na população e o esgotamento dos recursos do Estado.

O gasto diário atingirá mil onças de prata, haverá comoção em casa e fora dela, os homens cairão exaustos nas estradas e setecentas mil famílias terão dificuldades em trabalhar.

2. Exércitos hostis podem lutar uns contra os outros por anos, esforçando-se por uma vitória que pode ser decidida em um único dia.

Sendo assim, permanecer na ignorância das condições do inimigo simplesmente porque alguém reluta em despendar uma centena de onças de prata é o limite da desumanidade.

3. Quem age assim, portanto, não é um bom líder, nem de ajuda ao soberano nem mestre da vitória.

4. Assim, o que capacita o soberano sensato e o bom general a atacar, conquistar e realizar coisas além do alcance do homem comum é a presciência.

5. Essa presciência não pode ser extraída dos espíritos; não pode ser obtida pelo uso de experiências anteriores nem por cálculos dedutivos.

6. O conhecimento da organização do inimigo só pode ser obtida de outros homens.

7. Daí, o uso de espiões, dos quais há cinco classes:

- (1) espiões locais;
- (2) espiões internos;
- (3) espiões convertidos;
- (4) espiões condenados;
- (5) espiões sobreviventes.

8. Quando todos estes cinco tipos de espião estão atuando, ninguém pode descobrir o sistema secreto. Isso é chamado de “a divina manipulação das ações” e é o mais precioso recurso do soberano.

9. Ter espiões locais implica contratar os serviços dos habitantes de um distrito.

10. Ter espiões internos significa fazer uso de oficiais do inimigo.

11. Ter espiões convertidos é prender os espiões do inimigo e usá-los para nossos próprios propósitos.

12. Ter espiões condenados é fazer certas atividades abertamente, com o propósito de iludir e permitir que esses espiões saibam delas e informem ao inimigo.

13. Espiões sobreviventes, finalmente, são aqueles que trazem de volta a nós informações do acampamento inimigo.

14. Assim é que, ninguém, em todo o exército, deve ser tratado com tanta familiaridade quanto os espiões, ninguém deve ser mais regamente compensado do que eles e nenhuma outra atividade deve ter os segredos mais bem preservados do que os dos espiões.

15. Espiões não podem ser eficientemente empregados sem certa inteligência intuitiva.

16. Eles não podem ser adequadamente dirigidos sem benevolência e franqueza.

17. Sem perspicácia, não é possível ter certeza da veracidade de seus relatórios.

18. Sê sutil! Sê sutil! E usa teus espões para todos os tipos de atividade.

19. Se informações secretas forem divulgadas antes do tempo por um espião, ele deve ser condenado à morte com aquele para quem o segredo foi contado.

20. Seja o objetivo aquele esmagar um exército, seja invadir uma cidade, seja assassinar um indivíduo, é sempre necessário começar por saber os nomes dos criados, ajudantes de ordens, porteiros e sentinelas do general em comando, e o espião deve ser enviado para descobrir.

21. O espião do inimigo que tenha vindo a nos espionar deve ser procurado, tentado com subornos, levado para longe e hospedado confortavelmente. Desse modo, eles tornarão espões convertidos e disponíveis aos nossos serviços.

22. É por meio das informações trazidas pelo espião convertido que somos capazes de descobrir e contratar espões locais e internos.

23. Novamente, é graças a suas informações que podemos fazer com que o espião condenado leve as falsas informações ao inimigo.

24. Por último, é por meio de suas informações que os espões sobreviventes podem ser usados em situações específicas.

25. O fim e a meta em espionar em todas as suas cinco variantes é o conhecimento do inimigo, e este conhecimento só pode ser derivado, em

primeira instância, a partir do espião convertido.

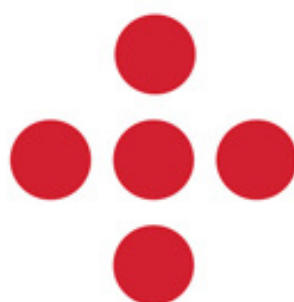
Assim, é essencial que o espião convertido seja tratado com a máxima generosidade.

26. Antigamente, o surgimento da dinastia Yin foi devido a I Chih, que serviu a Hsia. Da mesma forma, o surgimento da dinastia Chou foi devido à Lu Ya, que serviu a Yin.

27. Portanto, é somente o soberano iluminado e o general sábio que utilizarão a mais alta inteligência do exército, com o propósito de espionar e, por consequência, obter grandes resultados. Os espiões são o elemento mais importante da guerra, pois dele depende a capacidade de um exército em se deslocar.

ESTRATÉGIA

MUSASHI
O LIVRO DOS CINCO ANÉIS



Tradução do japonês por
José Yamashiro

PREFÁCIO

A arte da vitória segundo o espadachim invencível

BENEDICTO FERRI DE BARROS

Aos 13 anos, Miyamoto Musashi abateu um adulto, seu primeiro contendor em uma luta de espada. Daí até os 30 anos, em suas andanças pelo Japão, como desafiado ou desafiante, medirá forças em outros sessenta duelos, saindo invicto de todos. Consta que somente em dois encontros não chegou ao final: um, com um velho mestre, perito nas artes esotéricas da luta, que o enfrentou com um leque; em outra ocasião, contra um rude camponês que empregou um *kusarigama* – corrente de metal como lançadeira, com um peso (bola de metal) em uma das pontas e pequeno alfanje na outra extremidade. Torna-se uma figura lendária em todo o Japão e, ao mesmo tempo, um “signo de contradição”. Cognominado de “o santo samurai”, era visto pelos ortodoxos do *kenjutsu*, luta de espadas, como um heterodoxo, fora da lei e das normas, um samurai degenerado.¹

Contra rodas as regras, criou uma escola que usava duas espadas, em lugar de uma. A partir de certa altura, abandonou a *nippon-tô*, a espada de aço tida como símbolo nobre do samurai, passando às vezes a enfrentar seus inimigos com espadas de pau – *bokken* –, na realidade, cacetes em formato de espada, com que derrotava seus inimigos. O último deles, Sasaki Kojirô, que abatia com sua espada andorinhas em voo, foi vencido com o cabo de um remo, afeiçoado por Musashi no barco enquanto cruzava o mar para enfrentar seu desafiante, que o aguardava em uma ilha. Liquidou um menino – o último representante de uma academia que o desafiara e lhe preparara uma emboscada com numerosos espadachins – espetando-o contra uma árvore, episódio que a “arte samuraica da espada”

considerava herético e hediondo. Herético porque só reconhecia o uso da cutilada no pescoço; hediondo por tratar-se de um menino, ainda que dado como apto por sua academia para desafiá-lo. Era um gigante em estatura e descuidava de sua pessoa e de sua higiene, contra todas as normas da compostura samuraica. Um desesperado. A crônica ortodoxa do *kenjutsu* o abomina. Invicto, retira-se aos 30 anos do “caminho da espada”. Tornou-se uma lenda, mas desaparece de circulação. Mergulha em uma “vida oculta”.

Reaparecerá quase um quarto de século mais tarde e se inscreverá na memória da posteridade não por seus feitos de espada, mas pelo livro que deixou – *Gorin no Sho*, *O livro dos cinco elementos*, como Yamashiro aptamente o denomina em sua tradução, e não “dos cinco círculos” ou “dos cinco anéis” –, considerado uma suma da estratégia para a vitória em qualquer campo e contra qualquer inimigo. Livro que vem sendo traduzido e reeditado no mundo inteiro.

No livro² em que reunimos os ensaios feitos procurando compreender e explicar o modelo arquetípico da cultura e do homem nipônicos (parte de uma preocupação permanente e de um esforço intelectual mais amplo, o de compreender os caminhos e valores humanos), a dedicatória inclui os nomes de Sugawara Michizane, Minamoto-no Tametomo, Kusunoki Masashige e... Miyamoto Musashi. Uma seleção eminentemente pessoal, aparentemente aleatória e provavelmente incompreensível mesmo para um japonês culto. Sugawara Michizane e Kusunoki Masashige são elevadas figuras do panteão histórico-lendário do Japão. Minamoto-no Tametomo e Miyamoto Musashi – muito embora igualmente lendários – são figuras de segundo plano na história japonesa, tão rica de outros vultos, incomensuravelmente maiores. A razão para uni-los em uma mesma homenagem fora exclusivamente subjetiva: em nossos estudos sobre o Japão, eles emergiram como marcos simbólicos dos valores maiores que procurávamos e nos sentimos devedores das luzes que

recebemos ao compreender o que buscavam e representaram com suas vidas e personalidades.

Sugawara Michizane (805-903), um homem de espírito, cultuado após sua morte como *kami*, divindade, e como patrono da cultura, do saber e da caligrafia, a cuja memória se dedicou o templo Kitano Tenmangu, de Kyoto – um dos cinco mais importantes santuários xintoístas do país –, foi uma das primeiras figuras-símbolos da lealdade, virtude cardeal das relações humanas no Japão, que ele exprimiu com relação ao imperador. Kusunoki Masashige (1294-1336), um homem de ação, general brilhante, cuja estátua de bronze se destaca nos jardins do palácio imperial de Tóquio, representa esta mesma lealdade traduzida militarmente, posta a serviço da linhagem imperial japonesa – instituição basilar da unidade e da continuidade da sociedade nipônica. A Minamoto-no Tametomo (1139-1170), guerreiro legendário, se atribui o primeiro *seppuku* ou haraquiri – símbolo máximo da hombridade calcada sobre valores. Afinal, que pode o homem dar mais alto de si do que sua própria morte, que é única e além da qual nada mais pode ser exigido ou dado?

Mas... e Miyamoto Musashi, *rônin* (“homem onda”, isto é, samurai que perdeu seu emprego e seu suserano), mero espadachim andejo, solto pelo mundo em busca de seu próprio caminho?

Ao visitar o Japão em 1988, como pagamento de uma dívida emotiva à iluminação intelectual que recebemos dessas figuras, à exclusão do caso de Minamoto-no Tametomo (que não conseguimos localizar a tempo), incluímos uma visita obrigatória aos lugares onde se cultivava a memória desses homens. E em todos eles pareceu natural e compreensível aos organizadores do programa o sentido de nossa homenagem. Mas... e Miyamoto Musashi, mero espadachim ambulante, sem senhor e sem maior relevância histórica?

A pergunta nos foi feita em um jantar íntimo de gala, e de despedida, que nos deram nossos anfitriões em Kyoto. Ela já nos tinha sido feita em

Kumamoto, quando o secretário do governador Hosokawa e várias personagens da província (estado de Kumamoto) nos levaram em uma visita (que para alguns deles era a primeira) a Reigandô, caverna habitada por Miyamoto nos últimos anos de sua vida, onde teria escrito seu famoso *Gorin no Sho*.³ Na volta, nos detivemos no marco tumular de Miyamoto. E felizmente nos foi dado, ainda, visitar pequeno museu criado por um particular, onde se reuniam peças de seu memorial – trabalhos de metalurgia, espadas de madeira, desenhos, obras de caligrafia ... À exceção deste museu, tanto o local da Reigandô quanto a lápide tumular de Miyamoto acusavam um abandono e um esquecimento que pareciam atestar sua pouca importância. Então, por que Miyamoto?

E é que, para nós ao menos, em sua história de vida, ainda que figurante menor da história do Japão, ele simboliza o esforço máximo feito por um homem para realizar-se mediante o desenvolvimento integral e harmonioso das forças do corpo e do espírito, da proficiência física e da busca espiritual: o ideal do *Bunbu Ryôdô*, o caminho duplo que reúne “o pincel e a espada” – o padrão mais elevado que o samurai, como homem de elite, devia buscar –, um arquétipo para o homem japonês. E esse ideal era da mais flagrante atualidade, não só para o homem em geral, como também para o Japão de hoje, que se acha na linha de frente na busca de um sentido para o século XXI. Que sentido dar ao esforço japonês neste limiar do terceiro milênio? Metade de sua vida, Musashi lutara, tornara-se invencível; mas esse caminho se esgotara e não o havia conduzido à plenitude humana que buscava. A outra metade de sua vida, Musashi dedicaria ao espírito. Não estaria aí o rumo para um povo vencedor de tantas lutas, agora em busca de uma vocação que complete seus esforços? Além de potência econômica, que imagem ou mensagem apresenta a nação nipônica? Não há tema de maior atualidade no Japão de hoje do que essa busca de uma identidade espiritual com que possa se apresentar ao mundo.⁴

Curiosamente, Musashi (1584-1645) vive uma época de inflexão na história japonesa, que apresenta marcante analogia com a do Japão de hoje. Após os 250 anos do xogunato Ashikaga, todo ele convulsionado por incessantes guerras entre os barões feudais, a partir da batalha de Sekigahara (1600), de que Musashi teria participado, instaura-se o xogunato Tokugawa, que daria 250 anos de paz ao Japão. Se a Era Ashikaga fora a da atividade marcial, a Era Tokugawa será a das atividades civis e do espírito. O pincel adquire precedência sobre a espada, o samurai guerreiro terá de se reencarnar no samurai administrador. Os feitos do passado consagram-se como alegorias; embainhada, fora dos campos de batalha, a espada passa a ser cultivada nas academias; as virtudes marciais se institucionalizam nos códigos; o *bushido* (código ético dos guerreiros) encontra seus teóricos. São dessa época os trabalhos de Yamaga Soko, *Shidô* (1665), e o *Hagakure* (1716), de Yamamoto Tsunetomo, nos quais se exaltam as virtudes do guerreiro; e é nesse período que proliferam as escolas de artes marciais (*ryû*) e os samurais desempregados (*rônin*) peregrinam pelo Japão em busca de adversários com os quais possam medir sua mestria. É igualmente desse período (1701) o episódio dos 47 *rônin*, que configura na história japonesa a expressão máxima das virtudes samuraicas.⁵

Musashi é, assim, um símbolo vivo de seu tempo, samurai *rônin* que transita da espada para o pincel, tentando reencontrar um destino e redefinir o significado de sua vida em um novo Japão. Nada poderia ser mais significativo de sua busca do que o fato de que remate sua vida dedicado a atividades artístico-artesanais e de que deixe como sua última mensagem o *Gorin no Sho*, no qual codifica a estratégia – essência das artes marciais –, livro que se insere na mesma tendência que viria a motivar posteriormente o *Shidô* e o *Hagakure* citados.⁶ O guerreiro se transforma em eremita, o espadachim, em mestre-escritor.

A leitura de *O livro dos cinco elementos* (*Gorin no Sho*) não é fácil. Por numerosas e diversas razões.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma obra prejudicada pelas difíceis condições em que Musashi viveu seus últimos anos – em uma caverna e em precárias condições de saúde. Faltou-lhe tempo para o polimento final, aquele trabalho último em que o autor facilita ao leitor o acesso a suas ideias. A urgência se faz sentir desde o início no estilo sintético, abreviado, que Musashi escolheu para sua exposição.

Vem, depois, do lado do leitor, a abordagem errada que se faz da obra. Se ele procura ali um tratado sobre o duelo de espada ou um vade-mécum das técnicas invencíveis usadas por Musashi ou se busca, ainda, um receituário da estratégia da luta e da vitória em qualquer campo – tal como o livro é oferecido na atualidade – não achará nela o que procura. Não da forma como procura e espera encontrar.

Surgem, em terceiro lugar, especificamente para o leitor ocidental, as dificuldades adicionais representadas, de um lado, pelas ineptas traduções em geral oferecidas e, de outro, pela expectativa não menos absurda de ler o livro como um receituário, e não como um guia filosófico da luta, impossível de ser absorvido com uma única leitura, mas a ser adotado como uma bíblia de comportamento.

Especificamente, Musashi, como o criador de uma escola de duelo – a *Niten-Ichi*, Escola das Duas Espadas – tinha em mira exaltar as virtudes de seu estilo, que o tornou invencível entre todos os lutadores da época. Mas Musashi, como qualquer outro mestre japonês, não pretendia que a teoria pudesse substituir a prática no aprendizado efetivo, nem acreditava – e nisto diferia dos demais mestres das academias marciais – que o *kenjutsu*, arte da luta com a espada, pudesse ser reduzido a técnicas e truques de mãos, pés e golpes secretos.

O secretismo era uma prática universal de todas as escolas de arte japonesa, marciais ou não. O aprendizado dependia da convivência com o

mestre, de infinita paciência e repetição, de tal forma que se internalizasse a técnica, a ponto de ela se tornar – como devia ser – espontânea, reflexa e inconsciente.⁷ Para o homem que dava um golpe de espada, assim como para o que dava na caligrafia um toque de pincel ou desenhava uma paisagem *sumi-ê*, a necessidade do pensamento consciente, da deliberação, da escolha, só poderia significar incerteza, indecisão e atraso, perda de espontaneidade e falta de mestria – um despreparo revelador da insuficiente integração de sua pessoa e de sua arte com a espontaneidade e a urgência da realidade, sempre diversa e volátil. Assim ensinava o zen-budismo, que impregnara toda a *praxis* artística, dera o tom do *know-how* especificamente japonês e, desde o primeiro xogunato (1192), se tornara a doutrina de eleição dos samurais.⁸

O leitor atento identificará facilmente as características que acima apontamos na leitura da obra de Musashi. E, se quiser ir diretamente à filosofia que inspira todo o livro, leia em primeiro lugar o final dos capítulos da Água e do Fogo, nos quais o próprio Musashi explicita os objetivos e as limitações de seu trabalho. Sem dúvida, ele tentou uma catalogação exaustiva das diferentes condições de uma luta, mas nem teve tempo nem considerou útil descrever pormenorizadamente as manobras utilizadas em cada caso, já porque não cria em truques, já porque não admitia que ensinamentos pudessem ser transmitidos pela simples via verbal e racional. Não é por outra razão que, ao expor cada uma das situações táticas, ele termine sempre por recomendar que se pense e se exercite muito sobre cada uma delas. No fundo, para Musashi, a chave da vitória se encontrava antes de mais nada no espírito, ainda que, obviamente, o corpo devesse estar “mil e dez mil vezes” treinado para adequadamente executar seus propósitos.

Seu livro é, assim, antes um breviário do que um manual ou um tratado – e é neste sentido que, adorado como um guia e transliterado metaforicamente, pode ser entendido e aplicado como uma suma da

estratégia para qualquer caso e tipo de luta. Pois a estratégia, ou a consideração global de todos os aspectos envolvidos em uma luta, foi o que singularizou cada um dos conhecidos confrontos de Musashi e o tornou insuperável no *kenjutsu*. Segundo a mitologia editorial ocidental, é neste sentido que os empresários japoneses o utilizam, a fim de se preparar para a luta econômica. E, se assim o utilizam, certamente poderão dele colher todos os segredos da invencibilidade.

O livro de Miyamoto Musashi traduzido por José Yamashiro aparece a partir da edição Iwanami. Acompanhamos bastante de perto a rigorosa honestidade com que ele se dedicou a esse trabalho, baseando-se na mais autorizada edição japonesa da obra, confrontando sua versão com a de edições nas línguas francesa e inglesa, recorrendo em cada passagem obscura à opinião de especialistas, oferecendo o original de seu trabalho à análise de diferentes críticos. Já conhecíamos a obra de uma edição americana – praticamente ininteligível, seja pelas liberdades abusivas que o tradutor adotou com relação ao texto original, seja pelo seu despreparo quanto a assuntos os mais elementares da história e da cultura nipônicas.

O trabalho de Yamashiro é outra coisa: tenho para mim que sua versão é a mais cuidada e fiel de quantas já se fizeram em línguas ocidentais.

¹ Numerosos filmes, livros e novelas de televisão têm sido produzidos sobre Musashi, destacando-se entre eles as séries cinematográficas dos diretores Hiroshi Inagaki e Tomo Uchida e o romance *Musashi*, de Eiji Yoshikawa (1892-1962), citado por Yamashiro na Introdução, entre outras fontes japonesas.

² *Japão – A harmonia dos contrários*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1988.

³ Nessa ocasião, visitamos igualmente a propriedade senhorial do atual governador de Kumamoto, Morihiro Hosokawa, o 18º de sua linhagem. Foi seu primeiro ancestral, Tadatoshi Hosokawa (1586-1641) – cujo túmulo e lápide funerária vimos nessa propriedade, ao lado das 16 tumbas de seus descendentes –, quem chamou Miyamoto Musashi, como mestre, para viver e ensinar em seus domínios. Como Yamashiro explica na Introdução, foi por solicitação desse grande senhor feudal que Miyamoto escreveu um primeiro tratado de esgrima, poucos anos antes de produzir sua obra principal.

⁴ A esse respeito, ver capítulo 26 (“Perdido no futuro”) de nosso livro *Viagem ao Japão*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

⁵ Estes pontos se acham mais desenvolvidos em nosso livro citado na nota 2.

⁶ Ver nosso livro citado na nota 2.

⁷ Ver, como ilustração, o livro *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*, de Eugen Herrigel. São Paulo: Pensamento, 1983, e também *Zen and Confucius in the Art of Swordsmanship*, trabalho de Chozan Shissai (1729), traduzido e editado por Reinhard Kammer e publicado em Londres por Routledge & Kegan Paul em 1978.

⁸ Tema desenvolvido em nosso livro citado na nota 2.

INTRODUÇÃO

Da espada ao pincel, a iluminação do perfeito samurai

JOSÉ YAMASHIRO

Segundo suas próprias palavras, Miyamoto Musashi nasceu no ano de 1584, na então província de Harima, atual *Hyôgo-ken* (província de Hyôgo). Seu pai chamava-se Shinmen Munisai Takehito, motivo pelo qual Musashi assinou este livro como Shinmen Musashi. Seu sobrenome mais conhecido, Miyamoto, vem da família materna. Musashi usava ainda o pseudônimo de Niten, cujo significado é Dois Céus, ou Duplo Céu – Niten Dôraku era seu nome budista.

Os estudiosos de sua obra dizem que sua vida é apenas parcialmente conhecida, apresentando fases obscuras e um longo período de cerca de duas décadas, dos 31 aos 50 anos de idade, inteiramente envolto em mistério.

Sabe-se que desde criança se interessou vivamente pela arte da esgrima, o *kenjutsu*, da qual se tornou um dos mais célebres mestres de toda a história do Japão.

Musashi é o criador da chamada Escola *Nitô* – *Nitô-ryû*, ou *Nitô-Ichi-ryû*, que quer dizer Escola de Duas Espadas –, também conhecida por *Ichi-ryû* e por *Niten-Ichi-ryû*, esta última denominação derivada de seu pseudônimo. A escola caracteriza-se pelo uso simultâneo de duas espadas nos combates, a longa e a curta.

Musashi enfrentou seu primeiro duelo aos 13 anos, conforme narra no *Gorin no Sho*. Desde então, até os 29 ou 30 anos, buscando aperfeiçoar sua arte, levou vida aventureira de *rônin* – samurai sem suserano que, por não estar ligado a nenhum feudo, perambulava pelo país ao sabor de duelos e trabalhos esporádicos [daí os sentidos de “vagabundo” e “larápio”, algumas

vezes atribuídos à palavra]. Não perdeu nenhum dos mais de sessenta combates que travou. Por vezes, lutava com uma espada de madeira ou pedaço de pau, sendo muito conhecido o episódio de seu duelo com Sasaki Kojirô, quando improvisou uma espada de madeira com o remo de seu barco.

Em 1600, Miyamoto Musashi participou das forças aliadas do clã Toyotomi na decisiva Batalha de Sekigahara.⁹ Não se tem certeza de sua presença no sítio ao castelo de Osaka – batalha que, decidida em 1615, liquidou as forças remanescentes do clã Toyotomi –, embora o fato conste de algumas histórias relacionadas com sua vida. É mais ou menos nessa época que começa a parte misteriosa de sua existência. Daí até 1634, não existe registro do que ele fez ou de por onde andou. Supõe-se que tenha prosseguido em sua peregrinação de samurai errante para aperfeiçoamento do *kenjutsu* por muitas regiões do país.

Musashi não se casou, mas adotou um filho, a quem deu o nome de Miyamoto Iori. Ambos aparecem em 1634 no feudo de Kokura, norte de Kyûshû, onde Iori ingressa no serviço do *daimiô* Ogasawara e faz carreira na hierarquia administrativa do território.

Na Revolta de Shimabara,¹⁰ pai e filho adotivo lutam lado a lado, integrando as forças do suserano de Kokura contra os camponeses rebeldes. A valorosa atuação de Musashi nos combates foi testemunhada por um alto funcionário do feudo de Higo, atual *Kumamoto-ken*, que relatou o fato a seu senhor, Hosokawa Tadatoshi. Devido a essa circunstância, Musashi foi convidado por Tadatoshi, em 1640, para a função de mestre de esgrima no castelo de Kumamoto. Musashi serviu Tadatoshi não como vassalo, mas na condição de convidado especial. Os dois se entendem bem, com estima e respeito mútuos.

No ano seguinte, a pedido de Tadatoshi, Musashi escreveu um pequeno tratado – mais um memorando – sobre sua arte, a que deu o título de *Heihô Sanjû go-jô*, em português, *Os 35 artigos sobre a arte*

militar,¹¹ no qual expõe as noções básicas da arte da espada e o preparo espiritual indispensável ao samurai.

Mas Hosokawa Tadatoshi falece um mês depois de receber o trabalho, aos 54 anos, para profunda consternação de Musashi. Mitsunao, filho e sucessor de Tadatoshi, também dispensa tratamento de especial deferência e simpatia ao velho mestre da esgrima. Este, que já estava doente por ocasião da morte de Tadatoshi, viu agravar-se sua moléstia nos anos seguintes. Nessa época, então, passa a residir na caverna Reigandô e começa a frequentar o mosteiro Ungen, da seita Soto, ligada à corrente zen-budista. O mosteiro fica na frente da caverna Reigandô, no monte Iwato, que pertence à cadeia de montanhas Kinbô, cerca de 12 quilômetros a oeste do castelo de Kumamoto.

Na caverna, desprovida de qualquer conforto material, Musashi entrega-se a rigorosos exercícios espirituais sob a orientação de dois monges. De acordo com seu pensamento de que o verdadeiro samurai deve conhecer e praticar outras artes, além da militar, passa a aperfeiçoar-se em caligrafia – *shôdô* –, pintura, escultura de imagens do Buda, cerimônia do chá e poesia. Na pintura, destacou-se no gênero *suibokuga*, que trabalha com tinta nanquim, produzindo belos quadros com pinceladas arrojadas e incisivas. Simultaneamente, continuou a ministrar lições de esgrima a alguns poucos discípulos.

“Reverenciar os deuses e Buda, mas não contar com sua proteção”, esse era um de seus lemas. Confiava em sua capacidade, no trabalho e no esforço próprios. Ao final de uma atribulada existência, Musashi encontrou naquela caverna isolada na montanha ambiente propício a suas reflexões sobre a vida e a arte militar.

Ao ver a moléstia que o afligia agravar-se e sentindo aproximar-se o fim, o mestre entregou o original do *Gorin no Sho* a seu discípulo predileto, Terao Magonojô. Morreu de câncer no dia 19 de maio de 1645,

aos 61 anos. Em obediência à sua última vontade, foi enterrado com armadura completa.

A época em que viveu Musashi foi de enorme importância na história do Japão. Com a consolidação do xogunato Tokugawa, que durou de 1603 a 1867, o país ingressou num longo período de paz interna e quase total isolamento internacional.

Os estrangeiros foram expulsos – à exceção dos holandeses, que conseguiram licença do xogun para manter sua feitoria na ilha de Dejima – e, entre eles, os que mais sofreram foram os portugueses, pioneiros no estabelecimento de relações comerciais e na obra de cristianização dos japoneses.

A presença holandesa no Japão corresponde, aliás, a profundas mudanças geopolíticas na Europa, onde se registra o declínio de Portugal e Espanha como potências marítimas. É também nesse período que ocorre a invasão holandesa no Nordeste do Brasil (1630-1654).

É tendo como pano de fundo o fim das guerras entre clãs que Miyamoto Musashi muitas vezes investe contra as escolas de esgrima de seu tempo, acusando-as de ensinar floreios aos discípulos, e não a arte de vencer o inimigo em combates reais.

As façanhas marciais de Musashi são ainda hoje celebradas no teatro *kabuki*, no cinema, em livros de ficção e de ensaios. Aliás, a partir do romance *Miyamoto Musashi*,¹² de autoria do popular escritor Yoshikawa Eiji (1892-1962), que foi um grande *bestseller* no Japão na década de 1930 e no pós-guerra, a popularidade do exímio mestre da esgrima cresceu de modo extraordinário. O entusiasmo em torno do guerreiro levou a um renovado interesse por seu legado espiritual: a filosofia e a arte de vencer sempre, contidas no *Gorin no Sho*.

Foi assim que O *livro dos cinco elementos* se tornou um *bestseller* mundial, elevado à categoria de leitura obrigatória tanto de aguerridos

executivos ocidentais quanto de homens e mulheres em busca dos caminhos da iluminação interior e da sabedoria.

Na concepção budista do cosmos, os cinco elementos – *Gorin* – são a terra, a água, o fogo, o vento e o vácuo. Entretanto, segundo a explicação de seu ilustre exegeta, o professor Watanabe Ichiro, embora o livro esteja organizado em cinco capítulos com denominações retiradas daqueles cinco elementos da cosmovisão budista, seu conteúdo apresenta pouca relação com as ideias budistas. Em todos os capítulos, Musashi desenvolve sua peculiar concepção da arte militar, proclamando as vantagens da Escola *Nitô*, por ele criada.

O *Gorin no Sho* resultou da ampliação e da complementação do memorando *Os 35 artigos da arte militar*, já referido. É preciso lembrar que essa obra foi escrita, por assim dizer, no leito de morte do autor, que não teve tempo de revisar e corrigir os originais, razão por que “se observam pontos confusos e repetições frequentes”, conforme a abalizada opinião do professor Watanabe.

Os mandamentos – *michi* em japonês, geralmente traduzido pela palavra *caminho* – expostos no *Gorin no Sho* sintetizam toda a sabedoria de vencer na arte da esgrima e na vida de um singular samurai que, depois de atingir a quintessência da arte da espada, decidiu recolher-se a uma caverna para se entregar à meditação. Ao buscar a perfeição nas belas artes e nas letras, realiza o supremo ideal de sua classe: o *Bunbu Ryôdô*, a pena e a espada – artes literárias e militares, ou virtudes civis e marciais.

A edição do *Gorin no Sho* da Editora Iwanami de Tóquio, a partir da qual foi feita a presente tradução para o idioma português, baseia-se na cópia conservada na biblioteca da família Hosokawa, que durante o período Tokugawa governou o feudo de Higo. Essa cópia foi originariamente cedida em 1667 – passados 22 anos da morte de Musashi – por Terao Magonojô ao seu discípulo Yamamoto Gensuke. Esta a razão por que figuram os nomes de Terao e Yamamoto no final de cada capítulo,

no qual o autor assina Shinmen Musashi. Na tradução, citamos apenas o nome de Terao no fecho da obra.

O professor Watanabe Ichiro, ao explicar e comentar o *Gorin no Sho*, informa que o manuscrito de Musashi desapareceu. Conclui-se daí que o trabalho entregue por Terao Magonojô a Yamamoto Gensuke era uma cópia do original de Miyamoto Musashi. Nas denominadas “edições populares” existem diferenças de conteúdo e forma.

NOTAS EXPLICATIVAS

Nesta tradução, os nomes próprios nipônicos foram escritos como no original, isto é, primeiro o sobrenome e depois o prenome: Miyamoto Musashi, Hosokawa Tadatoshi, Terao Magonojô etc.

Tachi, a espada predileta do samurai, está aqui traduzida por espada longa. Não obstante certa restrição que se faz ao uso dessa expressão, por parecer redundante o qualificativo, decidimos empregá-la a fim de fazer a necessária distinção entre outros tipos de espada.

Na transliteração de vocábulos japoneses, procuramos seguir o tradicional Sistema Hepburn.

Combate de exércitos. A palavra “exército” foi empregada na expressão para facilitar a compreensão do leitor. No original, aparece como “homens numerosos”, “muitas pessoas”, “multidão”. Refere-se a grupos de combatentes de proporções indefinidas.

9 Batalha travada entre as forças comandadas por Tokugawa Ieyasu (1542-1616) de um lado e, de outro, os exércitos partidários de Toyotomi Hideyori (1593-1615), filho de Hideyoshi (1536-1598). O confronto resultou na grande vitória que consolidou a posição de Ieyasu como senhor de todo o Japão. Em 1603, ele é nomeado xogun pelo imperador, fundando o xogunato Tokugawa, que dura até 1867 (Restauração Meiji).

10 Rebelião de camponeses da península de Shimabara e da ilha de Amakusa em Kyûshû, aliados aos cristãos perseguidos pelo regime Tokugawa e pelos *rônin*, antigos partidários dos Toyotomi. A rebelião, que durou de 1637 a 1638, teve como causa principal a política tributária opressiva dos senhores feudais da região imposta à classe camponesa.

11 A palavra *heihô*, formada por dois caracteres, pode também ser lida *hyôhō*, mudando então o sentido para arte da espada, esgrima. Nesse caso, o título seria “Os 35 artigos sobre a esgrima”.

12 Nota da Editora: Esse livro foi publicado em português com o título *Musashi*, em três volumes, em 2008, pela editora Estação Liberdade, com tradução de Leiko Gotoda, e também no Brasil foi sucesso de vendas. Várias edições de *Gorin no Sho* com textos vertidos do inglês já circulavam no país, inspirando o lançamento de outros trabalhos dedicados ao espadachim, como *O samurai – A vida de Miyamoto Musashi*, de William Scott Wilson (Estação Liberdade, 2006), e a série em quadrinhos mangá *Vagabond – A história de Musashi*, de Takehiko Inoue (Conrad, 2005-2007).

AGRADECIMENTOS

Dada a natural dificuldade do trabalho de traduzir uma obra escrita na primeira metade do século XVII por um genial samurai – considerado heterodoxo pelos mestres e lutadores de *kenjutsu* seus contemporâneos –, solicitei e obtive orientação e ajuda valiosíssimas de mestres e amigos na árdua tarefa de verter o *Gorin no Sho* para o idioma português. Registro aqui os meus mais profundos agradecimentos às seguintes pessoas:

- Professor doutor Kensuke Tamai, ex-diretor do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo. Tamai, depois de lecionar na Universidade de Princeton, em 1989, retornou ao Japão. Enviou-me de Tóquio cópia de vários trechos de enciclopédias e dicionários histórico-biográficos que muito contribuíram para a compreensão de Musashi e de sua obra. E ainda cedeu-me um exemplar de *Miyamoto Musashi to Nipponjin* (“Miyamoto Musashi e os japoneses”) de sua biblioteca particular. Trata-se de uma análise crítica do famoso romance de Eiji Yoshikawa, citado na Introdução. De autoria do professor Takeo Kuwabara (Editora Kodansha, 1964), a obra baseia-se em ampla pesquisa realizada entre leitores sobre o conteúdo do trabalho literário. Embora de modo indireto, o livro ajuda a compreender por que o grande e invencível mestre da esgrima e espadachim Miyamoto Musashi alcançou tamanha notoriedade.

Já na fase de redação do texto final, o professor Tamai me enviou outro valiosíssimo livro: *Gorin no Sho*, com tradução completa e notas explicativas do professor Kamata Shigeo sobre o trabalho de passar o

original de Musashi para o japonês contemporâneo. Mesmo convalescendo de uma delicada intervenção cirúrgica, o professor Tamai realizou exaustivo trabalho de pesquisa em catálogos de editoras até encontrar esse volume – sem dúvida, ajuda inestimável de um homem extremamente culto e de intensa vivência cosmopolita, sempre disposto a estimular a divulgação da cultura japonesa.

Infelizmente, o professor Tamai faleceu em dezembro de 1990, na cidade de Tóquio. Ainda no mês de setembro do mesmo ano, pude visitar o mestre em sua residência e agradecer-lhe a valiosa orientação. Presto aqui minha homenagem à sua memória.

- Katsunori Wakisaka, estudioso das culturas brasileira e japonesa, diretor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Prestou-me colaboração de enorme valor ao cotejar a tradução com o original do *Gorin no Sho*, o que resultou numa versão final mais aprimorada. Um trabalho somente exequível por alguém que, como ele, é conhecedor seguro dos dois idiomas – o japonês e o português.

- Professor Watanabe Ichiro. Tenho para com o exegeta do *Gorin no Sho* uma imensa dívida: sem suas notas explicativas constantes da edição Iwanami Shoten, jamais poderia eu cumprir a incumbência de traduzir para o vernáculo a obra de Musashi. Nascido em 1913, o professor Watanabe formou-se pelo Departamento de História da Universidade de Tóquio. É catedrático da Universidade de Educação de Tóquio e autor de obras sobre a história do Japão moderno. A ele, meus agradecimentos especiais.

- Professor Benedicto Ferri de Barros. Esse amigo e mestre da Academia Paulista de Letras teve a gentileza de proceder à leitura do texto final. Suas observações e sugestões foram de enorme valia para tornar mais claras certas expressões, principalmente aquelas referentes à espada e a outras armas, bem como a seu uso pelos samurais. Ferri de

Barros – espírito aberto a todas as portas do conhecimento humano – é profundo conhecedor do *nippon-tô*, espada japonesa, e autor de substanciosos livros sobre o Japão. Além disso, brindou-me com um prefácio, na condição de profundo conhecedor da cultura japonesa.

Devo ainda estímulo, subsídios e sugestões a outros amigos, como Kikuo Furuno, professor aposentado da Universidade de Línguas Estrangeiras de Kyoto; Jorge Midorikawa, de Tóquio, o primeiro jornalista japonês a escrever em português no Brasil, no começo da década de 1930, no *Nippak Shimbun*, que tinha uma página editada na língua de Camões, a quem sucedi em 1936, passando a ser encarregado dessa página; e professor George Guimarães, de São Paulo, um zeloso mestre das artes marciais.

1

TERRA

Treinei e adestrei-me anos a fio nos mandamentos da arte militar da escola chamada *Niten-Ichi*.¹³ Pela primeira vez, resolvi escrever um livro, por volta dos primeiros dias do mês de outubro do ano 20 da Era Kan-ei (1643). Subi ao monte Iwato, na terra de Higo, ilha de Kyûshû, e rendi homenagem aos céus, reverenciei a deusa Kannon e me inclinei diante de Buda. Sou o samurai Shinmen Musashi Fujiwara no Genshin, natural da província de Harima, com idade de 60 anos.

Desde a juventude, me interessei pelos mandamentos da arte militar. Enfrentei e venci no primeiro duelo, aos 13 anos, o esgrimista Arima Kihei, da Escola *Shintô*. E, aos 16 anos, derrotei outro grande mestre da arte militar, de nome Akiyama, da província de Tajima.¹⁴ Aos 21 anos, fui para a Metrópole – Kyoto –, onde me bati em duelo com os mais notáveis mestres de esgrima da nação, vencendo-os todos.¹⁵

Depois, percorrendo muitas províncias e localidades, enfrentei mestres da arte militar de diferentes escolas, saindo vitorioso em mais de sessenta combates. Isso tudo aconteceu dos 13 aos 28 ou 29 anos de idade.¹⁶ Ao passar dos 30 anos, resolvi fazer uma reflexão sobre o meu passado. Não venci apenas pela extrema perfeição da minha arte militar. Talvez dotado de inclinação nata para a arte militar, eu tenha aliado esse talento à obediência às leis naturais. Ou, quem sabe, as deficiências encontradas em outras escolas tenham servido de ponto de apoio para o aprimoramento de minha arte. O certo é que, depois dessa idade, prossegui nos meus esforços e treinamentos diários em busca da verdade mais profunda. Como era de

esperar, por volta dos 50 anos, acabei encontrando a essência dos mandamentos da arte militar.

Desde então, não passo um dia sequer sem ter um mandamento a perquirir. Guiado pela profunda verdade desses mandamentos, procuro aplicá-los em todas as atividades às quais me dedico,¹⁷ dispensando mestres em tudo.

Ao escrever este livro, não recorri aos termos arcaicos do budismo ou do confucionismo nem tampouco a antigas crônicas de guerra ou a obsoletas estratégias militares. Quero exprimir o pensamento e o verdadeiro espírito da Escola *Ichì*, tendo como espelho a providência divina e Kannon. Assim, começo a escrever às 4 horas e 30 minutos do dia 10 de outubro.

A arte militar constitui a lei da classe dos samurais. Os oficiais comandantes devem praticá-la de modo específico, mas, mesmo o soldado raso precisa conhecer os seus mandamentos igualmente.

No mundo atual, todavia, inexistem samurai conhecedor seguro dos mandamentos da arte militar. Conhecem-se muitos mandamentos ou preceitos: os que conduzem à salvação pelo budismo; ao aprendizado das letras através do confucionismo; ao tratamento e à cura de moléstias, utilizados pelos médicos; ou ainda à assimilação das regras de *waka* (poesia clássica do Japão), pelos poetas; à arte da cerimônia do chá; ao ofício do arqueiro; entre outras artes e habilidades – todas com treinamento de acordo com a índole e o gosto de cada um. São raros, porém, aqueles que procuram conhecer os mandamentos da arte militar.

Inicialmente, o samurai deve seguir o caminho das letras, ao lado das artes marciais – *Bunbu Nidô*.¹⁸ Seus mandamentos consistem em conhecer e saber apreciar os dois caminhos.

Ainda que não alcance grande progresso nessas duas áreas, o samurai poderá, de acordo com sua posição hierárquica, fazer o possível para seguir as leis do guerreiro. Ao fazer uma análise do modo de pensar dos samurais,

percebo que, em geral, eles se apegam aos mandamentos da aceitação da morte com calma resolução.

Não só o samurai, como também o sacerdote budista, as mulheres, ou mesmo o camponês e a gente de categoria inferior a ele, todos devem conhecer o sentido de obrigação,¹⁹ refletir sobre a vergonha e morrer de maneira honrosa – no que não há diferença entre eles e os samurais. Ao praticar os mandamentos da arte militar, o samurai deve ter por princípio superar em tudo a todos os demais, vencendo em duelo individual ou em combate com vários adversários. Assim, poderá alcançar fama e progredir na vida, em prol de seu suserano e de si próprio. Graças às virtudes da arte militar, é possível obter tudo. Entretanto, existem aqueles que, embora tendo aprendido os mandamentos da arte militar, não sabem pô-los em prática no momento do combate real. Por isso, é preciso ensinar de tal maneira que a arte da luta possa ser aplicada em todos os casos, em qualquer circunstância.

Eis os verdadeiros mandamentos da arte militar.

A ARTE MILITAR

Tanto na China como no Japão, aqueles que praticam os mandamentos da arte militar são chamados tradicionalmente de “mestres da arte militar”. O samurai jamais deve deixar de estudá-los. Ultimamente, há pessoas que vivem se proclamando mestres da arte militar, mas, na verdade, não passam de meros espadachins. Sacerdotes xintoístas de Kashima e Katori, da província de Hitachi,²⁰ como se inspirados por suas divindades, fundaram escolas de artes marciais e passaram a percorrer províncias para ministrar aulas aos homens.

Desde a antiguidade, entre as chamadas Dez Disciplinas e Sete Artes, incluem-se os “métodos de obter vantagens” na arte militar. Tais vantagens de uma arte superficial de esgrima não conduzem à verdadeira arte da esgrima. Muito menos à arte militar.

Ao observar com atenção a sociedade atual, encontramos aqueles que comercializam as artes mais diversas. Para tanto, apresentam-se como se eles próprios fossem o objeto da venda, munindo-se de variados equipamentos. Tal espírito pode ser comparado à flor e ao fruto: dá-se mais valor à flor do que ao fruto. Isso acontece particularmente na arte militar, cujos mandamentos – enfeitados, floreados – são exibidos sob a aparência de técnica superior. Com isso, reduz-se o vasto conhecimento da arte militar a uma ou duas academias de artes marciais, *dôjô*, com o único objetivo de obter vantagens. Isso nos faz lembrar o que alguém disse certa vez: “Artes marciais mal aprendidas são causadoras de grandes malefícios”. Eis uma grande verdade.

Para a sobrevivência humana, existem mandamentos para as quatro classes.²¹

- **Mandamentos do lavrador.** Munindo-se dos vários instrumentos necessários às suas atividades, o lavrador observa com atenção os movimentos da natureza – como as mudanças de estações – para tirar melhor proveito da terra. Essa é a sua vida, sempre ocupada. E esses são os mandamentos do lavrador.
- **Mandamentos do mercador.** O fabricante de saquê adquire os utensílios apropriados e retira de seu trabalho maior ou menor proveito. Vive do fruto de sua produção e dos lucros que obtém. São esses os mandamentos do mercador.
- **Mandamentos do samurai.** Ao dispor de toda sorte de armas e equipamentos, deve o samurai conhecer todas as suas características. Eis os mandamentos da arte samuraica. No entanto, aqueles que ignoram as qualidades dos seus instrumentos militares e desconhecem suas vantagens não estarão negligenciando os treinos diários²² e caindo no desleixo?

- **Mandamentos do artesão** (tendo como protótipo o carpinteiro). Os mandamentos do carpinteiro²³ consistem em preparar com habilidade os mais variados utensílios e instrumentos, bem como aprender a utilizá-los com perícia, verificar com o esquadro a exatidão das medidas. Essa é a sua vida, que ele dedica ao esforço de sempre exercer com perfeição o seu ofício.

Temos aí os quatro diferentes caminhos de vida: do samurai, do lavrador, do artesão e do mercador.

Vamos agora mostrar os mandamentos da arte militar, fazendo um paralelo com os do carpinteiro. Para isso, tomaremos como exemplo uma casa e tudo o que a ela se associa. Tanto podem ser casas da nobreza da corte imperial, de samurais, das Quatro Famílias²⁴ quanto ruínas de casas, bem como seus aspectos – assim, a durabilidade, os tipos arquitetônicos, seus estilos, suas tradições. Tudo considerado, decidi comparar a arte militar aos mandamentos do carpinteiro. O termo “carpinteiro”, *daiku*, significa grande planejador – no *kanji* –, razão por que comparo os mandamentos da arte militar aos da profissão de carpinteiro. Se alguém desejar aprender a arte militar, deve meditar sobre o que está escrito neste livro. O discípulo precisa se dedicar a incessantes treinamentos e prestar obediência ao mestre, sendo este a agulha e aquele a linha.

COMPARAÇÃO ENTRE OS MANDAMENTOS DA ARTE MILITAR E OS DO CARPINTEIRO

Enquanto o general comandante deve conhecer as leis que governam o país, verificar as leis das províncias, conhecer as normas dos clãs, o mestre-carpinteiro deve saber as medidas exatas dos templos e pavilhões, os projetos de palácios e torres, empregar homens para construir casas.

Existe, portanto, um ponto de confluência entre o chefe dos carpinteiros e o comandante dos samurais.

Na construção de uma casa, é necessário distribuir o madeirame de modo adequado, escolhendo a madeira sem nós, retilínea, de melhor aspecto, para servir de pilares da fachada da casa. Aquela que apresenta nós, mas que é reta e resistente, pode ser aproveitada para a parte dos fundos. Para as soleiras, dintéis, portas e *shôji* – porta de papel, gradeada e corrediça –, pode-se utilizar a madeira mais frágil, mas que tenha bom aspecto e seja sem nós. E até mesmo as peças com nós e que apresentem curvaturas – ainda que sejam usadas –, se forem fortes, podem ser colocadas em pontos de sustentação da casa. Dessa forma, a construção durará muito tempo, sendo difícil destruí-la.

Por outro lado, madeiras com muitos nós, tortas e fracas devem ser usadas apenas nos pisos e, posteriormente, utilizadas como lenha.

Ao empregar carpinteiros, o mestre precisa conhecer a capacidade de cada um, que pode ser excelente, média ou inferior, utilizando o trabalho deles em diferentes atividades, como na feitura de *tokonoma*,²⁵ de porta corrediça, soleira, dintel, na confecção do teto e de outras partes, aproveitando a habilidade individual. Os menos habilidosos podem ser empregados na colocação de travessas; os ainda piores, em aplinar cunhas.

Prestar atenção às mínimas coisas, na proficiência de cada um e até nos aspectos mais fugazes do trabalho, saber como empregar, conhecer o grau de vontade de fazer, estimular, reconhecer os limites de capacidade de cada homem – tudo isso deve ter em mente o mestre-carpinteiro. Em suma, sabendo utilizar adequadamente os homens, tudo correrá bem, alcançando-se os melhores resultados.

As vantagens dos mandamentos da arte do carpinteiro são análogas às vantagens dos mandamentos da arte militar.

Os soldados são como os carpinteiros. Estes afiam a ferramenta, preparam os instrumentos de trabalho, transportam-nos em caixa apropriada, recebem as ordens do mestre-carpinteiro. Aplainam colunas e vigas com a enxó, alisam soalhos e prateleiras com a plaina, gravam e esculpem, conferem as medidas com rigor, dando acabamento fino até mesmo ao longo corredor externo da biblioteca. Eis as normas dos carpinteiros. Se têm pleno domínio das técnicas e primam pela excelência em seu ofício, executando com exatidão as medidas, tornar-se-ão posteriormente mestres-carpinteiros.

No aperfeiçoamento da artesanaria de carpinteiro, é importante ter ferramentas que cortem bem, afiando-as nos intervalos do trabalho. Com instrumentos adequados, pode-se fazer com perícia prateleiras *mizushi* – onde guardar utensílios domésticos, pinturas ou caligrafias artísticas –, estantes, mesas, lanternas de papel, *manaita* – tábua de cozinha – e até tampas de painéis, alcançando na feitura desses objetos um resultado impecável.

Todo esse assunto aqui tratado deve ser examinado com a máxima atenção.

Com as devidas adaptações nos pormenores, o soldado deve cumprir sua missão com o mesmo rigor do carpinteiro.

Procure refletir sobre o que há de semelhante entre os mandamentos de um e de outro.

Na formação do carpinteiro, é essencial a diligência para não errar na colocação de juntas, assim como ter cuidado no trato com a madeira, que, ao ser alisada com a plaina, não deve ser escoriada nem entortada.

Se o leitor aspira a aprender esses mandamentos, é preciso que preste atenção a todo o conteúdo escrito neste livro e que medite.

OS CINCO CAPÍTULOS DESTE LIVRO SOBRE A ARTE MILITAR

Ao escrever esta obra, procurei dividi-la em cinco capítulos, correspondentes a Terra, Água, Fogo, Vento e Vácuo,²⁶ a fim de expor as peculiaridades de cada um, bem como suas vantagens.

No Capítulo da Terra, expus em linhas gerais os mandamentos da arte militar e a razão de ser da minha Escola *Ichì*. É muito difícil alcançar os verdadeiros mandamentos apenas através da arte da esgrima, o *kenjutsu*. É preciso conhecer desde o conjunto até os detalhes mais sutis, partindo do superficial para o profundo, procurando atingir o imo das coisas. Como se estivesse consolidando as bases estruturais de uma estrada reta, dei ao primeiro capítulo o nome de Terra – o começo da obra.

No segundo capítulo, Água, tomo como base esse elemento que evoca no espírito humano a limpidez de sua imagem. Em seu estado líquido, a água toma de imediato a forma do seu recipiente, seja ele quadrado ou redondo, e torna-se uma gota ou um oceano. A sua tonalidade é o azul mais puro. Aproveito a limpidez da água para escrever esse capítulo sobre a Escola *Ichì*.

Uma vez dominados os princípios da arte de esgrimir e vencer, é possível derrotar qualquer adversário – não importa quem ele seja. Os mesmos princípios que permitem vencer um só homem podem ser aplicados à luta contra milhares e dezenas de milhares de inimigos. A tática militar de um comandante – que consiste em aplicar as regras das pequenas unidades às grandes unidades – é como esculpir a estátua em grandes dimensões de Buda a partir de uma miniatura. É difícil explicar em detalhes como se faz tudo isso. O princípio da arte militar tem como meta conhecer a unidade de uma coisa e, a partir de então, entender dez mil. Assim, em linhas gerais, procuro fazer com que o leitor possa entender a essência da Escola *Ichì* no capítulo intitulado Água.

No terceiro capítulo, denominado Fogo, tenho como objetivo tratar dos combates. O fogo pode ser grande ou pequeno, mas dispõe sempre de extraordinária força de transformação. O mesmo sucede com as batalhas,

cujos mandamentos são iguais tanto no combate de um contra um como nos confrontos de exércitos de dez mil homens de cada lado. Qualquer situação precisa ser considerada tanto sob a óptica do conjunto (o grande) quanto dos pormenores (o pequeno). Apreende-se o conjunto facilmente, enquanto os detalhes só podem ser percebidos por um olho muito atento. Dependendo das circunstâncias, é impossível mudar repentinamente uma estratégia que envolve um contingente numeroso, ao passo que uma só pessoa pode tomar de súbito a decisão de mudar alguma coisa, porquanto depende de um só espírito. Nesse caso, porém, é difícil perceber os pormenores. Deve-se, pois, fazer um exame crítico da situação.

No capítulo do Fogo está exposto, de maneira implícita, que no duelo individual a vitória ou a derrota acontece com muita violência e rapidez, razão por que se exige treinamento constante, dia após dia, a fim de que haja o devido preparo para enfrentar de pronto qualquer emergência. Eis o ponto vital da arte militar e o motivo pelo qual escrevo sobre combates, vitória e derrota no capítulo do Fogo.

No capítulo quarto, Vento, não abordo a minha Escola *Ichì*, mas trato de outras escolas existentes. Ao mencionar o vento, faço referência tanto ao estilo antigo quanto ao estilo atual, assim como ao das diferentes famílias etc. Descrevo com clareza a arte militar e os feitos das demais escolas. Daí a razão de eu ter escolhido o título Vento.²⁷

Sem conhecer bem os outros, é difícil conhecer a nós mesmos. No percurso de nossas vidas, encontramos sempre espíritos heréticos, que geram confusão. Mesmo procurando cumprir com diligência os mandamentos, se o espírito se afastar da essência da verdade, não estará seguindo corretamente os mandamentos, embora o corpo acredite estar. Se não houver obediência estrita aos verdadeiros mandamentos, mesmo um pequeno desvio espiritual resultará, posteriormente, em grande distorção.

É preciso refletir com muita clareza.

Existem escolas que consideram a arte da esgrima a única arte militar. Trata-se, porém, de um equívoco. Segundo os princípios e as técnicas da nossa arte militar, a esgrima ocupa lugar de destaque, mas não é a única.

Assim sendo, no capítulo do Vento, exponho as características de outras escolas a fim de dá-las a conhecer.

Já que falo do Vácuo no capítulo quinto, cabe indagar o que é o começo e o que é o fim. Desde que se adquire determinado conhecimento ou teoria, é preciso desprender-se dele: conquistar a razão e dele afastar-se. Nos mandamentos da arte militar, encontro minha liberdade e consigo um poder superior ao dos outros. Chegado o momento propício, conheço o ritmo. Essa é a única maneira de alcançar o estágio espiritual no qual é possível esquecer que se tem uma espada na mão, e a espada não sente a mão. Eis no que consistem os mandamentos do Vácuo. No capítulo do Vácuo, faço referência à minha experiência pessoal e a como ocorreu a minha integração nos mandamentos da verdade.

O NOME DA ESCOLA NITÔ

Na classe dos samurais, tanto os comandantes quanto os soldados andam com duas espadas à cintura, razão do nome Escola *Nitô*, ou das duas espadas. Outrora, estas eram chamadas de *tachi*, espada longa, e de *katana*, espada. Hoje em dia, são conhecidas como *katana* e *wakizashi* (espada curta, que, na tradução literal, significa “portada à ilharga”). Não há necessidade de dizer que todo samurai carrega duas espadas. Em nosso país, faz parte dos mandamentos de samurai trazê-las à cintura – ainda que não se saiba mais por quê.

Dei à minha escola o nome de *Nitô-Ichi-ryû* (“Escola Ichi de Duas Espadas”), justamente para mostrar as vantagens do uso de duas espadas. Além da lança e da *naginata*, alabarda, figuram outras armas chamadas marginais ou complementares à espada.²⁸

Segundo os preceitos da Escola *Ichii*, o principiante precisa treinar com a espada longa e a espada curta nas duas mãos – já que o correto manejo das duas espadas constitui sua principal característica.

No caso de sacrificar a vida em luta, é desejável usar todas as armas à nossa disposição. É contrário aos nossos princípios morrer sem utilizar as armas da cintura. Entretanto, tendo as espadas nas duas mãos, é quase impossível movimentá-las para a direita e para a esquerda com desenvoltura. Por isso, é necessário treinar o uso da espada longa com uma só mão.

Excluindo a lança, a *naginata* e outras armas maiores, tanto a *katana* quanto a *wakizashi* são armas usadas com uma das mãos apenas. É difícil empunhar as duas espadas quando se está a cavalo ou em corridas aceleradas, em regiões pantanosas, em arrozais lamacentos, em trechos pedregosos, em subidas íngremes, ou, ainda, no meio da multidão. Se o guerreiro porta na mão esquerda arco, lança ou outra arma, deve empunhar a espada longa na mão direita. Nesses casos, segurar a espada longa com ambas as mãos não está de acordo com os nossos mandamentos.²⁹ Na eventualidade de ser impossível abater o adversário com uma espada, então, devem ser usadas as duas.

Essa forma de aprendizado não deve ser encarada como perda de tempo. Primeiramente, é necessário aprender a brandir a espada longa com uma das mãos. Na nossa escola, mesmo tendo uma espada em cada mão, primeiro deve-se aprender a manejar bem com uma só arma. Na fase inicial de treinamento, qualquer aprendiz acha pesada a espada longa e acha difícil brandi-la.

Mas lembro ao iniciante que tudo é difícil no começo: seja esticar a corda de um arco, seja brandir uma *naginata*. Contudo, depois de estarmos familiarizados, o arco se torna poderoso, e a própria espada longa, após o devido treinamento, se torna de fácil manejo, desde que se leve em conta a força dos mandamentos. Nos mandamentos da espada

longa, o manejo rápido não é essencial, como se saberá no Capítulo da Água. A verdadeira orientação dos mandamentos da espada longa consiste em usá-la quando se dispõe de espaço amplo, deixando a espada curta para os espaços exíguos.

Segundo os mandamentos da Escola *Nit ô-Ichi*, deve-se conquistar a vitória tanto com a espada longa como com a curta. O importante é vencer, seja qual for o comprimento da arma. É mais vantajoso usar duas espadas do que uma no caso de enfrentar sozinho muitos adversários ou quando o inimigo está confinado em pequeno espaço, como no interior de uma casa. Não exporei todos os pormenores aqui. Ao leitor cabe entender, a partir de um caso, dez mil outros. Quando tiver dominado os mandamentos da arte militar, nada escapará à sua percepção.

É preciso examinar e apreciar tudo isso.

CONHECER AS VANTAGENS DA EXPRESSÃO “ARTE MILITAR”

Segundo os mandamentos, aquele que consegue manipular com destreza uma espada longa é tradicionalmente considerado mestre em arte militar. Os peritos das diferentes modalidades das artes marciais também recebem denominações próprias: aquele que atira bem com arco é chamado de arqueiro; o espingardeiro é o que sabe manejar bem a espingarda; o que domina o segredo da lança é lanceiro; e o que luta com alabarda, *naginata*, chama-se alabardeiro. No entanto, os conhecedores dos mandamentos da espada longa ou da curta não são chamados de espadeiros de espada longa ou curta. Por outro lado, o arco, a espingarda, a lança, a *naginata* são todas armas de samurai e constam dos mandamentos da arte militar. Mas só a arte de lutar com a espada longa recebe a denominação especial de arte militar – *heihô* – e com justas razões.³⁰ É que com as virtudes morais da espada longa³¹ é possível governar o país,

educar-se a si próprio. Um único homem pode vencer dez, da mesma maneira que cem podem triunfar sobre mil e mil derrotar dez mil.

Na arte militar da Escola *Ichii*, tanto uma quanto dez mil pessoas têm a mesma importância: numa única pessoa estão contidas todas as leis do samurai.

Nos mandamentos do samurai, não estão incluídos os confucionistas, os budistas, os atores de *kabuki*, os professores de etiqueta, os atores de teatro *noh*. No entanto, mesmo trilhando um caminho diferente, se se aprofundarem os conhecimentos, é possível chegar a compreendê-los. O importante é que o homem busque o aperfeiçoamento na sua área de atividade.

CONHECER AS VANTAGENS DE CADA ARMA NA ARTE MILITAR

Existem ocasião e tempo apropriados para aplicar as vantagens – ou seja, a eficácia – das armas militares.

A espada curta, *wakizashi*, serve para lutar em espaço restrito, com o inimigo bem próximo. Já a espada longa, de modo geral, pode ser usada em qualquer circunstância. A *naginata* parece inferior ao chuço em campo de batalha. Com o chuço se toma iniciativa de ataque, ao passo que a *naginata* é mais empregada na defensiva. Em condições de treinamento idênticas, o chuço leva certa vantagem.

Dependendo das circunstâncias, contudo, tanto o chuço quanto a *naginata* são pouco eficazes contra inimigos na defensiva em recintos estreitos, como o interior de uma casa. Devem ser usados exclusivamente em campo de batalha, onde se mostram muito valiosos.

No entanto, caso a pessoa se limite a aprender as vantagens do uso só dentro de casa (esquecendo-se da sua verdadeira função de arma de campo de batalha), perdendo-se em detalhes, deixando de lado os verdadeiros mandamentos, ambas as armas se tornarão inúteis.

O arco é uma arma estratégica no avanço ou no recuo dos exércitos. Apresenta muitas vantagens, por exemplo, no caso de batalha campal, porquanto torna possível a tomada de iniciativa na ligação e na movimentação de grupos de chuceiros e outras unidades de combate. Porém, constitui arma imprópria em cerco a praças fortes ou quando o inimigo se encontra a distância superior a 40 metros.

Atualmente, contudo, não só os arqueiros, mas também os homens das demais armas estão mais voltados para a aparência, negligenciando as qualidades efetivas e indispensáveis ao combate real. Assim, o arco pouca eficácia oferece.³²

Se a pessoa está no interior de uma fortaleza, a arma mais adequada é a espingarda. Em batalha campal, ela é muito vantajosa antes do início da luta corpo a corpo. Depois, a arma de fogo perde sua eficácia. Uma das vantagens do uso do arco é o fato de a flecha ser visível em sua trajetória. A bala da espingarda, por ser invisível, torna a arma menos eficaz. É preciso refletir muito sobre este assunto.

Quanto ao cavalo, é essencial que seja robusto e resistente, sem defeitos. Em suma, tal como as armas de guerra, também o cavalo deve estar em condições de combate para marchar de acordo com sua força. A espada longa e a *wakizashi* devem estar bem afiadas, o chuço e a *naginata* constantemente preparados para trespassar o inimigo, o arco e a espingarda precisam ser resistentes e bem conservados.

A preferência que se tem por uma arma ou utensílio não deve ser discriminatória em relação às outras. A valorização excessiva de um objeto resulta em ineficácia. Nunca se deve imitar os outros, e sim possuir armas adequadas à própria capacidade. Nem o comandante nem os soldados devem apreciar ou detestar em demasia certas coisas.

É conveniente refletir muito bem sobre o que foi dito em busca do aperfeiçoamento.

SOBRE O RITMO NA ARTE MILITAR

Em tudo o que há no mundo existe um ritmo particular, mas, na arte militar, dificilmente se consegue o ritmo apropriado sem intenso treinamento.

Nas diferentes formas de arte, vamos encontrar manifestação do ritmo – por exemplo, na dança do teatro *noh*, nos instrumentos de corda e sopro dos menestréis, todos perfeitos na sua sincronização.

Também nos mandamentos da arte militar é preciso encontrar ritmo e sincronização ao atirar com o arco ou com a espingarda e até ao montar um cavalo. Tanto nas artes de modo geral como nas outras infinidades de manifestações – sejam elas de que natureza forem – não se deve desrespeitar o ritmo. Até no vácuo invisível existe ritmo.

No modo de vida do samurai há ritmo, tanto na maneira como serve a seu senhor como nos momentos de ascensão ou de queda na sua carreira; e ritmados ou não ritmados são a combinação dos entalhes feitos no arco e na flecha com a corda.

Nos mandamentos do comerciante, do mesmo modo, o ritmo é fator determinante tanto para prosperar muito quanto para empobrecer. Em tudo, deve-se distinguir bem o ritmo de ascensão e de queda.

Na arte militar, existem diversos ritmos que merecem atenção. Em primeiro lugar, é de fundamental importância conhecer o ritmo concordante e discernir o ritmo discordante – destinado este último a desregular o ritmo respiratório do inimigo.

Importante distinguir, entre ritmos, os grandes e os pequenos ou os rápidos e os lentos, os ritmos corretos, o ritmo do intervalo e o ritmo contrário, que serve para quebrar o ritmo do adversário. Conhecê-los é essencial na arte militar. Sem esse conhecimento, a arte militar não poderá ser corretamente absorvida.

Dentro dos nossos mandamentos, vencemos em combate sobretudo por conhecer bem o ritmo do inimigo, contrapondo-lhe então um ritmo

que ele jamais poderia esperar, criando um ritmo de vácuo nascido da sabedoria.³³

Em todos os capítulos deste livro, registro principalmente a questão do ritmo. É preciso apreciar e aprender bem o que está escrito a respeito do ritmo, exercitando-se o suficiente para apreender tudo em profundidade.

Desde que se treine e pratique dia e noite as técnicas da arte militar da Escola *Ichì*, cujos fundamentos aqui exponho, as ideias naturalmente se ampliarão e, assim, os pressupostos básicos de minha escola se propagarão e ela poderá ser aplicada tanto nos combates de exércitos quanto nas lutas individuais.



Pela primeira vez isso está registrado aqui, nos cinco capítulos intitulados Terra, Água, Fogo, Vento e Vácuo.

Aqueles que desejarem seguir a arte militar da minha escola devem observar sempre os seguintes mandamentos:

1. Evitar todo e qualquer pensamento perverso;
- 2 Treinar dentro dos preceitos da Escola *Nitô-Ichì*;
3. Conhecer muitas artes – não só a arte militar;
4. Compreender os mandamentos das diversas profissões;
5. Discernir as vantagens e as desvantagens que existem em todas as coisas;
6. Desenvolver a capacidade de discernir a verdade em todas as coisas;
7. Conhecer pela percepção instintiva coisas que não podem ser vistas;
8. Prestar atenção aos menores detalhes;
9. Nada fazer de inútil.

É importante ter em mente estes princípios gerais e treinar seguindo os mandamentos da arte militar. Mas esses mesmos mandamentos exigem que se tenha uma ampla visão das coisas. Sem isso, é difícil tornar-se perito em arte militar. Aquele que tiver pleno domínio sobre este método não será derrotado nem mesmo por vinte ou trinta inimigos.

É necessário dedicar-se com afinco e constância e com a firme disposição de assimilar corretamente as técnicas da arte militar. Só assim será possível vencer seus adversários com as mãos e, com os olhos, enxergar melhor que os outros. Se, por meio de intenso treinamento, puder dispor do seu corpo à sua inteira vontade, então, poderá vencer sozinho vinte ou trinta adversários, com a força do seu próprio corpo. E, se continuar os seus treinamentos com eficiência, evoluirá a ponto de vencê-los com a força do seu espírito. Alcançado esse estágio, isto é, o de vencer com as mãos, os olhos, o corpo e o espírito – em outras palavras, física e espiritualmente – como poderá ser derrotado?

Mais ainda: com a arte militar aplicada ao combate de exércitos, triunfará por ter excelentes homens sob seu comando e por empregar numerosos contingentes sob suas ordens. Vencerá no governo de uma província com os mandamentos de conduta pessoal correta, na sustentação do povo, na execução das leis da vida, por saber superar os outros em quaisquer circunstâncias com a aplicação correta dos mandamentos. Finalmente, ajudará a si próprio e à sua honra.

São os mandamentos da arte militar.

13 Neste capítulo, Musashi descreve, em linhas gerais, o que vem a ser a Escola *Niten-Ichi* de arte militar. Todavia, nos outros capítulos, chama sua escola de *Nitô-Ichi*. Popularmente, ela é mais conhecida pelo nome simplificado de *Nitô-ryû* (Escola de Duas Espadas). *Ryû* significa escola, estilo, moda. Essa escola foi fundada por Musashi, introdutor do uso de duas espadas em combates. Lembremos que Niten era o pseudônimo do samurai.

14 Província de Tajima: parte da atual província de Hyôgo (*Hyô go-ken*).

15 Referência aos três combates que travou contra os homens da Escola Yoshioka, considerados, então, os melhores do país.

16 Consta que o duelo com Sasaki Kojirô, da Escola Gen, aconteceu em 1612, quando Musashi contava 29 anos.

17 Conforme vimos na Introdução, Musashi dedicou-se com brilhantismo a diversas artes na fase final de sua atribulada existência.

18 O mesmo que *Bunbu Ryôdô*, ou seja, o caminho das letras e das armas, o ideal supremo do verdadeiro samurai. Pode ser traduzido ainda como “a pena e a espada”, “atividades civis e militares”.

19 Nas relações sociais dos japoneses, existem várias obrigações, chamadas *giri* (leia-se “guiri”). Aqui, trata-se do *giri* (obrigação ou dever) do vassalo para com seu senhor, seu patrão (suserano).

20 Hitachi constituía grande parte da atual província de Ibaraki, enquanto Katori é, a rigor, da província de Shimousa (parte das atuais províncias de Chiba e Ibaraki, próximas de Tóquio). Musashi se refere ao famoso espadachim Tsukamoto Bokuden e a outros que difundiram as escolas *Tenshin Shoden Shintô* (Katori) e *Shintô* (Kashima) em todo o país.

21 Musashi refere-se às classes sociais do período Tokugawa; pela ordem hierárquica: samurais, lavradores, artesãos, mercadores.

22 Uma advertência aos samurais do período de paz do xogunato Tokugawa (1603-1867), que estariam negligenciando a vida de tensão permanente do período das guerras feudais (1467-1567), quando os guerreiros viviam em constante prontidão.

23 No Japão, carpinteiro tem sentido amplo. Em linguagem moderna, aproxima-se do arquiteto e do construtor. Os edifícios japoneses tradicionais, com exceção das paredes e dos muros de castelos e de fortalezas, eram feitos de madeira. Cabia ao carpinteiro projetar e construir.

24 Existem pelo menos duas ou três interpretações a respeito das Quatro Famílias: seriam os quatro ramos do clã Fujiwara, que dominou a política da corte do Período Heian (do século VIII ao XII); ou as grandes famílias Minamoto, Taira, Fujiwara e Tachibana, que influíram poderosamente no curso da história do Japão; ou, ainda, as quatro escolas de *cha-no-yu* [cerimônia do chá] ou de *ikebana* [iquebana: arranjos florais].

25 Um canto (vão de parede) do compartimento principal da casa japonesa, onde se colocam objetos de arte, pinturas caquemono, espada, ikebana etc.

26 O *kanji* (ideograma) aplicado à palavra “vácuo” tem ainda o significado de céu, espaço, firmamento, nada, não existência.

27 No original, *fû*. Além de vento (*kaze*), a palavra *fû* significa estilo, aparência, costume, maneira, tipo.

28 A arte da esgrima de samurai, ou *kenjutsu*, é a principal das artes marciais, figurando em seguida as artes do Chuço, da *naginata*, do arco e flecha, da equitação, do *jujutsu*, do bastão, do *kusarigama* (corrente e setoura, ou foice), como artes marciais secundárias ou complementares, ensinadas em todas as escolas de artes marciais. Segundo o professor Benedicto Ferri de Barros, *naginata* é algo impropriamente chamado de “alabarda”, pois difere desta na forma, na finalidade e no estilo de uso. Ela é uma espada longa, com cabo bastante comprido, usada como espada e também como bastão (ao passo que a alabarda, de cabo longo de madeira, tem na ponta de ferro três dispositivos: lança pontiaguda, machado e gancho).

29 Crítica ao método de outras escolas, que ensinam a enfrentar o inimigo com as duas mãos no punho da espada desde o começo da luta. Tendo em vista sempre a perfeição como finalidade de alcançar a vitória, Musashi idealizou o estilo *Nitô* pela vantagem de usar as duas armas em vez de uma só. No caso, as duas mãos são treinadas para funcionar com a mesma eficiência.

30 Trata-se aqui de conhecer as vantagens dos dois *kanji* que formam a expressão “arte militar” (*heihô*). *Heihô* pode ser ainda traduzido por artes marciais, arte da guerra, estratégia, tática, ciência militar, arte da esgrima (*hyôhô*).

31 Aqui, a expressão “virtudes da espada longa” (*tachi no toku*) tem sentido relacionado à crença antiga nos poderes miraculosos da espada (*reigen shisô*). Na era feudal do Japão, considerava-se a espada “a alma do samurai”.

32 O professor Watanabe sugere esta interpretação, já que no original está “muita vantagem apresentam”, o que seria contraditório dentro do contexto.

33 Sabedoria (*chie*) significa aqui a capacidade de discernir a razão das coisas, o certo e o errado.

2

ÁGUA

O espírito dos mandamentos da Escola *Niten-Ichi* está baseado na água; neste Capítulo da Água, explico os métodos para obter vitórias, expondo a maneira de manejar a espada longa adotada por nossa escola. Esses mandamentos são de explanação difícil em seus pormenores. Embora as palavras sejam insuficientes, o essencial será intuitivamente entendido. Tudo o que está escrito neste livro deve ser meditado palavra por palavra, letra por letra. Se o leitor não prestar a devida atenção, poderá, muitas vezes, compreender os mandamentos de maneira errada.

Não obstante as vantagens da arte militar de nossa escola estarem aqui expostas como se fossem relativas ao combate individual, é importante ampliar de tal forma a visão que seja possível aplicar essas mesmas vantagens em batalhas de dez mil homens contra igual número de adversários. Porém, se houver erro ou equívoco de julgamento sobre os mandamentos aqui expostos, por menor que seja, eles serão desvirtuados e levarão ao desastre.

A simples leitura deste texto, entretanto, não será suficiente para conduzir à quintessência da arte militar. Ao considerar que foi escrito para o seu bem, é necessário que vá além da simples leitura ou memorização, procurando integrar tudo o que está dito ao seu próprio corpo, de tal modo que, ao final, descobrirá no que foi assimilado vantagens que parecerão criadas pelo seu próprio espírito.

É preciso excogitar a fim de entender bem.

Segundo os mandamentos da arte militar, o estado espiritual de um combatente não deve ser diferente daquele da vida normal. Tanto nas situações mais comuns da vida cotidiana como nos momentos de praticar a arte militar, o seu estado de espírito não deve ser alterado. Mantenha o espírito aberto, reto, sem tensão excessiva nem relaxamento, em perfeito equilíbrio. Aja com tranquilidade, tendo o cuidado de evitar a paralisação, ainda que por um único instante. O espírito deve se manter dinâmico e livre.

Refletir bem a esse respeito.

Mesmo quando o corpo está em repouso, o espírito não deve relaxar, e, no momento em que o corpo estiver agitado, o espírito deve manter-se atento, não se deixando levar pelo corpo. O corpo não segue o espírito, e o espírito não acompanha o corpo. Preste atenção ao espírito, mas não ao corpo. Não deixe nada fora do alcance do espírito, mas mantenha-o sereno, sem excesso de ânimo. Mesmo que na aparência o espírito se apresente fraco, no fundo ele deve ser forte. Mantenha seu espírito sempre inescrutável para os outros.

Pessoas de corpo pequeno devem saber tudo sobre o que há de grande no espírito e pessoas de corpo grande devem conhecer bem as pequenas coisas do espírito. Tanto aquele de corpo grande como o de corpo pequeno devem ter o espírito reto, mantê-lo imparcial em relação a si próprio. É necessário conservar o espírito imaculado e aberto; e a sabedoria, dentro de amplos horizontes. E é essencial polir tanto a sabedoria como o espírito. Aguçar a sabedoria. Conhecer a justiça e as injustiças do mundo. Penetrar em todos os campos das artes, percorrer seus caminhos. Evitar sempre ser enganado por outrem. Só então se atingirá a sapiência da arte militar. Na sabedoria da arte militar, aprende-se a discernir coisas distintas. Mesmo nos momentos tumultuados de um combate, é preciso buscar os preceitos da arte militar, mantendo o espírito inabalável.

Deve-se refletir bem sobre isso.

POSTURA DO CORPO NA ARTE MILITAR

Manter correta a postura do corpo é de suma importância: trazer a cabeça erguida, sem se inclinar para a frente, para trás ou para o lado, e não se encolher. Os olhos devem estar firmes, a fronte sem rugas, apenas as sobrancelhas levemente franzidas, mantendo firmes os globos oculares e fechando um pouco os olhos para não pestanejar – a feição descontraída, o nariz reto, o queixo ligeiramente avançado. Conservar reta a nuca, deixando a força distribuir-se por igual dos ombros ao resto do corpo. Com os ombros desembaraçados, a coluna vertebral reta, sem avançar o traseiro, não tensionar a parte do corpo que vai dos joelhos até a ponta dos artelhos nem forçar a barriga para a frente, a fim de evitar que os quadris se curvem. Colocar a bainha da espada curta, a *wakizashi*, entre a faixa e o ventre, evitando que a faixa se afrouxe, como recomenda o ensinamento de “apertar a cunha”.

Em resumo, o essencial é fazer sempre da postura normal a postura de combate e vice-versa. Isso é o que importa.

Examinar bem o assunto.

O OLHAR NA ARTE MILITAR

O olhar deve abranger o mais amplo espaço possível. Existem dois tipos de olhar: o de apenas ver e o de perceber. O olhar da percepção é poderoso, enquanto o de apenas ver é fraco. Ser capaz de enxergar como se estivesse perto o que está longe e como se estivesse longe o que está perto, eis algo essencial na arte militar.

Importante na arte militar é conhecer a espada longa do adversário, sem fixá-la. É preciso estudar bem esta questão. O olhar deve ser o mesmo, tanto num combate individual como numa batalha de exércitos. Ver os dois lados, sem mexer o globo ocular, é fator de grande importância.

Mas todo esse aprendizado demanda disciplina e paciência, não pode ser aprendido de repente, em momentos de urgência. Depois de ter compreendido tudo o que foi exposto aqui, é necessário refletir sobre a questão do olhar – que deve se manter o mesmo, tanto nas circunstâncias da vida cotidiana como em quaisquer outras.

Convém meditar sobre tudo o que foi exposto aqui.

O MODO DE SEGURAR A ESPADA LONGA

Ao segurar a espada longa, é indispensável manter o polegar e o indicador flexíveis, o dedo médio nem tão apertado nem tão frouxo, comprimindo a espada com o anular e o mínimo.

Não é bom existir folga na palma da mão que segura o punho da espada. Agarrar a espada longa com a intenção de cortar o inimigo. No momento de golpear o adversário, deve-se conservar inalterada a posição da palma da mão, a fim de que ela possa agir com inteira liberdade. No caso de golpear a espada inimiga, interceptá-la ou prendê-la com a sua, mude o polegar e o indicador apenas o necessário para segurar a espada com a determinação de cortar o adversário.

No caso de “corte para teste”,³⁴ ou quando se aplica a arte da esgrima no golpear, não deve haver alteração na palma da mão para cortar um homem. No geral, tanto no que diz respeito à espada longa quanto às mãos, é condenável a imobilidade. A imobilidade representa a mão da morte. A mobilidade é a mão da vida.

É necessário examinar tudo o que foi dito e refletir.

O MOVIMENTO DOS PÉS

Para movimentar os pés, as pontas dos artelhos devem permanecer ligeiramente soltas, enquanto os calcanhares pisam firmemente. O trabalho dos pés, levando-se em conta as diferenças no tamanho dos passos

ou na sua velocidade, consiste em mover-se sempre como no caminhar normal. Desaprovo os três modos de mover os pés conhecidos como “pés saltadores”, “pés flutuantes” e “pés fixos”.

Nos mandamentos da arte militar, são importantes os pés *yin-yang*.³⁵ A expressão “pés *yin-yang*” significa não movimentar somente um pé. Ou seja, deve-se movimentar os pés esquerdo-direito, direito-esquerdo, no momento de golpear, recuar ou aparar um golpe inimigo. Repito que jamais se deve mover um só pé.

Refletir bem.

AS CINCO POSIÇÕES DE GUARDA

As cinco posições de guarda são: alta (espada acima da cabeça), mediana (espada na altura do rosto), baixa (ponta da espada dirigida para baixo), lateral direita e lateral esquerda. Apesar da divisão em cinco posições, a finalidade é uma só: cortar o inimigo.

Não há senão as cinco posições. Em qualquer uma delas, não se preocupe com a posição em si, toda a atenção deve ser concentrada em golpear o oponente. A dimensão maior ou menor da guarda deve ser decidida de acordo com a circunstância ditada pelo momento.

A alta, a mediana e a baixa são as posições essenciais do corpo; as laterais, posições de aplicação flexível. As posições laterais direita ou esquerda são usadas quando o espaço acima da cabeça e um dos lados se apresentam obstruídos. A decisão de optar pela direita ou pela esquerda depende das circunstâncias.

O ponto essencial destes mandamentos consiste, em última análise, na posição do meio, que é a melhor. Aplica-se esse princípio no confronto de exércitos; a posição do meio é a do general, sendo seguida pelas outras quatro.

Deve-se pensar e refletir sobre isso.

MANDAMENTOS DA ESPADA LONGA

Conhecer os mandamentos da espada longa consiste em, mesmo quando se brande a espada longa com dois dedos, poder manejá-la à vontade, dominando perfeitamente sua trajetória. Contudo, vibrar com rapidez a espada longa, tentando executar meneios e floreios, pode resultar em dificuldades. Ela deve ser manejada naturalmente, com o espírito calmo. Querer brandi-la com rapidez, como se se tratasse de um leque ou de uma faca pequena, é criar dificuldade, porque contraria os mandamentos da espada longa. Nesse caso, temos uma ação imprópria para a luta, que impossibilita cortar o adversário.

Para golpear verticalmente com a espada longa, deve-se erguê-la seguindo a trajetória mais adequada. Em caso de golpe lateral, utilizar a via mais certa para a volta, abrindo sempre bem o cotovelo. Golpear com força. Esses são os mandamentos da espada longa.

Dominadas as cinco posições básicas de guarda da nossa arte militar, os mandamentos da espada longa estarão definidos e o seu manejo, facilitado.

Exercitar bem.

SEQUÊNCIA DAS CINCO POSIÇÕES

- A primeira posição de guarda é a mediana e consiste em colocar a ponta da espada longa diante do rosto do inimigo ao se defrontar com ele. No momento em que ele atacar, desvie sua espada longa para a direita e “monte-a”.³⁶ Se ele atacar uma segunda vez, replique com a ponta da espada, defletindo a espada longa do inimigo para baixo, deixando-a nessa posição. E, diante de nova tentativa de ataque do adversário, corte as mãos dele num golpe de baixo para cima. Essa é a primeira posição básica.

Uma descrição genérica torna-se insuficiente para a boa compreensão

das cinco posições básicas de guarda. Acima de tudo, elas precisam ser praticadas segundo os mandamentos da espada longa. Com o conhecimento prático das cinco posições básicas, é possível assimilar os mandamentos da sua própria espada longa, bem como os da espada manejada pelo inimigo. Essa a razão por que insisto não haver outras posições senão as cinco descritas para se pôr em guarda na Escola *Nitô*.

É preciso treinar muito.

- A segunda posição básica é a alta, pela qual se mantém a espada longa acima da cabeça. Essa posição consiste em golpear o adversário no momento em que ele começa a atacar. Se não conseguir atingir o inimigo, mantenha a arma na posição em que ficou e, no instante do segundo ataque adversário, golpeie-o de baixo para cima. Fazer o mesmo diante de outro ataque.

Para pôr em prática as posições básicas da guarda aqui descritas, deve-se levar em conta as diferentes situações psicológicas e os diferentes ritmos. No entanto, por meio de intensos e minuciosos treinamentos da Escola *Ichii*, será alcançado o perfeito conhecimento dos mandamentos das cinco posições de guarda com a espada longa. Assim, se chegará à vitória de uma ou de outra maneira.

É preciso exercitar bem.

- A terceira posição de guarda é a baixa, pela qual se mantém a ponta da espada para baixo, como se se carregasse algo nas mãos. Quando o inimigo atacar, procure atingi-lo nas mãos, de baixo para cima. Nesse momento, ele procurará derrubar a espada longa de suas mãos; golpeie então outro ponto, atingindo seu braço, ferindo-o pelo lado. Essa posição, com a ponta da espada para baixo, consiste em dar o golpe fatal no momento do ataque inimigo e se aplica sempre no treinamento da trajetória da espada longa, seja como principiante, seja

em estágio adiantado.

É preciso adestrar-se bem com a espada longa.

- A quarta posição é a lateral esquerda. Com a espada posicionada no lado esquerdo, golpeie de baixo para cima as mãos do inimigo que o ataca. Nesse instante, ele procurará derrubar a sua espada; apare o golpe e, a seguir, dê um contragolpe com sua arma um pouco acima da altura dos ombros, a fim de atingi-lo os braços em diagonal. Eis os mandamentos da espada longa e o meio de vencer no exato momento em que o inimigo ataca.

Convém estudar com afinco.

- A quinta posição é a lateral direita e consiste em se colocar em guarda com a espada longa dirigida para a direita. Ao responder a um ataque inimigo, deve-se erguer obliquamente a espada longa do lado direito até acima da cabeça (posição alta) e golpear o adversário diretamente de cima para baixo. Essa posição é essencial para conhecer os mandamentos da espada longa. Depois de se acostumar com essa posição de guarda, torna-se muito mais fácil o manejo das espadas pesadas.

Não farei uma descrição minuciosa dessas cinco posições básicas de guarda. Antes de mais nada, é preciso conhecer os mandamentos da espada longa da nossa escola, aprender as noções gerais de ritmo e saber discernir o estilo do inimigo no uso da espada longa. Para isso, é essencial o treinamento diário das cinco posições. Na luta contra o adversário, é necessário estar perfeitamente ciente das trajetórias da espada longa, percebendo com clareza as intenções do inimigo e utilizando os diferentes ritmos para alcançar o triunfo em qualquer situação.

É preciso ter grande discernimento.

Ukô-mu kô,³⁷ ou “guarda sem guarda”, significa, no sentido mais profundo, saber com clareza se há ou não razão para se pôr em guarda com a espada longa. As cinco posições de guarda existem e podem ser adotadas.

Mas o importante é que o nosso espírito esteja preparado para cortar o inimigo, aproveitando-se de sua iniciativa ou de sua posição, conforme o local e o ambiente.

Quando, de acordo com o julgamento da situação, se abaixa um pouco a posição da espada longa sobre a cabeça, já se estará na posição mediana. Se, por julgar isso vantajoso, a pessoa erguer a espada um pouco acima, passará à posição alta. Também a posição baixa, se elevada um pouco, transforma-se em posição mediana.

Do mesmo modo, as posições laterais, da direita ou da esquerda, se mudadas um pouco na direção do centro, conforme a situação, transformam-se em posições do meio ou baixa.

É por essa razão que se estabelece o princípio do *ukô-mukô*, ou de “guarda sem guarda”. Quer dizer, a posição de guarda se modifica livremente, conforme as condições do momento. Em princípio, uma vez com a espada longa nas mãos, deve-se agir com o espírito de cortar o inimigo de qualquer maneira. Ao interceptar, desviar, fustigar, colar ou tocar a espada inimiga, deve-se ter a mente concentrada, sem vacilação, na oportunidade de cortar o adversário. Quem se preocupar com detalhes, como golpear, colar ou empurrar a espada inimiga, pode perder o momento de cortar o inimigo com a decisão e a eficiência devidas. É importante pensar que tudo constitui motivo para a cutilada decisiva.

Refletir bem.

Segundo os mandamentos da arte militar, a disposição de forças dos exércitos em luta também representa uma posição de guarda. Tudo serve para a busca da vitória no combate. A posição de imobilidade é reprovável.

É preciso muita reflexão sobre o que foi dito.

ABATER O INIMIGO COM O “GOLPE DE UM TEMPO”

O “golpe de um tempo” para abater o adversário consiste no seguinte: achando-se os dois combatentes frente a frente, ao alcance da espada longa, atacar com uma cutilada rápida e direta, sem vacilação do corpo nem do espírito, enquanto o inimigo ainda estiver indeciso. O ritmo que impede o adversário de tomar uma resolução – seja de desembainhar, seja de aparar ou de golpear com sua espada longa – eis o “golpe de um tempo”.

Exercitar-se para poder golpear com rapidez fulminante.

O “GOLPE DE DOIS TEMPOS DOS QUADRI”

Esse ritmo deve ser buscado no momento em que desembainho a minha espada e o oponente recua depressa ou retoma instantaneamente sua posição de assalto. Nesse caso, finjo atacá-lo e, aproveitando o momentâneo relaxamento que se segue à tensão de ataque do adversário, golpeio-o sem perda de tempo e, a seguir, dou outro golpe. Este é o denominado “golpe de dois tempos dos quadris”.

A explicação por si só não é suficiente para dominar essa tática, mas a prática com certeza levará mais facilmente à compreensão.

MUNEN MUSÔ, OU GOLPE INCONSCIENTE

No momento em que o inimigo se apresta a me atacar e eu me preparo para fazer o mesmo, golpeio com toda a força do meu corpo e do meu espírito – a mão golpeia, inconscientemente, partindo do vácuo, com rapidez e força. Eis o golpe *munen musô*,³⁸ de valor extraordinário. É frequente encontrar esse golpe.

golpe da água corrente

Quando me defronto com o inimigo, espada contra espada, e ele procura recuar, desviar-se ou se desembaraçar rapidamente da minha espada longa, cresço de corpo e espírito e, como a água que se detém diante de um abismo, eu o golpeio com toda a força, o mais lentamente possível. Esse é o chamado “golpe da água corrente”. Uma vez dominado esse golpe, serei dono de um eficiente meio de vencer.

É muito importante, porém, conhecer o posicionamento do adversário.

GOLPE POR CORRELAÇÃO

Ao iniciar meu ataque, o inimigo tenta contragolpear ou escapar da minha espada, empurrando-a. De um só golpe, atinjo-o na cabeça, nas mãos e nas pernas.

Com uma só trajetória da espada longa, golpear várias partes do corpo do inimigo – eis o golpe por correlação.

Aconselho aprender bem esse modo de atacar, porquanto são frequentes as oportunidades de sua aplicação.

Praticar incansavelmente até assimilar bem essa tática.

GOLPE DE MOMIJI

O golpe de *momiji*³⁹ consiste em derrubar a espada longa do inimigo e reassumir a posição de guarda com a espada longa. Diante do antagonista – que tenta me golpear, desviar ou aparar minha espada, com a sua posicionada na minha frente –, minha disposição é aplicar-lhe o golpe *munen musô* ou o golpe da faísca de pederneira. Em qualquer desses casos, bato energicamente na espada longa do adversário, mantendo-me firme no domínio da arma inimiga e fustigando-o com a ponta da minha. Dessa

forma, as espadas ficam como que coladas, e eu golpeio de cima para baixo, o que fará com que o inimigo fatalmente acabe por largar sua espada longa.

Com muito treino, torna-se fácil derrubar a espada inimiga. Treinar bem, portanto.

GOLPE DA FAÍSCA DE PEDERNEIRA

O golpe da faísca de pederneira consiste em bater com toda a força a minha espada longa contra a espada longa do inimigo – no exato instante em que ambas se encontram –, sem levantar nem um pouco a minha espada. Isso significa golpear com força e rapidez, usando pernas, corpo e mãos. Sem um treinamento frequente, é impossível aplicar esse golpe.

Com bom treinamento, acerta-se com força

O CORPO QUE SUBSTITUI A ESPADA LONGA

O que quer dizer também “a espada longa que fica no lugar do corpo”. Geralmente, quando se golpeia o antagonista, o corpo e a espada longa manobram ao mesmo tempo. Entretanto, dependendo da maneira como o inimigo ataca, pode-se primeiro avançar contra ele com o corpo e, a seguir, atacar com a espada longa. Pode acontecer de o adversário manter o corpo imóvel quando se usa a espada longa em primeiro lugar. Mas a regra geral é avançar primeiro o corpo e, em seguida, dar o golpe com a espada longa.

É preciso refletir bem e aprender a golpear.

GOLPEAR E BATER

Golpear e bater são duas coisas distintas. O golpe, em qualquer de suas formas, é dado com vontade e certeza. Ao passo que bater pode ser

entendido como um simples esbarrão em alguém.

Mesmo no caso de se esbarrar com força e provocar a morte imediata do antagonista, ainda assim, trata-se de uma batida. O golpe resulta do ato consciente de golpear. Deve-se fazer bem essa distinção. Bater tanto nas mãos como nos pés do inimigo não passa de batida. Primeiramente, bate-se, para depois dar o golpe forte. Bater tem mais ou menos o sentido de tocar o outro. Com bom treinamento, torna-se fácil captar a diferença entre bater e golpear.

Pesquisar bem.

CORPO DE SHÛKÔ

O chamado “corpo de *shûkô*”⁴⁰ consiste no espírito de nunca avançar os braços. Em outras palavras, ao atacar o inimigo, estando desarmado, jamais estender os braços, mas avançar o corpo. Significa adiantar-se ao adversário, jogando rapidamente o corpo antes de ele atacar.

Quando a pessoa estende os braços, o corpo fica necessariamente para trás. Daí a importância de avançar com o corpo inteiro. Se os dois antagonistas ficarem ao alcance dos braços um do outro, torna-se ainda mais fácil avançar o corpo.

Examinar cuidadosamente o assunto.

CORPO DE LACA E COLA

A tática denominada “de laca e cola” tem como objetivo, ao avançar desarmado, grudar o corpo ao do adversário e não se separar dele. Ao colar seu corpo ao do inimigo, fazê-lo firmemente, com a cabeça, o tronco e as pernas. Em geral, as pessoas aproximam depressa o rosto e as pernas, ficando, porém, com o tronco afastado. Mas é necessário grudar seu corpo ao do outro, sem deixar nenhum espaço entre ambos.

Refletir bem.

GANHAR PELA ESTATURA

A tática de ganhar pela estatura é usada no momento de arremeter contra o inimigo e seu objetivo é ter o cuidado de não se encolher. Estique bem as pernas, os quadris e o pescoço, encostando o rosto no dele. Ao distender seu corpo ao máximo, você aumentará sua altura e terá mais condição de vencer o adversário.

Avançar com força. Isso é importante.

GRUDAR NA ESPADA DO INIMIGO

Quando o inimigo ataca e eu contra-ataco com a espada longa, aparando seu golpe, avanço com o objetivo de colar minha espada longa à sua. Procuro evitar que as duas espadas se separem. Trato de avançar, evitando bater com muita força na espada longa do adversário. Basta encostar a espada na do adversário e avançar sempre com a minha espada grudada na dele. Isso não apresenta nenhuma dificuldade, desde que se mantenha toda a calma.

Grudar é uma coisa, enroscar é outra. Grudar é forte, enroscar é fraco. Deve-se distinguir bem as duas coisas.

CHOQUE COM O CORPO

Esse golpe consiste na decisão de chegar bem perto do adversário, através de uma brecha na sua guarda, e atacá-lo com o corpo. Vire o rosto um pouco de lado e avance, batendo com o ombro esquerdo no peito do inimigo. Execute com força esse golpe. No instante favorável, saltar com agilidade sobre o inimigo e bater resolutamente em seu peito.

Esse método de ataque, se bem executado, tem força suficiente para lançar o inimigo a uma distância de 4 a 5 metros e pode levá-lo ao desmaio.

Treinar e aperfeiçoar.

TRÊS MANEIRAS DE APARAR GOLPES

Há três maneiras de aparar os golpes de espada do inimigo quando se avança contra ele:

- primeiro, para interceptar a espada longa do inimigo que ataca, posiciono a minha como se fosse atingi-lo nos olhos; com isso, desvio sua arma para a direita;
- ou, então, executo o chamado espetar/aparar,⁴¹ no qual intercepto o golpe da espada longa do inimigo, empurrando-a como se visasse atingir seu olho direito e fosse tesourar seu pescoço;
- ou, ainda, no momento do golpe inimigo, dispondo de uma espada curta, não me preocupo muito em deter a espada longa do antagonista: ataco com a mão esquerda como se fosse perfurar seu rosto.

Esses são os três modos de aparar golpes da espada inimiga. Pense como se fosse fechar a mão esquerda para golpear com o punho o rosto do adversário.

Isso exige muito treinamento.

PERFURAR A FACE DO INIMIGO

Para executar essa tática é preciso, no momento de confrontar o inimigo com a espada longa, ter bem firme no espírito a intenção de atingir seu rosto com a ponta da espada, aproveitando o espaço deixado entre as duas espadas longas.

Desde que se tenha o firme propósito de atingir a face inimiga, o rosto e o corpo do adversário se tornam vulneráveis por penderem para trás. Ao tornar o inimigo vulnerável, fica-se na posição privilegiada de poder

vencê-lo de diversas maneiras. É preciso perquirir o melhor modo de fazê-lo.

Se durante o combate o inimigo se tornar vulnerável, pode-se vencê-lo rapidamente. Mas nem por isso se deve esquecer de perfurar a face do inimigo.

No decurso do treinamento da arte militar, é necessário exercitar intensamente a fim de conseguir essa vantagem.

PERFURAR O CORAÇÃO

Quando, durante o combate, se apresentarem obstáculos para golpear o inimigo de cima e dos lados, procure perfurá-lo. Com a intenção de desviar a espada longa do inimigo, coloque horizontalmente o dorso de sua espada à vista do adversário e, com um pequeno recuo, perfure seu coração, tendo o cuidado de não entortar a ponta da espada longa.

Esse método deve ser aplicado quando se está fatigado ou quando a espada não estiver cortando bem.

É preciso discernir bem isso.

bradar katsu! totsul

Os gritos *Katsu!* e *Totsul!*⁴² são emitidos quando o inimigo tenta contra-atacar no momento em que você o golpeia e o encurrala. Então, você replica, como que tentando perfurar de baixo para cima, tudo em ritmo rápido, gritando: *Katsu! Totsu!* Isto é, levante a espada com o grito *Katsu!* e, com a intenção de perfurar, exclame *Totsul!* Esse é um ritmo que se encontra com frequência na troca de golpes.

Para praticar o método *Katsu! Totsu!*, levante a ponta da espada longa e procure perfurar o adversário. Ao mesmo tempo que levanta a espada, perfure o inimigo. Esse ritmo precisa ser repetidamente treinado.

APARAR COM PANCADA

Quando, na troca de golpes com o antagonista, o ritmo do combate se torna confuso, apare o ataque com uma pancada da espada longa e, sem perda de tempo, abata o inimigo.

O princípio da pancada não consiste em aparar ou bater com força, mas, sim, em agir conforme a força do golpe da espada longa do inimigo e golpeá-lo imediatamente após a pancada. O importante é adiantar-se no bater e no golpear.

Aperfeiçoando o ritmo da pancada, por mais poderosos que sejam os golpes do adversário, a ponta da sua espada longa não sofrerá recuo. Desde que você esteja preparado para a ação de dar a pancada.

É preciso aprender bem e pesquisar muito esta técnica.

DIANTE DE INIMIGOS NUMEROSOS

Em caso de confronto com muitos inimigos, isto é, de enfrentar sozinho um grande número de adversários, deve-se proceder da seguinte forma: desembainhar as duas espadas, a longa e a curta, tomar posição de guarda com as duas espadas estendidas⁴³ à direita e à esquerda. Mesmo que os inimigos ataquem dos quatro lados, procure rechaçá-los numa direção.

No momento do ataque inimigo, procure perceber quem avança primeiro e quem vem depois, atacando de imediato os da frente, sem perder de vista a situação como um todo. Golpear os adversários que estão à frente e, com o retorno da espada longa, abater aqueles que se encontram ao lado. É arriscado errar o golpe e perder tempo. Voltar incontinenti à posição de guarda, com as espadas nos dois lados, abatendo primeiro os inimigos que atacam na frente e a seguir os que chegam de trás.

É preciso forçar os inimigos a fazerem uma formação igual à dos peixes em cardume, em fila indiana, e, no momento em que esta se

desorganizar, formando grupos separados, golpeá-los sem perda de tempo com força e determinação nos seus pontos de junção. Se não concentrar toda a sua atenção em persegui-los, poderá ter maus resultados. Também não é bom atacar apenas um adversário por vez, à medida que ele avança, pois aí se perde tempo. É preciso achar o ritmo dos inimigos,⁴⁴ atacar seus pontos fracos, abatê-los e vencê-los.

Em seus treinamentos, procure reunir um grande número de pessoas para que sirvam como seus adversários e para encontrar o melhor meio de vencê-los. Uma vez entendido o espírito dessa técnica, poderá vencer sem dificuldade não só um como dez ou vinte inimigos.

Exercitar e refletir bem.

VANTAGENS DA TROCA DE GOLPES

As vantagens da troca de golpes residem em compreender as razões de vencer com a espada longa na arte militar. Como não é possível descrever em minúcias essas razões, treinar bastante para conhecer os meios de chegar à vitória.

“Os verdadeiros mandamentos da arte militar são revelados pela espada longa”, diz a tradição.

UM GOLPE

Pode-se vencer com toda a certeza desde que se compreenda o espírito de “um só golpe”. Para isso, é necessário o estudo profícuo da arte militar. Treinando bem e compreendendo o sentido desse golpe, a pessoa familiariza-se a tal ponto com a arte militar que sempre poderá triunfar.

Deve-se treinar bem esse golpe.

COMUNICAÇÃO DIRETA

O espírito da comunicação direta é o modo como os verdadeiros mandamentos da Escola *Niten-Ichi* são recebidos e transmitidos. “Treinar intensamente o corpo para absorver o espírito”, diz a tradição.

O que ficou escrito até aqui explica, de modo geral, o *kenjutsu* – a arte da espada – da Escola *Ichi*.



Para saber como vencer com a espada longa na arte militar, aprenda primeiro a sequência das Cinco Posições Básicas e com ela as Cinco Posições de Guarda, absorvendo naturalmente os mandamentos da espada longa. Isso implica tornar o espírito muito alerta e vivaz e conhecer o ritmo dos mandamentos, aperfeiçoando-se no manejo da espada longa, ou seja, movimentando o corpo e as pernas conforme a vontade do espírito. Pode-se então vencer um, depois dois, sabendo, com o tempo, discernir o bom do ruim na arte militar. Procure compreender em profundidade o conteúdo deste livro, treinando item por item, lutando com adversários e conquistando aos poucos as vantagens dos mandamentos.

Mantendo-se o espírito sempre atento e decidido, mas sem precipitação, é possível absorver as virtudes desses mandamentos e, por meio do treinamento disciplinado, enfrentar em duelo qualquer adversário que aparecer pela frente, aprendendo a conhecer, assim, os modos de pensar deles. Dentro desse espírito, passo a passo se percorrem as mais longas distâncias.

É preciso ponderar com calma e tomar como missão de samurai a prática desse método.

Hoje, você terá a vitória sobre o que foi ontem; amanhã, triunfará sobre os menos preparados; depois, sobre os mais competentes.

Seguindo o exposto neste livro, esteja sempre atento para nunca se desviar dos verdadeiros mandamentos. Mesmo que vença alguns inimigos,

se isso for feito contrariando as normas ensinadas aqui, você estará fugindo dos verdadeiros mandamentos. Com o espírito impregnado dessas vantagens, estará preparado para vencer até dezenas de antagonistas. Então, terá aprendido a sabedoria do *kenjutsu* e, com ela, a arte militar aplicada ao combate individual ou ao confronto de exércitos. É preciso forjar a sua arte da espada com treinamentos de mil dias; depois, poli-la com treinos de dez mil dias.

Examinar e apreciar bem.

34 “Corte para teste”: experimentava-se a espada nova num animal (cão, gato etc.) e em condenados à morte. E também em elmos, feixes de palha etc., chamados *mono*. O corte para testar o fio da espada denomina-se *tameshi-giri*, sendo atividade altamente especializada.

35 “*Yin-yang*”: as duas forças cósmicas ou princípios interativos de *yin* e *yang*, positivo e negativo, ativo e passivo. *In* e *yô*, em japonês.

36 “Montar” não é puxar nem desviar a espada. É passar rápido por cima da ponta da espada adversária, cruzando com ela.

37 Uma advertência para o guerreiro não se prender a formas fixas: o objetivo é vencer.

38 “*Munen musô*”: libertação de toda e qualquer ideia ou pensamento; estado de serenidade absoluta.

39 “*Momiji*”: folhagem colorida de outono, cuja beleza é muito apreciada pelos japoneses. Símbolo do outono, período em que caem as folhas das árvores, depois de se tingirem de cores avermelhadas, como as aceráceas. Ou seja: fazer a espada cair como um folha no outono.

40 “*Shûkô*” designa uma espécie de macaco de braços curtos.

41 No golpe de espetar/aparar, a ponta da espada é geralmente direcionada para o olho esquerdo do adversário, mas procurando atingir seu olho direito. Espetar como se fosse dar uma tesourada no pescoço, para aparar a espada inimiga.

42 Originariamente, *Katsu!* (“Ora, vamos!”) é um grito de repreensão ou censura; *Totsu!* (aproxima-se do nosso “irra!”, “arre!”) é a admoestação dada por monges zen-budistas quando recriminam pensamentos impuros ou errados de seus discípulos.

43 O professor Watanabe suspeita que haja falta de uma frase anterior. Recorre a uma edição popular onde se encontra a seguinte versão: “Manejar ao mesmo tempo as duas espadas, cortando o inimigo da frente com a espada longa e na sua volta cortar o adversário que avança do lado. É imperdoável perder tempo num erro de golpes”.

44 No original está “inimigos dos inimigos” (*teki no teki*); aparentemente, um equívoco do autor.

3

FOGO

Escrevo este Capítulo do Fogo com o objetivo de fazer uma comparação entre o combate e a força do fogo na arte militar da Escola *Nitô-Ichi*. Inicialmente, devo observar que os chamados estrategistas em arte militar costumam encarar apenas as suas pequeninas vantagens. Fazendo uma analogia com as pontas dos dedos, conhecem tão-somente a vantagem de três a cinco polegadas do pulso. Ou seja, conhecem apenas a vitória a uma pequena distância do cotovelo, como se movimentassem um leque muito depressa ou devagar demais. E há também aqueles que, usando espadas de treinamento feitas de bambu e revestidas de pano, aprendem as pequenas vantagens da velocidade, movimentando os braços e as pernas, contentando-se exclusivamente com destrezas menores.

Na nossa arte militar, contudo, luta-se arriscando a vida no decurso de muitos embates, discernindo o sentido da vida e da morte através dos mandamentos da espada, conhecendo a força e a fraqueza da espada longa manejada pelos adversários, bem como seus golpes, e aprendendo o modo correto de manejar a espada longa,⁴⁵ a fim de chegar ao perfeito preparo para vencer o antagonista.

Assim, pequeninas coisas ou técnicas infantis, como as mencionadas, não são levadas em consideração na nossa escola. Num combate real, quando se enverga armadura completa composta de seis peças,⁴⁶ pequenas técnicas não devem ser sequer lembradas. Os fundamentos da nossa arte militar consistem em conhecer os mandamentos verdadeiros, para, numa luta de vida ou morte, enfrentar sozinho cinco ou dez adversários. Por

consequente, o mesmo princípio se aplica quando um enfrenta e vence dez ou quando mil triunfam sobre dez mil inimigos.

É preciso examinar e julgar muito bem esse princípio.

No entanto, é impraticável reunir mil ou dez mil pessoas num treinamento normal para aprender esses mandamentos. Mesmo um só, com uma espada longa, medindo os recursos estratégicos do inimigo, conhecendo seus pontos fortes ou fracos e sua técnica, pode, com a sabedoria da arte militar da nossa escola, chegar a saber como vencer dez mil homens, tornando-se assim mestre desses mandamentos.

Poderá, então, pensar do seguinte modo: quem no mundo, fora eu, poderá conhecer os mandamentos corretos da nossa arte militar e aprofundá-los até o último grau? E, depois de exercitar e aperfeiçoar-se dia e noite, tornar-se-á senhor de si, alcançará a liberdade e o prodígio de conseguir extraordinária força mágica – essa é a disposição espiritual de um samurai ao praticar as leis da arte militar.

SOBRE AS CONDIÇÕES DO LOCAL

Faz-se mister conhecer as condições do local de combate. No caso de haver sol, toma-se a posição de guarda com o sol pelas costas. Se a situação não permitir essa tática, procura-se receber a luz solar do lado direito. Numa sala, deve-se receber a iluminação da mesma forma: por trás ou pelo lado direito. É conveniente que o espaço que fica atrás não esteja obstruído e que o lado esquerdo tenha certa folga de espaço, mantendo-se a guarda fechada do lado direito.⁴⁷

Mesmo à noite, quando o local em que se está pode ser visto pelo antagonista, deve-se fazer o mesmo: manter o fogo atrás ou receber a luz pelo lado direito, não se esquecendo de ocupar posição superior, mantendo-se em guarda no ponto mais alto para ver o inimigo de cima. Numa sala, deve-se considerar o *kamiza*⁴⁸ como ponto mais elevado.

No caso de entrar em combate, procurar encurralar o adversário no lado esquerdo de onde você se acha, colocando-o em situação complicada, na qual ele tenha obstáculos à retaguarda. É importante forçá-lo a ficar em local difícil e, assim, impedi-lo de ter um campo de visão favorecido para manter você sob mira e sob contínua perseguição. Num aposento, apossá-lo, para não permitir que ele veja onde você está, forçando-o a se afastar, indo na direção da soleira da porta, do dintel, da porta corredeira, da varanda ou dos pilares. Tal como nos casos anteriores, impedir que ele veja sua posição. Em qualquer circunstância, ao perseguir o adversário, colocá-lo em lugar difícil de pisar, onde haja obstáculos dos lados, de forma que você possa aproveitar a superioridade das condições do local para vencer.

Ponderar bem e treinar.

TRÊS MANEIRAS DE SE ADIANTAR AO INIMIGO

Existem três maneiras de tomar a dianteira em relação ao adversário.

- a primeira é aquela em que você toma a iniciativa de atacar o inimigo; chama-se *Ken no sen*, iniciativa de ataque;
- a segunda é a que se toma no momento em que o adversário ataca; denomina-se *Tai no sen*, iniciativa de expectativa;
- a terceira se dá quando você e o inimigo atacam simultaneamente; é chamada *Tai-tai no sen*, iniciativa mútua.

Essas são as três maneiras de adiantar-se frente ao inimigo.

No início de qualquer combate, não existe outra iniciativa senão uma dessas três. Dependendo da maneira como se toma a iniciativa, ela virtualmente pode assegurar a vitória. Essa é a razão pela qual a iniciativa é a prioridade número 1 na arte militar. Conforme a ocasião e as

intenções do inimigo, há uma série de pequenos fatores que devem ser levados em conta na hora de adiantar-se a ele.

Não vou descrevê-los com minúcias, pois o importante é vencer o inimigo com a sabedoria da nossa arte militar.

Na iniciativa de ataque, *Ken no sen*, é importante manter-se calmo e atacar bruscamente, tomando assim a iniciativa. Ataque com um movimento vigoroso e rápido do corpo, mantendo o espírito tranquilo e firme. Dar passos um pouco mais rápidos do que os normais. Esta é a iniciativa de atacar com rapidez e agressivamente. Do começo ao fim da luta, é preciso ter a intenção inquebrantável de destruir o antagonista, vencê-lo esmagadoramente. Tudo isso faz parte da iniciativa de ataque.

Na iniciativa de expectativa, *Tai no sen*, quando o adversário arremete, manter-se indiferente, fingir fraqueza. No momento em que ele se aproxima, recuar de modo firme e mostrar que vai saltar para trás. Assim que perceber que o inimigo relaxa, atacá-lo depressa e com força para conseguir o triunfo. Essa é uma forma de se antecipar ao inimigo. Se ele voltar ao assalto, contra-atacar com mais vigor, aproveitando uma pequena mudança no ritmo dele para vencê-lo.

Esse é o princípio do *Tai no sen*.

A iniciativa mútua, *Tai-tai no sen*, é para o caso de precisar enfrentar ataque rápido do adversário, quando é preciso manter a calma e sair para a contraofensiva.

Quando ele estiver mais próximo, assaltá-lo no instante em que apresentar um relaxamento em seu ritmo, obtendo, dessa forma, uma vitória rápida. Caso o antagonista atacar com calma, passe ao contra-ataque — rápido, mantendo o corpo descontraído. Quando o inimigo se aproximar, procure irritá-lo com gestos e observe; quando ele deixar entrever pela expressão do rosto que o momento é oportuno, impinja-lhe uma fragorosa derrota. Eis o *Tai-tai no sen*, iniciativa mútua.

Na impossibilidade de descrever em detalhes o assunto exposto aqui, aproveitar a exposição feita e procurar tirar proveito das três iniciativas, obedecendo os princípios e as circunstâncias do momento. Isso não quer dizer que você atacará sempre antes do adversário, mas, na medida do possível, é desejável dominá-lo e submetê-lo à sua vontade. Seja como for, a iniciativa de adiantar-se ao inimigo significa vencer com certeza, com base no poder da inteligência da arte militar.

É preciso treinar muito bem.

PRENDER O TRAVESSEIRO

A técnica chamada “prender o travesseiro” parte do princípio de que não se deve permitir ao inimigo erguer a cabeça. No contexto da disputa na arte militar, nada pior do que ser manobrado pelo adversário e agir com atraso. O desejável é, ao contrário, manobrar o antagonista à vontade. O adversário pensa do mesmo modo que você e se estriba no mesmo espírito. Porém, sem poder adivinhar a intenção do inimigo, é impossível vencê-lo. A arte militar ensina como deter o adversário no instante em que ele tenta golpeá-lo, dominando suas estocadas e escapando, entre outras coisas, de suas tentativas de derrotá-lo.

Dentro dos nossos mandamentos, prender o travesseiro significa, ao enfrentar o inimigo, perceber suas intenções antes que ele as concretize, dominando sua tentativa de golpear já na letra *g* (de golpear), impedindo-o, assim, de prosseguir na ação. Eis o espírito de prender o travesseiro.

No caso de o antagonista assaltá-lo, detenha-o já na letra *a*; se ele estiver prestes a perfurá-lo, detenha-o já na letra *p*. Esse é o sentido de prender o travesseiro. Em outras palavras, quando o inimigo se prepara para atacá-lo, impeça-o na letra *a*; no momento em que ele saltar, faça-o parar na letra *s*; e, se ele tentar cortá-lo com a espada, impeça-o na letra *c*. Tudo dentro do mesmo espírito. Na hipótese de o adversário tomar a

iniciativa do combate, procure neutralizar os movimentos úteis a ele e permita-lhe os inúteis. Esse é um dos pontos essenciais da arte militar.

Mas, se apenas procurar impedir a ação do antagonista, isso quer dizer que você está agindo somente na defensiva. Agir de acordo com os mandamentos significa cortar no nascedouro as intenções do adversário, submetendo-o à sua vontade – eis o caminho do mestre da arte militar, conquistado mediante intenso adestramento.

É necessário examinar e treinar bem o ato de prender o travesseiro.

ATRAVESSAR CORRENTE CRÍTICA

Atravessar corrente crítica significa transpor obstáculos – por exemplo, aqueles que é preciso enfrentar quando, ao navegar por mar, se trata de atravessar um pequeno estreito ou um longo trecho de 160 ou 200 quilômetros. Esses trechos apresentam correntes críticas. Na travessia da vida, uma pessoa certamente terá de superar correntes críticas em muitos lugares. No caso de conduzir um navio, é preciso conhecer os locais das corrente críticas, a posição da embarcação, saber se o dia é ou não propício. Mesmo sem um navio auxiliar, navegará em condições favoráveis ou recebendo vento de estibordo e bombordo ou da popa. Ainda que a direção do vento mude, com a firme vontade de chegar ao porto do destino, é possível remar 12 ou 18 quilômetros sem a ajuda do vento e conduzir o barco, vencendo as correntes críticas.

Essa mesma disposição para transpor obstáculos é necessária na travessia da vida – o que exige espírito preparado para superar quaisquer acontecimentos críticos. Na arte militar, igualmente, durante um combate, é essencial vencer os momentos críticos, conhecendo a capacidade do adversário e utilizando corretamente a própria competência. Dessa forma, apoiado em seus conhecimentos e em seus princípios – tal como um bom navegante supera sua rota marítima –, alcançará a tranquilidade de espírito, atravessando as correntes críticas.

Saber superar os momentos críticos significa ficar em posição de vantagem e assegurar em grande parte a vitória sobre o adversário, que, sem essa experiência, amarga sua fraqueza. Ter o espírito alerta para ultrapassar correntes críticas é tão importante num duelo individual como no enfrentamento de exércitos.

O assunto deve ser muito bem examinado.

CONHECER O MOMENTO

Na arte militar relativa aos combates de exércitos, conhecer o momento – ou a situação do momento – consiste em saber o estado de ânimo ou de desânimo⁴⁹ do inimigo, o estado de espírito dominante na tropa adversária e, a partir daí, conseguir a melhor posição, avaliando a disposição da força contrária e planejando a maneira de promover a ofensiva com a firme convicção de assegurar a vitória baseado nos princípios da nossa arte militar e de lutar com o espírito de nos adiantar ao adversário.

O mesmo vale na arte militar aplicada à luta individual, quando é preciso conhecer a escola do antagonista, sua personalidade, seus pontos fortes e fracos e surpreendê-lo com seu ritmo inesperado e completamente diferente. Observar com a máxima atenção a cadência do inimigo, seus altos e baixos, bem como seu ritmo. Procure vencer sempre pela iniciativa.

Se minha capacidade intelectual estiver totalmente mobilizada, poderei com certeza ter clara visão da situação como um todo. Se eu tiver pleno domínio da arte militar, sabendo medir bem as intenções do inimigo, terei muitos meios para vencê-lo.

Procurar o aperfeiçoamento.

PISAR NA ESPADA

O recurso de pisar na espada é muitas vezes usado na arte militar.

Na situação referente ao combate de tropas, quando o inimigo atira com arco e com espingarda, a tática mais comum consiste em avançar depois dos tiros. Mas, nesse caso, torna-se difícil contra-atacar, pois é preciso colocar a flecha na corda do arco e carregar a espingarda com pólvora. Em razão disso, é preferível sair para a contraofensiva sem perda de tempo, ainda durante a carga das armas inimigas. Frente a um contra-ataque rápido, o inimigo não poderá utilizar nem a flecha nem a espingarda. Em outras palavras, diante da iniciativa de ataque do adversário, é preciso perceber de imediato seu intento e adiantar-se a ele, “pisando” em tudo o que ele faz, a fim de levá-lo ao revés.

Na arte militar da luta individual, acontece o mesmo. Se passo ao contra-ataque depois dos golpes de espada do adversário, o combate assume aspecto confuso e não conseguirei resultado positivo. Por isso, é muito importante ter em mente a ideia de pisar na espada longa do inimigo que vai atacar. Desse modo, posso vencê-lo no momento em que ele se prepara para atacar, impedindo-o de fazê-lo.

Não se pisa somente com os pés, mas com todo o corpo, com o espírito e, naturalmente, com a espada longa. Deve-se compreender que é preciso impedir um segundo ataque do inimigo. Mais uma vez, fazer prevalecer o espírito de adiantar-se em tudo ao adversário. Embora se diga “simultaneamente” à iniciativa do inimigo, atacá-lo somente não basta: é preciso ter a firme intenção de neutralizar sua ação, colando-se a ele.

SABER O QUE É COLAPSO

O colapso, ou quebra, acontece em tudo o que existe no mundo. A casa, o corpo, o inimigo entram em colapso quando chega a hora; então, o ritmo se quebra. Na arte militar aplicada a exércitos, é indispensável aproveitar a quebra de ritmo do adversário para avançar sobre ele sem dar-

lhe tempo de respirar. Se perdermos o momento do colapso, o inimigo terá tempo de voltar à ofensiva.

No combate individual, durante o confronto, acontece de o ritmo do antagonista se desregular, evidenciando seu colapso. Se deixarmos escapar essa oportunidade, ele se recuperará e o embate não marchará a nosso favor. No instante em que os sinais de colapso do inimigo forem percebidos, é importante prosseguir no combate com firmeza a fim de evitar sua recomposição. Perseguir com moral forte, golpeá-lo com força, impedindo-o de voltar à luta. Discernir bem este golpe decisivo. Se ele não for dado com determinação, o duelo tende para o impasse.

Cogitar sobre o assunto.

TRANSFORMAR-SE NO INIMIGO

Transformar-se no inimigo é colocar-se no lugar do adversário.⁵⁰ Notamos que, em geral, existe tendência a julgar forte o inimigo, mesmo sendo ele um ladrão que, após cometer um roubo, se esconde numa casa. Se soubermos nos colocar no lugar desse inimigo, veremos o quanto ele deve se sentir perdido ao ter que enfrentar todo mundo ou fugir. Aquele que se isola é um faisão; o que acossa para matá-lo é um falcão.

É preciso pensar bem sobre essa situação.

Na arte militar aplicada aos embates de exércitos, a tendência é acautelar-se em demasia, julgando o adversário muito poderoso. Supervalorizar o inimigo resulta em ação cautelosa e passiva demais. Contudo, quem dispõe de número suficiente de homens conhece bem os princípios da arte militar e sabe aproveitar a oportunidade de vencer não tem motivo para temer.

Na arte militar de embate individual, do mesmo modo, convém colocar-se no lugar do inimigo para melhor avaliá-lo. Então, pense no

inimigo como alguém que, com certeza, sairá derrotado diante de você, que é um bom conhecedor da arte militar e exímio na arte da esgrima.

Refleta com toda a atenção.

SOLTAR AS QUATRO MÃOS

Quando o combate entra num impasse e os dois lados perdem de vista a possibilidade da vitória porque um e outro pensam do mesmo modo, torna-se indispensável o chamado “soltar as quatro mãos”.⁵¹ Verificado o embaraço, abandonar imediatamente a primeira intenção e adotar outro recurso vantajoso para triunfar.

Na arte militar aplicada ao combate de exércitos, quando se chega a um beco sem saída com o espírito das quatro mãos, você acabará sacrificando muitos de seus homens. Nesse caso, é preciso abandonar imediatamente a ideia inicial e adotar um meio mais eficiente, insuspeitado pelo adversário, para a conquista da vitória.

Assim também na arte militar da luta individual, ao se criar a situação de impasse na tática das quatro mãos, é essencial mudar de orientação, adotando um método completamente diferente para triunfar.

Discernir bem.

MOVER A SOMBRA

A técnica de mover a sombra⁵² é aplicada no caso de não se conseguir descobrir o intuito do adversário.

Na arte militar de exércitos, quando não podemos ver a posição do inimigo, fingimos tomar a iniciativa de atacar violentamente a fim de descobrir seu jogo. Uma vez revelada sua tática, torna-se fácil derrotá-lo com um método eficaz.

No combate individual acontece o mesmo. Quando o antagonista empunha a espada longa voltada para trás ou para o lado, basta você

mostrar a intenção de golpeá-lo inesperadamente para ele de imediato revelar sua intenção com a espada. Ao descobrir a intenção dele, você tem toda a chance de alcançar a vitória, aproveitando as vantagens que a situação oferece. Contudo, se você se distrair, perderá seu ritmo.

Examinar atentamente o assunto.

PRENDER A SOMBRA

O recurso de prender a sombra⁵³ é adotado no momento em que se nota no adversário a intenção de atacar.

Na arte militar relativa a exércitos, busca-se captar a ideia de manobrar que germina no espírito do inimigo e prendê-la. Se você demonstrar claramente sua intenção de superar a vantagem do adversário, ele procurará mudar de plano, vencido por sua atitude firme e decidida. Então, você muda de ideia e, com espírito sereno, pode adiantar-se ao inimigo para vencê-lo.

Na arte militar aplicada ao embate individual, destrua o vigoroso intento ofensivo do adversário por meio de ritmo vantajoso e, nesse momento de vantagem, quando a intenção de ataque do inimigo fica suspensa, tome a iniciativa que conduzirá você ao triunfo.

É necessário pesquisar muito bem.

PASSAR ADIANTE

Passar adiante⁵⁴ é algo que acontece em muitas situações. Passa-se adiante o sono, por exemplo, e também se passa adiante o bocejo, além de muitas outras coisas. Pode acontecer de se passar adiante o tempo.

Na arte militar de batalha de exércitos, quando se verificar que o inimigo está inquieto, com o espírito disposto a se precipitar em ação, não se deve ficar preocupado. É preciso agir de modo a parecer indiferente. O adversário se deixará contagiar por essa atitude, amolecendo. No instante

em que julgar haver transmitido esse estado psicológico, passe rapidamente a um assalto vigoroso, com o espírito do vácuo (ou nada). Você terá então a vantagem da vitória.

Na arte militar aplicada ao embate individual, mantenha relaxados espírito e corpo. Procure um momento de distração do adversário, tome uma iniciativa rápida e vigorosa para vencê-lo. Isso é essencial.

Existe também outra tática semelhante – o chamado “fazer embriagar”. Há ainda a tática de transmitir o espírito de enfado, de indecisão e de debilidade.

Tudo precisa ser muito bem excogitado.

PROVOCAR INQUIETAÇÃO

A inquietação⁵⁵ surge em muitas circunstâncias. Em primeiro lugar, surge no momento de perigo iminente; em segundo, diante de grandes dificuldades; em terceiro, quando há surpresa. É preciso entender bem isso.

Na arte militar do combate de exércitos, é importante provocar inquietação no oponente. Surpreender o inimigo, atacando-o, onde ele menos espera, por meio de assalto violento. É essencial tomar a dianteira através de tática vantajosa antes que o adversário tome qualquer decisão – e levá-lo à derrota.

Na arte militar da luta individual, deve-se mostrar inicialmente relaxado e, a seguir, atacar súbita e violentamente o antagonista. Aproveitar-se da vacilação do espírito e da atuação do inimigo para, sem perda de tempo, avançar na conquista da vitória, valendo-se da vantagem do momento. É importante alcançar o triunfo desse modo.

Examinar muito bem o assunto.

ATEMORIZAR

Temor é algo que acontece com frequência. O temor é um estado de espírito geralmente provocado por algum acontecimento inesperado.

Na arte militar de combate de exércitos, deve-se procurar atemorizar⁵⁶ o inimigo não apenas por meio de coisas imediatamente visíveis. É possível fazê-lo lançando mão de outros recursos, como o grito, levando-o a superestimar a nossa força, ou procurando assustá-lo mediante ameaças de surpresa em seus flancos.

O inimigo sempre será vencido desde que saibamos aproveitar seu ritmo atemorizado da melhor maneira.

Na arte militar de combate individual, da mesma forma, pode-se amedrontar o adversário com o corpo, com a espada longa, com o grito e, aproveitando-se de seu estado de temor, assaltá-lo de modo inesperado, conquistando a vitória. Isso é essencial.

Procure examinar com atenção o assunto.

INFILTRAR-SE

Quando você e o adversário estão próximos e se batem, ambos dando o máximo de si, não sendo possível vislumbrar um modo de superá-lo, procure confundir-se com ele num só “rolo”. Procure encontrar, então, uma técnica adequada para triunfar. Isso é o que importa.

Na arte militar de combate de grupos ou de luta individual, quando os dois lados se confrontam com igualdade de forças, cria-se um perigoso impasse. Nesse caso, procure infiltrar-se nas forças adversárias a ponto de tornar impossível reconhecer a diferença entre amigos e inimigos. Nessa situação, procure uma oportunidade para forçar a vitória certa e esmagadora.

Reflita bem sobre o assunto.

ATACAR OS CANTOS

Atacar os cantos salientes⁵⁷ do inimigo é uma tática que provém de uma comparação: é muito difícil empurrar frontalmente um objeto pesado e sólido, mas torna-se fácil fazê-lo aos poucos e de viés.

Na arte militar do combate de exércitos, procura-se avaliar o número de combatentes inimigos e em seguida atacar setores mais fortes e avançados, para se colocar em situação vantajosa. Enfraquecendo os cantos salientes, o ânimo de toda a força inimiga tende a se debilitar. É importante prosseguir no ataque aos cantos fortes do adversário, mesmo diante do seu enfraquecimento, a fim de assegurar a vitória.

Na arte militar de combate individual, procurar ferir os pontos nevralgicos do corpo do inimigo. Então, ele se enfraquecerá pouco a pouco, acabando por entrar em colapso e, assim, tornando a vitória fácil.

É importante examinar o exposto, refletir e compreender os meios de chegar à vitória.

PROVOCAR PERTURBAÇÃO

Provocar perturbação⁵⁸ consiste em procurar desestabilizar o espírito do adversário.

Na arte militar do combate de exércitos, a primeira coisa a fazer no campo de batalha é desde logo perceber as intenções do inimigo e, a partir daí, procurar confundir seu espírito com a força da inteligência da nossa arte militar. Desnorteadado, ele poderá pensar as mais diferentes coisas sem conseguir discernir se é aqui ou lá, este ou aquele, se é cedo ou tarde demais. Aproveitar então a perturbação de ritmo gerada pela oscilação do espírito do inimigo para conceber a maneira certa de triunfar.

Quando o confronto é individual, deve-se criar a oportunidade ensaiando diversos tipos de ataque, como mostrar que vai perfurar ou golpear, ou ainda ameaçar com um corpo a corpo. No instante em que o antagonista mostrar os primeiros sinais de nervosismo, atacá-lo com veemência, vencendo-o com facilidade.

Eis a essência da luta.

OS TRÊS GRITOS

Os três gritos ocorrem antes, durante e depois da luta, pois grita-se de acordo com a situação ou com o momento do combate. O grito é uma expressão de força. Grita-se diante de um incêndio, do vento ou das ondas. O grito prova a energia de quem o emite.

Na arte militar do embate entre exércitos, quando se emite o grito do começo da luta, dá-se ênfase ao volume da voz para amedrontar o adversário. O grito do meio do combate, dado em tom grave, sai do fundo do ventre. E o último, depois da vitória, é um grito alto e forte. São esses os três gritos.

Também na arte militar relativa ao combate individual, a fim de assustar o inimigo, age-se como se para golpear e grita-se “Ei!”, golpeando a seguir com a espada longa.⁵⁹ Depois de derrubar o adversário com o golpe, grita-se anunciando o triunfo. Esses dois gritos são chamados de *sengo no koe*, grito de antes e depois. Não se deve gritar alto no momento de golpear com a espada longa. O grito dado durante o duelo é para acompanhar o ritmo em tom grave.

Examinar bem o que foi dito.

MOVER-SE PARA CONFUNDIR

Num confronto de duas forças em campo de batalha, sendo o inimigo mais forte, adota-se o chamado “movimento de ziguezague” para atacar. Ataca-se um setor do adversário. Derrotando-o nesse setor, busca-se outro, forte, abandonando aquele. De modo geral, trata-se de uma tática em ziguezague, em amplas curvas do flanco direito para o esquerdo.

Na arte militar do combate individual, essa tática é muito importante, mesmo no caso de confronto com muitos inimigos. Não se limite a vencer

uma parte deles ou a forçá-los a bater em retirada apenas. Depois dessa etapa, procure atacar outro setor mais forte, seguindo atentamente o ritmo do adversário, atacando-o tanto à direita como à esquerda com a tática de ziguezague, sem perder de vista o estado de ânimo do inimigo. Bem avaliada a força dele, passe ao assalto decisivo sem hesitação. A vitória será alcançada.

No caso de atacar o inimigo forte em luta individual, mantenha sempre o mesmo estado de espírito. Avançar em ziguezague, não recuar nem um pouco.

É preciso discernir com bastante clareza esse espírito.

ESMAGAR

Essa é a tática aplicável quando se considera que o inimigo é fraco. Julgando-se mais forte, você toma a decisão de esmagá-lo sem perda de tempo.

No caso da arte militar aplicada a combate de exércitos, quando perceber que os adversários não são muito numerosos – ou mesmo que estejam em grande número, mas com ânimo vacilante e nervoso –, trate de esmagá-los completamente com todas as suas forças. Se o ímpeto de esmagar for fraco, os adversários se recuperarão. É preciso ter clara na mente a ideia de esmagá-los na palma da mão.

O mesmo deve ocorrer na arte militar de combate individual. Se o inimigo for mais fraco, se notar perturbação em seu ritmo ou se perceber que ele está recuando, é essencial acabar com ele sem perda de tempo. O importante é não lhe dar chance de recobrar o fôlego.

Examinar bem o assunto.

mudar da montanha para o mar

O espírito de mudar da montanha para o mar significa que é ruim repetir muitas vezes a mesma tática num combate com o inimigo. Fazer a mesma coisa duas vezes ainda é admissível, mas nunca três.

No caso de atacar o antagonista e não conseguir sucesso na primeira vez, a segunda é quase sempre de resultado duvidoso. Recorrer então a uma tática completamente diferente e, se isso também não der certo, tentar outra para surpreender o adversário.

Em resumo, no momento em que o inimigo imaginar que é montanha, ataque-o como se fosse mar; se ele pensar que é mar, avance como a montanha. Esse é o espírito dos mandamentos da arte militar.

É preciso examinar bem o assunto.

ULTRAPASSAR O FUNDO

Ultrapassar o fundo acontece quando, em luta contra o inimigo, você o vence com a vantagem dos mandamentos da arte militar, mas apenas aparentemente, pois o espírito do adversário continua mantendo sua combatividade e é possível que ele só esteja vencido na superfície, e não no espírito. Por isso, você deve mudar depressa o espírito e esmagá-lo até o fundo, sendo importante assegurar-se de que ele perdeu todo seu moral de luta.

Ultrapassar o fundo quer dizer fazê-lo com a espada longa, com o próprio corpo e com o espírito. Não existe nenhum modo preciso de consegui-lo. Uma vez destruído o inimigo até o fundo, não é necessário manter o espírito vigilante – mas somente no caso de tê-lo vencido até o fundo. Se você continuar mantendo o espírito de vigilância, é sinal de que ainda não encontrou um modo de acabar em definitivo com o adversário.

É essencial treinar muito o espírito de ultrapassar o fundo, tanto na arte militar de batalha de exércitos como naquela aplicada ao duelo individual.

Num confronto com o inimigo, acontece de você ficar com o espírito enredado, não encontrando solução. Abandone então suas ideias e tome a decisão de começar de novo, encontrando um novo ritmo. Isso significa renovar-se, isto é, quando considerar que existe uma situação de impasse na luta contra o adversário, deve mudar de orientação, adotando uma ideia totalmente diferente e um ritmo novo que propicie alcançar a vitória.

Na arte militar aplicada a confronto de exércitos, é igualmente essencial compreender o significado da renovação. Com a inteligência da arte militar, isso se torna prontamente claro.

Examinar com bastante rigor o assunto.

CABEÇA DE RATO E PESCOÇO DE TOURO

Se, durante uma luta, tanto você como o inimigo se perderem em minudências e o espírito tornar-se confuso, lembre-se do dito “Cabeça de rato e pescoço de touro”⁶⁰ dos mandamentos da arte militar.

Deixando de lado as pequenas ideias, isto é, os ataques a pontos sem importância, procure abraçar de imediato as grandes ideias. Uma das características da arte militar reside, precisamente, em ocupar-se com o mesmo interesse tanto das grandes como das pequenas coisas. Portanto, é essencial que o samurai tenha sempre em mente, na sua vida cotidiana, o sentido de “Cabeça de rato e pescoço de touro”.

Tanto na arte militar de batalha de exércitos como na luta individual, não se deve esquecer esse princípio, mantendo o espírito muito atento para entendê-lo.

O que foi dito deve ser muito bem apreciado e muito bem compreendido.

O GENERAL CONHECE SEUS SOLDADOS

O general conhece seus soldados é um princípio de grande valia, a ser aplicado sempre que se entrar em combate.

Seguindo os mandamentos da arte militar e estando de posse do poder de inteligência que eles contêm, você se torna capaz de considerar mesmo os inimigos como seus subordinados. Poderá então comandá-los, movimentando-os do modo como lhe convier. Dessa maneira, você é o general e os inimigos, seus soldados.

Pensar bem nisso.

SOLTAR O PUNHO DA ESPADA

Soltar o punho da espada⁶¹ é uma expressão que apresenta diversos significados.

Existe o espírito de vencer sem espada, assim como o de ser vencido, mesmo com a espada longa na mão. Não vou expor aqui todos os estados de espírito.

O espírito precisa ser forjado.

CORPO DE ROCHA

Quando você dominar completamente os mandamentos da arte militar, poderá modificar imediatamente seu corpo, tornando-o firme como uma rocha, intocável. Nada poderá movê-lo, conforme diz a tradição oral.

• • • •

Escrevi até aqui o que sempre pensei no decurso dos exercícios de esgrima da Escola *Ichí*. É a primeira vez que registro por escrito as

vantagens desta escola. A ordem da narrativa se apresenta confusa, pois é difícil explicar os pormenores. Mesmo assim, o texto deve servir de guia para todos aqueles que precisam aprender estes mandamentos.

Desde a minha juventude, dediquei meu espírito aos mandamentos da arte militar, disciplinando as mãos e educando o corpo mediante intensos treinamentos de esgrima, exercitando constantemente o meu espírito. Observando e pesquisando outras escolas, verifiquei que algumas oferecem apenas hábeis frases de efeito, outras não exigem nada além de pequenas habilidades técnicas e se ocupam tão-somente da aparência. Nenhuma apresenta espírito autêntico.

No entanto, acredito que mesmo o aprendizado feito em tais escolas pode adestrar o corpo e o espírito. Mas quase sempre esse aprendizado acaba por prejudicar os mandamentos, transformando-se em defeitos da arte militar, de cuja influência maléfica torna-se difícil escapar. Assim, permanecem para sempre contribuindo para a decadência dos verdadeiros mandamentos da arte militar. A esgrima, *kenjutsu*, tem por finalidade a assimilação dos verdadeiros mandamentos da arte militar para vencer na luta contra inimigos. Este método deve preservar a integridade de seus princípios.

Absorvendo a inteligência da arte militar da nossa escola e praticando-a corretamente, não tenha dúvida de que vencerá.

45 Se não houver pleno conhecimento do uso da espada longa, é impossível cortar o inimigo. A arte de esgrimir da Escola *Nitô-Ichi* começa pelo manejo correto da espada longa.

46 As seis peças seriam: armadura do corpo, elmo, máscara, manoplas, grevas das coxas e pernas.

47 A necessidade de evitar que o inimigo ataque pelo lado direito deve-se às características específicas da Escola *Nitô* (Duas Espadas).

48 Numa residência tradicional japonesa, o chefe da família senta-se no *kamiza* ou cabeceira. Fica perto do *tokonoma* (um vão na parede onde se colocam flores, objetos de arte, pintura caquemono etc.)

49 A disposição geral do espírito reside no corpo todo. Deve-se ter a noção de que ela pode ser observada na maneira de pisar com os pés, no modo de empunhar a espada e assim por diante.

50 Colocando-se no lugar do inimigo, refletir sobre dificuldades espirituais dele. O autor explica a necessidade de colocar-se no lugar do adversário para analisar seu estado psicológico.

51 “Quatro mãos” significa a luta corpo a corpo, quando se agarra com as duas mãos as duas do inimigo. O autor aconselha largar as mãos resolutamente no momento em que a luta entrar num impasse.

52 A palavra “sombra” (*kage*) pode ser escrita com dois *kanji* diferentes. Aqui, trata-se de sombra invisível, sombra das oscilações do espírito. A outra sombra, também *kage*, mas escrita com outro ideograma, é a visível, projetada pela luz sobre objetos opacos.

53 A sombra (*kage*) de que se trata aqui é a sombra visível.

54 Trata-se da intenção de contagiar, da necessidade de adotar uma tática de indução psicológica.

55 Tática destinada a endurecer e irritar o espírito do adversário. Visa à paralisação psicológica do inimigo.

56 Essa tática tem por finalidade provocar o pavor e a paralisação psicológica do adversário.

57 Trata-se de uma tática para enfrentamento de inimigos muito fortes.

58 Provocar confusão e perturbação nas hostes adversárias. Em resumo, tática destinada a causar inquietação psicológica no inimigo.

59 Põe-se em discussão o valor tático do grito de estímulo. Musashi limita-se aqui a citar apenas o primeiro grito “Ei!”, entre os três. O professor Watanabe acredita que os outros gritos sejam “*Yatsu!*” (“Oô!”) e “*Tô!*”.

60 “Cabeça de rato e pescoço de touro” é um simbolismo que significa “a meticulosidade do rato e a ousadia do touro”.

61 “Soltar o cabo da espada” não significa abandonar a espada; trata-se, isto sim, de libertar o espírito da preocupação com ela.

4

VENTO

Ao escrever este capítulo, que intitulo Vento,⁶² tenho como objetivo expor os mandamentos da arte militar de outras escolas. Sem conhecer os mandamentos de outras escolas, é difícil compreender com segurança os da Escola *Ichì*.

Nas pesquisas que empreendi, encontrei aquelas correntes que, adotando espadas extralongas, dedicam-se exclusivamente ao culto da força como meio de aperfeiçoar sua arte. Existem outras escolas que adotam a chamada “pequena espada longa”, *kodachi*, e a partir daí procuram pôr em prática os seus mandamentos. Outras ainda inventam diferentes estilos no uso de espada longa e transmitem suas normas, considerando suas posições de guarda como modelos básicos e essenciais.

Neste capítulo, exponho com clareza por que essas escolas não representam os verdadeiros mandamentos da arte militar, explicando ao leitor suas virtudes e vícios, o certo e o errado. Os princípios da Escola *Ichì* têm significados muito especiais. As outras escolas, embora incluídas na categoria de arte militar, fazem dela um simples meio de vida, apresentam-se sob sedutores enfeites, fazem desabrochar flores para vender, razão pela qual fogem dos verdadeiros mandamentos da arte militar.

Existem ainda correntes que se limitam apenas à arte da esgrima, ensinando o manejo da espada longa e pequenas habilidades do corpo e das mãos. Poderão seus discípulos aprender a vencer? Nenhuma delas representa os verdadeiros mandamentos da arte militar. Os defeitos de outras escolas são revelados um por um neste livro.

Convido o leitor a examinar bem o exposto a fim de compreender as vantagens da Escola *Nitô-Ichi*.

O USO DE ESPADAS EXTRALONGAS EM OUTRAS ESCOLAS

Algumas escolas dão preferência a espadas extralongas. Mas, do ponto de vista da nossa escola, nós as consideramos fracas, porque desconhecem o princípio de vencer o inimigo em qualquer circunstância. Acreditam que, dispondo de uma espada mais comprida, podem vencer o inimigo a uma distância maior, pois ficam fora de seu alcance. Esse o motivo de darem preferência à espada extralonga, fazendo jus ao ditado popular que diz: “Vantagem de uma polegada a mais na mão”.

Essa observação só pode ser feita por alguém que ignore a arte militar e que, sem conhecer os verdadeiros princípios dela, acredita poder vencer à longa distância pelo simples fato de portar uma espada mais comprida. Isso só ocorre com alguém de espírito fraco. Trata-se, pois, de uma arte militar frágil.

No caso de o adversário encontrar-se perto e ser preciso travar luta corpo a corpo, quanto mais longa a espada, mais difícil será golpear com ela, que acaba se tornando um obstáculo e deixando o guerreiro em desvantagem, mesmo contra quem esteja empunhando uma pequena *wakizashi*. Aquele que prefere a espada extralonga terá o seu argumento, mas trata-se apenas de uma razão pessoal. Do ponto de vista dos verdadeiros mandamentos, não existe nenhuma razão para isso.

Não dispondo de espada extralonga, será motivo certo de derrota usar a espada curta? No caso de não se dispor de nenhum espaço acima, abaixo ou dos lados e de se dispor somente de espada curta *wakizashi*, preferir a espada extralonga constitui manifestação de descrença na arte militar, atitude que é condenável.

Existem pessoas de força física menor.⁶³ Desde a antiguidade se diz: “Grandes e pequenos andam juntos”, ou seja, não se deve desprezar o comprido sem motivo. Condena-se apenas o espírito tendencioso, que busca se apoiar unicamente na espada extralonga.

Em termos de arte militar aplicada a combate de exércitos, a espada extralonga equivale a uma força numerosa, enquanto a curta pode ser comparada a uma pequena tropa.

Não poderia haver, então, embate entre uma força grande e uma pequena? Existem muitos exemplos de que é possível a uma pequena força derrotar um grande exército adversário.

Na nossa Escola *Ichì*, reprovamos o espírito preconceituoso e estreito.

É preciso examinar muito bem este assunto.

EMPREGO DA FORÇA BRUTA EM OUTRAS ESCOLAS

Não há espada longa forte nem espada longa fraca. A espada longa brandida com espírito de valorizar exclusivamente a força bruta perde em precisão, resultando grosseiro o seu golpe. Recorrendo-se unicamente à força bruta, é difícil conseguir a vitória. Em se tratando de espada longa aplicada com força, quem se apoiar somente na força bruta, no momento de golpear o adversário, não conseguirá cortá-lo. Mesmo no caso de testar o fio da espada para verificar sua qualidade, é desnecessário recorrer apenas à força bruta. Ao se bater em duelo por motivo de vingança, ninguém luta cogitando se vai cortar o inimigo de modo violento ou suave – o importante é matar o inimigo.

Quando se busca abater o inimigo com golpes de espada, não se deve pensar em fazê-lo com espírito forte ou, muito menos, fraco. O importante é acabar com ele, cortando-o e matando-o. Se, com um golpe de espada longa, batermos na espada do adversário com excesso de força, poderemos provocar desequilíbrio do nosso corpo, alcançando com isso maus resultados. E há, ainda, o risco de bater com força na espada inimiga

e a espada longa quebrar-se. Por isso, não tem sentido esgrimir com a espada longa apenas aplicando a força.

Na arte militar relativa a combate de exércitos, quando se dispõe de grande número de soldados bem-treinados e se procura vencer o combate somente por meio da força, o inimigo poderá fazer o mesmo, arrebanhando forças poderosas. As coisas ficarão iguais para os dois lados. Em tudo, para vencer, é necessário recorrer à razão.

Nos nossos mandamentos, não levamos em conta métodos irracionais, e sim o espírito de buscar o triunfo com o poder da inteligência da arte militar.

Ponderar e meditar sobre o que foi dito.

OUTRAS ESCOLAS QUE USAM ESPADA LONGA MAIS CURTA

Usar só a espada longa-curta para vencer não consta dos verdadeiros mandamentos da arte militar.⁶⁴ Desde a antiguidade, a *tachi* e a *katana*⁶⁵ são conhecidas porque representam, respectivamente, a arma longa e a arma curta.

Homens fisicamente fortes podem brandir com facilidade a espada extralonga, razão por que não há motivo para eles preferirem a espada curta. Por isso, usam armas mais compridas, como a lança e a *naginata*. Com a espada longa-curta, pretender atacar o adversário num momento de falha na guarda da sua espada longa, ou assaltá-lo, ou, ainda, agarrá-lo, constitui tática condenável, por ser unilateral.

Outrossim, aproveitar o descuido do inimigo representa manifestação de espírito que conduz a lentidão e a complicação na manobra, o que é condenável. Quem, com a arma curta, tentar penetrar ou arrebatá-lo algo do inimigo superior em número faz um esforço inútil.

Aqueles que usam espada longa-curta e querem golpear numerosos adversários saltando livremente de um inimigo a outro, esgrimindo mal, acabam sempre em posição defensiva, com o espírito confuso – fugindo,

portanto, dos verdadeiros mandamentos da arte militar. O caminho certo para vencer é, pois, manter o corpo reto e firme, atacar o antagonista, fazê-lo pular e confundir-se.

Na arte militar de batalha entre exércitos, adota-se o mesmo princípio. Com grande número de homens, ataca-se sem perda de tempo, assaltando⁶⁶ de surpresa a força adversária e destruindo-a na hora. Eis o que é essencial na arte militar.

Fora das batalhas, ao aprender dos outros em tempos normais, a pessoa tem a oportunidade de treinar aspectos da luta, como aparar, escapar, evitar ou ocultar-se da espada inimiga. Em caso de emergência, prender-se a essas minudências da técnica significa ser eliminado pelos inimigos. Os mandamentos da arte militar são corretos e justos; é essencial ter o espírito de perseguir os adversários com princípios justos e dominá-los.

ESCOLAS COM MUITOS ESTILOS NO USO DAS ESPADAS LONGAS

Exibir aos principiantes vários estilos de golpes de espada longa e fazer dos mandamentos objeto de comércio, ensinando numerosas técnicas só para impressionar, é um comportamento rejeitado pela arte militar. É um modo equivocado de sugerir a existência de muitos modos de cortar pessoas com a espada.

No mundo, não existem mandamentos diferentes para cortar pessoas com a espada. Matar é uma coisa só, tanto para homens que conhecem a técnica quanto para os que não as conhecem, sejam homens, sejam mulheres ou crianças. Não há tantos modos diferentes de matar com a espada. Além de cortar, temos métodos como perfurar e ceifar. Seja como for, trata-se de mandamentos para acabar com o inimigo, não havendo razão para que existam em grande número.

Todavia, conforme o local e as circunstâncias, como no caso de obstrução do espaço acima da cabeça ou dos lados do corpo, a espada

longa não poderá ser usada. Nesses casos, existem cinco meios de sair do aperto, chamados as cinco posições de guarda.⁶⁷

Além dessas técnicas, é inútil acrescentar de propósito outras, como de torcer o pulso, curvar o corpo, saltar ou recuar, abrindo espaço para golpear um homem, porquanto elas não fazem parte dos verdadeiros mandamentos. É absolutamente impossível cortar um homem torcendo as mãos, curvando o corpo, saltando ou dando voltas. Isso tudo é inútil.

Em nossa arte militar, agimos com a reta postura do corpo e do espírito, forçando o adversário a se curvar, a se entortar. Aproveitamos então a confusão e a inquietação criadas no seu espírito para derrotá-lo.

Vencer assim é essencial.

POSIÇÃO DE GUARDA COM A ESPADA LONGA EM OUTRAS ESCOLAS

É um equívoco confiar demasiadamente nas posições de guarda com a espada longa. O que se conhece entre nós como “guarda” deve ser aplicado apenas na ausência de um inimigo a enfrentar. Estabelecer como norma que é preciso recorrer aos exemplos existentes desde a antiguidade e aos casos atuais não deve figurar nos mandamentos da luta.

É essencial planejar para colocar o adversário em situação desfavorável.

Em todos os casos, pôr-se em guarda significa organizar uma posição firme e inabalável. Em caso de defesa de um castelo ou de uma frente de batalha, é preciso manter o espírito intemorato, mesmo diante de forte ataque do adversário. Essa é a regra normal.

Contudo, nos mandamentos da luta na arte militar, o importante é ter a iniciativa, adiantar-se sempre e em tudo. Assumir a posição de guarda implica esperar que o inimigo tome a iniciativa.

É imperioso meditar bem sobre o assunto.

De acordo com os mandamentos sobre embates na arte militar, deve-se provocar a quebra da guarda do antagonista, agindo de modo

imprevisível, ou produzir nele uma ação precipitada; assustá-lo, irritá-lo ou amedrontá-lo e aproveitar a quebra do seu ritmo para derrotá-lo. É detestável o espírito de se colocar em guarda, de “agir depois”.⁶⁸ Por essa razão, na nossa escola, “estar em posição de guarda é não estar em posição de guarda”.

Na arte militar referente a combate de exércitos, é preciso conhecer o número dos inimigos, o terreno do campo de batalha, ter noção da quantidade de nossos homens, organizá-los segundo suas qualificações e assim iniciar o combate. Eis o essencial para uma batalha.

Entre deixar que o inimigo tome a iniciativa e nós atacarmos primeiro existe uma diferença duas vezes maior no resultado (favorável ou negativo) do embate.

Colocar a espada em posição de guarda, interceptar a espada longa inimiga e dar um golpe é como bater sobre uma cerca de madeira⁶⁹ com chuço ou espada extralonga. Para avançar sobre o adversário, é necessário ter a disposição de arrancar as estacas da cerca e usá-las como lanças ou como espadas extralongas.

Examinar bem o assunto.

FIXAR O OLHAR, SEGUNDO OUTRAS ESCOLAS

Entre as diferentes escolas, há aquelas favoráveis a que se fixe o olhar na espada longa do inimigo; outras, nas mãos; outras, no rosto; outras, ainda, nas pernas. Contudo, fixar o olhar em determinados pontos, segundo essas indicações, pode levar confusão ao espírito, acabando por se tornar um mal para a arte militar.

Podemos explicar melhor. O jogador de bola⁷⁰ não fixa muito os olhos na bola, mas aplica sua técnica com perfeição, seja chutando a bola que desliza pelo corpo até o pé, seja enquanto persegue a bola, ou, ainda, quando vira o corpo. A pessoa que se acostuma com as coisas não tem necessidade de ver com os olhos, exatamente. Por exemplo: os que

praticam acrobacia, uma vez adestrados, conseguem carregar a folha de uma porta com o nariz; fazer prestidigitação com espadas como se fossem peloticas, tudo sem fixar os olhos nos objetos com que lidam. Familiarizados por treinos diários, eles os movimentam com naturalidade, enxergando-os sem esforço especial.

Também nos mandamentos da arte militar, depois de muitas lutas, a pessoa se habitua a entender o adversário, a perceber a lucidez ou não do seu espírito. E, uma vez dominados os mandamentos, torna-se capaz de enxergar perfeitamente a proximidade ou a distância, a rapidez ou a lentidão da espada longa. Ou seja, ela aprende a ver na totalidade. Na arte militar, o olhar serve, regra geral, para ler o estado de espírito do antagonista.

No caso da arte militar aplicada a combate de exércitos, o olhar calcula a posição da força inimiga. Existem, nesse caso, duas maneiras de olhar: o forte e o fraco. Na primeira, com o olhar forte, é possível perceber o estado de espírito do inimigo, sua localização, e com maior atenção ainda se poderá seguir a marcha da luta, o fortalecimento ou o enfraquecimento da tropa adversária – importante meio de assegurar a vitória.

Tanto na arte militar aplicada ao embate de exércitos como no duelo individual, é dispensável fixar o olhar em pormenores, negligenciando as coisas importantes. O espírito ficará confuso e a vitória certa lhe escapará.

Examinar bem esta vantagem e treinar muito.

O USO DOS PÉS EM OUTRAS ESCOLAS

Existem muitas maneiras de usar os pés: com pés flutuantes, saltadores, puladores, pisadores (que pisam firmemente e não se movem), com pés de corvo⁷¹ e outros passos rápidos. Do ponto de vista da nossa arte militar, todas essas maneiras são insatisfatórias.⁷²

Rejeitamos os pés flutuantes porque, uma vez iniciado o combate, os pés certamente tenderão à vacilação. Conforme os nossos mandamentos, é melhor ter os pés pisando com firmeza.

Não aprovamos os pés saltadores, porque a pessoa se habitua a saltar e, então, fica presa a esse hábito, perdendo a liberdade da movimentação seguinte. Não há necessidade de saltar muitas vezes. Por isso, os pés saltadores são condenados. Existem outros modos de pisar, como o de corvo, e diversas formas de executar passos rápidos. Existem ainda casos de troca de golpes de espada com o adversário em charcos, em terreno pantanoso, em córregos de montanhas, campos pedregosos ou trilhas estreitas. Desse modo, dependendo do local de combate, é impossível saltar ou pisar rápido.

Na nossa arte militar, os movimentos dos pés são sempre os usuais, como no caminhar normal. Conforme o ritmo do adversário, tanto na hora de se apressar como nos momentos de calma, é preciso ajustar a posição do corpo, andar sem pressa demasiada nem lentidão excessiva, a fim de evitar a perda de cadência no caminhar.

Na arte militar dos exércitos em combate, os movimentos dos pés são importantes. Isso porque, se atacar impensada e precipitadamente, sem conhecer as intenções do antagonista, a pessoa perderá o ritmo e dificilmente alcançará a vitória. Por outro lado, se os pés forem lentos demais, não se poderá notar a vacilação ou o colapso do inimigo, deixando escapar a oportunidade de vencer. Dessa maneira, será impossível chegar a uma decisão rápida. O essencial é vencer, percebendo a confusão e a indecisão do adversário e não lhe dando nunca nenhuma folga para reagir.

Treinar muito bem.

A RAPIDEZ NAS OUTRAS ESCOLAS

A rapidez da espada na arte militar não faz parte dos verdadeiros mandamentos. Em todas as coisas, a falta de harmonia com o ritmo gera a

questão da rapidez. O trabalho de um perito em uma arte ou profissão não parece rápido. Temos, por exemplo, o caso de um mensageiro expresso⁷³ que percorre 160-200 quilômetros por dia sem, contudo, correr a toda velocidade o tempo todo, de manhã à noite. Quem não tiver prática na corrida, embora corra o dia todo sem parar, terá rendimento insatisfatório.

No teatro *noh*, se um mau cantor acompanha outro, excelente, produz-se um descompasso, criando-se em seu espírito uma sensação de atraso, o que provoca nele a preocupação de apressar-se. Na peça *Oimatsu* (“Velho pinheiro”), também do teatro *noh*, embora o acompanhamento de tambor e tamborim seja de ritmo até tranquilo, novatos tendem a atrasar-se, e o espírito deles se inquieta. O ritmo do canto *Takasago*⁷⁴ é rápido, mas é reprovável executá-lo de forma apressada.

Diz-se que muitas vezes a pressa pode acabar em tombo, por sair do ritmo. Naturalmente, a lentidão é igualmente ruim. No caso em questão, quando executado por bons cantores, o ritmo parece lento, mas é perfeito, sem falhas. Tudo o que é realizado por perito parece sem pressa nem urgência.⁷⁵ Com esses exemplos, será possível conhecer a verdade dos mandamentos.

Observemos que, particularmente nos mandamentos da arte militar, a rapidez é condenada. Pelo fato de que, conforme o local – um pântano ou arrozal de muita lama, por exemplo – é muito difícil movimentar o corpo e as pernas depressa. Em especial, é impossível golpear rápido com a espada longa. Apressar-se no golpe não é como usar leque ou espada curta. Procurando cortar só com a força da ponta do dedo, não se cortará nada.

Discernir bem tudo isso.

Na arte militar aplicada a combate de exércitos, é igualmente condenável o espírito de rapidez e pressa. Com o espírito de prender o travesseiro, a pessoa nunca se atrasará. Quando alguém se precipita sem

motivo, é preciso contrariá-lo, permanecendo calmo. Não ser arrastado por outrem é muito importante.

É imprescindível treinar e exercitar-se no que diz respeito a esse estado de espírito.

O QUE OUTRAS ESCOLAS ENTENDEM POR PROFUNDO E POR SUPERFICIAL

No que diz respeito à arte militar, o que se pode chamar de superficial e o que se considera profundo? Em diferentes artes ou atividades, existe um portal para alcançar a perfeição última ou a tradição secreta. Mas, quanto aos princípios relativos ao momento de cruzar a espada com o antagonista, não cabe dizer que se luta com superficialidade ou que se corta com profundidade.

Segundo o método da nossa arte militar, ensina-se aos principiantes a técnica mais simples, ministrando-lhes os princípios para sua fácil compreensão, de acordo com seu grau de adiantamento. Quanto àqueles princípios de assimilação difícil, serão ministrados de acordo com o desenvolvimento da capacidade de entendimento do interessado, levando-o a aprender gradativamente os princípios mais profundos. No entanto, como regra geral, ensina-se, por exemplo, o que fazer na prática quando em luta contra o inimigo. Assim sendo, não há necessidade de tocar no assunto da profundidade ou “portal para conhecer a perfeição última”.

Por isso, neste mundo, ao procurar chegar ao âmago da montanha mediante tentativas de penetrar cada vez mais fundo, acabamos quase sempre voltando à porta de entrada. Em quaisquer mandamentos, existem casos práticos em que a profundidade, ou perfeição última, é muito valiosa, e há casos em que o superficial é suficiente. Sobre esses princípios de luta, o que ocultar e o que revelar? Diante da dúvida, ao transmitir meus mandamentos, não gosto de exigir promessas escritas⁷⁶ dos meus discípulos. Procuro conhecer a capacidade intelectual de cada um, ensino-lhes o método direto dos mandamentos, fazendo-os abandonar os vícios e

desvios adquiridos no decorrer do processo de adestramento da arte militar, de tal modo que se integrem naturalmente nos verdadeiros mandamentos das leis de samurai. Desenvolver o espírito de samurai, sem nenhuma dúvida, eis o ensinamento dos mandamentos da nossa escola.

Deve-se, pois, treinar muito bem.

• • • •

Expus em linhas gerais, nos nove artigos do Capítulo do Vento, a arte militar de outras escolas. Embora devesse descrever com minúcias desde o portal até a perfeição última, não indiquei nem os nomes delas nem suas características mais importantes. Isso porque, em cada escola, o julgamento e a explicação de seus mandamentos podem ser algo diferentes, conforme as pessoas, seu espírito e seu pensamento. Assim sendo, existem também interpretações diferentes, mesmo em relação a uma escola, razão pela qual, pensando no futuro, não registrei de quais escolas ou de que estilos de esgrima se tratava.

Por isso, dividi e comentei em linhas gerais as outras escolas nos nove artigos já referidos. Observando do ponto de vista moral do mundo e da razão dos homens, verificamos que eles ora se inclinam a preferir a espada longa, ora prestigiam a espada curta, ora, ainda, apresentam tendência a se preocupar só com a força ou a fraqueza, o grosseiro ou o refinado. Afinal, todas essas atitudes são tendenciosas. Assim sendo, mesmo sem revelar os aspectos mais profundos ou superficiais de outras escolas, todos devem procurar compreender.

Na minha Escola *Ichì*, não há portal para a perfeição última da espada longa e não há limites nas posições de guarda. Alcançar a virtude pelo espírito, tão-somente, eis a quintessência da arte militar.

62 Musashi discute em nove artigos os pontos divergentes no tocante ao espírito e à técnica da arte militar entre a Escola *Ich*i e as outras e procura informar claramente os pontos essenciais da Escola *Nitô* (Duas Espadas), ou *Nitô-Ich*i, como ele também a chama.

63 Numa edição popular, lê-se: “Existem pessoas que usam espada curta e outras que, por motivo de sua estatura, não podem usar a espada longa”. Teria havido erro de cópia?, pergunta o professor Watanabe.

64 Na época, havia muitas escolas de esgrima que incluíam em seus currículos o adestramento com a espada curta, como a chamada *kodachi* (“pequena espada longa”), ensinando também o manejo das armas brancas de lâmina curta.

65 A *tachi*, espada longa, mede mais de três *shaku* (este equivale a 30 centímetros) e a *katana*, ou *uchigatana*, de dois a três *shaku*; a *wakizashi*, espada curta, tem de dois a três *shaku* e a *tantô* é uma adaga com menos de dois *shaku*.

66 O verbo *shiosu*, aqui usado, pode ser interpretado como encurralar, assaltar ou cercar pelos quatro lados.

67 As cinco posições de guarda são: alta, mediana, baixa, lateral direita e lateral esquerda.

68 Musashi defende a tática de tomar a iniciativa ou adiantar-se ao inimigo. Ele acredita que a vitória é certa quando se toma a dianteira. E qualifica de “guarda” (*kamae*) a atitude de esperar a iniciativa do adversário, condenando o “espírito de atar as mãos atrás”.

69 Em última análise, a atitude defensiva é igual a brandir chuços e espadas extralongas – armas compridas – por trás da cerca de madeira. Assim, não dá para golpear o inimigo.

70 Havia no Japão antigo um jogo de bola chamado *kemari* (“chutar bola”). Era um divertimento da nobreza palaciana de Kyoto. Usava-se bola de couro, chutada com sapato de couro, e o objetivo era manter a bola no ar, sem deixá-la cair no chão. Começou no período Heian (séculos VIII a XII).

71 “Pés de corvo”: saltar para a direita e para a esquerda.

72 Musashi sustenta que na Escola *Niten-Ich*i pisa-se pelo método *in-yô* (*yin-yang*). Segundo os modos de golpear aqui mencionados, o peso do corpo recai sobre um dos pés, causando desequilíbrio no momento de manejar a espada longa.

73 Trata-se de um serviço de transporte de correspondência, valores e objetos existente no período Tokugawa (1603-1867), precursor do atual serviço de correios.

74 A canção *Takasago*, do *noh*, é cantada no decorrer da cerimônia de casamento.

75 Não parece rápido ao observador. Trata-se de discernir o que é rápido e o que é lento, o que é ritmo e o que é intervalo ou pausa.

76 Uma promessa escrita, dirigida aos deuses do xintoísmo e a Buda, com assinatura e “selo de sangue”, era hábito entre samurais ao firmar compromissos de honra. Em algumas escolas de esgrima, exigia-se essa formalidade no ingresso, na promoção e em diversas fases do curso de

treinamento. Essa prática deu origem à “venda de diplomas” em estabelecimentos de arte marcial pouco sérios.

5

VÁCUO

Com o título de Capítulo do Vácuo,⁷⁷ escrevo aqui sobre os mandamentos da Escola *Nitô-Ichi* de arte militar.

O espírito do vácuo é a ausência das coisas, o desconhecido. Naturalmente, o vácuo é o nada. Conhecendo o que existe, toma-se conhecimento do nada. Eis o vácuo. No mundo, há quem, partindo de um ponto de vista vulgar, interprete como vácuo aquilo que lhe parece incompreensível. Na verdade, esse vácuo não é verdadeiro, mas apenas o fruto da confusão do espírito.

Mesmo nos mandamentos da arte militar, samurais que ignoram as leis de sua classe no cumprimento dos mandamentos de guerreiro não alcançam o sentido do vácuo. Como resultado de suas confusões e perplexidades, consideram a indefinição como o vácuo. Naturalmente, isso não é o verdadeiro vácuo.

Para alcançar o entendimento do vácuo, o samurai deve aprender de modo seguro os mandamentos da arte militar e, além disso, dominar perfeitamente as artes marciais, praticar com decisão e firmeza espiritual os deveres de samurai. E aperfeiçoar com tenacidade e diligência o espírito e a vontade, aguçando a capacidade de percepção e de visão, eliminando qualquer nuvem de dúvida. Só então conhecerá o verdadeiro vácuo.

Enquanto ignorar a essência dos verdadeiros mandamentos e não se apoiar nas leis do budismo nem nas leis terrestres, cada qual julga que seus mandamentos são os certos e corretos. Contudo, à luz dos verdadeiros mandamentos do espírito *jikidô*⁷⁸ e segundo as grandes leis do mundo, está se desviando da essência dos verdadeiros mandamentos por causa da

preferência pessoal, ou parcialidade, e da distorção da visão. Conheça o espírito dos verdadeiros mandamentos, tenha a justiça como fundamento, o verdadeiro espírito como mandamento, para praticar amplamente a arte militar, com justiça, limpidez e grandeza, considerando o vácuo como os mandamentos e os mandamentos como o vácuo.

No vácuo há o bem, e não o mal. Só quando dotado da sabedoria, das razões e dos mandamentos da arte militar é que se elimina qualquer pensamento irrelevante e se alcança o estágio espiritual do vácuo.

Aos 12 de maio do ano 2 da Era Shoho (1645)

Shinmen Musashi

Ao senhor Terao Magonojô

77 Depois dos quatro capítulos precedentes, Musashi expõe os princípios fundamentais, ou seja, a quintessência dos seus princípios, que se resumem na expressão *Banri Ikkú* – todo o conhecimento das partes se reduz à apreensão do uno, de forma imediata e sem intermediação. Ele mesmo declara que é muito difícil explicar esses princípios. Por isso, pede para cada um refletir.

78 *Jikidô* seria, na língua búdica, o estado de Buda alcançado depois de muitas práticas ascéticas.

SOBRE O TRADUTOR

Japonês da pátria filho

MIRIAN PAGLIA COSTA

José Yamashiro (1913-2005) nasceu no Brasil, sendo o primogênito de uma família originária da ilha de Okinawa (Japão). Embora passando a infância na zona rural (Cedro-SP), foi um jovem estudioso, bem-informado e ativamente envolvido na integração dos japoneses à vida social e cultural do país de imigração. Ele se ligaria depois, pelo casamento, à família Onaga, que deu ao Brasil excelentes jornalistas, e seguiu também esse caminho profissional, geralmente em dupla com o cunhado Hideo Onaga, outro grande nome da imprensa brasileira.

Antes dos 20 anos, se alistou como voluntário na Revolução Constitucionalista de 1932, tornando-se um dos poucos nisseis a pegar em armas por São Paulo em luta pela volta do país ao estado de direito após a Revolução de 1930. Alguns anos depois, iniciou carreira como tradutor e jornalista. A partir de 1936, assumiu no jornal de São Paulo *Nippak Shimbun* (“Jornal Nipo-Brasileiro”, 1916-1941) uma coluna redigida em português. Depois, passou por diversos jornais, entre eles *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*) e *O Tempo*, neste, com Hermínio Sachetta; trabalhou durante 14 anos na revista *Visão* (1953-1967), cuja redação paulista chegou a dirigir, assim como dirigiu a revista *Mundo Econômico*. Atuou por muitos anos na Cooperativa Agrícola de Cotia, em publicações do grupo e traduzindo textos. Perfeito conhecedor dos idiomas japonês e inglês, foi tradutor juramentado por concurso feito em 1940, *stringer* do grupo McGraw Hill (*Business Week*) e trabalhou na agência Associated Press (AP). A partir de fevereiro de 1970, com o também pioneiro Hideo

Onaga, dirigiu o projeto de reformulação da revista *Indústria e Comércio*, da Federação da Indústria do Estado de São Paulo (Fiesp), permanecendo na publicação até dezembro de 1980.

Em paralelo, incansável estudioso e divulgador da cultura japonesa, José Yamashiro encontrou tempo para pronunciar dezenas de palestras e conferências, participar de importantes simpósios, escrever ensaios e matérias sobre o tema, além de publicar 20 livros. Desde os autorais, caracteristicamente histórico-jornalísticos, como *Jânio, vida e carreira do presidente* (1969) – ele havia dividido um escritório com o ainda jovem advogado Jânio Quadros, antes da carreira política –, *História dos samurais* (1987), *Okinawa: Uma ponte para o mundo* (1997), até as traduções de literatura, como *Lendas antigas do Japão*, de Kikuo Furuno (1957), os ensaios literários, como *O haikai no Brasil*, de Goga Masuda (1988), os textos biográficos, como *Yamamoto, a história do homem que atacou Pearl Harbor*, de Hiroyuki Agawa (1966), e *Gorin no sho*, de Miyamoto Musashi (1992). Foi ele também quem traduziu, dessa vez do inglês e em colaboração com Leônidas Gontijo e Brenno Silveira, os volumes do clássico *História da Civilização*, de Will Durant.

Aos 88 anos, lançou a edição corrigida de *Trajetória de duas vidas* (2001), obra memorialística na qual traduz os diários de seu pai e inclui seu próprio caminho, das experiências de menino carvoeiro no interior paulista às viagens pelo Brasil e pelo mundo como repórter. Com isso, associou imigração e integração numa obra de interesse literário e antropológico.

Gorin no sho foi um grande desafio para ele. Tomou como base o texto do século XVII e só com o trabalho bem adiantado, depois de muito quebrar a cabeça em cima do texto medieval, recebeu do Japão uma edição do livro com o japonês antigo “traduzido” para o japonês moderno. Pôde então verificar seus acertos no cumprimento da tarefa – com a modéstia

de sempre e o empenho que o levava a pesquisar sem esmorecer, recorrendo a todas as fontes possíveis.

A mim, por exemplo, que o desafiei a encarar essa tradução, ele confiou a tarefa de negociar com a editora japonesa as notas de rodapé da edição trabalhada. Eram tão boas e esclarecedoras, disse, que as queria no livro, como homenagem ao seu autor, Ichiro Watanabe. Na Feira de Frankfurt de 2000, também consegui cumprir minha tarefa após um difícil diálogo com os representantes da Iwanami Shoten: eles queriam cobrar pelas notas o que nós, brasileiros, pagávamos então pelos direitos de um livro inteiro e não conseguiam entender como um país tão grande tem tão poucos leitores (a cessão de direitos era calculada sobre a expectativa de tiragem da obra).

Enfim, com as notas originais, a tradução de José Yamashiro pôde devolver ao livro de Musashi sua autenticidade: tirou os “anéis” do título equivocados e deu ao leitor a possibilidade de penetrar no pensamento do autor sem ser induzido a raciocinar no “administrês” global das outras versões. Mais um gol do velho e saudoso Yama, que, além de tudo o mais, era um príncipe da mansidão e da gentileza.

O título deste pequeno texto é um empréstimo do blog (<http://japonesdapatriafilho.blogspot.com/>) mantido por Alexandre Sakai na internet. Maravilhoso por seu humor, ao fazer paródia da paródia – lembro que a primeira estrofe do *Hino da Independência* era iniciada satiricamente como “Japonês tem quatro filhos”, em vez do original “Já podeis da pátria, filhos” –, ele cabe feito luva a um homem duplamente patriota, no mais alto sentido, como foi José Yamashiro.

CRONOLOGIA

VIDA DE MIYAMOTO MUSASHI		
Data	Idade	Fato
1584	0	Nasce Miyamoto Musashi.
1591	7	Musashi é adotado e criado por seu tio na religião budista.
1596	13	Musashi duela com Arima Kihei em Hirafuku, província de Hyôgo.
1599	15	Duela com um homem denominado Akiyama ao norte da província de Hyôgo.
1600	16	Acredita-se que tenha lutado na Batalha de Sekigahara (1600), que iniciou o Xogunato Tokugawa (casa de Edo), nas hostes do exército derrotado do clã Toyotomi (casa de Osaka).
1604	20	Musashi tem três lutas com o clã Yoshioka em Kyoto: (1) com Yoshioka Seijuro, (2) com Yoshioka Denshichiro e (3) com Yoshioka Matashichiro.
1604	20	Visita Kofuku-ji, em Nara, onde acaba duelando com um monge budista treinado no estilo <i>Hôzôin-ryû</i> .
1605-1612	21-28	Reinicia suas viagens.
1607	23	Munisai, pai de Musashi, repassa seus conhecimentos e responsabilidades ao filho.
1607	23	Duela com o Shishido Baiken, perito em <i>kusarigama</i> , arma metálica de cabo curto com foice no alto e bola de ferro na ponta de uma corrente.
1608	24	Duela com Muso Gonnosuke, mestre do <i>rokushaku-bo</i> (bastão) em Edo, a Tóquio atual.
1610	26	Luta com Hayashi Osedo e Tsujikaze Tenma em Edo (Tóquio).
1611	27	Começa a praticar meditação <i>zazen</i> (meditação sentada), central no zen-budismo.

1612	28	Duella com Sasaki Kojirô na ilha de Ganryujima.
		Abre escola de esgrima, que dura pouco tempo.
1614-1615	30-31	Acredita-se que se juntou às tropas de Tokugawa Ieyasu nas Campanhas do Inverno e do Verão, no Castelo de Osaka, embora não haja documentação sobre sua contribuição.
1615-1621	31-37	Trabalha a serviço de Ogasawara Tadanao na província de Harima como supervisor de construção.
1621	37	Duella com Miyake Gunbei em Tatsuno, província de Hyôgo.
1622	38	Estabelece residência temporária na cidade-fortaleza de Himeji, província de Hyôgo.
1623	39	Viaja para Edo (Tóquio).
		Adota um segundo filho, que chama de Miyamoto Iori.
1626	42	O primeiro filho adotivo, Miyamoto Mikinosuke, pratica <i>seppuku</i> (haraquiri), seguindo a tradição do <i>junshi</i> – suicídio ritual após a morte de seu senhor, Honda Tadatoki.
1627	43	Viaja de novo.
1628	44	Musashi se encontra com Yagyû Hyôgonosuke, o célebre Toshiyoshi, criador de um estilo de luta de espada no início do Período Edo. Dois guerreiros legendários, em vez de lutar, eles conversam sobre sua arte.
1630	46	Entra no serviço do senhor feudal Hosokawa Tadatoshi.
1633	49	Começa a praticar intensa e extensivamente todas as artes do verdadeiro samurai.
1634	50	Estabelece-se com o filho Iori por um curto período em Kokura, província de Fukuoka, como hóspede do senhor (<i>daimiô</i>) Ogasawara Tadazane.
1637	53	Tem papel determinante na Revolta de Shimabara. Sabe-se que um camponês rebelado o derrubou de seu cavalo com uma pedrada.
1641	57	Escreve o pequeno tratado <i>Heihô Sanjûgo-jô</i> .
1642	58	Sofre fortes ataques de neuralgia.
1643	59	Migra para a caverna Reigandô, onde vive como ermitão.

1645	61	Termina de escrever <i>Gorin no sho</i> /O livro dos cinco elementos.
		Morre, presumivelmente de câncer torácico (estômago), em 13 de junho.

FONTE: Verbete na Wikipédia:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Miyamoto_Musashi>

ESTRATÉGIA

MAQUIAVEL
O PRÍNCIPE



DEDICATÓRIA

Nicolau Maquiavel (Florença, 1469-1527) escreveu *O príncipe* em 1513, que só foi publicado postumamente, em 1532. Dedicou-o a Lourenço de Médici II, neto de Lourenço, o Magnífico, na esperança de que este assumisse a empreitada de expulsar da Itália os invasores e mercenários estrangeiros. Naquele tempo – o período do Renascimento –, as principais potências no território italiano eram o Ducado de Milão, a República de Veneza, a República de Florença, o Reino de Nápoles e os Estados Pontifícios.

Aqueles que desejam conquistar as graças de um príncipe costumam apresentar-se diante dele com objetos que consideram os mais preciosos ou que pensam poder ser de seu máximo agrado, de onde se verem amiúde cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e outros ornamentos semelhantes oferecidos ao príncipe como dignos de sua grandeza.

Desejando eu apresentar-me a Vossa Magnificência com algum testemunho de minha devoção, não encontrei entre meus bens algo que me seja mais caro ou que eu mais valorize do que o conhecimento dos atos dos grandes homens, que adquiri por força de longa experiência nos negócios modernos e de contínuo estudo da antiguidade; os quais, tendo eu demoradamente perscrutado e examinado com grande diligência, agora envio, reduzidos a um pequeno volume, a Vossa Magnificência.

Embora considere este trabalho indigno do favor de Vossa Magnificência, confio grandemente que em sua bondade o aceite, considerando que não lhe posso fazer maior presente do que oferecer a oportunidade de compreender, no tempo mais curto possível, tudo o que aprendi em tantos anos e com tantos incômodos e perigos; trabalho este que não enfeitei com palavras infladas ou pomposas, não recheei com figuras de retórica, ornamentos externos nem quaisquer adornos, ao contrário de muitos que com isso costumam sobrecarregar e embelezar suas obras; e isto porque não desejo que esta receba honra ou aceitação que não a granjeada pela verdade da matéria e pela seriedade do assunto.

Discordo daqueles que consideram presunção se um homem de baixa e humilde condição ousa discorrer sobre normas de governo e interesses

dos príncipes; porque, assim como quem pinta paisagens se coloca na planície para contemplar a natureza das montanhas e das altitudes e, para observar as planuras, se posiciona nos píncaros das montanhas, também para bem conhecer o caráter do povo é preciso ser príncipe e, para bem entender o do príncipe, é preciso ser povo.

Receba, pois, este pequeno presente com o intuito que me inspira ao enviá-lo; se ele for lido e considerado com diligência, Vossa Magnificência descobrirá meu enorme desejo de que lhe advenha a grandeza que prometem a fortuna e suas qualidades. E, se Vossa Magnificência, do ápice de sua grandeza, por vezes voltar os olhos para regiões mais baixas, notará quanto imerecidamente suporto um grande e contínuo infortúnio.

CAPÍTULO I

Quantas espécies de principados existem e como podem
ser adquiridos

Todos os estados e governos que têm ou tiveram poder sobre os homens já foram e são repúblicas ou principados.

Principados são ou hereditários, onde a família está estabelecida no local há tempo, ou são novos.

Os principados novos são ou inteiramente novos, como Milão foi para Francisco Sforza, ou são membros anexados ao estado hereditário do príncipe que os adquiriu, como foi o reino de Nápoles para o rei da Espanha.

Esses domínios adquiridos estão acostumados a viver ou sob o reino de um príncipe, ou em liberdade, e são adquiridos através das armas do príncipe, ou de outros, ou por sorte ou por habilidade.

CAPÍTULO II

Sobre principados hereditários

Deixarei de fora todas as discussões sobre repúblicas, já que já escrevi longamente sobre elas em outro momento, e falarei apenas sobre os principados. Ao fazer isso, mantereí a ordem indicada antes e discutirei como esses principados deveriam ser governados e mantidos.

Eu digo de imediato que existem menos dificuldades em manter estados hereditários e aqueles acostumados há tempo com a família do seu príncipe do que estados novos, pois é suficiente apenas não transgredir os costumes dos seus antecessores e lidar de forma prudente com as situações à medida que elas acontecem, para um príncipe de poderes medianos se manter no seu estado, a menos que ele seja impedido disso por uma força extraordinária e excessiva; e, caso seja impedido, quando qualquer coisa sinistra ocorrer com o usurpador, ele reconquistará o poder.

Nós temos na Itália, por exemplo, o duque de Ferrara, que não poderia ter superado os ataques dos venezianos em 1484, nem os do papa Júlio em 1510, se ele não estivesse estabelecido nos seus domínios há muito tempo. Pois o príncipe hereditário tem menos necessidade ou razão para ofender; e assim ele acaba sendo mais amado; e, a menos que vícios extraordinários façam com que ele seja odiado, é razoável esperar que os seus súditos sejam naturalmente bem dispostos com ele; e, com o passar do tempo e a duração do seu governo, as memórias e as motivações para mudança são perdidas, pois uma mudança sempre deixa aberto o caminho para outra mudança.

CAPÍTULO III

Sobre principados mistos

Mas as dificuldades ocorrem em principados novos. Em primeiro lugar, se o principado não é inteiramente novo, mas é membro de um estado que, se considerarmos a totalidade, pode ser chamado de composto, as mudanças ocorrem principalmente devido a uma dificuldade inerente que existe em todos os novos principados; pois homens mudam de governantes com satisfação, acreditando que assim estarão melhorando, e essa esperança os induz a levantar armas contra o atual governante, no que se enganam, pois depois descobrem com a experiência que foram de mal a pior. Isso é seguido por outra necessidade natural e comum, que sempre faz com que o novo príncipe precise utilizar os seus soldados e outras infinitas injúrias sob a sua recente conquista.

Dessa forma, você tem inimigos em todos aqueles que feriu ao adquirir aquele principado, e você não pode manter os amigos que o ajudaram, pois não conseguirá satisfazê-los da forma que esperam e não poderá usar medidas drásticas contra eles, pois se sente ligado a eles. Pois, mesmo sendo forte nas forças armadas, ao entrar em uma província, você sempre precisa contar com a boa vontade dos nativos.

Foi por essas razões que Luís XII, rei da França, ocupou Milão rapidamente e da mesma forma rapidamente a perdeu; e, para tirá-lo da primeira vez, só foram necessárias as forças de Ludovico; pois aqueles que haviam aberto os portões para ele, ao verem que as suas esperanças por um futuro melhor não se concretizariam, não suportaram ser maltratados pelo novo príncipe. É bem verdade que, após reconquistar as províncias rebeldes uma segunda vez, é mais difícil perdê-las novamente, e depois o

príncipe, com menos relutância, usa a oportunidade da rebelião para punir aqueles que lhe faltaram com a lealdade, eliminar suspeitos e se fortalecer nos lugares mais fracos. Assim, para que a França perdesse Milão pela primeira vez, o duque Ludovico¹ precisou apenas fazer motins nas fronteiras; mas, para que a perdesse pela segunda vez, foi necessário trazer o mundo todo contra ele e que os seus exércitos fossem desbaratados e expulsos da Itália, o que se seguiu das razões descritas acima.

Não obstante, Milão foi tomado da França da primeira e da segunda vez. As razões gerais da primeira foram discutidas; resta agora explicar as da segunda vez, ver que recursos ele tinha e o que qualquer pessoa na situação dele poderia ter feito para manter posse da sua conquista melhor do que o rei da França.

Agora eu digo que estes domínios que, quando conquistados, são adicionados a um estado antigo por aquele que os conquista, são ou do mesmo país e linguagem ou não. Quando são, é mais fácil mantê-los, especialmente quando não estão acostumados a se autogovernar; e para mantê-los seguros é suficiente ter destruído a família do príncipe que reinava neles anteriormente; porque os dois povos, conservando as suas velhas condições e tendo costumes parecidos, passarão a viver tranquilamente juntos, como vimos ocorrer com Bretanha, Borgonha, Gasconha e Normandia, que por tanto tempo estiveram ligados à França; e, apesar de haver uma pequena diferença nas línguas, mesmo assim os costumes são parecidos e os povos poderão se entender e se acomodar. Aquele que os anexou, se quiser mantê-los, tem apenas que manter em mente duas medidas: primeiramente, que a família do antigo senhor da terra seja extinta; e, em segundo lugar, que nem as suas leis nem os seus impostos sejam alterados, para que em muito pouco tempo o território conquistado e o principado antigo se tornem um só corpo.

Mas, quando estados são adquiridos em um país com língua, costumes e leis diferentes, dificuldades aparecem, e é necessário sorte e muita

energia para mantê-los, e uma das maiores e mais eficientes medidas é o conquistador morar no território conquistado. Isso torna a sua posição mais segura e duradoura, como ocorreu com o Turco na Grécia, que, apesar de todas as outras medidas tomadas para manter a posse do estado, se não tivesse ido habitar lá, não teria conseguido mantê-lo. Porque, se você está no local, pode ver brotar as desordens e assim remediá-las rapidamente; mas, se você não está por perto, até ouvir falar das desordens, elas não terão mais remédio. Além disso, o país não é saqueado pelos seus oficiais; os súditos ficam felizes de poder recorrer ao príncipe com mais facilidade; assim sendo, desde que queiram ser bons, eles têm mais razões para amá-lo ou, caso contrário, para temê-lo. Aquele que desejar atacar o estado de fora deverá ter muito cuidado, já que, enquanto o príncipe residir no estado, ele só poderá ser tomado dele com extrema dificuldade.

A outra medida eficaz é instalar colônias em um ou dois lugares, que poderão agir como lugares-chaves para aquele estado, pois é necessário ou fazer isso ou então manter lá muita cavalaria e soldados. Um príncipe não gasta muito com colônias; com pouco ou nenhum custo ele pode enviá-los e mantê-los lá, e ofende apenas uma minoria dos cidadãos de quem toma terras e casas para cedê-las aos novos habitantes; e aqueles a quem ele ofender, permanecendo pobres e espalhados pelo território, nunca poderão prejudicá-lo; enquanto os outros habitantes, permanecendo inalterados, continuam tranquilos, ao mesmo tempo estão receosos de errar e acontecer com eles o mesmo que aconteceu com aqueles expulsos das suas terras. Concluo dizendo que essas colônias não são onerosas, são mais fiéis, causam menos danos, e aqueles que são prejudicados, como já foi dito, sendo pobres e estando espalhados, nada podem fazer. Sobre isso, tem que ser destacado que homens devem ser ou bem tratados ou destruídos, pois podem se vingar de pequenas feridas, mas não de feridas mais graves; portanto, a ferida que for feita em um homem deve ser tal que você não precise ficar com medo da sua vingança.

Mas, ao manter em colônias homens armados, gasta-se muito mais, tendo que gastar com as forças militares todo o dinheiro arrecadado naquele estado, fazendo com que a aquisição se torne um prejuízo, e muitas pessoas são prejudicadas, pois, todo o estado sofre com as constantes mudanças de alojamento do exército, todos se tornam hostis e se tornam inimigos, pois, mesmo perdendo a batalha, continuam capazes de ferir. Por todas essas razões, portanto, tais guardas são tão inúteis quanto uma colônia pode ser útil.

Novamente, o príncipe que tiver a posse de um país com as diferenças citadas acima deverá se tornar o chefe e defensor dos seus vizinhos poderosos e enfraquecer aqueles que são os mais poderosos dentre eles, cuidando para que nenhum estrangeiro tão poderoso quanto ele apareça sem querer por lá; pois, como já vimos, sempre acontecerá de um desses ser chamado por aqueles que estão infelizes, ou por ambição excessiva ou por medo. Os romanos foram levados à Grécia através dos etólios; e em todos os outros países onde conseguiam colocar os pés eles eram trazidos pelos habitantes. E o que normalmente acontece é que, assim que um estrangeiro poderoso entra em um país, todos os estados são atraídos para ele, movidos pelo ódio que sentem contra o atual governo. Então, no que diz respeito a esses estados, não é necessário muito trabalho para obter seu apoio, pois logo todos eles, voluntariamente, se unem a quem conquistou a terra. Ele precisa apenas ter o cuidado de não permitir que adquiram muito poder e muita autoridade, e então, com as suas forças e a boa vontade do povo, pode abater aqueles que ainda estão fortes, para se tornar senhor absoluto daquela província. E aquele que não fizer isso satisfatoriamente, logo perderá a sua conquista e, enquanto puder conservá-la, terá infinitos aborrecimentos e dificuldades.

Os romanos, nos países que anexaram, observaram de perto essas medidas; fundaram colônias e mantiveram relações amigáveis com os menos poderosos, sem aumentar a sua força; eles abateram os mais fortes

e não permitiram que nenhum poder estrangeiro forte ganhasse autoridade. A Grécia é um bom exemplo. Os **aqueus e os etólios** tornaram-se amigos dos romanos, o reino da Macedônia foi abatido, Antíoco foi expulso; porém, os méritos dos aqueus e dos etólios nunca lhes permitiu aumentar o seu poder, nem a persuasão de Filipe induziu os romanos a serem seus amigos sem antes abatê-los, nem a influência de Antíoco conseguiu fazer com que eles o autorizassem a manter seu domínio naquela província. Os romanos fizeram, nesse caso, o que todos os príncipes prudentes devem fazer: notaram não apenas os problemas correntes, mas também os problemas futuros, pelos quais deviam se preparar com toda a sua energia, pois, quando previstos a tempo, são facilmente remediados; mas, se você esperar até que eles evoluam, não poderão mais ser curados, pois o mal já se tornou incurável. Acontece aqui como os médicos dizem acontecer com a tuberculose: no princípio, o mal é fácil de curar, mas de difícil diagnóstico, mas ao longo do tempo, sem ser diagnosticado ou curado, ele se torna fácil de diagnosticar, mas difícil de curar. Assim ocorre nos assuntos do estado, pois, quando os males que os atingem são previstos (o que só acontece se o encarregado é um homem sábio), podem ser rapidamente revistos, mas quando, por não serem previstos, conseguirem vê-los, não há mais solução. Por isso, os romanos, prevendo problemas, sempre lidavam com eles imediatamente, e, até para evitar a guerra, não deixavam que ocorressem, pois sabiam que a guerra não pode ser evitada, mas somente adiada para a vantagem dos outros. Por essa razão, queriam lutar contra Filipe e Antíoco na Grécia, para que não tivessem que lutar contra eles na Itália. Ambos podiam ter evitado as duas batalhas, mas não queriam fazer isso; nem em momento algum lhes agradou aquilo que os sábios de nosso tempo estão sempre falando: vamos gozar as coisas boas do momento, mas apenas aquilo que resulta do nosso próprio valor e da nossa prudência, pois o tempo lança à frente todas as coisas e pode transformar o bem em mal e o mal em bem.

Mas voltemos à França e examinemos se ela fez alguma das coisas mencionadas. Olhando a conduta de Luís [XII] (e não de Carlos [VIII]), pois a conduta dele é mais fácil de ser observada, já que manteve o domínio da Itália por mais tempo, você verá que ele fez o contrário do que se deve fazer para conservar um estado com elementos tão diferentes.

O rei Luís foi conduzido à Itália devido à ambição dos venezianos, que desejavam obter metade do estado da Lombardia através da intervenção dele. Eu não vou criticar as medidas tomadas pelo rei, pois, querendo manter um pé na Itália e sem ter nenhum amigo lá – pelo contrário, vendo que todas as portas se fechavam para ele devido à conduta de Carlos –, foi obrigado a aceitar as amizades daqueles que estavam abertos a ele, e teria conseguido o que queria se não tivesse cometido erros em outras áreas. O rei, porém, tendo conquistado a Lombardia, reconquistou de imediato a autoridade que Carlos havia perdido: Gênova cedeu; os florentinos tornaram-se seus amigos; o marquês de Mantua, o duque de Ferrara, o Bentivoglio, a senhora de Forli, os senhores de Faenza, de Pesaro, de Rimini, de Camerino, de Piombino, os luqueses, os pisanos, os sieneses – todos tentaram se tornar seus amigos. Então os venezianos puderam perceber a temeridade da resolução que haviam tomado: para poderem conquistar dois vilarejos na Lombardia, haviam transformado o rei em senhor de dois terços da Itália.

Vamos considerar agora com que pouca dificuldade o rei poderia ter mantido a sua posição na Itália se tivesse observado as regras mencionadas anteriormente e mantido todos os seus amigos seguros e protegidos. Pois, apesar de serem numerosos, eles eram fracos e tímidos, alguns com medo da Igreja, outros com medo dos venezianos, e assim todos teriam que sempre ficar do seu lado e, através deles, ele poderia ter facilmente obtido segurança contra aqueles que permaneciam poderosos.

Mas ele, assim que chegou a Milão, fez o contrário, auxiliando o papa Alexandre a ocupar a Romanha. Nunca sequer passou pela sua cabeça que

com isso ele estava se enfraquecendo, afastando os amigos e aqueles que lhe tinham lançado os braços, enquanto engrandecia a Igreja, acrescentando ao poder espiritual tamanha força temporal. E, tendo cometido esse primeiro erro, foi obrigado a segui-lo, tanto que, para pôr fim à ambição de Alexandre e evitar que este se tornasse senhor da Toscana, foi-lhe necessário ir pessoalmente à Itália.

E, se já não fosse o bastante ter engrandecido a Igreja e perdido os seus amigos, ele, desejando ter o reino de Nápoles, dividiu-o com o rei da Espanha e, sendo o primeiro árbitro da Itália, aí colocou um companheiro para que os ambiciosos daquele país e os descontentes tivessem onde se abrigar; e, em vez de deixar naquele reino um soberano sujeito a ele, tirou-o para, em seu lugar, colocar outro que pudesse expulsar o próprio Luís dali.

O desejo de conquistar é muito natural e comum, e homens sempre devem tentar conquistar terras quando podem, e por isso serão louvados, e não censurados. Mas, quando a conquista é extremamente difícil, porém desejam obtê-la a qualquer custo, isso é tolice e merece ser censurado. Portanto, se a França pudesse ter atacado Nápoles com as suas próprias forças, ela deveria ter feito isso; se ela não pudesse fazê-lo, então não deveria tê-la dividido. E, se a divisão que ela fez com os venezianos na Lombardia fosse justificada, pelo fato de que assim conseguiram firmar o pé na Itália, essa outra divisão merece censura, pois não podia ser justificada por essa necessidade.

Luís tinha, portanto, cometido esses cinco erros: eliminou os menos fortes, engrandeceu um dos grandes poderes na Itália, trouxe um poder estrangeiro, não foi habitar no país e não instalou colônias. Erros que, se ele tivesse vivido, não teriam sido grandes o suficiente para feri-lo caso não tivesse cometido um sexto erro, ao tirar os seus domínios dos venezianos. Pois, se não tivesse tornado grande a Igreja, nem introduzido a Espanha na Itália, teria sido bem razoável e necessário enfraquecê-los, mas, como

tomou as outras medidas anteriores, nunca deveria ter consentido com a ruína deles, pois eles, sendo poderosos, teriam sempre mantido outros longe da Lombardia. Isso porque os venezianos jamais iriam consentir em qualquer manobra contra esse estado, a menos que se tornassem os senhores lá, da mesma forma que outros não iriam querer tomar a Lombardia da França para dá-la aos venezianos, e ninguém tinha coragem para ir contra ambos.

E, se qualquer pessoa falar, “*o rei Luís cedeu a Romanha a Alexandre, e o reino à Espanha, para evitar a guerra*”, eu respondo com as razões citadas anteriormente: que uma crise nunca deve ser utilizada para evitar a guerra, pois a guerra nunca é evitada, apenas adiada para sua própria desvantagem. E, se alguém alegar que a promessa que o rei havia feito ao papa, de que ele o ajudaria na empreitada, em troca da dissolução do seu casamento e do chapéu cardinalício concedido a Ruão,² a isso respondo que escreverei mais tarde sobre a fé dos príncipes e como ela deve ser mantida.

O rei Luís, assim, perdeu a Lombardia por não ter seguido nenhum dos princípios observados por aqueles que conquistaram países e os mantiveram. Não há aqui nenhum milagre, mas simplesmente coisas razoáveis e naturais. E sobre isso falei em Nantes com Ruão, quando Valentino, chamado popularmente na Itália de César Bórgia, filho do papa Alexandre, ocupava a Romanha. Quando o cardeal de Ruão observou para mim que os italianos não entendiam de guerras, respondi-lhe que os franceses não entendiam de estado, querendo dizer que, se entendessem, não teriam deixado a Igreja se tornar tão grande. E de fato já foi visto que a grandeza da Igreja e da Espanha na Itália foi causada pela França, e a sua ruína pode ser atribuída a esses dois estados. Disso pode-se extrair uma regra geral que nunca ou raramente falha: aquele que é a causa do poderio de alguém se arruína, pois tal poder foi alcançado ou através da astúcia ou da força e ambas são suspeitas para aquele que se tornou poderoso.

¹ Duque Ludovico era Lodovico Moro, filho de Francisco Sforza.

² O arcebispo de Ruão, George D'Amboise, eleito cardeal por Alexandre VI.

CAPÍTULO IV

Por que o reino de Dario, conquistado por Alexandre, não se rebelou contra os sucessores dele após sua morte

Consideradas as dificuldades que existem para conservar a conquista de um novo estado, algumas pessoas podem se perguntar como, vendo que Alexandre, o Grande se tornou o senhor da Ásia em poucos anos e faleceu quando ainda não estava bem estabelecido nesse local (onde seria razoável imaginar que todo o império teria se rebelado), mesmo assim os seus sucessores se mantiveram no poder e não enfrentaram nenhuma outra dificuldade além das que surgiram entre eles com as suas próprias ambições.

Eu respondo que os principados dos quais temos registros são governados de duas formas: ou por um príncipe com um grupo de servos que o ajudam a governar o reino como ministros escolhidos por ele; ou por um príncipe e barões, que mantêm esta posição com o passar do tempo devido ao seu sangue, e não pela graça do príncipe. Esses barões têm estados e seus próprios súditos, que os reconhecem como senhores e dedicam a eles natural afeição. Os estados que são governados por um príncipe e servos têm o príncipe com maior autoridade, porque em toda a sua província não existe alguém reconhecido como superior a ele, e, se os súditos obedecem a alguma outra pessoa, fazem-no em razão de sua posição de ministro e oficial, e não lhe dedicam nenhuma afeição em especial.

Os exemplos desses dois tipos de governo são o Turco e o rei da França. Toda a monarquia turca é governada por um único senhor, os outros são os seus servos; e, dividindo o seu reino em *sanjaks*, ele envia diversos administradores e os troca e muda quando quer. Mas o rei da

França está em meio a vários senhores antigos, reconhecidos pelos seus súditos e amados por eles; eles têm as suas próprias prerrogativas, e o rei não pode privá-los delas sem se colocar em perigo. Portanto, quem estiver pensando nesses dois estados reconhecerá grandes dificuldades em conquistar o estado turco, mas, uma vez conquistado, terá facilidade em mantê-lo. As razões das dificuldades em conquistar o reino turco são que o usurpador não pode ser chamado pelos príncipes daquele reino, nem pode esperar ser ajudado por aqueles que cercam o senhor. Isso decorre das razões especificadas acima, pois os seus ministros, sendo todos escravos, só podem ser corrompidos com grande dificuldade, e pode-se esperar muito pouco deles uma vez corrompidos, já que não podem influenciar as outras pessoas à sua volta, pelas razões já especificadas. Portanto, aquele que atacar o turco tem que manter em mente que o encontrará unido, e ele terá que depender mais da sua própria força do que da revolta dos outros. Mas, uma vez que o turco já tiver sido conquistado e desbaratado em batalha, de modo que não possa refazer os seus exércitos, não há nada a temer fora a família do príncipe, e esta, sendo exterminada, não restará mais ninguém a temer, já que os outros não têm nenhum prestígio junto ao povo, e como o conquistador não dependeu deles para a sua conquista, não precisará temê-los após a vitória.

O contrário ocorre nos reinos que são governados como o da França, porque se pode facilmente invadi-los, obtendo o apoio de algum barão do reino, pois é sempre possível encontrar pessoas descontentes e que desejam uma mudança. Estas pessoas, pelas razões referidas, podem abrir o acesso àquele estado e facilitar a vitória; mas, se você quiser manter a conquista, encontrará infinitas dificuldades, seja com aqueles que ajudaram, seja com aqueles que você derrotou. Não é o suficiente acabar com a família do príncipe, pois os senhores que permanecem se tornam chefes das novas revoluções contra você, e como você não pode nem contentá-los nem exterminá-los, perde aquele estado assim que aparece a oportunidade.

Agora, se você examinar a natureza do governo de Dario, verá que ele era bem parecido com o reino do Turco e portanto foi apenas necessário Alexandre derrotá-lo no campo de batalha, e então ganhar o estado dele. Após essa vitória, estando Dario morto, o estado permaneceu seguro sob o domínio de Alexandre, pelas razões citadas acima. E se os seus sucessores tivessem permanecido unidos, teriam gozado do estado tranquilamente, pois não havia tumultos no reino além daqueles provocados por eles mesmos.

Mas é impossível manter a posse de estados como a França com tanta tranquilidade. Por isso, surgiram rebeliões tão frequentes contra os romanos na Espanha, França e Grécia, devido aos vários principados presentes nesses estados, dos quais, enquanto a memória deles permanecesse, os romanos sempre teriam uma posse insegura; mas, com o poder e a continuidade do império, a memória deles desapareceu e os romanos se tornaram os dominadores seguros. E quando, combatendo mais tarde em lutas internas, cada um pôde se ater à sua parte do país, de acordo com a autoridade que havia adquirido nela; e essas províncias, por não mais existir o sangue de seus antigos senhores, não reconheciam senão a soberania dos romanos.

Consideradas todas essas coisas, ninguém se impressionará com a facilidade que Alexandre encontrou para manter o Império da Ásia, ou com as dificuldades que outros tiveram para manter uma conquista, como Pirro e muitos outros. Isso não ocorreu por causa de pouca ou muita habilidade do conquistador, mas sim devido ao desejo de uniformidade no estado conquistado.

CAPÍTULO V

Sobre como governar cidades ou principados que viviam
sob leis próprias antes de serem anexados

Quando os estados que forem adquiridos estiverem acostumados a viver sob leis próprias e em liberdade, existem três caminhos que podem ser trilhados por aqueles que desejam mantê-los: o primeiro é arruiná-los, o segundo é habitar no estado e o terceiro é permitir que continuem vivendo sob suas próprias leis, arrecadando um tributo e criando dentro dele uma oligarquia que se manterá fiel a você. Como esse governo, sendo criado pelo príncipe, sabe que não permanecerá sem a amizade e os interesses do príncipe, faz o máximo para apoiá-lo; portanto, aquele que quiser manter uma cidade acostumada à liberdade conseguirá isso com mais facilidade por intermédio dos seus próprios cidadãos.

Como exemplo, temos os espartanos e os romanos. Os espartanos conservaram Atenas e Tebas, estabelecendo lá uma oligarquia, porém, mesmo assim as perderam. Os romanos, para manter Cápuia, Cartago e Numância, as destruíram, e não as perderam. Eles queriam manter a Grécia como os espartanos fizeram, tornando-a livre e deixando-a com as suas próprias leis, e não conseguiram. Então, para mantê-la, foram obrigados a dismantelar muitas cidades daquela província, pois a verdade é que não há como mantê-las sem arruiná-las. E aquele que se tornar mestre de uma cidade acostumada com a liberdade e não destruí-la, poderá se preparar para ser destruído por ela, pois em nome da sua rebelião utilizará a liberdade e os antigos privilégios, coisas que nem o tempo nem benefícios apagarão. E o que quer que você faça ou providencie, eles nunca esquecerão a liberdade e os privilégios que tinham, a menos que sejam desunidos ou dispersos, mas a cada

oportunidade irão se unir em nome dessas causas, como fez Pisa cem anos após estar submetida aos florentinos.

Mas, quando cidades ou países estão acostumados a viver sob um príncipe e sua família é exterminada, eles, estando, por um lado, acostumados a obedecer e, por outro lado, não tendo mais o príncipe antigo no poder, não conseguem chegar a um acordo para a escolha de outro líder e não sabem como se governar. Por essa razão, são muito lentos em tomar as armas, e um príncipe pode vencê-los e se apoderar da cidade com mais facilidade. Mas em repúblicas há mais vitalidade, mais ódio e mais desejo de vingança, o que nunca permitirá que eles se esqueçam da antiga liberdade; então, o caminho mais seguro é destruí-los ou habitá-los pessoalmente.

CAPÍTULO VI

Sobre novos principados conquistados com armas e
habilidades próprias

Não fique surpreso se, ao falar sobre principados completamente novos, como irei fazer, eu usar os exemplos mais grandiosos de príncipes e estados; porque os homens, andando quase sempre nos caminhos já trilhados por outros, e seguindo através da imitação as suas ações, ainda são quase completamente incapazes de seguir fielmente as trilhas alheias ou alcançar o poder daqueles que imitam. Um homem sábio deve sempre seguir os caminhos trilhados por grandes homens, e imitar aqueles que têm sido supremos, para que, caso a habilidade não se iguale à deles, pelo menos você poderá chegar perto. Deixe que ajam como os arqueiros espertos, querendo atingir um ponto que parece estar muito distante, e, sabendo os limites dos seus arcos, miram muito além do ponto que querem atingir, não para alcançar com sua flecha tanta altura, mas para poder, com a ajuda de uma mira tão alta, atingir seu alvo.

Eu digo, portanto, que em principados completamente novos, onde há um príncipe novo, encontra-se mais ou menos dificuldade para mantê-lo, de acordo com a habilidade de quem os conquistou. Agora, como se elevar de particular a príncipe pressupõe ou habilidade ou sorte, fica claro que um ou outro desses fatores diminuiria as dificuldades. Mesmo assim, aquele que dependeu menos da sorte será estabelecido com mais força. E, ainda, os problemas são facilitados quando o príncipe, não tendo nenhum outro estado, é obrigado a habitá-lo pessoalmente.

Para falar daqueles que, através de habilidade própria e não pela sorte, se tornaram príncipes, devo dizer que Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu, dentre outros, são excelentes exemplos. E, apesar de não devermos discutir sobre

Moisés, tendo sido ele apenas um executor da vontade de Deus, ele deve ser admirado, mesmo se for apenas pela graça que o tornou digno de conversar com Deus. Mas consideremos Ciro e os outros, que conquistaram ou fundaram reinos, e veremos que todos são admiráveis; e, se as suas ações e condutas forem examinadas, elas não ficarão aquém das de Moisés, que teve tão grande preceptor. E, ao examinar as suas ações e vidas, nós não conseguimos ver que eles deviam algo à sorte além da oportunidade, que lhes deu o material necessário para moldar as coisas da forma que melhor lhes serviria. Sem essa oportunidade, o poder das suas mentes teria acabado e, sem este poder, a oportunidade teria sido vã.

Era necessário, então, que Moisés encontrasse o povo de Israel escravizado e oprimido no Egito pelos egípcios para que se dispusesse a segui-lo e se libertar. Era necessário que Rômulo não permanecesse em Alba e que fosse abandonado no seu nascimento para que pudesse se tornar rei de Roma e fundador daquela pátria. Era necessário que Ciro encontrasse os persas infelizes com o governo de Medes e estivessem moles e efeminados pela prolongada paz. Teseu não poderia ter demonstrado sua habilidade se não tivesse encontrado os atenienses dispersos. Essas oportunidades, portanto, tornaram esses homens afortunados, e a alta capacidade de cada um permitiu que reconhecessem a oportunidade para enobrecer e tornar famosa a sua pátria.

Aqueles que por suas virtudes se tornam príncipes, como esses homens, conquistam um principado com dificuldade, mas conservam-no com facilidade. As dificuldades que eles têm para conquistá-lo surgem em parte de regras e métodos novos que são obrigados a introduzir para estabelecer o seu governo e assegurá-lo. E deve ser lembrado que não há nada mais difícil de controlar, mais perigoso de conduzir, ou mais incerto de alcançar sucesso do que liderar a introdução de uma nova ordem. Pois o inovador tem como seus inimigos todos aqueles que se davam bem sob as antigas condições, e defensores mornos naqueles que talvez se deem bem

sob as novas regras. Esta fraqueza surge parcialmente do medo dos oponentes, que têm as leis do seu lado, e parcialmente da incredulidade dos homens, que não acreditam facilmente em coisas novas até que tenham bastante experiência com elas. E então acontece que a qualquer momento em que aqueles que são hostis tiverem a oportunidade de atacar, eles o farão como os sectários, enquanto os outros defenderão com fraqueza, de forma que ao lado deles o príncipe corre perigo.

É necessário, portanto, se quisermos discutir mais esse assunto, perguntar se esses inovadores podem usar as suas próprias forças ou se dependem de outros, isto é, se para levar adiante sua obra precisam fazer preces ou podem utilizar a força. No primeiro caso, sempre acabam mal e não realizam nada; mas, quando dependem de si mesmos e usam a força, então raramente estão em perigo. E é por isso, portanto, que todos os profetas armados venceram e os desarmados foram destruídos. Além das razões já descritas, a natureza dos povos varia e, enquanto é fácil persuadi-los de uma coisa, é difícil firmá-los nessa persuasão. E, portanto, é assim necessário tomar tais medidas para que, quando não acreditarem mais, se possa fazê-los crer pela força.

Se Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo estivessem desarmados, eles não poderiam ter implementado as suas constituições por tanto tempo – como aconteceu nos nossos tempos com o Frei Jerônimo Savonarola, que fracassou nas suas reformas assim que a multidão passou a não acreditar mais nele e ele não tinha mais como manter firmes aqueles que acreditavam ou fazer com que os descrentes acreditassem. Por isso, eles têm tantas dificuldades em continuar com seu propósito, pois todos os perigos estão no seu caminho, porém com habilidade eles irão superá-los. Mas quando eles são superados, e aqueles que os invejaram, exterminados, eles começarão a ser respeitados e continuarão depois poderosos, seguros, honrados e felizes.

A esses grandes exemplos quero acrescentar outro, menos grandioso, mas que mesmo assim tem semelhanças com os outros e espero que seja o suficiente para ilustrar todo um grupo: é Hierão de Siracusa. Este começou como homem comum e tornou-se príncipe de Siracusa; ele também não devia nada à sorte, mas à oportunidade, pois o povo de Siracusa, sendo oprimido, escolheu-o como seu capitão, de onde ele foi recompensado, sendo feito príncipe. Ele era tão habilidoso que, mesmo quando cidadão comum, quem escreveu sobre ele diz que não queria nada além de um reino para poder ser rei. Esse homem aboliu a velha milícia, organizou a nova, abandonou as antigas alianças, formou novas e, como tinha os seus próprios soldados e aliados, sobre tais alicerces pôde construir qualquer edifício; e assim, enquanto ele teve muito trabalho para conquistar, teve pouco trabalho para manter sua conquista.

CAPÍTULO VII

Sobre principados novos conquistados com armas dos
outros ou com sorte

Aqueles que somente se tornam príncipes após serem cidadãos comuns devido à sorte têm pouco trabalho para conseguir isso, mas apenas com muito esforço assim se mantêm. Eles não encontram nenhuma dificuldade pelo caminho, porque sobem voando, mas encontram muitas dificuldades quando chegam ao topo. É assim com aqueles aos quais é concedido um estado ou por dinheiro ou pela graça do concedente, como aconteceu com muitos na Grécia, nas cidades da Jônia e do Helesponto, onde foram feitos príncipes por Dario, a fim de que conservassem as cidades para sua segurança e sua glória, assim como aconteceu, ainda, com aqueles imperadores que, através da corrupção dos soldados, passaram de simples cidadãos e alcançaram o domínio do Império.

Esses estão lá simplesmente devido à fortuna e à vontade de quem lhes concedeu esse posto – duas coisas muito inconstantes e instáveis. Eles também não têm a sabedoria necessária para manter a posição, pois, a menos que sejam homens de grande valor e habilidade, não é razoável esperar que deveriam saber como comandar, tendo sempre vivido fora do governo; além disso, eles não podem manter o poder, pois não têm forças que possam manter amigáveis e fiéis.

Estados que surgem inesperadamente, então, como todas as outras coisas na natureza que nascem e crescem rapidamente, não podem ter os seus alicerces e os seus relacionamentos com outros estados fundamentados de tal forma que a primeira tempestade não os extinga. A menos que, como foi dito, aqueles que inesperadamente se tornam príncipes sejam homens de tanta habilidade que saibam da necessidade de

estar preparados para manter de imediato o que a sorte lhes jogou nas mãos, e que aqueles alicerces que outros estabeleceram ANTES de eles se tornarem príncipes, eles precisam estabelecer DEPOIS.

No que diz respeito aos dois modos citados de se tornar príncipe, por habilidade ou por sorte, quero dar dois exemplos que aconteceram no nosso tempo, e estes são Francisco Sforza e César Bórgia. Francisco, pelos meios certos e com grande habilidade, de cidadão tornou-se duque de Milão, e aquilo que ele conquistou com muitas angústias, manteve com pouco trabalho. Por outro lado, César Bórgia, chamado pelo povo de duque Valentino, adquiriu seu *status* com a ascensão do pai e com o seu declínio o perdeu, isso, mesmo tendo tomado todas as medidas necessárias e feito tudo aquilo que deveria ser feito por um homem sábio e capaz para estabelecer raízes fortes naqueles estados que as armas e a fortuna de outra pessoa lhe tinham concedido.

Porque, como se disse acima, quem não lança os alicerces primeiro, com muita habilidade, poderá estabelecê-los mais tarde, mas, ao serem estabelecidos, trarão aborrecimentos ao arquiteto e perigo ao edifício. Se, portanto, considerarmos todos os passos tomados pelo duque, veremos que ele estabeleceu sólidos alicerces para o seu futuro poderio, os quais não julgo supérfluo descrever, pois não sei que melhores preceitos poderiam ser dados a um novo príncipe do que exemplos das suas ações; e, se as suas disposições não obtiveram êxito, não foi sua culpa, mas simplesmente extraordinária e extremada má sorte.

Alexandre VI, ao querer tornar grande o seu filho, o duque, teve muitas dificuldades imediatas e futuras. Primeiramente, ele não viu como torná-lo senhor de nenhum estado que não fosse um estado da Igreja; e, se ele estivesse disposto a roubar a Igreja, sabia que o duque de Milão e os venezianos não concordariam, porque Faenza e Rimini já estavam sob a proteção dos venezianos. Além disso, via as armas da Itália, em especial aquelas que poderiam ajudá-lo, nas mãos daqueles que deviam temer a

grandeza do papa, como os Orsini e Colonna e seus seguidores. Era então necessário perturbar aquela organização dos estados e desarticular os poderosos para seguramente se tornar mestre de parte desses estados. Isso foi fácil de fazer, pois encontrou os venezianos movidos por outras causas, dispostos a trazer os franceses de volta à Itália. Ele não apenas não se opôs a tal ação, como também a tornou mais fácil com a dissolução do primeiro matrimônio do rei Luís. O rei, portanto, chegou à Itália com a ajuda dos venezianos e o consentimento de Alexandre. Mal havia chegado a Milão, e o papa obteve dele tropas para a conquista da Romanha, que se rendeu devido à reputação do rei. O duque, portanto, tendo ocupado a Romanha e derrotado Colonna, queria manter a conquista e avançar mais, mas foi impedido por duas coisas. Uma, as suas tropas, que não lhe pareciam fiéis; a outra, a boa vontade da França, isto é, o duque temia que as tropas dos Orsini, das quais se valera, não seriam fiéis a ele, não só impedindo-o de conquistar mais, como também tomando-lhe o que havia conquistado, e que o rei também poderia fazer o mesmo. Dos Orsini, teve um aviso quando, depois da conquista de Faenza, ao atacar Bolonha, viu-os ir sem vontade ao ataque. Quanto ao rei, ficou sabendo da sua disposição quando ele, tomado o ducado de Urbino, atacou a Toscana, e o rei o fez desistir dessa campanha. E, assim, o duque decidiu não depender mais das armas ou da sorte dos outros.

Primeiramente, enfraqueceu as facções dos Orsini e dos Colonna em Roma, atraindo para si todos os adeptos deles que fossem cavaleiros, fazendo-os seus cavaleiros, pagando-lhes bem, e, de acordo com as suas linhagens, honrando-os com ofício ou comando, de tal forma que, em poucos meses, toda a afeição que mantinham pelas facções foi destruída e voltou-se completamente para o duque. Depois disso, ele esperou uma oportunidade para esmagar os Orsini, tendo dispersado os adeptos da casa de Colonna. Isso logo surgiu e ele aproveitou bem a situação; pois os Orsini, percebendo que o crescimento do duque e da Igreja seria sua ruína,

organizaram uma reunião em Magione, no Perugino. Dessa reunião nasceram a rebelião de Urbino e os tumultos da Romanha, com infinitos perigos para o duque, o qual a todos superou com o auxílio dos franceses. Tendo readquirido a sua autoridade e por não querer deixá-la em risco, confiando nos franceses ou em outras tropas estrangeiras, para não as fortalecer, escondeu suas intenções e por intermédio do senhor Paulo (Orsini) – a quem o duque não falhou em assegurar atenções de todos os tipos, dando-lhe dinheiro, aparatos e cavalos –, os Orsini foram reconciliados, de tal forma que a simplicidade deles levou-os a Sinigalia. Tendo eliminado os líderes e transformado os partidários deles em seus amigos, o duque havia estabelecido uma base boa o suficiente para o seu poderio, possuindo toda a Romanha e o ducado de Urbino; e com o povo agora começando a apreciar a sua prosperidade, ele ganhou toda aquela população. E como este fato vale comentar e deve ser imitado por outros, eu não estou disposto a não incluí-lo.

Quando o duque ocupou a Romanha, encontrou-a sob o governo de senhores impotentes, os quais roubavam os seus súditos, em vez de governá-los, dando-lhes mais motivos para a desunião do que para a união, fazendo com que o país fosse repleto de roubos, brigas e de muitas outras formas de violência. E então, querendo trazer de volta a paz e a obediência à autoridade, ele achou necessário instituir um bom governante. Por isso, promoveu o senhor Ramiro de Orco,³ homem cruel e solícito, a quem ele deu os mais amplos poderes. Este homem em pouco tempo restaurou a paz e a união. Mais tarde, o duque percebeu que não era sábio dar tanta autoridade a um só homem, pois ele não tinha dúvidas de que esse homem poderia vir a odiá-lo. Ele instalou, então, um juízo civil no país, com um excelente presidente, e cada cidade tinha o seu advogado. E como sabia que o rigor do passado havia causado ódio no povo, para que as pessoas não achassem que a culpa era dele e poder conquistá-las completamente, ele decidiu mostrar que, se alguma crueldade havia

ocorrido, não nascera dele, mas sim da cruel natureza do ministro. Sob essa desculpa, certa manhã ele pegou Ramiro e o executou e deixou na praça pública de Casena, com o bloco e a faca ensanguentada ao seu lado. A barbaridade desse espetáculo fez com que a população ficasse ao mesmo tempo satisfeita e amedrontada.

Mas vamos voltar para o começo. Eu digo que o duque, vendo que estava poderoso o suficiente e parcialmente seguro de perigos imediatos, já que estava bem armado, e tendo em grande parte destruído aquelas forças ao seu redor que poderiam feri-lo caso quisesse continuar com sua conquista, agora tinha que se voltar para a França, pois sabia que o rei, que havia percebido tarde o seu erro, não o apoiaria. E começou, então, a procurar novas alianças e temporizar com a França na incursão que os franceses faziam rumo ao reino de Nápoles contra os espanhóis que assediavam Gaeta. A sua intenção era se garantir contra eles, o que teria conseguido se Alexandre não tivesse morrido.

Essa foi a sua política quanto à situação atual. Mas, quanto ao futuro, ele tinha que temer, em primeiro lugar, que o novo sucessor à Igreja não seria amigável a ele e poderia tentar tirar dele aquilo que Alexandre lhe havia dado, e então decidiu agir de quatro formas. Primeiramente, exterminando as famílias dos senhores que havia espoliado, para assim tirar esse pretexto do papa. Em segundo lugar, conquistando todos os cavaleiros de Roma, para poder controlar o papa com a ajuda deles, como já expliquei. Em terceiro lugar, trazer o Colégio para próximo de si. Em quarto lugar, conquistar tanto poder antes que o papa morresse que poderia resistir sozinho a um primeiro embate. Quando Alexandre faleceu, o duque havia realizado três das quatro medidas. Ele havia assassinado todos os senhores despojados que pôde alcançar, deixando apenas poucos vivos; ele havia conseguido o apoio dos cavaleiros romanos e controlava a maior parte no Colégio. E, quanto a novas conquistas, ele resolvera se tornar senhor da Toscana, pois já possuía

Perúgia e Piombino, e Pisa estava sob a sua proteção. E, como não tinha que pensar mais na França (pois os franceses já tinha sido expulsos do reino de Nápoles pelos espanhóis, e assim ambos queriam a sua amizade), ele saltou sobre Pisa. Depois disso, Luca e Siena cederam rapidamente, em parte devido ao ódio e em parte devido ao medo dos florentinos; e os florentinos não teriam remédio caso ele tivesse continuado a obter sucesso, como havia feito no ano em que Alexandre morreu. Pois o duque havia conquistado tanto poder e tanta reputação que teria se mantido sozinho, e não mais necessitava da sorte ou das forças dos outros, mas só de seu próprio poder e habilidade.

Mas Alexandre morreu cinco anos depois que ele começara a desembainhar a espada. Ele deixou o duque apenas com o estado da Romanha consolidado, com todos os outros no ar, entre dois poderosos exércitos inimigos e doente gravíssimo. Porém, o duque era tão corajoso e habilidoso, conhecia tão bem como se conquistam ou se perdem os homens, e tão sólidos eram os alicerces que em tão pouco tempo havia estabelecido que, se não tivesse tido aqueles exércitos sobre si, ou se estivesse bem de saúde, teria superado todas as dificuldades. E está claro que os seus alicerces eram bons, pois a Romanha o esperou por mais de um mês. Em Roma, ainda que apenas semivivo, manteve-se seguro; e, embora os Baglioni, Vitelli e Orsini pudessem ir a Roma, nada poderiam fazer contra ele. Se ele não pudesse tornar papa quem queria, pelo menos poderia evitar que fosse eleito quem não queria. Mas, se ele estivesse bem de saúde quando Alexandre morreu, tudo lhe teria sido fácil. No dia em que Júlio foi eleito, ele me disse que havia pensado sobre tudo o que poderia acontecer quando o pai morresse e havia encontrado uma solução para tudo, mas jamais havia pensado que, quando o seu pai morresse, ele também estaria à beira da morte.

Quando todas as ações do duque são lembradas, eu não sei como culpá-lo, mas me parece, como eu já disse, que deveria usá-lo como

exemplo, para todos aqueles que, através da fortuna ou das armas dos outros, chegam ao governo. Pois ele, tendo um espírito animado e metas abrangentes, não poderia ter agido de outra forma, e somente a brevidade da vida de Alexandre e a sua própria enfermidade frustraram as suas conquistas. Portanto, aquele que achar necessário se assegurar no seu novo principado, fazer amigos, vencer ou pela força ou pela fraude, fazer-se amado e temido pelo povo, ser seguido e reverenciado pelos soldados, eliminar aqueles que têm poder ou razões para feri-lo, trocar a ordem antiga das coisas por nova ordem, ser severo e grato, magnânimo e liberal, destruir uma milícia infiel e criar uma nova, manter a amizade dos reis e dos príncipes, de modo que o ajudem com zelo ou o ofendam com temor, não poderá encontrar melhor exemplo do que as ações do duque.

Somente ele pode ser culpado pela eleição de Júlio para papa; ele fez uma escolha errada, pois, como foi dito, não podendo eleger o papa que quisesse, podia impedir que qualquer um que não quisesse fosse eleito. Assim, não deveria jamais ter consentido no papado de um cardeal que tivesse ferido ou que teria razões para temê-lo caso se tornasse papa. Pois homens ferem ou por medo ou por ódio. Ele havia ferido, dentre outros, San Piero ad Vincula, Colonna, San Giorgio e Ascânio.^a Qualquer um dos outros, tornando-se papa, teria que temê-lo, exceto Ruão e os espanhóis; estes, devido aos seus relacionamentos e suas obrigações, e Ruão, pelo poder e por ter o reino da França ao seu lado. Consequentemente, antes de tudo, o duque deveria ter criado um papa espanhol e, não sendo possível, deveria consentir que fosse eleito o cardeal de Ruão, e não o de San Piero ad Vincula. Aquele que acreditar que novos benefícios farão com que grandes pessoas esqueçam velhas injúrias se engana. Portanto, o duque errou na sua escolha, o que foi a causa de sua ruína final.

3 Ramiro de Lorqua.

a Júlio II havia sido cardeal de San Pietro ad Vincula; de San Giorgio, foi Rafael Riário, e Ascânio é o cardeal Ascânio Sforza.

CAPÍTULO VIII

Sobre aqueles que conquistaram um principado através da
perversidade

Apesar de um cidadão comum poder se tornar príncipe de duas formas, nenhuma das quais pode ser atribuída inteiramente à fortuna ou à genialidade, não me parece correto não falar sobre elas, ainda que de uma delas se possa falar mais amplamente quando analisamos as repúblicas. Estas formas ocorrem quando ou por maldade ou por ato perverso se alguém ascende ao principado, ou quando um cidadão comum torna-se príncipe de sua pátria pelo desejo de seus concidadãos. E, falando do primeiro método, ele será ilustrado através de dois exemplos, um antigo e outro atual, e, sem falar mais sobre este assunto, acredito que esses dois exemplos serão suficientes para aqueles que desejam segui-los.

Agátocles, o Siciliano, se tornou rei de Siracusa não só a partir de uma posição de simples soldado, mas também de uma posição ínfima e abjeta. Esse homem, filho de um oleiro, ao longo de todas as mudanças na sua existência, teve uma vida criminosa. Todavia, ele cercou todas as suas infâmias com tanta habilidade que, tendo se dedicado à profissão militar, foi avançando na carreira até se tornar pretor de Siracusa. Uma vez investido nesse posto e tendo se decidido a se tornar príncipe e conquistar isto através da violência, sem dever favores a ninguém, chegou a um entendimento com Amílcar, o Cartaginês, que estava lutando com seu exército na Sicília. Certa manhã, ele reuniu o povo e o Senado de Siracusa como se tivesse de deliberar sobre assuntos pertinentes à república e, a um sinal combinado, seus soldados mataram todos os senadores e os mais ricos da cidade. Com os opositores mortos, ele ocupou e manteve o principado daquela cidade sem qualquer desordem civil. E,

apesar de ter lutado duas vezes contra os cartagineses e acabar sitiado, ele não somente pôde defender a sua cidade, deixando parte dos seus homens encarregados dessa defesa, como com o restante assaltou a África e em pouco tempo libertou Siracusa do sítio. Os cartagineses, reduzidos a extrema dificuldade, foram obrigados a se render a Agátocles e, deixando a Sicília para ele, tiveram que se contentar com a posse da África.

Portanto, aquele que examinar as ações e a genialidade desse príncipe verá que não há nada, ou muito pouco, que possa ser atribuído à sorte. Suas conquistas resultaram, como mostrado acima, não do favor de alguém, mas de sua ascensão, passo a passo, na profissão militar, passos que foram dados com mil aborrecimentos e perigos e que ele manteve corajosamente entre muitos desafios e riscos. Porém, não se pode chamar de virtude o assassinato dos seus concidadãos, nem a traição aos amigos, ser sem fé, sem piedade, sem religião; tais modos podem conquistar um império, mas não a glória. Mas, mesmo assim, se considerarmos a coragem de Agátocles ao entrar e no sair dos perigos e a grandeza de seu ânimo ao suportar e superar as adversidades, não se achará por que ele deva ser julgado inferior a qualquer dos mais excelentes capitães. Contudo, sua crueldade extrema e sua desumanidade, com infinitas maldades, não permitem que ele seja celebrado entre os homens mais ilustres. O que ele conquistou não pode ser atribuído nem à sorte nem à genialidade.

Nos nossos tempos, durante o reinado de Alexandre VI, Oliverotto de Fermo, tendo ficado órfão muito anos antes, foi criado por um tio materno chamado Giovanni Fogliani e, no início da sua juventude, foi mandado lutar sob o comando de Paulo Vitelli, a fim de que, sendo treinado naquela disciplina, pudesse atingir alguma posição alta na profissão militar. Após a morte de Paulo, ele militou sob Vitellozzo, irmão de Vitelli, e em muito pouco tempo, sendo engenhoso e tendo físico e ânimo fortes, tornou-se o primeiro homem de sua milícia. Mas, parecendo-lhe

coisa servil ficar sob as ordens de outra pessoa, ele decidiu, com a ajuda de alguns cidadãos de Fermo, que achavam mais importante a servidão que a liberdade de sua pátria, e com a ajuda dos Vitelli, ocupar Fermo. Então ele escreveu a Giovanni Fogliani dizendo que, por ter passado muitos anos fora de casa, desejava visitá-lo e de certa forma conhecer o seu patrimônio. E, apesar de não ter trabalhado para adquirir nada fora a honra, para que seus concidadãos vissem como não tinha gasto o tempo em vão, queria chegar com pompa. Iria então chegar acompanhado de cem cavalheiros, de amigos e servidores, e pediu a Giovanni que fosse recebido pelos cidadãos de Fermo com todas as honras, o que não somente o dignificaria, mas também ao próprio Giovanni, já que fora ele quem o havia criado.

Giovanni, portanto, não deixou de dar atenção a seu sobrinho e fez com que fosse recebido com todas as honras pelos fermos. Ele o hospedou em sua própria casa, onde, tendo passado alguns dias e organizado o que era necessário para as suas cruéis intenções, Oliverotto preparou um banquete solene para Giovanni Fogliani e os principais homens de Fermo. Quando a comida e todos os outros entretenimentos usuais de tais banquetes haviam terminado, Oliverotto começou um discurso habilidoso, falando sobre a grandeza do papa Alexandre e do seu filho César, e dos empreendimentos deles, o que provocou respostas de Giovanni e dos demais presentes. Repentinamente, ele se levantou dizendo que tais assuntos deveriam ser discutidos em um lugar mais privado e se retirou para um cômodo, e Giovanni e todos os outros o acompanharam. Mal haviam sentado, soldados que estavam escondidos apareceram ao redor deles e mataram Giovanni e os demais. Após estes assassinatos, Oliverotto montou o seu cavalo, correu a cidade e sitiou o supremo magistrado no palácio, fazendo que o povo, com medo, fosse obrigado a obedecer-lhe e formar um governo do qual se fez príncipe. Ele matou todos os descontentes que poderiam feri-lo e se fortaleceu com novas ordens civis e militares, de tal forma que, durante o ano em que

manteve o principado, ele não estava apenas seguro na cidade de Fermo, como também era temido por todos os seus vizinhos. E a sua destruição teria sido tão difícil quanto a de Agátocles, se ele não tivesse sido enganado por César Bórgia, que o prendeu, como fez com os Orsini e os Vitelli, como já foi dito. E assim, um ano após ter cometido o parricídio, ele foi estrangulado, juntamente com Vitellozzo, mestre de suas virtudes e suas maldades.

Algumas pessoas podem se perguntar como Agátocles e outros parecidos com ele puderam viver seguros nos seus países por tanto tempo, após tantas traições e crueldades, e ainda se defender dos inimigos externos sem que os seus concidadãos tivessem conspirado contra eles; vendo que muitos outros, através da crueldade, nunca foram capazes de manter o estado em períodos de paz e muito menos em tempos de guerra. Eu acredito que isso resulte do fato de as crueldades serem mal ou bem usadas. Bem usadas, pode-se dizer daquelas (se do mal for lícito falar bem) às quais se recorre instantaneamente, pela necessidade de manter a própria segurança e que não são utilizadas com persistência, a menos que possam vir a ser favoráveis para os súditos. Crueldades mal usadas são aquelas que, mesmo poucas a princípio, com o decorrer do tempo aumentam, ao invés de se extinguirem. Aqueles que agem do primeiro modo podem remediar sua situação com o apoio de Deus e dos homens, como aconteceu com Agátocles. Para os outros, que seguem o outro modo, é impossível se manter no poder.

Por isso, podemos notar que, ao ocupar um estado, o usurpador deve examinar de perto todas as feridas que será necessário causar e fazê-las de uma só vez, para não precisar repeti-las a cada dia; e assim, ao dar segurança aos homens, ele poderá conquistá-los com benefícios. Aquele que fizer de outra forma, ou por timidez ou por mau conselho, terá sempre necessidade de manter a faca na mão, não podendo nunca confiar em seus súditos, pois estes também não confiarão nele, devido às injúrias

contínuas e repetidas. Pois as feridas devem ser feitas todas de uma só vez, para que, ao serem sentidas por menos tempo, ofendam menos; já os benefícios devem ser feitos aos poucos, para que sejam mais bem apreciados.

E, sobre todas as coisas, um príncipe deve viver com seus súditos para que nada inesperado, bom ou ruim, o faça mudar, porque, se isso for necessário em tempos adversos, não estará em tempo de fazer o mal, e o bem que fizer não o ajudará, pois julgarão que foi forçado a isso e, portanto, não resultará em gratidão.

CAPÍTULO IX

Sobre um principado civil

Mas, passando ao outro ponto, quando um cidadão importante se torna príncipe do seu país, não por maldade ou qualquer violência intolerável, mas devido à vontade dos seus concidadãos, isto pode ser chamado de principado civil. Para isso acontecer, não é necessário genialidade ou sorte, mas simplesmente astúcia afortunada. Eu digo então que tal principado é obtido ou pela vontade do povo ou pela vontade dos poderosos. Porque, em todas as cidades, esses dois grupos estão presentes e disso transparece que o povo não quer ser governado ou oprimido pelos poderosos, e os poderosos desejam governar e oprimir o povo; e, destes dois desejos, surge em cidades um destes três possíveis resultados: ou um principado, ou o autogoverno, ou a anarquia.

Um principado é criado ou pelo povo ou pelos poderosos, conforme uma ou outra destas partes tenha a oportunidade. Os poderosos, ao ver que não conseguem resistir ao povo, começam a aumentar a reputação de um dentre eles e o tornam príncipe para poderem, sob sua sombra, realizar as suas ambições. O povo, vendo que não pode resistir aos poderosos, também engrandece a reputação de um dentre eles e faz o príncipe para que possa ser defendido pela sua autoridade. Aquele que se torna príncipe com a ajuda dos poderosos se mantém com mais dificuldade do que aquele que chega ao posto com a ajuda do povo, pois ele se encontra cercado de pessoas que o consideram seu igual e, por causa disso, ele não pode nem reinar sobre eles nem gerenciá-los da forma que gostaria. Mas aquele que chega ao principado devido à vontade do povo se encontra sozinho e não

tem ninguém, ou tem poucos à sua volta, que não estejam prontos para obedecê-lo.

Além disso, não se pode satisfazer os poderosos através da honestidade e sem prejudicar os outros, mas é possível satisfazer o povo, pois o objetivo dele é mais honesto do que o dos poderosos; estes querem oprimir, enquanto o povo só deseja não ser oprimido. Também se deve dizer que um príncipe jamais pode estar seguro contra um povo hostil, pois há muitos deles, enquanto com os poderosos ele pode garantir sua segurança, já que são poucos. O pior que um príncipe pode esperar de um povo hostil é ser abandonado por ele; mas dos poderosos inimigos não só deve temer ser abandonado, como também deve temer que se levantem contra ele; pois estes, tendo mais visão e maior astúcia nesses assuntos, sempre agem a tempo de se salvar e de obter favores daquele que esperam que venha a vencer. Ainda, o príncipe tem de viver, necessariamente, sempre com o mesmo povo, mas pode viver bem sem aqueles mesmos poderosos, sendo capaz de fazer e desfazer deles diariamente, dando ou tirando autoridade quando quiser.

Então, para esclarecer esta parte, eu digo que os poderosos devem ser analisados de duas formas: ou eles agem de tal forma que os liga completamente ao seu futuro, ou não. Aqueles que se ligam a você, e não são ladrões, devem ser honrados e amados; aqueles que não se ligam a você podem ser encarados de dois modos. Eles podem fazer isso por pusilanimidade e por uma falta natural de coragem e, neste caso, você deve se aproveitar deles, em especial dos que são bons conselheiros; e assim, na prosperidade, você os honrará e, na adversidade, não precisará temê-los. Mas quando eles, movidos pela própria ambição, resistem a se unir a você, é sinal de que pensam mais em si próprios do que em você, e um príncipe deve ficar atento a isso e temê-los como se fossem inimigos declarados, pois na adversidade sempre ajudarão a arruiná-lo.

Por isso, quem se torna príncipe mediante o desejo do povo deveria continuar amigo dele, e isso ele pode fazer facilmente, já que a única coisa que lhe pede é que não seja oprimido. Mas aquele que, contrário ao desejo do povo, se torna príncipe devido ao desejo dos poderosos, deve sobretudo tentar ganhar o apoio do povo, e isto ele pode fazer com facilidade, assumindo sua proteção. Pois homens, quando recebem o bem de quem esperavam somente o mal, tornam-se mais ligados ao seu benfeitor, e assim o povo se torna rapidamente mais devoto a ele do que se o tivesse levado ao principado. O príncipe pode ganhar o apoio do povo de diversas maneiras, mas, como estas variam de acordo com as circunstâncias, fica difícil estabelecer regras, e por esta razão não irei mencioná-las. Mas repito que é necessário para um príncipe manter o povo seu amigo, para poder ter segurança em momentos de adversidade.

Nabis, príncipe dos espartanos, suportou o ataque de toda a Grécia e de um exército romano vitorioso e contra eles defendeu a sua pátria e o seu governo; e para superar esse perigo lhe foi necessário apenas se proteger de poucos, o que não seria suficiente se tivesse o povo como inimigo. E não deixe que ninguém refute aquilo que eu digo com aquele provérbio conhecido, segundo o qual ‘quem se apoia no povo, firma-se na lama’, porque é verdadeiro somente quando um cidadão comum estabelece bases no principado e imagina que o povo o libertará caso ele seja oprimido pelos seus inimigos ou pelos magistrados. Neste caso, ele se sentirá frequentemente enganado, como os Gracos em Roma e *Messer Giorgio Scali* em Florença. Mas se o príncipe for alguém que se estabeleceu como falamos antes, que possa mandar e seja um homem de coragem, que não esmoreça nas adversidades, não falte em outras áreas e que, através da sua determinação e energia, mantenha o povo encorajado – sendo assim, o povo jamais se sentirá enganado por ele e ficará visível que ele estabeleceu fortes alicerces.

Esses principados estão sujeitos a perigo quando estão para passar da ordem civil para um governo absoluto, porque esses príncipes governam ou pessoalmente ou por intermédio dos magistrados. Neste último caso, o governo deles é mais fraco e inseguro, pois depende inteiramente da boa vontade dos cidadãos levados à magistratura, que, sobretudo nos tempos adversos, podem acabar com o governo facilmente, ou através de intrigas ou contrariando suas ordens. E o príncipe não tem como, em meio a tumultos, exercer a autoridade absoluta, pois os cidadãos e os súditos, acostumados a receber ordens dos magistrados, não estão preparados para lhe prestar obediência em meio às confusões e sempre haverá uma carência de pessoas em quem ele possa confiar nos tempos incertos. Tal príncipe não pode depender daquilo que observa em tempos de calma, quando cidadãos precisam do estado, porque em tal época todos concordam com ele; todos prometem e, quando a morte está longe, dizem que morreriam por ele; mas na adversidade, quando o estado precisa dos seus cidadãos, então poucos são encontrados. E esta experiência é tão perigosa que só pode ser testada uma vez. Por isso, um príncipe sábio deve fazer que os seus cidadãos sempre e em qualquer circunstância tenham necessidade do estado e dele mesmo; assim, estes sempre lhe serão fiéis.

CAPÍTULO X

Sobre como se devem medir as forças de todos os
principados

É preciso pensar em outro ponto ao examinar o perfil desses principados, isto é, se o príncipe tem tanto poder que, caso precise, possa se sustentar sozinho com os seus próprios recursos, ou se ele sempre precisa da assistência dos outros. E, para esclarecer melhor o que eu digo, falo que defino aqueles que podem se manter sozinhos como aqueles que podem, ou através da abundância de homens ou de dinheiro, juntar um exército grande o suficiente para travar batalha contra qualquer um que venha a atacá-lo. E defino aqueles que sempre precisam da assistência dos outros como aqueles que não conseguem lutar contra o inimigo no campo de batalha, mas são obrigados a refugiar-se atrás dos muros da cidade. O primeiro caso já foi discutido, mas falaremos dele novamente caso venha a ocorrer outra vez. No segundo caso, não podemos falar nada além de incentivar tais príncipes a aumentar as provisões e a fortificar as suas cidades e em nenhum caso defender o país. E aquele que fortificar bem a sua cidade e tiver lidado com as outras preocupações dos seus súditos, como falamos anteriormente, nunca será atacado sem grande temor, pois homens são sempre contra ações onde veem dificuldades, e não será fácil atacar aquele que tem sua cidade bem fortificada e não é odiado pelo seu povo.

As cidades da Alemanha são absolutamente livres; elas têm pouco território e obedecem ao imperador quando querem, não temendo nem a este nem a outro poderoso que esteja por perto, porque são fortificadas de tal forma que todos pensam que tentar atacá-las será uma tarefa enfadonha e difícil, pois veem que elas têm eficientes fossos e muros,

possuem artilharia suficiente e sempre conservam nos seus depósitos grande quantidade de comida e bebida para continuarem lutando por um ano. E, além disso, para manter o povo quieto e sem prejuízo ao estado, têm sempre como dar trabalho à comunidade naquelas atividades que são a base da vida e da força daquela cidade e nas quais o povo encontra seu sustento; elas também têm grande respeito pelos exercícios militares. E, mais importante, têm muitas leis para ordená-las.

Portanto, um príncipe que tiver uma cidade forte e não for odiado não será atacado, ou, se alguém atacá-lo, simplesmente terá que se retirar com vergonha. Novamente, como as coisas do mundo mudam tanto, é quase impossível manter um exército por um ano inteiro no campo de batalha sem que alguém o assedie. E a quem replicar: se o povo tiver propriedade fora da cidade e a vir ser queimada, não permanecerá paciente; o longo assédio e a autopiedade farão que esqueça o príncipe. A isso eu respondo que um príncipe poderoso e corajoso superará tais dificuldades ao dar aos súditos esperança de que o mal não durará muito tempo e também fazendo que sintam medo da crueldade do inimigo e se protegendo com sabedoria daqueles súditos que lhe pareçam muito temerários.

Além disso, o inimigo iria, naturalmente, na sua chegada, queimar e arruinar o campo quando o ânimo dos homens ainda está ardente e pronto para a defesa; e, por isso, o príncipe deve hesitar ainda menos, pois, após um tempo, quando os ânimos estiverem mais frios, os danos já terão sido causados, os males já terão sido sofridos e não haverá mais remédio. E, assim, os súditos estarão ainda mais prontos a se unir com o seu príncipe, parecendo-lhes que este esteja em dívida com eles, agora que suas casas foram incendiadas e suas propriedades arruinadas para defesa dele. Pois é da natureza dos homens se unir tanto pelos benefícios que fazem como por aqueles que recebem. Portanto, se considerarmos tudo, não será difícil para um príncipe sábio manter firme o ânimo dos seus súditos, desde que não deixe de os apoiar e defender.

CAPÍTULO XI

Sobre principados eclesiásticos

Agora nos resta somente falar dos principados eclesiásticos, nos quais todas as dificuldades existem antes de conquistá-los, pois são adquiridos ou devido à habilidade ou devido à sorte e podem ser mantidos sem nenhuma destas duas coisas. Isto porque são sustentados pelas ordens estabelecidas na religião, que são todo-poderosas e de tal natureza que os principados podem ser mantidos independentemente de como o príncipe vive e se comporta. Só estes príncipes possuem estados e não os defendem, têm súditos e não os governam, e os estados, mesmo sem ser guardados por soldados, não lhes são tomados, e os súditos, apesar de não serem governados, não se importam e não têm nem a habilidade nem o desejo de se alienar dele. Somente esses principados são seguros e felizes. Mas, sendo esses principados dirigidos por forças que a mente humana não compreende, não falarei mais sobre eles, mesmo porque, sendo exaltados e mantidos por Deus, seria presunçoso e temerário discutir a seu respeito.

Contudo, se alguém me perguntar como a Igreja obteve tanto poder temporal, sendo que antes de Alexandre os potentados italianos (e não apenas aqueles que eram ditos “potentados”, mas qualquer barão e senhor, ainda que sem importância) deram pouco valor ao poder temporal – e, no entanto, agora um rei da França treme diante dele, e ele pôde expulsá-lo da Itália e arruinar os venezianos – mesmo que isto pareça bem óbvio, não me parece supérfluo trazê-lo de volta, até certo ponto, à memória.

Antes que Carlos, rei da França, invadissem a Itália,⁴ seu território estava sob o domínio do papa, dos venezianos, do rei de Nápoles, do duque de Milão e dos florentinos. Estes potentados tinham duas importantes

preocupações: uma, que, entre eles mesmos, nenhum estrangeiro entrasse na Itália com tropas; a outra, que nenhum ocupasse mais território. Aqueles em torno dos quais havia mais receio eram o papa e os venezianos. Para conter os venezianos, a união de todos os demais era necessária, como foi para a defesa de Ferrara; e, para deter o papa, usaram os barões de Roma, que, estando divididos em duas facções, Orsini e Colonna, sempre tinham pretexto para desentendimento; e, estando eles com as armas em punho sob os olhos do pontífice, mantiveram o pontificado fraco e sem poder; e apesar de às vezes surgir um papa corajoso, como foi Xisto, nem a sorte nem a sabedoria poderiam livrá-lo desses problemas. E a vida breve de um papa também era causa de fraqueza, pois em dez anos, que é a duração média da vida de um papa, somente com dificuldade ele poderia enfraquecer uma das facções; e se, por exemplo, um papa conseguisse quase destruir os coloneses, surgiria outro papa hostil aos Orsini, que apoiaria seus oponentes e assim não teria tempo de liquidar os Orsini. Foi por essa razão que se dava pouca importância na Itália ao poder temporal do papa.

Alexandre VI surgiu depois e, de todos os pontífices que existiram, foi quem mostrou como um papa com dinheiro e tropas poderia prevalecer; e, através do duque Valentino e com o pretexto da invasão dos franceses, ele realizou todas as coisas que apresentei acima com relação às ações do duque. E, apesar de não ser a sua intenção engrandecer a Igreja, mas sim o duque, mesmo assim o que ele fez contribuiu para a grandeza da Igreja, a qual, após a sua morte e a ruína do duque, se tornou herdeira de toda a sua obra.

O papa Júlio veio em seguida e encontrou a Igreja forte, possuindo toda a Romanha, os barões de Roma reduzidos à impotência e, devido às perseguições de Alexandre, as facções desmanteladas. Ele também encontrou o caminho aberto para acumular dinheiro de uma forma jamais praticada antes. Júlio não apenas seguiu tais práticas, mas as aperfeiçoou e

pretendia conquistar Bolonha, arruinar os venezianos e expulsar os franceses da Itália. Todos esses empreendimentos foram um sucesso com ele, e ele ainda fez tudo para engrandecer a Igreja, e não para fortalecer algum cidadão em especial. Ele também manteve as facções Orsini e Colonna nas mesmas condições em que as encontrou e, apesar de ter dentre eles alguns com vontade de causar distúrbios, mesmo assim manteve duas coisas firmes: primeiro, a grandeza da Igreja, com a qual ele os aterrorizava; segundo, não lhes permitindo ter os seus próprios cardeais, os quais eram os causadores dos tumultos entre eles. Pois, a partir do momento em que essas facções têm seus próprios cardeais, eles não ficam quietos por muito tempo, porque os cardeais sustentam as facções dentro e fora de Roma, os barões são compelidos a apoiá-los, e assim, da ambição dos prelados, nascem as discórdias e os tumultos entre os barões. Por essas razões, Sua Santidade o papa Leão encontrou o pontificado bastante forte e é de esperar que, se outros o fizeram grande pelas armas, ele o fará ainda maior e mais venerado através da sua bondade e das suas outras infinitas virtudes.

4 Carlos VIII invadiu a Itália em 1494.

CAPÍTULO XII

Quantas espécies de milícias existem e sobre soldados
mercenários

Tendo falado sobre as características dos principados, os quais já no início me propus comentar, e tendo considerado até certo ponto as causas de serem bons ou ruins, mostrando os métodos pelos quais muitos procuraram adquiri-los e conservá-los, resta agora discutir de forma geral os meios de ataque e defesa relativos a cada um.

Vimos antes como é necessário para um príncipe ter seus fundamentos bem estabelecidos, do contrário, necessariamente, cairá em ruína. Os principais alicerces de todos os estados, tanto novos como velhos ou mistos, são boas leis e boas armas. E, como não se pode ter boas leis onde o estado não está bem armado, segue-se que onde está bem armado, ele tem boas leis. Deixarei as leis de fora da discussão e falarei sobre as armas.

Eu digo, portanto, que as armas com as quais um príncipe defende o seu estado ou são próprias, ou são mercenárias, ou auxiliares, ou mistas. As mercenárias e as auxiliares são inúteis e perigosas e, se alguém mantém o seu estado baseado nessas armas, não estará nem firme nem seguro, pois elas são desunidas, ambiciosas e indisciplinadas, infiéis, valentes diante dos amigos e covardes diante dos inimigos. Mercenários não temem a Deus e não são fiéis aos homens, e a destruição é adiada tanto quanto o ataque, pois quando há paz se é roubado por eles e quando há guerra se é roubado pelo inimigo. O fato é que eles não têm nenhuma razão para continuar no campo de batalha que não o soldo, o qual não é suficiente para fazer com que estejam dispostos a morrer por você. Estão prontos para ser seus soldados enquanto você não está em guerra, mas, quando esta surge, eles vão embora ou fogem do inimigo. Não será difícil provar isso,

pois a ruína da Itália se deve a nada mais do que depositar as suas esperanças, durante muitos anos, em mercenários. E, apesar de eles já terem demonstrado alguma valentia, assim que os estrangeiros surgiram, mostraram quem realmente eram. E foi assim que Carlos, rei da França, pôde tomar a Itália com giz em sua mão;⁵ e quem disse que a causa disso foram os nossos pecados, dizia a verdade, mas não eram os pecados que ele imaginava, mas aqueles que relatei. E, como foram os pecados dos príncipes, também foram eles que sofreram a penalidade.

Desejo demonstrar, ainda, a péssima qualidade dessas tropas. Os capitães mercenários são ou homens capazes ou não; se forem capazes, não se pode confiar neles, pois sempre aspirarão à própria grandeza, ou oprimindo, você que é patrão deles, ou oprimindo outros contra a sua vontade; mas, se o capitão não for um homem capaz, você está arruinado do mesmo jeito.

E se alguém responder que qualquer um que estiver armado agiria da mesma forma, mercenário ou não, eu direi que, quando armas precisam ser usadas por um príncipe ou por uma república, o príncipe deve ir pessoalmente com as tropas e exercer as atribuições do capitão. A república tem que mandar os seus cidadãos e, quando mandar algum que não seja bom, deve substituí-lo, e quando um se revela bom soldado, deve segurá-lo com as leis para que não deixe o comando. E a experiência já nos mostrou príncipes e repúblicas armados, sozinhos, fazendo grande progresso, e mercenários causando nada além de danos. E é mais difícil fazer que uma república armada com suas próprias tropas se submeta ao domínio de um de seus cidadãos do que aquela que esteja protegida por tropas estrangeiras. Roma e Esparta foram durante muitos anos armadas e livres. Os suíços são completamente armados e bastante livres.

Das tropas mercenárias antigas, podemos citar como exemplo os cartagineses, que foram oprimidos por seus soldados mercenários após a primeira guerra com os romanos, apesar de os cartagineses terem seus

próprios cidadãos como capitães. Após a morte de Epaminondas, Filipe da Macedônia foi feito capitão dos seus soldados pelos tebanos, e após a vitória lhes tirou a liberdade.

Com o duque Filipe morto, os milaneses alistaram Francisco Sforza para combater os venezianos, e ele, tendo vencido o inimigo em Caravaggio, se uniu a eles para acabar com os milaneses, seus patrões. Seu pai, Sforza, estando a serviço da rainha Joana de Nápoles,⁶ deixou-a desprotegida, sendo assim forçada a se lançar nos braços do rei de Aragão para salvar o seu reino. E se os venezianos e os florentinos já haviam aumentado o seu domínio com essas tropas, e os seus capitães não se tornaram príncipes, mas os defenderam, eu respondo que os florentinos, neste caso, foram favorecidos pela sorte, porque os capitães habilidosos, que deveriam temer, alguns não venceram, alguns enfrentaram oposição e outros direcionaram a sua ambição para outro local. Um daqueles que não conquistou nada foi Giovanni Aucut,⁷ e como ele não conquistou nada a sua fidelidade não pôde ser provada; mas todos concordarão que, caso tivesse vencido, os florentinos estariam à sua mercê. Sforza sempre teve os Braccio contra si, desse modo, um estava sempre vigiando o outro. Francisco voltou sua ambição para a Lombardia; Braccio, contra a Igreja e o reino de Nápoles. Mas vamos voltar ao que ocorreu há pouco tempo. Os florentinos fizeram Paulo Vitelli seu capitão, homem muito prudente, que de cidadão comum havia alcançado ótima reputação. Se esse homem tivesse conquistado Pisa, ninguém pode negar que teria sido correto os florentinos estarem com ele, mesmo porque, se ele se tivesse tornado soldado de seu inimigo, ninguém resistiria a ele e, tendo-o ao seu lado, deveriam obedecê-lo. Se examinarmos as conquistas dos venezianos, veremos que eles agiram de forma segura e gloriosa ao enviar seus próprios homens, cavaleiros e plebeus, para a guerra. Isso foi antes de voltarem suas atenções para as terras, mas, quando começaram a lutar em terra, abandonaram essa virtude e seguiram os costumes da Itália. E no início de

sua expansão territorial, por não possuírem muito território, e devido à boa reputação, não precisavam temer muito seus capitães. Mas, quando ampliaram suas conquistas, como o que ocorreu sob Carmignola, sentiram o gosto desse erro, pois, tendo-o achado um homem muito valente (eles derrotaram o duque de Milão sob a sua liderança) e, por outro lado, sabendo como era morno no combate, temeram que não conseguiriam mais conquistas sob seu comando, e por essa razão não estavam querendo, e não podiam, deixá-lo ir; e então, para não perder novamente aquilo que haviam adquirido, foram compelidos a assassiná-lo para poderem se sentir seguros. Tiveram depois, como seus capitães, Bartolomeu de Bérgamo, Roberto de São Severino, Conde de Pitigliano e outros, sob os quais deviam temer a derrota e não a conquista, como ocorreu depois em Vailá, onde, em uma batalha, perderam tudo aquilo que haviam conquistado com tanto trabalho em oitocentos anos. Porque dessas tropas resultam apenas conquistas lentas, tardias e de pouca importância, mas as perdas são repentinas e impressionantes.

E com esses exemplos cheguei à Itália, que tem sido governada por mercenários por muitos anos. Agora, quero analisar essas tropas mais seriamente, para que, tendo visto a sua ascensão e o seu progresso, possa estar mais bem preparado para lidar com elas. Você precisa entender que, recentemente, o império vem sendo repudiado na Itália, que o papa tem adquirido mais poder temporal e que a Itália foi dividida em vários estados. Isso porque muitas das grandes cidades se levantaram contra a nobreza, a qual, antes favorecida pelo imperador, as mantinha oprimidas, e a Igreja estava favorecendo-a para obter autoridade em seu poder temporal; em muitas outras, os seus cidadãos se tornaram príncipes. Disso resultou que quase toda a Itália caiu nas mãos da Igreja e de repúblicas, e a Igreja sendo feita de padres, e as repúblicas de cidadãos sem o hábito das armas, ambas começaram a alistar mercenários estrangeiros.

O primeiro que deu fama a essa milícia foi Alberico da Conio, natural da Romanha. De sua escola vieram outros, dentre eles, Braccio e Sforza, que nos seus dias eram os árbitros da Itália. Depois destes vieram todos os outros capitães que até hoje têm chefiado as tropas italianas, e o fim do valor destas foi quando a Itália foi invadida por Carlos, saqueada por Luís, violentada por Fernando e insultada pelos suíços. O princípio que os guiou foi dar menos importância à infantaria para que pudessem aumentar a sua própria importância. Eles fizeram isso porque, vivendo do que ganhavam e sem território, não eram capazes de sustentar muitos soldados, e pouca infantaria não lhes daria autoridade, e então usaram a cavalaria, com uma força moderada e honrada, e a situação tornou-se tal que, em um exército de vinte mil soldados, não havia dois mil infantes. Tinham, além disso, usado todos os meios para afastar de seus soldados a fadiga e o perigo, não matando nos combates, mas fazendo prisioneiros e libertando-os depois sem resgate. Eles não atacavam as cidades de noite, e aqueles que as defendiam não assaltavam os acampamentos à noite, não cercavam os acampamentos nem com estacadas nem com fossos e não saíam a campo no inverno. Todas essas coisas eram permitidas nas suas regras militares, estabelecidas por eles para evitar, como eu já disse, a fadiga e os perigos; e foi assim que levaram a Itália à escravidão e à desgraça.

5 Foi apenas necessário ele pegar o giz para alistar os soldados.

6 Joana II de Nápoles, viúva de Ladislau, rei de Nápoles.

7 Cavaleiro inglês, líder dos mercenários, cujo nome era Sir John Hawkwood. Lutou nas guerras inglesas na França.

CAPÍTULO XIII

Sobre tropas auxiliares, mistas e próprias

Tropas auxiliares, que são a outra tropa inútil, são utilizadas quando um príncipe é chamado com as suas tropas para ajudar e defender, como foi feito pelo papa Júlio mais recentemente; pois ele, tendo visto na sua empreitada contra Ferrara que os seus mercenários eram inúteis, decidiu utilizar auxiliares e fez um acordo com Fernando, rei da Espanha, para ter a assistência dos seus homens armados. Essas tropas podem ser úteis e boas por si só, mas, para aquele que as chama, elas sempre são danosas; pois, ao perder, estará anulado e, se vencer, será prisioneiro delas.

E, apesar de a história estar repleta de exemplos, não quero deixar de falar do exemplo recente do papa Júlio II, pois ele, por querer Ferrara, foi insensato e se jogou inteiramente nas mãos de um estrangeiro. Mas a sua boa sorte fez surgir um terceiro evento, que evitou que colhesse os frutos da sua má escolha; porque, sendo os seus auxiliares derrotados em Ravena, e tendo surgido os suíços e expulsado os conquistadores (contra todas as expectativas dele e dos outros), o papa não se tornou prisioneiro dos seus inimigos, tendo estes fugido, nem dos seus auxiliares, por ter vencido usando outras armas, e não as deles.

Os florentinos, estando completamente desarmados, enviaram dez mil franceses para atacar Pisa, fazendo que corressem mais risco do que em qualquer outra época conturbada.

O imperador de Constantinopla, para ir contra os seus vizinhos, mandou dez mil turcos invadirem a Grécia, os quais, terminada a guerra, não quiseram deixar o país. Esse foi o início da servidão da Grécia aos infiéis.

Então, deixe aquele que não deseja conquistar fazer uso dessas tropas, pois elas são muito mais perigosas do que as mercenárias, porque com elas o estrago já está feito. Elas são todas unidas, todas obedientes a outros, mas com as mercenárias, após a conquista, mais tempo e melhores oportunidades são necessárias para estas poderem feri-lo. Elas não são uma comunidade só, são organizadas e pagas por você, e um terceiro partido, que você colocou como chefe, não é capaz de imediatamente assumir tanta autoridade que lhe cause dano. Concluindo, nas tropas mercenárias, o mais perigoso é a covardia; nas auxiliares, é o heroísmo. O príncipe sábio, portanto, sempre evita essas tropas e usa as suas próprias, devendo estar mais disposto a perder com elas do que conquistar com as outras, não considerando que seja uma verdadeira vitória quando conquista com tropas dos outros.

Eu jamais hesitarei em citar como exemplo César Bórgia e suas ações. Este duque entrou na Romanha com tropas auxiliares, levando para lá apenas soldados franceses e com eles conquistou Ímola e Forli. Mas, depois, não acreditando que essas tropas eram confiáveis, voltou-se para as mercenárias, julgando serem menos perigosas e alistando os Orsini e os Vitelli. Posteriormente, lutando com essas tropas, achou-as dúbias, infiéis e perigosas, destruiu-as e voltou-se para as suas próprias tropas. A diferença entre essas tropas pode ser facilmente detectada se examinarmos a diferença entre a reputação do duque quando ele usava as tropas francesas, depois quando usava os Orsini e os Vitelli e, finalmente, quando ficou com seus próprios soldados, nos quais ele podia sempre confiar e cuja fidelidade apenas aumentava. Ele nunca foi mais estimado do que quando todos viram que era o mestre absoluto de suas tropas.

Eu não pretendia usar exemplos além dos italianos e dos mais recentes, porém, não desejo deixar de mencionar Hierão de Siracusa, um dos citados anteriormente. Este homem, como já disse, tornado chefe do exército pelos siracusanos, logo descobriu que uma tropa mercenária,

como os nossos *condottieri* italianos, não era de nenhuma utilidade. E, não vendo como poderia mantê-los ou dispensá-los, cortou-os em pedaços, passando depois a fazer guerra com as suas próprias tropas.

Quero também lembrar de uma história do Velho Testamento que é aplicável a este assunto. Davi se ofereceu a Saul para lutar contra Golias, provocador filisteu. Para encorajá-lo, Saul o vestiu com suas próprias armaduras, algo que Davi rejeitou assim que lhe foram colocadas, dizendo que não poderia usá-las e que preferia enfrentar o inimigo apenas com o seu estilingue e a sua faca. Concluindo, as armas dos outros ou caem das suas costas, ou lhe pesam, ou o constroem.

Carlos VII, pai de Luís XI, que com sua sorte e virtude libertou a França dos ingleses, reconheceu a necessidade de se armar com suas próprias forças e estabeleceu em seu reino o exército de cavalaria e de infantaria. Mais tarde, o seu filho, o rei Luís, aboliu a infantaria e começou a alistar os suíços. Este erro, seguido de outros, como já vimos, se tornou fonte de perigo para aquele reino, pois, ao engrandecer os suíços, Luís diminuiu o valor das suas próprias tropas e, tendo abolido a infantaria e subordinado a sua cavalaria às milícias de outro, esta, acostumada a lutar ao lado dos suíços, passou a acreditar que não conseguiria vencer sem eles. E assim segue que os franceses não conseguem lutar contra os suíços e, sem os suíços, não lutam bem contra os outros. Os exércitos da França, portanto, se tornaram mistos, com parte das tropas mercenárias e parte das tropas próprias, tropas estas que, juntas, são muito melhores do que as mercenárias sozinhas ou as auxiliares sozinhas, porém, mesmo assim, muito inferiores ao exército próprio. Este exemplo mostra que o reino da França teria sido invencível se a organização militar de Carlos tivesse sido desenvolvida ou conservada.

Mas a falta de sabedoria dos homens faz que, quando começam uma coisa que lhes parece boa, não conseguem discernir o veneno que está escondido, como já exemplifiquei antes com a tuberculose. Portanto, se

aquele que governa um principado só consegue reconhecer os males quando eles já estão à sua frente, não é verdadeiramente sábio, e este *insight* a poucos é dado. E, se considerarmos o primeiro desastre que aconteceu ao Império Romano, veremos que ele começou com o aliciamento dos godos, pois foi a partir desse momento que o vigor do Império Romano começou a cair, e todo o valor que o havia levado ao topo começou a ser passado para os outros.

Eu concluo, portanto, que nenhum principado está seguro sem ter forças próprias; pelo contrário, fica completamente sujeito à sorte, não existindo heroísmo para defendê-lo na adversidade. E sempre foi a opinião e o pensamento dos homens sábios que nada pode ser mais incerto ou instável do que a fama e o poder quando não são fundamentados nas suas próprias forças. As forças próprias são aquelas formadas ou de súditos, de cidadãos ou de dependentes; todas as outras são ou mercenárias ou auxiliares. E o modo de organizar as próprias tropas será fácil de encontrar se você refletir sobre regras que já mencionei e analisar como Filipe, pai de Alexandre Magno, e muitas repúblicas e principados se armaram e organizaram. A essas regras eu me reporto inteiramente.

CAPÍTULO XIV

Sobre o que compete a um príncipe a respeito da arte da
guerra

Um príncipe não deve ter nenhum outro objetivo ou pensamento, nem estudar nada além da guerra e das suas regras e disciplina, pois essa é a única arte que compete a quem governa, e ela é tão forte que não apenas mantém aqueles que nascem príncipes, mas muitas vezes permite a homens de condição comum subir àquele posto. E, ao contrário, vê-se que, quando os príncipes pensaram mais em descansar do que nas armas, perderam o seu estado. E a primeira causa que faz você perder o governo é negligenciar essa arte, e o que lhe permite conquistar o estado é o ser mestre dessa arte. Francisco Sforza, por ser um militar, de cidadão comum se transformou em duque de Milão, e os filhos, que evitavam os problemas e as fadigas das armas, de duques passaram a simples cidadãos comuns. Pois, dentre todos os males que resultam de estar desarmado, ele o torna desprezado, o que constitui uma daquelas infâmias de que o príncipe deve se guardar, como mostraremos depois. Não existe comparação entre um príncipe armado e um desarmado, não é razoável que quem esteja armado obedeça àquele que está desarmado, nem que o desarmado se sinta seguro entre servidores armados. Como um sente desdém e o outro insegurança, não é possível que trabalhem bem juntos. E, portanto, um príncipe que não compreende a arte da guerra, além dos outros prejuízos já mencionados, não pode ser respeitado pelos seus soldados nem pode confiar neles. Ele deve, portanto, nunca deixar que a guerra saia dos seus pensamentos e em momentos de paz deve pensar ainda mais nos exercícios de guerra do que em momentos de conflito. Isso ele pode fazer de dois modos: com a ação e com o estudo.

Quanto à ação, ele deve, sobre todas as coisas, manter as suas tropas bem organizadas e exercitadas, seguindo a caça, assim acostumando os seus corpos com o cansaço e conhecendo a natureza dos lugares e os traçados das montanhas, como embocam os vales, como se estendem as planícies, e a natureza dos rios e dos pântanos, pondo muita atenção em tudo isso. Esses conhecimentos são úteis por duas razões. Em primeiro lugar, ele aprende a conhecer o próprio país e assim é mais capaz de defendê-lo; depois, devido ao conhecimento e à observação daqueles locais, entenderá com facilidade qualquer outra região que venha a ter de estudar, porque as colinas, os vales, as planícies, os rios e os pântanos que existem, por exemplo, na Toscana, têm semelhanças com os dos outros países, de forma que, com o conhecimento geográfico de uma província, pode-se facilmente passar a ter conhecimento de outras. E o príncipe que não tem essa habilidade está desprovido do elemento essencial de que um capitão precisa, pois ela o ensina a surpreender o inimigo, escolher os locais para estabelecer os acampamentos, conduzir os exércitos, ordenar as jornadas e fazer incursões nos vilarejos com vantagem sobre o inimigo.

Dentre os elogios que escritores fizeram a Filopêmenes, príncipe dos aqueus, está o fato de que em tempos de paz não pensava em outra coisa senão nas regras de guerra e, quando excursionava pelos campos com os amigos, frequentemente parava e com eles argumentava:

— Se o inimigo estivesse sobre aquela colina e nós nos encontrássemos aqui com nosso exército, qual de nós teria vantagem? Como poderíamos atacá-lo, mantendo a formação da tropa? Se quiséssemos nos retirar, como deveríamos fazer? Se ele se retirasse, como faríamos para persegui-lo?

E assim, enquanto andavam, explicava a eles tudo o que poderia acontecer a um exército. Ele ouvia a opinião deles, daria a sua, corroborando-a com argumentos, de maneira que, com essas discussões contínuas, jamais ocorreria que, em tempos de guerra, encontrasse algum imprevisto com o qual não soubesse lidar.

Mas, para exercitar a mente, o príncipe deve ler sobre o passado e estudar as ações de homens ilustres, para ver como se conduziram nas guerras, examinar as causas de suas vitórias e de suas derrotas, de modo a poder evitar as derrotas e imitar as vitórias. Sobretudo, ele deve fazer como o homem ilustre fez, o qual adotou como exemplo outro que havia sido elogiado e famoso antes dele e cujas conquistas e ações sempre manteve em mente, como se diz que Alexandre Magno imitou Aquiles; César, Alexandre; e Cipião imitou Ciro. E quem ler sobre a vida de Ciro, escrita por Xenofonte, reconhecerá na vida de Cipião que aquela imitação o levou à glória, e como na castidade, afabilidade, humanidade e liberalidade, Cipião se assemelhava àquilo que Xenofonte escreveu sobre Ciro. Um príncipe sábio deve observar tais regras e nunca ficar ocioso nos tempos de paz, mas, sim, aumentar os seus recursos com habilidade, de tal forma que estarão à sua disposição na adversidade, a fim de que, quando a sorte mudar, ele esteja preparado para resolver seus problemas.

CAPÍTULO XV

Sobre o que leva os homens, sobretudo os príncipes, a ser
elogiados ou condenados

Resta agora ver qual deveria ser o modo de conduta de um príncipe para com os súditos e os amigos. E como eu sei que muitos já escreveram sobre este assunto, imagino que seja considerado presunçoso escrever sobre isso neste livro, especialmente porque começarei com os métodos já dados por outros. Mas, sendo minha intenção escrever algo de útil para quem vai utilizá-lo, parece-me mais apropriado ir em busca da verdade extraída dos fatos, e não da imaginação. Pois muitos escreveram sobre repúblicas e principados que jamais existiram, porque o modo como se vive é tão distante de como se deve viver que aquele que negligencia o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprenderá antes o caminho de sua ruína do que o da sua preservação. Porque um homem que quer em todas as suas palavras fazer profissão de bondade se perde em meio a tantos que não são bons.

Portanto, é necessário, para um príncipe que deseja manter o que é seu, saber como fazer o mal, e fazê-lo ou não de acordo com a necessidade. Assim, colocando de um lado coisas imaginárias que dizem respeito a um príncipe e discutindo aquelas que são reais, eu digo que todos os homens, quando falamos a respeito deles, e sobretudo dos príncipes, por terem uma posição mais alta, são notáveis por algumas das qualidades que ou lhes trazem culpa ou elogios. E é assim que um ganha a reputação de liberal, o outro de miserável, usando um termo toscano (porque “avaro” em nossa língua é ainda aquele que deseja possuir por roubo, enquanto chamamos de “miserável” aquele que se abstém em excesso de usar o que possui); alguns são tidos como generosos, outros,

rapaces; alguns cruéis, outros, piedosos; um sem fé, o outro, fiel; um efeminado e covarde, o outro, valente e feroz; um afável, o outro, soberbo; um lascivo, o outro, casto; um sincero, o outro, astuto; um difícil, o outro, fácil; um sério, o outro, leviano; um religioso, o outro, incrédulo; e assim por diante. E eu sei que todos concordarão que seria perfeito se encontrássemos todas as qualidades que consideramos boas em um príncipe; mas, como elas não podem ser todas inteiramente possuídas ou observadas, pois a condição humana não permite isso, é necessário que ele seja prudente o suficiente para que saiba como evitar a infâmia daqueles vícios que lhe fariam perder o poder e também se manter, se possível, longe daqueles que colocariam o seu posto em risco; mas, se isso não for possível, ele poderá com menos hesitação se entregar a eles. E, ainda, o príncipe não precisa se sentir mal devido ao que as pessoas falarão sobre esses vícios, sem os quais o estado só poderá ser salvo com dificuldade, pois, se tudo for considerado, se verá que algo que pode parecer uma virtude, se praticada, seria a sua ruína, e alguma outra coisa que tenha a aparência de vício, se praticada, poderá lhe trazer segurança e prosperidade.

CAPÍTULO XVI

Sobre liberalidade e parcimônia

Começando então com a primeira das características citadas antes, eu diria que é bom ter a reputação de generoso. Contudo, a liberalidade praticada de tal forma que por ela não lhe venha reputação, o fere, porque, se usada de forma honesta e como deve ser usada, ela pode não se tornar conhecida e não evitará a má fama do seu oposto. Portanto, qualquer um que queira manter entre os homens a fama de liberalidade é obrigado a evitar qualquer atributo de ser magnífico, de tal forma que um príncipe que agir assim consumirá em ostentação toda a sua receita e terá necessidade de, no fim, se quiser manter a reputação de generoso, aumentar muito os impostos e fazer tudo o que puder para obter renda. Isso logo fará que os seus súditos passem a odiá-lo e, ficando pobre, ele será pouco estimado. Assim, com a sua liberalidade, tendo ofendido muitos e recompensado poucos, ele será afetado pelo primeiro problema e ficará sujeito ao primeiro perigo. Percebendo isso e querendo recuar, o príncipe logo fica com a má fama de ser miserável.

Portanto, um príncipe, não podendo exercer a qualidade de liberal de forma que ela seja reconhecida, sem se prejudicar com isso, se ele for sábio, não temerá a reputação de ser miserável, pois, com o passar do tempo, será mais bem-visto assim do que por sua liberalidade, porque ficará claro que com sua economia a receita é suficiente, e ele poderá se defender contra todos os ataques e poderá realizar empreendimentos sem ser um peso sobre o povo. Assim, o que ocorre é que ele vem a usar a liberalidade para com todos aqueles de quem não tira nada, que são muitos, e a empregar a parcimônia para com todos os outros aos quais não

dá nada, que são poucos. Atualmente, não temos visto grandes realizações, senão daqueles que foram considerados miseráveis, enquanto os outros falharam. A fama de liberal ajudou o papa Júlio II a chegar ao papado, porém, ele não se esforçou depois em conservá-la, quando declarou guerra ao rei da França e fez tantas guerras sem lançar nenhum imposto extraordinário sobre seus súditos, pois pagava suas despesas adicionais com a poupança feita de longa data. O atual rei da Espanha não teria realizado ou conquistado muita coisa se tivesse mantido a reputação de liberal. Um príncipe, desde que não tenha que roubar os seus súditos para se defender, ou ficar pobre e desprezado, ou obrigado a se tornar ladrão, não deve se importar com a reputação de ser miserável, pois é um daqueles defeitos que permitem governar.

E, se alguém falar que César chegou ao império pela liberalidade, assim como muitos outros que alcançaram postos altos por serem liberais e também serem considerados liberais, eu respondo dizendo que ou você já é príncipe ou está a caminho de se tornar príncipe. No primeiro caso, essa liberalidade é perigosa; no segundo, é muito necessário ser considerado liberal; e César era um daqueles que queriam ascender ao principado de Roma, mas, se tivesse vivido mais tempo após chegar ao principado e não tivesse diminuído as suas despesas, teria destruído o seu governo. Se alguém replicar dizendo que já existiram muitos príncipes que conquistaram grandes feitos com os seus exércitos, mesmo sendo considerados liberais, eu responderei que ou o príncipe gasta do seu, ou do de seus súditos, ou dos outros. No primeiro caso, ele deve ser parcimonioso; no segundo caso, não deve deixar de praticar nenhuma liberalidade. E o príncipe que vai à frente com o seu exército, sustentando-o através de rapina, saques e extorsão, manejando os bens de outros, tem necessidade dessa liberalidade, porque, do contrário, não será seguido pelos soldados. E, daquilo que não é seu nem de seus súditos, você pode ser o mais generoso doador, como o foram Ciro, César e Alexandre, pois a sua

reputação não é prejudicada se você gasta aquilo que é dos outros; pelo contrário, ela melhora. É somente gastar o que é seu que o prejudica. E não há nada que gaste mais rápido do que a liberalidade, pois, mesmo enquanto você a exerce, perde o poder de utilizá-la e assim se torna ou pobre ou desprezado, ou então, para evitar a pobreza, rapace e odioso. E um príncipe deve se guardar, sobre todas as coisas, de ser desprezado e odiado, e a liberalidade o conduz às duas coisas. Portanto, é mais sábio ter fama de miserável, que é reprovado, porém não causa ódio, do que ser obrigado, ao tentar obter fama de liberal, a ser conhecido como rapace, o que gera reprovação e ódio.

CAPÍTULO XVII

Sobre crueldade, clemência e se é melhor ser amado ou
temido

Voltando agora às outras qualidades antes mencionadas, eu digo que todo príncipe deve desejar ser tido como clemente, e não como cruel. Ele deve, porém, tomar cuidado para não usar mal a clemência. César Bórgia era considerado cruel; entretanto, a sua crueldade levou à reconciliação da Romanha, unindo-a e restaurando a paz e a lealdade. E, se examinarmos isso corretamente, veremos que ele foi muito mais piedoso do que o povo florentino, que, para evitar a fama de cruel, deixou que Pistoia fosse destruída. Portanto, um príncipe, desde que mantenha os seus súditos unidos e leais, não deve temer a má fama de cruel, pois, com poucos exemplos, ele será mais piedoso do que aqueles que, por excessiva piedade, deixam acontecer as desordens, que resultam em assassinatos ou roubos, pois estes costumam prejudicar todo o povo, enquanto as execuções que emanam do príncipe atingem apenas um indivíduo.

E, dentre todos os príncipes, é impossível que o príncipe novo evite a fama de cruel, porque todos os novos estados estão cheios de perigos. E assim Virgílio, pela boca da rainha Dido, se desculpa pela falta de humanidade do seu governo devido ao fato de ser novo, dizendo:

*... contra a minha vontade, o meu destino,
um trono inseguro, um estado novo,
Faz que eu defenda o meu reino com todas as forças,
E guarde com severidade as minhas fronteiras.*

Mesmo assim, o príncipe deve ser lento no acreditar e no agir, não deve demonstrar medo, mas proceder de forma equilibrada, com prudência e humanidade, para que um excesso de confiança não o torne incauto e desconfiança exagerada não o faça intolerável.

Daí surge uma questão: se é melhor ser amado que temido, ou temido do que amado. A resposta poderia ser que se deve querer ser as duas coisas, mas, como é difícil uni-las em uma pessoa, é muito mais seguro ser temido do que amado, quando uma das duas coisas tem que ser dispensada. Isso deve ser dito em geral sobre os homens, que são ingratos, volúveis, falsos, covardes, avaros e, enquanto estão ganhando, eles estão com você, lhe oferecem o próprio sangue, os bens, a vida e os filhos, desde que, como disse antes, a necessidade de darem tudo isso esteja distante; mas, quando se aproxima, se revoltam. E o príncipe que, confiando inteiramente em suas promessas, negligenciou outras precauções, está arruinado, pois amizades que são adquiridas com dinheiro, e não devido à grandeza e à nobreza da mente, podem até se compradas, mas com elas não se pode contar. E os homens têm menos escrúpulo em ofender quem amam do que quem temem, pois o amor é preservado pelo vínculo da obrigação, que, por serem os homens maus, é quebrado quando necessário; mas o medo os mantém unidos, devido ao pavor do castigo, que jamais vai embora.

Porém, o príncipe deve inspirar medo de tal forma que, se não conquistar o amor, evitará o ódio; pois ele pode muito bem ser temido sem ser odiado, o que sempre acontecerá, desde que não tome os bens e as mulheres de seus cidadãos e de seus súditos. Mas, quando lhe é necessário tirar a vida de alguém, ele deve fazer isso com uma boa justificativa e com causa manifesta, mas, sobre todas as coisas, não deve tocar na propriedade alheia, pois os homens esquecem mais facilmente a morte do pai do que a perda do patrimônio. Além disso, nunca faltam motivos para justificar as

expropriações, e aquele que começa a viver de roubos sempre encontra razões para apossar-se dos bens alheios, mas razões para tirar a vida de alguém são mais difíceis e se esgotam mais depressa. Mas, quando o príncipe está à frente do seu exército e tem sob seu comando uma multidão de soldados, é necessário que ele não dê importância a sua reputação de cruel, pois sem ela jamais conservaria o exército unido e disposto a lutar.

Dentre as admiráveis ações de Aníbal está a seguinte: tendo chefiado um exército enorme, formado por homens de inúmeras raças, e lutado em terras estrangeiras, nunca surgiu qualquer desentendimento entre eles ou contra o príncipe, se isso fosse má ou boa sorte. Isto ocorreu devido a sua crueldade desumana, que, com as suas infinitas virtudes, tornou-o sempre venerado e terrível na opinião dos seus soldados, mas, sem a sua crueldade, as suas outras virtudes não teriam sido suficientes para produzir esse efeito. E escritores míopes admiram, de um lado, esses seus feitos e, de outro, condenam a principal causa deles. O fato de as suas outras virtudes não serem suficientes pode ser comprovado se consideramos o caso de Cipião, homem dos mais notáveis não somente nos seus tempos, mas também na memória de todos, e contra quem o seu exército se rebelou na Espanha. Isso ocorreu simplesmente devido a sua excessiva piedade, pois concedeu aos seus soldados mais liberdades do que convinha à disciplina militar. Por isso, ele foi censurado no Senado por Fábio Máximo e chamado de corruptor da milícia romana. Os locrenses foram destruídos por um legado de Cipião, mas não foram por ele vingados, nem a insolência daquele legado foi punida, devido inteiramente à sua natureza fácil. Tanto assim que no Senado, querendo alguém desculpá-lo, disse haver muitos homens que sabiam melhor não errar do que corrigir os erros. Se ele tivesse continuado no comando, essa disposição teria destruído a fama e a glória de Cipião, mas, vivendo sob o governo do

Senado, essa sua característica prejudicial não somente ficou escondida, mas contribuiu para a sua glória.

Voltando à questão de ser temido ou amado, concluo que os homens amam como querem e temem de acordo com o desejo do príncipe; um príncipe sábio deve se apoiar naquilo que pode controlar, e não nos outros. Como já foi dito, deve apenas se empenhar para evitar o ódio.

CAPÍTULO XVIII

Sobre como os príncipes devem manter sua palavra

Todo mundo concorda que é louvável um príncipe que mantém a sua palavra e vive com integridade, e não com astúcia. Mesmo assim, a nossa experiência tem sido que aqueles príncipes que fizeram grandes coisas têm dado pouca importância a sua própria palavra e têm sabido como, com astúcia, transtornar o intelecto dos homens e, no fim, conseguido superar aqueles que se firmaram sobre a sua palavra. Você deve saber que existem duas formas de contestar; uma através das leis e a outra através da força. A primeira forma é própria do homem, e a segunda, dos animais. Mas, como a primeira forma frequentemente não é suficiente, é necessário poder recorrer à segunda forma. É portanto necessário para um príncipe entender como utilizar o lado animal e o lado humano. Isto tem sido ensinado aos príncipes, de forma figurada, pelos antigos escritores, que descrevem como Aquiles e muitos outros príncipes antigos foram confiados aos cuidados do centauro Quíron, que os educou de acordo com a sua disciplina. Isso significa simplesmente que, como tiveram como professor um ser que era metade animal e metade homem, é necessário que um príncipe saiba usar essas duas naturezas, e que uma sem a outra não é duradoura. Um príncipe, portanto, precisando saber bem empregar o animal, deve escolher a raposa e o leão, pois o leão não consegue se defender dos laços e a raposa não consegue se defender dos lobos. Portanto, é necessário ser uma raposa para conhecer os laços e um leão para aterrorizar os lobos. Aqueles que agem apenas como o leão não entendem como os laços agem. Portanto, um senhor sábio não pode nem deve guardar sua palavra quando isso é prejudicial a ele e quando as razões

de ele ter dito o que disse não existem mais. Se os homens fossem inteiramente bons, esse preceito não se manteria; mas, como são maus e não manterão a palavra deles com você, não há razão para que você também cumpra a sua. Jamais faltaram a um príncipe razões legítimas para justificar a quebra da sua palavra. Eu poderia dar inúmeros exemplos modernos disso, mostrando quantos tratados e compromissos se tornaram vazios e sem efeito algum através da infidelidade dos príncipes; e aquele que soube como agir como a raposa se saiu melhor.

Mas é necessário saber disfarçar bem essa característica e ser um grande simulador e dissimulador: os homens são tão simples e tão sujeitos às necessidades do momento que aquele que procura enganar sempre encontra quem se deixe enganar. Não posso me privar de dar um exemplo recente. Alexandre VI não fez outra coisa senão enganar os homens; nem ao menos pensou em fazer outra coisa, e ele sempre encontrava vítimas, pois nunca existiu homem que tivesse maior eficácia em asseverar, ou que com maiores juramentos afirmasse uma coisa que, depois, não cumprisse. Porém, os seus enganos sempre fizeram que as coisas acontecessem de acordo com o seu desejo, pois ele conhecia bem esse lado das pessoas.

É, portanto, desnecessário que um príncipe tenha todas as qualidades anteriormente mencionadas, mas é bastante necessário que ele dê a impressão de possuí-las. E ainda ousar dizer que tê-las e sempre usá-las é danoso, enquanto aparentar ter essas qualidades é útil. Parecer piedoso, fiel, humano, religioso, íntegro, mas com a mente preparada, de modo que, precisando não ser essas coisas, possa e saiba ser o contrário.

E deve-se compreender o seguinte: que um príncipe, especialmente um príncipe novo, não pode praticar todas aquelas coisas pelas quais os homens são considerados bons, sendo muitas vezes obrigado, para manter o estado, a agir contra a fé, a amizade, a humanidade e a religião. Portanto, é preciso que ele tenha uma mente disposta a mudar de acordo

com os ventos e as variações da sorte e ainda, como eu disse antes, não deixar de ser bom se possível, mas, se necessário, saber então ser o inverso.

Por essa razão, um príncipe deve ter muito cuidado para não deixar escapar de sua boca nada que não seja repleto das cinco qualidades antes mencionadas, para que ele pareça, para quem ver e ouvir, repleto de piedade, fé, humanidade, integridade e religião. Nada há mais necessário de aparentar ter do que essa última qualidade, já que os homens em geral julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, porque todos poderão vê-lo, mas apenas alguns poderão tocá-lo. Todos veem o que você aparenta ser, poucos realmente sabem o que você é, e estes poucos não ousam contrariar a opinião dos muitos que, aliás, estão protegidos pela majestade do estado; e, nas ações de todos os homens, em especial dos príncipes, que não é prudente desafiar, julga-se pelos resultados.

Por essa razão, deixe que o príncipe fique com a glória de conquistar e manter o seu estado; os meios sempre serão julgados honestos, e ele será louvado por todos, pois o povo sempre se deixa levar pelas aparências e pelos resultados, e no mundo não existe senão o povo, pois poucos encontram um lugar quando muitos não têm onde se apoiar.

Um príncipe⁸ dos dias de hoje, que não convém nomear, não prega senão a paz e a fé, e ele é hostil a ambas as coisas, e, se as tivesse praticado, teria perdido sua reputação e seu estado em mais de uma ocasião.

8 Fernando de Aragão.

CAPÍTULO XIX

Sobre a necessidade de evitar ser desprezado e odiado

Agora, no que diz respeito às características que mencionei antes, eu já falei das mais importantes. As outras, desejo examinar de forma mais breve. Sobre essas generalidades, o príncipe deve pensar, como já foi dito em parte anterior, em evitar coisas que possam torná-lo odiado e desprezível; e, sempre que agir assim, terá cumprido a sua parte e não deverá temer encontrar perigo em outros defeitos.

Como eu já disse, sobre todas as coisas, ele deve evitar ser ladrão e usurpador dos bens e das mulheres dos súditos, pois isto o tornará odiado. Quando nem a propriedade nem a honra é violada, a maioria dos homens vive feliz, e ele terá que combater apenas a ambição de poucos, que poderá deter facilmente de várias formas.

Ser considerado volúvel, leviano, efeminado, miserável e irresoluto o tornam desprezível, todas coisas das quais um príncipe deve se guardar como uma rocha; e ele deve procurar mostrar, em suas ações, grandeza, coragem, gravidade e fortaleza e, em suas atividades particulares com os súditos, deve mostrar que os seus julgamentos são irrevogáveis e manter-se com tal reputação, para ninguém sequer pensar em enganá-lo ou traí-lo.

O príncipe que é bem-visto transmite essa impressão, e os homens não conspiram contra aquele que é bem-visto, pois, desde que todos saibam que é um homem excelente e reverenciado pelo seu povo, ele só poderá ser atacado com dificuldade. Por essa razão, um príncipe deve temer duas coisas, uma de ordem interna, que parte dos seus súditos, e outra de ordem externa, devido aos potentados externos. Destes últimos, ele se defende estando bem armado e tendo bons aliados e, se ele estiver bem armado,

terá bons amigos, e tudo sempre permanecerá tranquilo internamente quando tudo estiver tranquilo externamente, a menos que já tenha sido desordenado devido a conspirações. E, se eventos externos estiverem em desordem, se ele tiver se preparado e vivido como eu já disse, desde que não se desespere, resistirá a todos os ataques, como disse ter feito o espartano Nábis.

Mas, no que diz respeito aos súditos, quando assuntos externos geram distúrbios, ele só tem a temer que possam conspirar secretamente contra ele, problema do qual o príncipe pode se proteger ao evitar ser odiado e desprezado e mantendo o povo satisfeito com ele, coisa que é de extrema necessidade, como já foi dito. E um dos remédios mais eficazes que um príncipe pode ter contra as conspirações é não ser odiado e desprezado pelo povo, pois aquele que conspira contra o príncipe sempre espera agradar com a remoção dele, mas, quando o conspirador só pode avançar ofendendo o povo, ele não terá coragem de seguir adiante, pois as dificuldades que os conspiradores têm de enfrentar são infinitas. E, como se pode deduzir de experiências passadas, já existiram muitas conspirações, mas poucas tiveram sucesso, pois quem conspira não pode agir sozinho e só pode ter como companheiro aquele que acredita estar descontente. Mas, assim que você revela os seus pensamentos a um descontente, dá a ele motivo para ficar contente, pois, ao denunciá-lo, ele pode tirar todas as vantagens, de forma que, vendo o ganho certo ao fazer isso e percebendo que ao acompanhá-lo o seu ganho é dúbio e repleto de perigo, ele precisa ser um amigo raro, ou então um implacável inimigo do príncipe, para manter a sua palavra com você.

Resumindo, digo que do lado do conspirador nada há fora o medo, a inveja e a possibilidade de punição que o atordoa, mas, do lado do príncipe, existem a majestade do principado, as leis, a proteção dos amigos e do estado para defendê-lo. E assim, somando a isso a boa vontade do povo, é praticamente impossível que alguém seja tão temerário que venha

a conspirar. Pois quando, em geral, o conspirador tem que temer antes de executar o seu plano, neste caso ele também deve temer o que acontecerá depois do crime, pois terá ainda o povo como seu inimigo e, portanto, não poderá esperar que consiga escapar.

Inúmeros exemplos poderiam ser dados sobre este assunto, mas me contentarei com um que ocorreu no tempo dos nossos pais. *Messer Aníbal Bentivoglio*, príncipe em Bolonha (avô do atual Aníbal), foi assassinado pelos Caneschi, que contra ele haviam conspirado, não restando de sua família senão *messer Giovanni*, que ainda era criança na época. Imediatamente após esse assassinato, o povo se levantou e matou todos os Caneschi. Isso ocorreu porque na época todos os Bentivoglio eram queridos pelo povo em Bolonha, amor tão grande que, mesmo sem restar mais nenhum membro da família que pudesse governar após a morte de Aníbal, os bolonheses, sabendo da existência de um descendente dos Bentivoglio em Florença, até então considerado filho de um ferreiro, foram até essa cidade e lhe confiaram o governo da sua cidade, que foi governada por ele até que *messer Giovanni* atingisse a idade para governar.

Por essa razão, acredito que um príncipe deve dar pouca importância às conspirações quando o povo o quer bem; mas, quando o povo lhe é hostil e o odeia, ele deve temer tudo e todos. Os estados bem organizados e os príncipes sábios tomam todos os cuidados para não levar os homens poderosos ao desespero, para manter o povo satisfeito e contente, pois esses são os assuntos mais importantes para um príncipe.

Entre os reinos mais bem organizados e governados dos nossos tempos está a França. Nele existem várias boas instituições das quais dependem a liberdade e a segurança do rei. A primeira delas é o parlamento e a sua autoridade, pois aquele que fundou o reino, conhecendo a ambição dos poderosos e a sua insolência, julgou necessário freá-los e, por outro lado, conhecendo o ódio do povo, baseado no medo dos poderosos, desejou protegê-los; porém, não queria que isso fosse uma preocupação do rei.

Portanto, para evitar a reprovação dos poderosos, da qual ele seria vítima se favorecesse o povo, e do povo, se favorecesse os poderosos, ele constituiu um terceiro juiz que fosse capaz de conter os poderosos e favorecer os cidadãos comuns sem que o rei fosse reprovado. Não seria possível ter um arranjo melhor ou mais prudente nem uma fonte de segurança melhor para o rei e o seu reino. Disso podemos tirar outra conclusão importante: que os príncipes devem atribuir a outros aquilo que pode gerar reprovação e manter para si apenas aquilo que resultará em graça. E, mais, eu acredito que o príncipe deve estimar os poderosos, mas não a ponto de se fazer odiado pelo povo.

Pode parecer, talvez, para aqueles que já estudaram as vidas e mortes de imperadores romanos, que eles seriam exemplos contrários à minha opinião, pois viveram de forma exemplar e demonstraram grandes virtudes, e mesmo assim perderam o império ou foram mortos por súditos que contra eles conspiraram. Para então responder a estas objeções, falarei das qualidades de alguns imperadores e mostrarei que as causas de sua ruína não foram diferentes daquelas dadas por mim. Ao mesmo tempo, falarei apenas daqueles fatos que são notáveis para quem estuda os acontecimentos daquela época.

Considero suficiente citar todos os imperadores que se sucederam no poder, desde Marco, o Filósofo, até Maximino: eles foram Marco e seu filho Cômodo, Pertínax, Juliano, Severo e seu filho Antonino Caracala, Macrino, Heliogábalo, Alexandre e Maximino.

É importante notar que, enquanto nos outros principados era necessário apenas ficar atento à ambição dos poderosos e à insolência do povo, os imperadores romanos tinham uma terceira dificuldade: aquela de terem de suportar a crueldade e a ambição dos seus soldados, algo tão complicado que resultou na ruína de muitos, pois era difícil satisfazer aos soldados e ao povo ao mesmo tempo. Pois o povo amava a paz e, por isso, estimava os príncipes sem grandes ambições. Já os soldados amavam o

príncipe que gostava de guerras e que era insolente, cruel e rapace, características que queriam que ele exercesse sobre o povo, para que assim pudessem ganhar o dobro e dar assas à sua rapacidade e crueldade. E assim aconteceu que aqueles imperadores que, por natureza ou por educação, não tinham grande autoridade, em maioria, especialmente aqueles que chegavam em principados novos, reconhecendo a dificuldade de conviver com esse conflito de interesses entre soldados e povo, acabavam dando satisfação aos soldados e pouca importância para o fato de ferirem o povo. Esse comportamento era necessário, porque, como o príncipe não pode fazer que todos o amem, ele deve, em primeiro lugar, evitar ser odiado por todos e, quando isto não é possível, ele deve se empenhar para evitar o ódio dos mais poderosos. Por isso, aqueles imperadores que, por serem novos, precisavam de favores, aderiam mais facilmente aos soldados que ao povo, atitude que era boa ou ruim para eles conforme soubessem como manter a autoridade sobre eles.

Devido a essas razões, Marco (Aurélio), Pertínax e Alexandre, todos eles homens de vida modesta, amantes da justiça, inimigos da crueldade, humanos e benignos, tiveram, fora Marco, um final triste. Somente Marco viveu e morreu honrado, pois ele assumiu o império devido ao título hereditário e nada devia, nem aos soldados, nem ao povo; e, depois, sendo dotado de muitas virtudes que o faziam respeitado, manteve sempre as duas ordens nos seus devidos lugares enquanto viveu, não sendo nem odiado nem desprezado.

Mas Pertínax tornou-se imperador contra a vontade dos soldados que, acostumados a viver licenciosamente sob Cômodo, não puderam suportar a vida honesta a que o imperador desejava reduzi-los. Assim, dando razões para o odiar, e ainda somando o desprezo que tinham por ele por já ser velho, tomaram-lhe o poder logo no início de sua administração. E aqui devemos notar que o ódio se adquire tanto pelas boas como pelas más ações; então, como já disse antes, um príncipe que quer manter o seu

estado é frequentemente obrigado a fazer o mal, pois, quando aquele de quem precisa para manter o poder – seja ele o povo, os soldados ou os poderosos – é corrompido, você precisa seguir aquilo que ele quer e, assim, as boas ações o prejudicarão.

Mas vamos agora falar de Alexandre, que era um homem de tanta bondade que, entre os outros elogios que lhe são feitos, está o fato de que, nos quatorze anos em que ele esteve no poder, ninguém foi executado sem que tivesse sido julgado. Contudo, sendo considerado efeminado e homem que se deixava governar pela mãe, tornou-se desprezado, o exército conspirou contra ele e ele foi assassinado.

Mudando agora para as figuras opostas, de Cômodo, Severo, Antonino Caracala e Maximino, você verá que eram todos cruéis e rapaces – homens que, para satisfazer aos seus soldados, não hesitaram em cometer todo o tipo de injúria que pudesse ser cometida contra o povo; todos, exceto Severo, tiveram triste fim. Mas Severo tinha tanto valor que, ao manter os soldados como seus amigos, mesmo com o povo oprimido, pôde sempre reinar com tranquilidade, pois as suas virtudes o tornavam tão admirável, na opinião dos soldados e do povo, que este último ficava pasmo e atemorizado, e os soldados, reverentes e satisfeitos. E, porque as ações deste homem, como um príncipe novo, foram grandes, desejo mostrar rapidamente como ele soube usar bem a ação da raposa e do leão, naturezas estas que, como disse anteriormente, precisam ser imitadas pelos príncipes.

Conhecendo a preguiça do imperador Juliano, Severo convenceu seu exército, do qual era capitão na Esclavônia, de que tinham que ir a Roma vingar a morte de Pertínax, que havia sido assassinado pelos soldados pretorianos; e, sob este pretexto, sem demonstrar que aspirava ao trono, ele conduziu o exército a Roma, chegando à Itália antes que fosse notada a sua partida. Ao chegar a Roma, o Senado, por temor, elegeu-o imperador e matou Juliano. A seguir, restavam a Severo duas dificuldades para

conquistar todo o império: uma na Ásia, onde Pescênio Nigro, chefe dos exércitos asiáticos, se fizera aclamar imperador; a outra no Poente, onde Albino também aspirava ao império. Como ele acreditava que seria perigoso declarar-se hostil a ambos, decidiu atacar Nigro e enganar Albino. A Albino escreveu dizendo que, tendo sido eleito imperador pelo Senado, desejava dividir com ele aquela dignidade, enviou-lhe o título de César e, por deliberação do Senado, tornou-o seu colega. Albino acreditou no que Severo lhe disse. Mas, após Severo ter conquistado e assassinado Nigro e apaziguado os assuntos orientais, ele voltou a Roma e se queixou ao Senado de que Albino, dando pouco reconhecimento aos benefícios que ele lhe havia concedido, o tinha traído, fazendo um plano para matá-lo, e, devido à sua ingratidão, ele teria que puni-lo. Depois, foi ao seu encontro na França e tirou-lhe o governo e a vida. Aquele que, portanto, examinar cuidadosamente as ações desse homem, verá que ele era um leão valente e uma raposa astuta, que era temido e reverenciado por todos e não odiado pelo exército, e não precisamos ficar admirados com o fato de que ele, homem novo, tenha conseguido manter o império tão bem, pois a sua boa reputação sempre o protegeu do ódio que o povo poderia ter tido contra ele por causa da sua violência.

Mas o seu filho, Antonino, era um homem eminente e possuía excelentes qualidades, que o tornavam admirável aos olhos do povo e aceito pelos soldados, pois era um caráter militar que suportava muito bem a fadiga, desprezava comidas delicadas e outros luxos, o que fazia que o exército o amasse. Contudo, sua ferocidade e crueldade eram tão grandes e excepcionais que, após inúmeros assassinatos, ele matou grande parte da população de Roma e toda a de Alexandria. Tornou-se odiado pelo mundo todo e temido por aqueles que o rodeavam, de tal forma que foi morto por um centurião em meio ao seu exército. E aqui se deve notar que mortes como essas, deliberadamente causadas por uma pessoa decidida e com coragem desesperada, não podem ser evitadas por

príncipes, porque qualquer um que não teme a morte pode infligi-las. Mas um príncipe não precisa ter muito medo, pois pessoas assim são muito raras; ele deve somente se cuidar para não ferir gravemente aqueles que trabalham com ele ou ficam ao seu redor a serviço do estado. Antonino não tomou este cuidado, mas vilmente matou um irmão daquele centurião que também ameaçava diariamente, enquanto o mantinha como seu guarda-costas; essa acabou sendo uma resolução temerária, que provocou a ruína do imperador.

E agora vamos estudar Cômodo, para quem deveria ter sido muito fácil manter o império, pois, sendo filho de Marco, o havia sucedido e a ele bastava seguir os passos do pai para agradar ao seu povo e aos seus soldados. Mas, sendo de espírito cruel e brutal, ele passou a cativar os soldados e corrompê-los para poder usar sua maldade contra o povo. Por outro lado, não mantendo sua dignidade, descendo frequentemente às arenas para lutar contra os gladiadores, fazendo outras coisas vis e pouco dignas da majestade imperial, tornou-se desprezível para os soldados. E, sendo odiado por uns e desprezado por outros, conspiraram contra ele e foi morto.

Resta-nos discutir o caráter de Maximino. Ele era muito belicoso, e os exércitos, estando horrorizados com a moleza de Alexandre, de quem já falei, o mataram e colocaram Maximino no trono. Mas ele não manteve o poder por muito tempo, porque duas coisas o tornaram odiado e desprezado: uma, a sua origem humilde, pois já havia cuidado de ovelhas na Trácia (fato muito conhecido por todos e que causava grande indignação); a outra, o fato de, ao ser eleito, ter demorado a ir a Roma tomar posse do trono imperial. Maximino também havia ficado com a reputação de ser extremamente cruel, através dos seus prefeitos, em Roma e em muitos outros lugares do império, onde havia praticado muitas crueldades, de modo que o mundo inteiro foi tomado por raiva e medo dele, pelo seu caráter maldoso e sua ferocidade. Primeiro, a África se

rebelou, depois o Senado, com todo o povo de Roma, e toda a Itália conspiraram contra ele, inclusive o seu próprio exército. Este, lutando em Aquileia e encontrando dificuldade para conquistá-la, ficou horrorizado com as suas crueldades e, temendo-o menos quando viram que tantos estavam contra ele, o assassinaram.

Não quero falar de Heliogábalo, Macrino ou Juliano, os quais, por serem extremamente desprezíveis, logo foram mortos; mas concluirei este assunto dizendo que os príncipes de hoje têm dificuldade de satisfazer aos seus soldados até certo ponto, pois, apesar de lhes deverem alguma consideração, o que logo pode ser feito, nenhum desses príncipes tem um exército que seja veterano no governo e na administração das províncias, como foram os exércitos do Império Romano. E, como naquela época era mais necessário dar satisfação aos soldados do que ao povo, hoje é mais importante para todos os príncipes, exceto o Turco e o Sultão, satisfazer o povo e não os soldados, pois o povo tem mais poder.

Eu fiz uma exceção ao Turco, pois ele sempre tem à sua volta doze mil infantas e quinze mil soldados de cavalaria, dos quais dependem a segurança e a força do seu reino, e é necessário que ele coloque de lado toda a sua consideração pelo povo e conserve os soldados como seus amigos. O reino do Sultão é parecido, e estando inteiramente nas mãos dos soldados, segue-se que não deve se preocupar com o povo, mas sim em manter os soldados como amigos. Mas você deve notar que o estado do Sultão é diferente de todos os outros principados, por razões semelhantes ao do pontificado cristão, que não pode ser considerado nem um principado hereditário, nem um principado recém-formado, pois os filhos do velho príncipe não são herdeiros, mas eleitos para o posto pelos que têm autoridade, e os filhos se tornam apenas nobreza. E, sendo esse um costume antigo, ele não pode ser chamado de principado novo, pois não existe nele nenhuma das dificuldades encontradas nos principados novos,

posto que, embora o príncipe seja novo, a Constituição do estado é velha e é ordenada a recebê-lo como se fosse seu senhor hereditário.

Retornando ao assunto que estamos analisando, digo que todo aquele que estudar o que falei notará que o ódio ou o desprezo foram fatais aos imperadores citados e também será reconhecido que, procedendo uma parte deles de um modo e a outra parte de modo contrário, em qualquer um desses modos, somente um teve fim feliz, enquanto todos os outros terminaram arruinados. Teria sido inútil e perigoso para Pertínax e Alexandre, por serem príncipes novos, imitar Marco, que foi herdeiro do principado. Da mesma forma, teria sido extremamente destrutivo para Caracala, Cômodo e Maximino imitar Severo, por não possuírem virtude suficiente para poder seguir seus passos. Portanto, um príncipe novo, num principado novo, não pode imitar as ações de Marco, tampouco é necessário seguir as de Severo, mas ele deve tomar de Severo aquelas partes que forem necessárias para fundar seu estado, e de Marco aquelas que forem corretas e gloriosas para conservar um governo que já esteja estável e firme.

CAPÍTULO XX

Serão vantajosas ou prejudiciais as fortalezas e muitas
outras coisas a que os príncipes recorrem?

1. Para manter o estado com segurança, alguns príncipes desarmaram os seus súditos, outros mantiveram divididas as terras dos súditos, outros nutriram inimizades contra si mesmos, outros se dedicaram a conquistar o apoio daqueles em quem não confiavam no início dos seus governos; alguns construíram fortalezas, outros as arruinaram e destruíram. E, apesar de não ser possível julgar todas essas coisas sem conhecer as particularidades dos estados onde alguma dessas decisões deve ser tomada, mesmo assim falarei de maneira genérica, como o assunto permite.

2. Jamais existiu um príncipe novo que desarmou os seus súditos; pelo contrário, quando ele os encontrou desarmados, sempre os armou. Isto porque, armando-os, essas armas passam a ser suas, aqueles homens que tinham sua desconfiança se tornam leais, e aqueles que eram fiéis continuam assim, e os seus súditos se tornam seus partidários. E, mesmo sem ser possível armar todos os súditos, quando aqueles que você arma são beneficiados, os outros podem ser tratados mais seguramente, e essa diferença no tratamento, que eles percebem, torna os primeiros seus dependentes e os outros, achando ser necessário que aqueles que estão sujeitos a mais perigo e maiores obrigações devem receber mais recompensas, desculpam você. Mas, quando você os desarma, imediatamente os ofende, por demonstrar que não confia neles, ou por covardia ou por querer lealdade, e ambas essas opiniões geram ódio contra você. E como você não pode permanecer desarmado, segue-se que se volta à milícia mercenária, que é como já falei; mesmo que forem bons, eles não seriam suficientes para defendê-lo de inimigos poderosos e de súditos

desconfiados. Porém, como disse, um príncipe novo em um principado novo sempre distribuiu armas. A história está repleta de exemplos. Mas, quando um príncipe conquista um novo estado, e o agrega como uma província ao seu antigo estado, então é necessário desarmar o povo do local conquistado, salvo aqueles que foram seus cúmplices na conquista; e estes, com o tempo e dada uma boa oportunidade, devem ser amolecidos e feminizados, e os assuntos devem ser manejados de tal forma que todos os homens armados em seu território devem ser os seus próprios soldados, daqueles que, no estado antigo, viviam em torno de você.

3. Os nossos antepassados, e aqueles que eram considerados sábios, costumavam dizer que era necessário manter Pistoia através da divisão do povo em facções e Pisa através das fortalezas, e com essa ideia eles mantinham discórdias em algumas das cidades conquistadas, para assim conseguir manter a posse delas com mais facilidade. Isso pode ter sido suficiente naquela época, quando a Itália apresentava certo equilíbrio, mas acho que não pode ser seguido como exemplo para os dias de hoje, pois não acredito que as facções possam ser de alguma utilidade, ao contrário, parece-me certo que, quando o inimigo chega até você e encontra as suas cidades divididas, você é derrotado rapidamente, pois a parte mais fraca sempre ajudará as forças externas e a outra não resistirá. Acredito que os venezianos, levados pelas razões que citei antes, incentivavam as facções guelfa e gibelina nas cidades que mantinham, e mesmo sem nunca deixar que elas chegassem ao derramamento de sangue, eles alimentavam essas divergências entre elas para que, ocupados com essas disputas, os cidadãos não se unissem contra eles. O que, como vimos, não aconteceu conforme eles imaginavam, pois, após a derrota em Vailá, uma das partes tomou coragem e conquistou todo o estado. Tais atitudes revelam fraquezas do príncipe, pois facções nunca serão permitidas em um principado poderoso; esses métodos para ajudar alguém a lidar com os súditos com mais

facilidade só são úteis em tempos de paz, pois, quando a guerra vem, essa política se mostra falha.

4. Sem dúvida alguma, os príncipes se tornam grandes quando superam as dificuldades e os obstáculos com que são confrontados; e portanto a fortuna, principalmente quando deseja tornar grande um príncipe novo, que tem mais necessidade de adquirir reputação do que um príncipe hereditário, faz que inimigos surjam e façam planos contra eles, para que assim tenham a oportunidade de superá-los e por meio deles subir mais alto pela escada que os inimigos lhe oferecem. Por essa razão, muitos acreditam que um príncipe sábio, dada a oportunidade, deve procurar incentivar alguma inimizade para que, tendo-a eliminado, possa melhorar ainda mais a sua reputação.

5. Os príncipes, em especial os novos, têm encontrado mais lealdade e ajuda nos homens em quem no início de seu governo não confiavam do que naqueles que no início eram seus confidentes. Pandolfo Petrucci, príncipe de Siena, governava o seu estado mais por meio daqueles nos quais não confiava do que pelos outros. Mas deste assunto não é possível falar de forma generalizada, pois varia muito de caso para caso. Direi apenas isto: que aqueles homens que no início de um principado haviam sido hostis, se são de tal forma que precisam de ajuda para terem apoio, esses sempre poderão ser conquistados com grande facilidade, e assim o servirão com lealdade, pois sabem que é necessário que eliminem, por meio de ações, a má impressão que havia se formado deles. Assim, o príncipe sempre extrai deles maior utilidade do que daqueles que, servindo-o com excessiva segurança, descuidam de seus interesses. E, já que o assunto permite, não devo deixar de avisar os príncipes que, por meio de favores secretos, conquistaram um novo estado, que eles devem analisar bem quais foram as razões que induziram aqueles indivíduos a favorecê-los e, se não for devido à afeição natural em relação a eles, mas somente por estarem insatisfeitos com o estado anterior, então eles só os

manterá como amigos com muito trabalho e dificuldade, pois será impossível satisfazê-los. E, considerando bem todas as razões para isso que podemos extrair dos exemplos que tiramos dos dias de hoje e do passado, veremos que é mais fácil o príncipe tornar amigos aqueles homens que se contentavam com o regime anterior e são, portanto, seus inimigos, do que aqueles que, por estarem descontentes com o regime anterior, foram favoráveis a ele e o ajudaram na conquista.

6. Tem sido costume dos príncipes, para poder manter o seu estado com mais segurança, construir fortalezas que sirvam como a brida e o freio àqueles que desejam enfrentá-los e como um local de refúgio contra um primeiro ataque. Eu elogio esse sistema, pois já é usado há muito tempo. Mesmo assim, *messer* Nicolau Vitelli, nos tempos atuais, já destruiu duas fortalezas na cidade de Castelo para que assim pudesse conservar esse estado. Guido Ubaldo, duque de Urbino, tendo retornado ao seu domínio, de que havia sido expulso por César Bórgia, destruiu até os alicerces todas as fortalezas daquela província, por entender que sem elas seria mais difícil perder novamente seu estado. Os Bentivoglio, ao retornar a Bolonha, chegaram a conclusão parecida. Fortalezas, portanto, são úteis ou não, dependendo das circunstâncias, se lhe fazem bem de uma forma, prejudicam-no de outra. E essa questão pode ser analisada da seguinte forma: o príncipe que tiver mais a temer do seu povo do que dos estrangeiros deverá construir fortalezas, mas aquele que tiver mais a temer dos estrangeiros do que do seu povo deverá deixá-las. O castelo de Milão, construído por Francisco Sforza, causou e causará mais problemas para a casa dos Sforza do que qualquer outra desordem naquele estado. Por essa razão, a melhor fortaleza que pode existir é não ser odiado pelo povo, porque, mesmo que você tenha fortificações, elas não o salvarão se o povo o odiar, pois nunca faltarão estrangeiros para ajudar o povo que está contra você. Nos nossos tempos, vê-se que as fortalezas não têm sido proveitosas a príncipe algum, senão à condessa de Forli, quando o conde Jerônimo, seu

esposo, foi morto; pois com isso ela pôde suportar o ataque popular, aguardar a ajuda de Milão e assim recuperar o seu estado. E as circunstâncias eram tais que os estrangeiros não puderam ajudar o povo. Mas as fortalezas foram de pouca ajuda para ela mais tarde, quando César Bórgia a atacou e o povo, seu inimigo, aliou-se ao estrangeiro. Portanto, teria sido mais seguro para ela, nos dois momentos, se não tivesse sido odiada pelo povo, em vez de possuir fortalezas. Consideradas assim todas essas questões, elogiarei aquele que construir fortalezas e também aquele que não as construir, e censurarei aquele que, dependendo demais das fortificações, venha a subestimar o fato de ser odiado pelo povo.

CAPÍTULO XXI

Como um príncipe deve se portar para ganhar fama

Nada torna um príncipe mais estimado do que obter grandes conquistas e dar bom exemplo. Temos, na nossa época, Fernando de Aragão, atual rei da Espanha. Ele pode ser praticamente chamado de um príncipe novo, porque de rei insignificante tornou-se, por fama e glória, o primeiro rei dos cristãos; e, se examinarmos as suas ações, veremos que todas foram grandes e algumas extraordinárias. No começo de seu reinado, assaltou Granada, e este empreendimento foi a pedra fundamental dos seus domínios. No início, ele fez isso de forma discreta, sem medo de ser impedido, pois manteve as mentes dos barões de Castela ocupadas com a guerra e, assim, não pensavam em mudanças e não perceberam que, através dessa conquista, ele estava adquirindo mais poder e autoridade sobre eles. Com o dinheiro da Igreja e do povo, ele pôde manter as suas tropas e, através dessa longa guerra, pôde estabelecer a organização de sua milícia que, depois, o fez se destacar. Além disso, sempre usando a religião como desculpa para poder montar esquemas maiores, ele se dedicou com uma piedosa crueldade a expulsar e livrar o seu reino dos mouros; não poderia existir um exemplo mais admirável, nem mais raro. Com essa mesma desculpa, ele atacou a África, a Itália e, finalmente, assaltou a França; e assim as suas conquistas e os seus desejos sempre foram grandes e mantiveram a mente do seu povo em suspense e admiração, e desse modo ele o manteve ocupado. Suas ações nasceram de tal forma umas das outras que as pessoas nunca tiveram tempo de trabalhar continuamente contra ele.

Novamente, ajuda muito se um príncipe dá exemplos raros em assuntos internos, semelhantes àqueles que são narrados por *messer* Barnabó de Milão, que, a qualquer oportunidade que surgisse de alguém ter realizado alguma coisa extraordinária, boa ou ruim, na vida civil, encontrava alguma forma de recompensá-lo ou puni-lo que fosse bastante comentada. E um príncipe deve, sobre todas as coisas, sempre se empenhar em todas as atividades, para ficar com a reputação de ser um homem grande e notável.

Um príncipe também é respeitado quando ele é um verdadeiro amigo ou um verdadeiro inimigo; isto quer dizer que, quando, sem reservas, ele se declara a favor de um e contra outro. Essa atitude é sempre mais vantajosa do que ficar neutro, pois, se dois poderosos vizinhos seus entram em guerra, eles são de tal forma que, caso um deles conquiste o outro, você tem que temê-lo ou não. Em qualquer destes dois casos, sempre será mais vantajoso para você se declarar a favor de um ou de outro e combater uma guerra digna, porque, no primeiro caso, se você não se definir, invariavelmente será presa fácil do vencedor, para o prazer e a satisfação do que foi conquistado, e não terá nenhuma razão ou coisa alguma para protegê-lo ou defendê-lo. Porque aquele que conquista não quer amigos duvidosos, que não o ajudarão nas adversidades, e aquele que perde não lhe dá abrigo, porque você não quis, abertamente, com a arma em punho, lutar com ele.

Antíoco invadiu a Grécia a chamado dos etólios para expulsar os romanos. Ele enviou embaixadores aos aqueus, que eram amigos dos romanos, para forçá-los a permanecer neutros, enquanto, do outro lado, os romanos tentavam convencê-los a lutar ao seu lado. Esta questão veio a ser deliberada no conselho dos aqueus, onde o legado de Antíoco os induzia a permanecer neutros. A isso o representante romano respondeu: *“A respeito daquilo que foi dito, de que é melhor e mais vantajoso para o seu estado não interferir na nossa guerra, nada pode ser mais equivocado; pois,*

se não interferirem, vocês permanecerão, sem favor ou consideração, a recompensa do conquistador”. E assim sempre acontecerá que aquele que não é seu amigo pedirá que você permaneça neutro, enquanto aquele que é seu amigo pedirá que você se defina com suas armas. E príncipes irresolutos, para evitar perigos imediatos, em geral seguem o caminho da neutralidade e são arruinados. Mas, quando um príncipe se declara a favor de uma das partes, se aquele a quem ele se une vence, mesmo que o vencedor venha a ser muito poderoso e você fique à mercê dele, ele está em dívida com você, e uma ligação de amizade está estabelecida, e os homens nunca são tão descarados a ponto de oprimi-lo e assim se tornar um monumento de ingratidão. As vitórias, além de tudo, nunca são tão completas que o vencedor não deva demonstrar alguma consideração, principalmente para com a justiça. Mas, se aquele a quem você se aliou perder, poderá ser amparado por ele e, enquanto puder, ele poderá ajudá-lo, e vocês se tornarão companheiros em uma situação que poderá surgir novamente.

No segundo caso, quando aqueles que lutam são de caráter que você não precisa ficar ansioso sobre quem será o vencedor, é ainda mais prudente que se alie a um dos lados, pois você ajuda na ruína de um ao ajudar o outro, que, se tivesse sido sábio, teria salvado você, e ao conquistar, o que será impossível conseguir sem a sua ajuda, ele permanecerá em suas mãos. E aqui se deve notar que um príncipe deve ter cuidado para nunca se aliar a alguém que é mais poderoso do que ele para atacar os outros, a não ser por necessidade, como disse antes, porque, se ele conseguir conquistar, você estará à mercê dele, e os príncipes devem evitar ao máximo ficar à mercê de qualquer pessoa. Os venezianos aliaram-se à França contra o duque de Milão, e esta aliança, que causou a ruína deles, poderia ter sido evitada. Mas, quando não pode ser evitada, como aconteceu com os florentinos quando o papa e a Espanha levaram seus exércitos para atacar a Lombardia, então, neste caso, pelas razões já

citadas, o príncipe deverá escolher um dos lados. Nunca deixe qualquer governo imaginar que ele pode escolher um caminho completamente seguro; ao contrário, deixe-o pensar que enfrentará um caminho bem duvidoso, pois é frequente que, ao tentar evitar um problema, se esbarre em outro, mas a prudência consiste em saber distinguir a natureza desses problemas e, assim, escolher o menos ruim.

Um príncipe deve também se mostrar um amante das virtudes, honrando as habilidades em todas as artes. Ao mesmo tempo, deve incentivar os seus cidadãos a praticar suas virtudes pacificamente, sejam elas atividades no comércio, na agricultura ou em qualquer outra ocupação, de forma que o cidadão não tema melhorar as suas posses por receio de que elas lhe sejam tomadas, ou tenha receio de aumentar as suas vendas por temer os impostos, mas um príncipe deve oferecer recompensas a quem quiser fazer essas coisas e tiver qualquer intenção de realizar algo que honrará a sua cidade ou o seu estado.

Além disso, ele deve entreter o seu povo com festivais e espetáculos nas épocas convenientes do ano, e, como todas as cidades estão divididas em grêmios ou grupos sociais, deve cuidar bem desses grêmios e desses grupos e se associar a eles de vez em quando, mostrando-se um exemplo de cortesia e liberalidade, mas, mesmo assim, sempre mantendo a majestade da sua posição, pois ele não deve nunca deixar faltar nada.

CAPÍTULO XXI

Sobre os secretários dos príncipes

A escolha dos servos de um príncipe não é de pouca importância, e as escolhas são boas ou não, dependendo da prudência dele. A primeira opinião que se tem de um príncipe, e do seu entendimento, é feita observando aqueles à sua volta, e, quando estes são capazes e fiéis, ele sempre pode ser considerado sábio, pois sabe reconhecer os competentes e mantê-los fiéis. Mas, quando não são assim, não se pode ter uma boa opinião do príncipe, pois o maior erro que ele cometeu foi escolhê-los.

Não houve ninguém que, conhecendo *messer* Antônio de Venafrò como servo de Pandolfo Petrucci, príncipe de Siena, deixasse de julgar este senhor como muito inteligente pelo fato de ter Venafrò como seu servo. Porque existem três espécies de inteligências: uma que entende as coisas por si, outra que discerne o que os outros entendem e a terceira que não entende nem por si nem por intermédio dos outros. A primeira é verdadeiramente excelente, a segunda, boa e a terceira, inútil. Portanto, procede que, se Pandolfo não se classificava no primeiro tipo, estava necessariamente no segundo; porque, toda vez que alguém tem a capacidade de distinguir o bem e o mal que uma pessoa fala ou faz, mesmo que não tenha tido a iniciativa sozinho, pode discernir o bom e o ruim no seu servo e, assim, pode elogiá-lo ou corrigi-lo, de modo que o servo não pode esperar enganá-lo e desta forma permanece honesto.

Mas, para que um príncipe possa formar uma opinião sobre o seu servo, há um teste que nunca falha. Quando você percebe que o servo pensa mais em si do que em você e que em todas as ações procura o interesse próprio, você pode concluir que esse jamais será um bom servo e

nunca poderá confiar nele. Pois aquele que tem o estado de outra pessoa em suas mãos não deve pensar nunca em si, mas sempre no príncipe, e nunca deve prestar atenção em coisas que não sejam de interesse do príncipe.

Por outro lado, para manter o seu servo honesto, o príncipe deve pensar nele, honrando-o, enriquecendo-o, fazendo gentilezas, dividindo com ele as honrarias e os cuidados, e ao mesmo tempo deve deixá-lo ver que ele não pode ficar sem sua proteção, para que as muitas honras não o façam desejar mais honras, as muitas riquezas não o façam desejar maiores riquezas e os muitos cuidados o façam temer as mudanças. Quando, pois, os servos e os príncipes, com relação a eles, estão assim preparados, podem confiar um no outro, mas, quando não for assim, o fim sempre será desastroso ou para um, ou para o outro.

CAPÍTULO XXIII

Como bajuladores devem ser evitados

Não quero deixar de fora uma parte importante deste assunto, pois é um perigo do qual os príncipes escapam com muita dificuldade se não são extremamente cuidadosos e prudentes. Refiro-me aos bajuladores, dos quais as cortes estão repletas, dado que os homens são tão complacentes nos seus afazeres e de tal modo iludidos por eles que se defendem com dificuldade dessa peste e, querendo se defender, correm o perigo de ser menosprezados. Porque não há outra forma de se proteger da bajulação do que fazer que os homens entendam que a verdade não o ofende, mas, quando todos podem lhe dizer a verdade, o respeito por você aumenta.

Portanto, um príncipe sábio deve proceder de uma terceira maneira: escolhendo em seu estado os homens sábios e dando-lhes apenas a liberdade de lhe falar a verdade, e mesmo assim apenas daquilo que pergunte, e nada mais. Mas ele deve consultá-los sobre todos os assuntos e ouvir as suas opiniões e apenas depois tirar as suas conclusões. Com esses conselheiros, em separado e também coletivamente, ele deve se portar de tal forma que todos eles saibam que, quanto mais livremente falarem, mais serão aceitos. Fora esses, ele não deve dar ouvidos a ninguém, mas seguir a deliberação adotada e ser obstinado nas suas decisões. Aquele que procede de outra forma ou é derrubado pelos bajuladores, ou muda tanto e tão frequentemente de opinião que acaba sendo menosprezado.

Para este assunto, gostaria de usar um exemplo moderno. O padre Lucas, homem do atual imperador Maximiliano, falando de Sua Majestade, disse: *“Ele não se aconselhava com ninguém; porém, nunca fazia nada a seu modo.”* Disso resultava que ele seguia uma prática oposta

àquela apresentada antes. Pois o imperador é homem discreto, não comunica a ninguém os seus desígnios, nem ouve opiniões sobre eles. Mas, ao serem postos em prática, começam a ser conhecidos e descobertos, e começam a ser contrariados por aqueles que o cercam, e ele, como é homem de opinião fraca, os desfaz. E assim resulta que as coisas que ele faz num dia são desfeitas no dia seguinte, e ninguém nunca entende o que ele quer ou pretende, e ninguém pode se basear em suas deliberações.

Um príncipe, portanto, deve sempre se aconselhar, mas quando ele quer, e não quando os outros desejam. Ele deve, pelo contrário, deixar claro a todos que devem dar conselhos somente quando ele pedir, mas deve estar sempre fazendo perguntas e também ser um ouvinte paciente quando as pessoas respondem às suas perguntas. E ainda, ao saber que alguém, sobre qualquer assunto, não lhe falou a verdade, deve demonstrar a sua raiva.

E se há pessoas que pensam que um príncipe que aparenta ser sábio não o é pela sua natureza, mas pelos bons conselheiros que o rodeiam, sem dúvida alguma estão enganadas, pois esta é uma regra que nunca falha: um príncipe que não é sábio jamais segue bons conselhos, a menos que por acaso tenha depositado toda a sua confiança em um homem que é muito prudente. Neste caso, ele poderia ser bem governado, mas não seria por muito tempo, pois esse homem em pouco tempo lhe tomaria o estado.

Mas, se um príncipe sem experiência seguir os conselhos de mais de uma pessoa, ele nunca terá os conselhos uniformes e não saberá como harmonizá-los. Cada conselheiro pensará nos seus próprios interesses, e o príncipe não saberá como controlá-los ou saber o que realmente estão pensando. E não é possível encontrar conselheiros diferentes, pois os homens sempre serão falsos, a não ser que você os mantenha honestos à força. Consequentemente, conclui-se que os bons conselhos, venham de

onde vierem, devem nascer da sabedoria do príncipe, e não a sabedoria do príncipe resultar dos bons conselhos.

CAPÍTULO XXIV

Por que os príncipes da Itália perderam seus estados

As sugestões que já foram dadas, quando observadas cuidadosamente, permitirão que um príncipe novo pareça bem estabelecido e logo o tornarão mais seguro e mais firme no estado do que se fosse um príncipe antigo. Porque as ações de um príncipe novo são observadas mais de perto do que as ações de um príncipe hereditário, e quando ele é reconhecido como capaz atrai mais homens, e estes estabelecem laços mais fortes do que pela tradição do sangue. Porque os homens são atraídos mais pelas coisas presentes do que pelas passadas e, quando estão bem no presente, apreciam isso e não procuram mais nada; também defenderão um príncipe se ele não lhes faltar em outras coisas. Assim, terá a dupla glória de ter estabelecido um principado novo e de tê-lo adornado e fortalecido com boas leis, boas armas, bons aliados e um bom exemplo; por outro lado, será uma dupla desgraça para aquele que tiver nascido príncipe perder o estado por sua falta de sabedoria.

E, se considerarmos aqueles senhores que, na Itália, perderam seus estados nos nossos tempos, como o rei de Nápoles, o duque de Milão e outros, acharemos neles primeiro um defeito em comum quanto às armas, pelas razões que já foram expostas; depois, veremos que alguns deles ou tiveram a inimizade do povo, ou, tendo o povo por amigo, não souberam se garantir contra os poderosos. Sem esses defeitos, estados que têm força suficiente para manter um exército em campo não podem ser perdidos.

Filipe da Macedônia, não o pai de Alexandre, o Grande, mas aquele que foi derrotado por Tito Quinto, não tinha muito território, comparado à grandeza daquele dos romanos ou da Grécia, que o assaltaram; porém,

sendo um homem de espírito militar, que sabia atrair o povo e se garantir contra os poderosos, sustentou por muitos anos a guerra contra os seus inimigos e se, afinal, perdeu o domínio de algumas cidades, mesmo assim não perdeu seu reino.

Portanto, não deixe que nossos príncipes culpem a sua falta de sorte para justificar a perda de seus principados após estarem em sua posse por muitos anos, mas sim a própria preguiça, pois em tempos tranquilos nunca achavam que algo poderia mudar (é um defeito comum dos homens, na bonança, não se preocupar com a tempestade), e depois, quando chegaram os tempos adversos, preocuparam-se em fugir e não em se defender, e esperaram que os súditos, cansados da insolência dos conquistadores, os chamariam de volta. Esse comportamento é bom quando os outros falham, mas é muito ruim ter negligenciado todos os outros remédios por esse, pois você não deixará de cair apenas por acreditar que encontrará quem o levante. Isso, novamente, não acontece, ou, se acontecer, não será para a sua segurança, dado que a defesa se torna vil se não depende de você. As defesas somente são confiáveis, certas e duradouras quando dependem de você e da sua virtude.

CAPÍTULO XXV

Sobre as influências da sorte na vida e como lidar com ela

Sei bem que muitos homens já tiveram ou ainda têm a opinião de que a vida é governada pela sorte e por Deus, de forma que os homens, com sua sabedoria, não podem modificar o andar das coisas nem ser ajudados por outros, e por isso eles nos fariam acreditar que não é necessário insistir muito nas coisas, mas deixar que a sorte os governe. Esta opinião tornou-se mais aceita nos nossos tempos pela grande mudança que vimos nas coisas e que ainda podem ser vistas, todos os dias, que não dependem de nenhuma ação humana. Pensando nisso, algumas vezes acabo concordando até certo ponto com eles. Mesmo assim, para que o nosso livre arbítrio não seja extinto, digo que pode ser verdade que a sorte é o árbitro de metade das nossas ações, mas ainda podemos governar a outra metade, ou talvez um pouco menos.

Eu a comparo com a um desses rios torrenciais que, quando enchem e transbordam, alagam as planícies, derrubando as árvores e os edifícios, carregando a terra de um lugar para outro; tudo sai voando, tudo cede à sua violência, sem poder se opor a ele. E, mesmo assim, apesar de a sua natureza ser essa, isso não impede que os homens, quando o tempo está calmo, tomem providências, com defesas e diques, de modo que, enchendo mais uma vez, as águas corram por um canal, e a sua força não seja mais nem tão desenfreada nem tão perigosa. Assim acontece com a sorte, que demonstra o seu poder quando a virtude não foi usada para se preparar para resistir a ela, e assim ela volta seu ímpeto na direção de onde sabe não existirem barreiras e defesas para contê-la.

E, se você considerar a Itália, que é o berço dessas mudanças e é aquela que lhes deu impulso, verá que é um país aberto, sem barreiras e sem defesa alguma. Pois, se tivesse sido defendida corretamente, como são a Alemanha, a Espanha e a França, essa invasão não teria resultado nas grandes mudanças que resultou, ou não teria ocorrido. E com isso acredito ter dito o suficiente sobre a resistência à sorte em geral.

Mas, restringindo-me ao mais específico, digo que um príncipe pode parecer feliz hoje e arruinado amanhã sem que tenha mudado sua natureza ou sua personalidade. Isso, acredito, surge primeiro das razões que já expus longamente, isto é, que o príncipe que se apoia totalmente na sorte está arruinado quando a sua sorte muda. Acredito também que aquele que direciona as suas ações de acordo com os tempos terá sucesso, enquanto aquele cujas ações não estão de acordo com o tempo não obterá sucesso. Pois os homens são vistos fazendo coisas que os conduzem ao fim que cada um tem por objetivo, isto é, glórias e riquezas, e chegam lá de diversas formas: um com cautela, o outro com ímpeto; um com violência, o outro com habilidade; um com paciência, e o outro com seu oposto; e cada um consegue chegar ao seu objetivo por essas diversas maneiras. Também é possível ver, em dois homens cautelosos, um alcançar o seu objetivo e o outro não, e, da mesma maneira, dois homens que agem de forma diferente podem ser igualmente bem-sucedidos, um sendo cauteloso e o outro impetuoso. Isso resulta apenas do fato de adaptarem ou não os seus métodos ao espírito do momento. Isso segue daquilo que eu disse: que dois homens agindo de formas diferentes podem alcançar o mesmo efeito, e dois homens que agem trabalhando de forma semelhante, um pode alcançar o seu objetivo e o outro não.

Mudanças nas riquezas das pessoas também resultam disso, pois, se alguém se orienta com cautela e paciência, e os tempos e as situações se apresentam de modo que a sua administração seja boa, alcança a sua fortuna; mas, se os tempos e as circunstâncias mudam, está arruinado se

não mudar seu modo de agir. Mas é difícil encontrar um homem que seja prudente o suficiente para saber como se acomodar às mudanças, porque ele não pode se desviar daquilo a que a natureza o inclina, e também porque, tendo sempre prosperado seguindo por um caminho, é difícil persuadi-lo a abandonar esse caminho. Assim, portanto, o homem cauteloso, quando é tempo de se tornar aventureiro, não sabe como fazer isso e cai em ruína, mas, se tivesse mudado a sua conduta com a mudança dos tempos, a sua fortuna não se modificaria.

O papa Júlio II trabalhava impetuosamente em tudo o que fazia, e os tempos e as circunstâncias conformavam-se tão bem com seu modo de agir que ele quase sempre obteve sucesso. Considere a sua primeira campanha contra Bolonha, sendo ainda vivo *messer* Giovanni Bentivoglio. Os venezianos não concordavam com ela, nem o rei da Espanha, e ele ainda discutia o assunto com o rei da França. Mesmo assim, ele deu início pessoalmente àquela expedição com a sua costumeira ferocidade e energia, atitude que fez a Espanha e os venezianos ficarem irresolutos e passivos, os venezianos por medo e os espanhóis pelo desejo de recuperar todo o reino de Nápoles; por outro lado ele arrastou consigo o rei da França, porque este rei, tendo observado o movimento e desejando tornar o papa seu amigo para humilhar os venezianos, julgou impossível negar-lhe soldados sem ofendê-lo diretamente. E portanto Júlio, com seu movimento impetuoso, conseguiu o que nenhum outro pontífice com simples sabedoria humana poderia ter feito, pois, se tivesse esperado em Roma até poder partir, com todos os planos estabelecidos e tudo arranjado, como qualquer outro papa teria feito, ele nunca teria sido bem-sucedido. Porque o rei da França teria apresentado mil desculpas para não ir e os outros lhe teriam levantado mil receios.

Não falarei de suas outras ações, já que foram todas semelhantes e todas foram um sucesso, sendo que a brevidade da sua vida não o deixou experimentar o contrário. Mas, se circunstâncias tivessem surgido que o

obrigassem a agir com cautela, teria sido a sua ruína, pois ele jamais teria se desviado daquele modo de agir a que a natureza o inclinava.

Concluo, portanto, que, como a sorte é inconstante e os homens permanecem obstinados nos seus modos de agir, desde que os dois estejam de acordo, os homens obterão sucesso, mas serão arruinados quando a sorte e o modo de agir não estiverem mais de acordo. Da minha parte, considero que é melhor ser impetuoso do que cauteloso, porque a sorte é mulher e, se quiser dominá-la, é necessário nela bater e contrariá-la. E já foi visto que ela se deixa dominar pelos impetuosos, e não por aqueles que procedem mais friamente. Ela é, portanto, sempre, como uma mulher, amante dos homens jovens, porque são menos cautelosos, mais violentos e a dominam com maior audácia.

CAPÍTULO XXVI

Uma exortação para libertar a Itália das mãos dos bárbaros

Tendo considerado cuidadosamente este assunto, e pensando comigo mesmo se o momento atual é uma boa hora para termos um novo príncipe e se há elementos que dariam oportunidade a um príncipe sábio e virtuoso para introduzir uma nova ordem nas coisas, que o honraria e faria bem ao povo deste país, parece-me concorrerem tantas circunstâncias favoráveis a um novo príncipe que não sei de uma época melhor para isso do que o presente momento.

E se, como eu já disse, para conhecer a virtude de Moisés foi necessário que o povo de Israel fosse escravizado; para conhecer a grandeza do espírito de Ciro, que os persas fossem oprimidos pelos medas; e para conhecer a capacidade de Teseu, que os atenienses estivessem dispersos; também no presente, para descobrirmos a virtude de um espírito italiano, foi necessário que a Itália se reduzisse ao ponto em que se encontra no momento, que ela fosse mais escravizada do que os hebreus, mais oprimida do que os persas, mais dispersa do que os atenienses, sem chefe, sem ordem, surrada, espoliada, lacerada, invadida, e que tivesse suportado todo tipo de devastação.

Apesar de recentemente ter aparecido um certo brilho em um certo príncipe, que nos fez acreditar que ele tivesse sido ordenado por Deus para nossa redenção, contudo foi visto depois, no apogeu de sua carreira, que ele foi abandonado pela sorte. De modo que, abandonada como se sem vida, a Itália espera por aquele que curará as suas feridas e colocará um fim aos saques da Lombardia, às fraudes e aos impostos no reino e na Toscana, e a limpar aquelas feridas que estão há muito tempo

infeccionadas. Vê-se como ela implora a Deus para lhe enviar alguém que a livre dessas crueldades e insolências bárbaras. Vê-se ainda que ela está pronta e disposta a seguir uma bandeira, desde que haja quem a empunhe.

Nem se vê no presente momento alguém em quem ela possa depositar as suas esperanças, a não ser na sua ilustre casa,⁹ com a sua virtude e fortuna, favorecida por Deus e pela Igreja, da qual é agora chefe, e que poderá agora se tornar chefe desta redenção. Isso não será muito difícil, se você recordar as ações e a vida dos homens que mencionei. E, apesar de terem sido homens grandes e maravilhosos, eles eram simplesmente homens e nenhum deles teve mais oportunidade do que as oferecidas agora, pois os empreendimentos deles não foram mais justos ou mais fáceis do que este e nem foi Deus mais amigo deles do que seu.

Entre nós há muita justiça, pois essa guerra é exatamente o que é necessário, e as armas são levantadas quando não há nenhuma esperança senão nelas. Aqui há a maior disposição, e onde a disposição é grande as dificuldades não podem ser grandes se você segue o exemplo daqueles homens que apontei. Além disso, há exemplos extraordinários das formas como o desejo de Deus tem se manifestado: o mar se abriu, uma nuvem revelou o caminho, a pedra verteu água, choveu maná; tudo contribuiu para a sua grandeza; você deve fazer o restante. Deus não está disposto a fazer tudo e, assim, tirar o nosso livre arbítrio e parte da glória que compete a nós.

E não é de admirar que nenhum dos italianos citados tenha conseguido conquistar tudo o que é esperado da sua ilustre casa. Se, em tantas revoluções na Itália e em tantas campanhas de guerra, sempre pareceu que a virtude militar estivesse extinta, isso aconteceu porque a antiga ordem das coisas não era boa e nenhum de nós soube como encontrar uma nova ordem. E nada traz mais honra a um homem do que estabelecer novas leis e novos regulamentos quando ele acaba de se tornar príncipe. Estas coisas, quando são bem fundadas e dignas, fazem com que

ele seja reverenciado e admirado, e na Itália não faltam oportunidades para colocar essas coisas em uso de diversas formas.

Aqui existe grande valor no corpo, enquanto falta valor na cabeça. Observe atentamente os duelos e os combates individuais, o quão superiores os italianos são na força, na destreza e no engenho. Mas, quando comparamos os exércitos, sempre saem perdendo, e isso resulta inteiramente da fraqueza dos líderes, já que aqueles que são capazes não são obedientes, e cada um julga saber melhor, não tendo surgido até agora ninguém que tenha se sobressaído ou pela virtude ou pela sorte, de forma que os outros cedam a ele. Daí resulta que, durante tanto tempo, e em tantos combates, nos últimos vinte anos, sempre que se formou um exército inteiramente italiano, ele sempre teve desempenho ruim, como demonstram Taro, Alexandria, Cápuia, Gênova, Vailá, Bolonha, Mestri.

Se, portanto, a sua ilustre casa quer seguir aqueles homens notáveis que redimiram as suas províncias, é necessário, antes de tudo, como verdadeiro fundamento de qualquer empreendimento, providenciar tropas próprias, pois não há soldado mais fiel, verdadeiro e melhor. E, apesar de eles serem bons individualmente, juntos serão ainda melhores quando se virem comandados pelo seu príncipe, honrados e mantidos por ele. Portanto, é necessário preparar esses exércitos com armas, para poder, com a virtude italiana, se defender dos estrangeiros.

E, apesar de as infantarias suíça e espanhola serem consideradas terríveis, em ambas existe um defeito, razão pela qual uma terceira infantaria poderia não somente se opor a elas, mas se poderia depender dela para derrotá-las. Pois os espanhóis não resistem a cavalarias e os suíços têm medo dos infantas quando os encontram em batalha. Devido a isso, e como já vimos e ainda se vê, os espanhóis não resistem à cavalaria francesa e os suíços são derrotados por infantarias. E, apesar de uma prova plena deste último caso não existir, mesmo assim houve evidência disso na batalha de Ravena, quando as infantarias espanholas lutaram contra os

batalhões alemães, que seguem as mesmas táticas dos suíços. Quando os espanhóis, com a agilidade do corpo e o auxílio dos seus escudos, avançaram debaixo das lanças dos alemães e ficaram fora de perigo, certos de poderem atacar, enquanto os alemães permaneciam sem saída, se a cavalaria não os tivesse atacado, eles teriam acabado com todos os inimigos. É possível, portanto, conhecendo os defeitos dessas infantarias, organizar uma diferente, que resista à cavalaria e não tenha medo dos infantes, isso sem precisar criar uma nova ordem, mas simplesmente uma nova versão da antiga. E estes são os tipos de melhorias que aumentam a reputação e o poder de um príncipe novo.

Não se deve, portanto, deixar passar a oportunidade de a Itália finalmente ver o seu redentor. Nem é possível explicar com que amor ele seria recebido em todas as províncias que têm sofrido tanto devido a essas invasões estrangeiras, com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que devoção, com que lágrimas. Quais portas se fechariam para ele? Quem lhe negaria obediência? Que inveja o prejudicaria? Qual italiano se negaria a homenageá-lo? Para todos nós, esse bárbaro domínio fede. Deixe, portanto, que a sua ilustre casa se encarregue disso com aquela coragem e aquela esperança com que todas as causas justas são abraçadas, a fim de que, sob a sua insígnia, esta pátria se torne nobre e, sob os seus auspícios, se verifique aquele ditado de Petrarca:

*Virtù contro a Furore
Prenderà l'arme, e fia il combatter corto;
Che l'antico valore
Nell'italici cor non è ancor morto.*

Virtude contra Furor
Pegará em armas e ao combate dará porto,
Pois o antigo valor

No coração itálico não está morto.

9 A casa dos Médici. Júlio, filho de Médici, irmão de Lourenço, a quem Maquiavel dedica este livro, tinha acabado de ser nomeado cardeal por Leão X, outro Médici, filho de Lourenço. Em 1523, ele foi eleito papa.

ESTRATÉGIA

SUN TZU
A ARTE DA GUERRA



A Arte da guerra

Tzu, Sun

9788542810219

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que faz de um tratado militar, escrito por volta de 500 a.C., manter-se atual a ponto de ser publicado praticamente no mundo todo até os dias de hoje? Você verá que, em A arte da guerra, as estratégias transmitidas pelo general chinês Sun Tzu carregam um profundo conhecimento da natureza humana. Elas transcendem os limites dos campos de batalha e alcançam os contextos das pequenas ou grandes lutas cotidianas, sejam em ambientes competitivos – como os do mundo corporativo – sejam nos desafios internos, em que temos de encarar nossas próprias dificuldades." Se você não conhece a si mesmo nem o inimigo, sucumbirá a todas as batalhas ".Sun Tzu

[Compre agora e leia](#)

Essencial do **DIREITO**

ENTENDENDO
AS LEIS COM
OS MELHORES
CLÁSSICOS DO
DIREITO

*Lon L.
Fuller*

**O CASO DOS
EXPLORADORES
DE CAVERNA**

*Rudolph
Von Ihering*

**A LUTA
PELO DIREITO**

*Cesare
Beccaria*

**DOS DELITOS
E DAS PENAS**

 nova século®

O Essencial do Direito - Box Especial - Contém Três Obras

Fuller, Lon L.
9788542804768
384 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Essencial do Direito reúne três títulos essenciais para qualquer pessoa que queira se destacar na vida: "O caso dos exploradores de caverna", de Lon L. Fuller, "A luta pelo Direito", de Rudolph von Ihering, e "Dos delitos e das penas", de Cesare Beccaria. "O caso dos exploradores de caverna" tem por objetivo aguçar a curiosidade dos acadêmicos que adentram a Universidade, inaugurando-os no pensamento jurídico, levando-os, gradativamente, à formação de uma consciência crítica, a partir do contrato com os mais atraentes temas da Ciência do Direito suscitados nessa obra. A leitura do texto não pressupõe um conhecimento do direito ou de filosofia legal e deverá ser, não só pouco penosa, mas sim uma agradável Introdução à Ciência do Direito. "A luta pelo Direito" é um clássico da literatura jurídica, indispensável aos estudantes e operadores do Direito; é uma obra elaborada pelo prestigiado jurista-filósofo Rudolf von Ihering, traduzida para diversos idiomas e fruto de sucessivas edições, que se propõem a refletir sobre a paz como o fim que o direito tem em vista e a luta como o meio de que se serve para o conseguir. "Dos delitos e das penas" é a obra que imortalizou a grande figura de Cesare Beccaria; a obra denuncia as mazelas dos

sistemas legais e judiciários e é um breviário que traz esperança para leitores de todas as idades.

[Compre agora e leia](#)